



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARIA DE LOURDES FARIAS LIMA

**EDUCAÇÃO POPULAR NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA
CAPOEIRA ANGOLA: a *práxis* educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares-PB**

JOÃO PESSOA-PB

2021

MARIA DE LOURDES FARIAS LIMA

**EDUCAÇÃO POPULAR NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA
CAPOEIRA ANGOLA: a *práxis* educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares-PB**

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação Popular.

Orientador: Prof. Dr. Pedro José Santos Carneiro Cruz

JOÃO PESSOA-PB

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732e Lima, Maria de Lourdes Farias.

EDUCAÇÃO POPULAR NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM
DA CAPOEIRA ANGOLA: a práxis educativa do Grupo
Capoeira Angola Palmares-PB / Maria de Lourdes Farias
Lima. - João Pessoa, 2021.

224 f. : il.

Orientação: Pedro José Santos Carneiro Cruz.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. Capoeira Angola. 2. Educação Popular. 3. Cultura
Afro-brasileira. 4. Aprendizagem. 5. Identidade
Cultural. I. Cruz, Pedro José Santos Carneiro. II.
Título.

UFPB/BC

MARIA DE LOURDES FARIAS LIMA

**EDUCAÇÃO POPULAR NAS PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA
CAPOEIRA ANGOLA: a *práxis* educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares-
PB**

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação Popular.

Aprovada em: 11 de fevereiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Pedro José Santos Carneiro Cruz
Orientador (PPGE-CCS-UFPB)

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Gonçalves
Professor Examinador Interno (PPGE-CE-UFPB)

Prof. Dr. Fernando Antonio Abath Luna Cardoso Cananéa
Professor Examinador Externo (PROFARTES-CCTA-UFPB)



Prof. Dra. Vera Lúcia Azevedo Dantas
Professora Examinadora Externa (Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza – Ceará)

“Quem vem lá sou eu
O maior é Deus
Na cancela bateu
Capoeira sou eu...”
(Domínio Público)

AGRADECIMENTOS

Ao PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação –, da UFPB, que possibilitou a pesquisa.

Ao Professor Pedro, que aceitou o desafio de ser meu orientador, que teve paciência e carinho com meu estudo.

Aos amigos e amigas, da turma de mestrado 37 em Educação Popular do PPGE, pelas partilhas de conhecimentos, de sorrisos e de vida, em especial às companheiras Beth Delfino, Déa Limeira, Flavinha Sena e Nelma e ao companheiro Bartolomeu.

À professora Elisa pelas contribuições ao meu estudo.

Ao Professor Luiz Gonzaga pelas valorosas contribuições na Banca de Qualificação e Defesa.

À Professora Dilaine Sampaio pelas contribuições na Banca de Qualificação.

Ao Professor Fernando Abath pelas suas contribuições minuciosas e pela amorosidade na Banca de Defesa.

À Professora Vera Dantas pelo diálogo carinhoso e as contribuições na Banca de Defesa.

Aos professores do curso de Pós-Graduação de Educação, da UFPB, pelos ensinamentos e companheirismos.

À professora Ana Paula Romão pelo carinho e atenção na minha experiência do estágio Docência.

Ao Grupo do Prolicen Pedagogia Griô da UFPB: Ana Paula, Wilma, Thais, Ligia, Patrícia, Luziel, Daniele, Aninha, pelos debates calorosos sobre a Educação Etnicorracial e a capoeira.

Ao Grupo de pesquisa EXTELAR pela acolhida: Ilza, Renan, Bruna, Fernando e Ione.

Aos capoeiristas Bamba, Nina, Danilo, Paulo Sérgio, Hélio, Giovanni, Fábio, Santos, Reniê, Dayane, Danilo, Dênis, Juli, Reinaldo, Joalison, Natan, Andrei, Joanderson, Clarinha, Thais, Thaine, Maju, Mari, Vinho, Luna, Shaieni, Emanuel, Wagner, Montanha, Jean, Neto, Duda, Lucas, Matheus, Ivaldo, Fabiano, Santos, Yasmim, Nicolas, Elaine, Vivi, Sofia, Livia, Naiane, Isabele, Marquinhos, Darlene, Wesley, Andriel, Vivaldo, Piro, Rafael, Izidro, Dodô, Livia, Greicielle, Carol, Gustavo, Greiciane, Ellen, Cleiton pelo respeito e pelo carinho de estarmos crescendo juntos. Aos compadres Solange Cavalcante, Rivaldo Pessoa e Erinaldo (Buiu).

Aos amigos e amigas da roda da vida: Mônica, Marilene, Roqueane, Edilene, Janete, Emilson.

Aos mestres, Mestre Nô, Mestre Lázaro, Mestre Dinelson, Mestre Sabiá, Mestre Dário: muito obrigada pela capoeira “eu saber jogar”.

Aos avós dos meus filhos: seu Francisco e Dona Alice.

À minha família, por tudo. Ao nosso Deus da Vida. Axé!

Dedico este trabalho à memória de minha mãe Maria,
ao meu Pai Severino,
ao meu companheiro Dário,
ao meu filho Gabriel e às minhas filhas Gabriela, Gabrielle e Maria
e aos amigos da roda e da vida.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a educação popular nas práticas de ensino e aprendizagem da capoeira angola por meio da práxis educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares, no bairro do Roger, em João Pessoa-PB. O grupo foi iniciado em 1998 por Dário Pereira João, Mestre Dário e por mim, Maria de Lourdes Farias Lima, contramestra Malu. Esta pesquisa teve como objetivo analisar como a educação popular na prática da capoeira angola contribuiu para a aprendizagem das crianças, adolescentes e jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Para tal, buscamos identificar os princípios da educação popular nos fundamentos, tradição e ritual da capoeira angola; descrever as práticas educativas e saberes culturais presentes na capoeira que dialogam com a educação popular; e perceber na criança, no adolescente e no jovem a construção da identidade cultural desses sujeitos com a capoeira e o sentimento dela produzido de pertença ao mundo da cultura afro-brasileira. A abordagem da metodologia da pesquisa foi qualitativa, desenvolvida em três etapas: pesquisa bibliográfica, documental e pesquisa participante. Os procedimentos utilizados foram a observação participante, a vivência da pesquisadora como contramestra de capoeira e as entrevistas semiestruturadas com o Mestre Nô, fundador do Grupo Capoeira Angola Palmares (Salvador/BA), e com quatro capoeiristas do Grupo do Roger (João Pessoa-PB). Fizemos uma tessitura teórica a qual nos possibilitou apontar as possíveis dimensões do ensino e aprendizagem do Grupo Capoeira Angola Palmares: ancestralidade/tradição, cultura popular, cultura afro-brasileira, cultura de resistência, identidade cultural, protagonismo, empoderamento, coletividade, rede de sociabilidades, pertencimentos, o mestre, educação para liberdade e educação popular. Foi possível, ainda, apontar com os indícios encontrados nesse estudo que a vivência no Grupo contribuiu para o protagonismo de crianças e adolescentes capoeiristas, pois favoreceu o fortalecimento dos laços comunitários dos sujeitos com o grupo, a família, o bairro, e uma relação de identificação étnico-racial com a cultura afro-brasileira. Mesmo com os limites, a prática da capoeira angola nesse espaço-tempo assumiu uma *práxis* de educação para a liberdade, de cultura de resistência a qual nos provocou e provoca a pensar, a falar e a gingar para a superação das situações de opressão da periferia e na construção de outro mundo possível, no qual os sujeitos humanos sejam respeitados em seus direitos, em suas diversidades na roda de capoeira e da vida.

Palavras-chave: Capoeira Angola. Educação Popular. Cultura Afro-brasileira. Aprendizagem. Identidade Cultural. Cultura Popular.

ABSTRACT

This work presents a study on popular education in the teaching and learning practices of capoeira angola through the educational praxis of the Capoeira Angola Palmares Group, in Roger neighborhood, in João Pessoa, Paraíba (PB). The group was started in 1998 by Dário Pereira João, Master Dário and I, Maria de Lourdes Farias Lima, Contramestra Malu. This research aimed to analyze how popular education in the practice of capoeira angola contributed to the learning of children, adolescents, and young people who are in a situation of social vulnerability. For this purpose, we seek to identify the principles of popular education in the foundations, tradition, and ritual of capoeira Angola; describe the educational practices and cultural knowledge present in capoeira that dialogue with popular education; and to perceive in children, adolescents, and young people the construction of the cultural identity of these subjects with capoeira and their feeling of belonging to the world of Afro-Brazilian culture. The research methodology approach was qualitative, developed in three stages: bibliographic, documentary, and participatory research. The procedures used were participant observation, the researcher's experience as a capoeira foreman and semi-structured interviews with Mestre Nô, founder of the Capoeira Angola Palmares Group (Salvador / BA), and with four capoeiristas from the Roger Group (João Pessoa-PB). We made a theoretical framework that enabled us to point out the possible dimensions of Capoeira Angola Palmares Group teaching and learning: ancestry/tradition, popular culture, Afro-Brazilian culture, culture of resistance, cultural identity, protagonism, empowerment, collectivity, social network, belongings, the master, education for freedom and popular education. It was also possible to point out with the evidence found in this study that the experience in the Group contributed to the role of capoeirista children and adolescents, as it favored the strengthening of the subjects' community bonds with the group, the family, the neighborhood, and a relationship of ethnic-racial identification with Afro-Brazilian culture. Even with the limits, the practice of capoeira angola in that space-time assumed a praxis of education for freedom, of a culture of resistance which provoked and provokes us to think, to speak, and to swing to overcome the situations of oppression of the periphery and in the construction of another possible world, in which human subjects are respected in their rights, in their diversities in the circle of capoeira and life.

Keywords: Capoeira Capoeira Angola. Popular Education. Afro-Brazilian culture. Learning. Cultural Identity. Popular culture.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	– As cores da desigualdade.....	20
QUADRO 2	– Produção Acadêmica sobre Capoeira do Repositório da Pós-Graduação na UFPB.....	25
QUADRO 3	– Produções CAPES.....	50
QUADRO 4	– Produções sobre Capoeira – idiomas.....	51
QUADRO 5	– Tipologias de Produções científicas sobre Capoeira.....	51
QUADRO 6	– Dissertações sobre Capoeira no site do Domínio Público.....	54
QUADRO 7	– Tese sobre Capoeira no site do Domínio Público.....	54
QUADRO 8	– Produções Acadêmicas recentes sobre capoeira CAPES (2018 - 2019)	61
QUADRO 9	– Características que aproximam e distanciam a capoeira regional e angola.....	78
QUADRO 10	– Percorso formativo do Mestre Dário.....	99
QUADRO 11	– Perfil do Grupo Capoeira Angola Palmares.....	102
QUADRO 12	– SISTEMA DE GRADUAÇÃO DA PALMARES INFANTO-JUVENIL (até 17 anos)	156
QUADRO 13	– SISTEMA DE GRADUAÇÃO DA PALMARES (a partir dos 18 anos)	156
QUADRO 14	– Perfil dos Entrevistados/as.....	161
QUADRO 15	– Perfil dos entrevistados/as (dimensão de PERTENCIMENTOS) ...	162

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1	– Mapa do bairro do Roger, João Pessoa/PB.....	33
IMAGEM 2	– Mestre Gilmário, Mestre Dunga e Contramestra Malu tocando berimbau na roda de capoeira no IX ENCAP, em Frente ao Guarany/Baixo Roger.....	38
IMAGEM 3	– Registro jornalístico do Grupo Cultural Lua de Palmares.....	42
IMAGEM 4	– Recebendo Graduação de Instrutora de Capoeira pelo Mestre Lázaro, na Lagoa.....	46
IMAGEM 5	– Mestre Bimba, criador da Capoeira Regional.....	82
IMAGEM 6	– Mestre Pastinha, um dos principais representantes da Capoeira Angola.....	84
IMAGEM 7	– Mestre Nô, fundador da Associação Brasileira Cultural de Capoeira Angola Palmares – Salvador.....	87
IMAGEM 8	– Mestre Zumbi Bahia, precursor da capoeira em João Pessoa em 1979.....	91
IMAGEM 9	– Mestre Dário, fundador do grupo Capoeira Angola Palmares do Roger.....	94
IMAGEM 10	– Centro Cultural Piollin – Roger.....	96
IMAGEM 11	– Folder do primeiro evento.....	98
IMAGEM 12	– Matéria jornalística sobre o grupo.....	105
IMAGEM 13	– Jogador à direita fazendo salto mortal na roda.....	108
IMAGEM 14	– Conversa entre mestre Dário e os alunos sobre capoeira.....	109
IMAGEM 15	– Contramestra Malu gingando com aluna na roda.....	111
IMAGEM 16	– À direita, jogador faz a meia-lua de compasso, e à esquerda, jogador faz a negativa.....	113
IMAGEM 17	– Jogador com cordel amarelo entrando na rasteira no outro jogador na roda de capoeira.....	117

IMAGEM 18	– Entrando para jogar: criança e Mestre Nô.....	118
IMAGEM 19	– A roda de capoeira.....	125
IMAGEM 20	– Bateria dos instrumentos do Grupo: à esquerda, instrutor Bamba, instrutor Gabriel, mestre Sem-Terra, Lelinho, Geovana, Hélio, Mateus, Professora Nina.....	126
IMAGEM 21	– Roda de capoeira da sexta-feira no grupo.....	129
IMAGEM 22	– Professor de dança afro e Babalorixá com o Grupo na EEEF Ana Higina.....	133
IMAGEM 23	– Entrada no jogo com negativa.....	137
IMAGEM 24	– Roda de capoeira na rua em frente ao Guarany, no Roger, Momento cuidados com os cabelos.....	142
IMAGEM 25	- Daiany fazendo macaco na roda.....	145
IMAGEM 26	- Apresentação de maculelê no Dia das Crianças na Lagoa.....	147
IMAGEM 27	- Roda realizada no “Beco dos Mogeiro”, Roger. Agachado, mestre Lázaro, cantando ladainha, em frente ao Mestre Orly.....	151
IMAGEM 28	- Momento de cuidado com os cabelos.....	159

LISTA DE SIGLAS

ABCA	-	Associação Brasileira de Capoeira Angola
ABCAP	-	Associação Brasileira de Capoeira Angola Palmares
ANPED	-	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
APN's	-	Agentes de Pastoral Negros
ASSOCAPE	-	Associação de Capoeira de Pernambuco
CAP-BA	-	Capoeira Angola Palmares da Bahia
CCHLA	-	Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
CCS	-	Centro de Ciência da Saúde
CE	-	Centro de Educação
CECA	-	Centro Esportivo de Capoeira Angola
CF	-	Constituição Federal
CNE/CP	-	Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno
CNPJ	-	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
CONEPIR	-	Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial
CONFED	-	Conselho Federal de Educação Física
CRAS	-	Centro de Referência da Assistência Social
CREF	-	Conselho Regional de Educação Física
DECOM	-	Departamento de Comunicação
ECA	-	Estatuto da Criança e do Adolescente
EMLUR	-	Empresa Municipal de Limpeza Urbana
ENCAP	-	Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares
ENEM	-	Exame Nacional de Ensino Médio
EST/Teologia	-	Escola Superior de Teologia
EXTELAR		Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (UFPB)
FNDE	-	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FUNDAC	-	Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente “Alice de Almeida”
FUNJOPE	-	Fundação Cultural de João Pessoa
GCAP	-	Grupo Capoeira Angola Palmares
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	-	Índice de Desenvolvimento de Educação Básica
INEP	-	Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IPHAN	-	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDBEN	-	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MDS	-	Ministério de Desenvolvimento Social
MEC	-	Ministério da Cultura
MINC	-	Ministério da Cultura do Brasil
ONGs	-	Organizações não governamentais
PDDE	-	Programa Dinheiro Direto na Escola
PERI	-	Curso Experimental de Formação de Capoeira na Perspectiva Intercultural
PETI	-	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PMJP	-	Prefeitura Municipal de João Pessoa
PNAD	-	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PPGE	-	Programa de Pós-Graduação em Educação
PROLICEN	-	Programa de Licenciatura
PSI	-	Primeiros Saberes da Infância
PUC/PR	-	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SESC	-	Serviço Social do Comércio
SIGAA	-	Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UFBA	-	Universidade Federal da Bahia
UFPB	-	Universidade Federal da Paraíba
UFSC	-	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	-	Universidade Federal de São Carlos
UNESCO	-	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USF	-	Unidades de Saúde da Família
ZEIS	-	Zona Especial de Interesse Social

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: NO PÉ DO BERIMBAU - A RODA VAI COMEÇAR.....	16
1.1 SITUANDO A RELEVÂNCIA DO ESTUDO PARA O ATUAL CONTEXTO SOCIAL BRASILEIRO.....	17
1.2 A CAPOEIRA COMO UM DOS CAMINHOS E DAS EXPERIÊNCIAS DO ESPERANÇAR.....	22
1.3 RUMO AO MERGULHO NESTE ESTUDO	26
1.4 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	27
1.4.1 Pesquisa Qualitativa: características e pressupostos.....	29
1.4.2 Pesquisa Participante	31
1.4.3 Levantamento de Dados, Análise de Dados e Sujeitos da Pesquisa	34
1.4.4 Questões Éticas.....	37
2 IÊ, BERIMBAU ME CHAMOU: O PERCURSO DA PESQUISADORA.....	38
3 UM PASSO A DOIS: EDUCAÇÃO POPULAR E CAPOEIRA	50
3.1 PESQUISA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO E CAPOEIRA.....	50
3.2 O QUE É EDUCAÇÃO.....	64
3.3 EDUCAÇÃO POPULAR.....	67
3.3.1 Educação Popular e Capoeira	68
3.4 CAPOEIRA E SEUS ESTILOS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE A CAPOEIRA REGIONAL E A CAPOEIRA ANGOLA	77
3.5 OS MESTRES: IÊ, VIVA TODOS OS MESTRES, CAMARÁ!	81
3.5.1 Mestre Bimba: Manoel dos Reis Machado.....	81
3.5.2 Mestre Pastinha: Vicente Joaquim Ferreira Pastinha	84
3.5.3 MESTRE NÔ: NORIVAL MOREIRA DE OLIVEIRA.....	87
4 JOGO DE DENTRO, JOGO DE FORA: OS CAMINHOS DO MEIO DO MESTRE DÁRIO E A CAPOEIRA EM JOÃO PESSOA E NA PARAÍBA	90
4.1 UM BREVE RELATO SOBRE O COMEÇO DA CAPOEIRA EM JOÃO PESSOA E NA PARAÍBA	90
5 NA RODA DO MUNDO: UMA SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO GRUPO CAPOEIRA ANGOLA PALMARES	107
5.1 SAINDO DA ROTINA DAS AULAS: “NEM TUDO QUE RELUZ É OURO, NEM TUDO QUE BALANÇA CAI”.....	123
5.2 RITUAL	125
5.3 DO MUNDO DA CAPOEIRA	127
5.4 MUSICALIDADE DA CAPOEIRA.....	128
5.5 O CHÃO DA ESCOLA.....	132
5.6 OS COMPORTAMENTOS DENTRO DA TRADIÇÃO.....	134

5.7 DILEMAS E CONFLITOS NA RODA DE CAPOEIRA ANGOLA	141
6 NA VOLTA DO MUNDO: AS DIMENSÕES DO ENSINO E DE APRENDIZAGEM DO GRUPO CAPOEIRA ANGOLA PALMARES/PB	161
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “ADEUS, ADEUS, BOA VIAGEM...”	185
REFERÊNCIAS	188
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI -ESTRUTURADA.....	194
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO	195
APENDICE C – ROTEIRO DE ANOTAÇÃO DE CAMPO	196
ANEXO A – FOTOS DOS/AS INTREVISTADOS/AS	197
ANEXO B – MATÉRIAS JORNALÍSTICAS	198
ANEXO C - FOLDERS DE ATIVIDADES DO GRUPO.....	204
ANEXO D - ÁLBUM DE FOTOS DE ATIVIDADES DO GRUPO.....	216
ANEXO E – APROVAÇÃO DA PESQUISA NO COMITÊ DE ÉTICA	224

1 INTRODUÇÃO: NO PÉ DO BERIMBAU - A RODA VAI COMEÇAR

O presente estudo investiga a Educação Popular nas Práticas de Ensino e Aprendizagem da Capoeira Angola: a *práxis* educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares, no bairro do Roger, localizado no município de João Pessoa, no estado da Paraíba. As inquietações deste estudo surgiram da nossa vivência enquanto educadora popular, por meio de experiências em espaços governamentais: Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI)¹, Projeto Mais Educação² e Oficinas Culturais nos Bairros³ pela Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE) e em Organização Não Governamentais (ONGs), dentre elas, o Centro Cultural Piollin⁴ e o Projeto Beira da Linha⁵, ambas no município de João Pessoa/PB.

Desse modo, passou a existir em mim a necessidade de se pensar sobre o cotidiano do fazer/saber da sala de aula de capoeira com a intencionalidade de ampliar nossos conhecimentos no intuito de potencializar nossas aulas como um espaço de formação crítica para todos nós, educandos-educadora e educadora-educandos oriundos de classes populares. Nesse sentido, ancoramo-nos em leituras de alguns autores que apontam para a discussão da capoeira angola

¹ O Programa do trabalho Infantil (PETI) faz parte dos Programas Sociais do Governo Federal. Quando a situação de trabalho infantil é identificada, a família é incluída no Cadastro Único. As crianças e adolescentes passam a participar do serviço de convivência e têm o acompanhamento pelos profissionais do CRAS ou CREAS do município onde residem. Disponível em: <<http://mds.gov.br/aceso-a-informacao/mds-pra-voce/carta-de-servicos/usuario/assistencia-social/peti>>. Acessado em 27 out. 2019.

² O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, fundamenta-se como estratégia do Ministério da Educação para viabilizar a construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689>>. Acessado em 27 out. 2019.

³ O Projeto Oficinas Culturais nos Bairros é um Edital de chamamento público de propostas de Oficinas Culturais nos bairros pela Fundação Cultural de João Pessoa – FUNJOPE, cujos selecionados serão denominados oficineiros, que ministrarão oficinas por tempo determinado. Participei das edições do Edital nos anos 2010, 2011, 2012 e 2013, ministrando oficinas de capoeira angola, respectivamente nos bairros Bancários (Comunidade do Timbó), Treze de Maio (Comunidade Vila Japonesa), Baixo Roger e Alto do Mateus (Comunidade Beira da Linha). Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/licitacoes/funjope-edital-das-oficinas-culturais-nos-bairros/>>. Acessado em 27 out. 2019.

⁴ A história do Piollin começa em 1977, quando um grupo de atores ocupou salas abandonadas do convento Santo Antônio, na cidade de João Pessoa. Iniciava-se, assim, a Escola Piollin, fundada por Luiz Carlos Vasconcelos, Everaldo Pontes e Buda Lira. A partir de 2005 a Escola Piollin passa a denominar-se Centro Cultural Piollin e segue dando continuidade aos projetos pedagógicos com oficinas artístico-culturais para crianças, adolescentes e jovens. Está localizada na Rua Sizenando Costa, s/n, Roger. Disponível em: <<http://www.piollingrupodeteatro.com/piollin/>>. Acessado em 27 out. 2019.

⁵ O Projeto Beira da Linha surge na Paraíba em 1989 como fruto de um programa da Instituição Católica Italiana Pia Sociedade de Padre Nicola Mazza. Suas atividades iniciaram-se com o trabalho de religiosos italianos junto a jovens universitários brasileiros. Os resultados conduziram a criação do Projeto Beira da Linha, situado à margem da linha do trem, no bairro do Alto do Mateus, em João Pessoa, com diversas atividades para crianças, adolescentes e jovens em vulnerabilidade social. Está localizado Rua Luiz França Pereira, S/N, Alto do Mateus. Disponível em: <<https://www.projetoibeiradalinha.org.br/institucional/quem-somos>>. Acessado em 27 out. 2019.

como cultura de resistência e, como na leitura de Falcão (2004), capoeira como espaço de educação popular na perspectiva da pedagogia freiriana.

Assim, debruçamo-nos sobre esse estudo com as discussões sobre Educação Popular de Paulo Freire, na perspectiva da Pedagogia do Oprimido (2015), da Pedagogia da Autonomia (2011), Educação como Prática de Liberdade (2014) e Pedagogia da Esperança (1992) e de processos como os Círculos de Cultura. Levamos também em consideração a Lei 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira em estabelecimentos de ensino público e privado, e o Projeto de Lei (PL) nº 17/2014, que reconhece o caráter educacional e formativo da capoeira em suas manifestações culturais e esportivas.

Conforme Freire (2015), uma prática de educação libertadora se dá nas bases de uma ação cultural dialógica em que possa haver uma circularidade de culturas. Nessa perspectiva, Freire (2015) faz-nos refletir que uma educação libertadora apenas acontece em uma ação cultural dialógica em que sujeitos diferentes possam compartilhar conhecimentos culturais diversos, para tanto, respeitando a diferença do outro, não menosprezando um saber em detrimento do outro.

Para isso, o autor leva-nos à reflexão da contextualização de uma realidade local, que, ao ser investigada, possibilita aos sujeitos criarem e recriarem novas formas de se relacionarem com o saber e o fazer local, com o intuito de perceberem a realidade na qual estão inseridos, no sentido de lutar pelas mudanças necessárias e possíveis. Isso só poderia acontecer através da síntese cultural, de uma educação dialógica baseada na cultura popular, uma vez que a imposição de uma cultura dominante sobre a cultura do povo é fruto de uma educação opressora que gera medo e desesperança, tida por Freire (2015) como invasão cultural. Nessa perspectiva de invasão cultural, podemos refletir sobre a dominação do eurocentrismo em detrimento das matrizes afro-indígenas que formam o povo brasileiro.

1.1 SITUANDO A RELEVÂNCIA DO ESTUDO PARA O ATUAL CONTEXTO SOCIAL BRASILEIRO

O espaço social brasileiro encontra-se dividido porque foi/é configurado e atravessado por relações de poder, sócio e culturalmente formadas em um longo processo histórico, no qual, nas palavras de Quijano (1997), sociedades periféricas foram forjadas pela colonialidade do poder. Estruturalmente, uma parcela significativa de pessoas foi relegada à condição de privação permanente, criando-se um grande contingente de indivíduos socialmente excluídos e

inferiorizados, cujas consequências permanecem ainda hoje, representadas pelas altas taxas de desigualdade social existente no Brasil. A seguir, apresenta-se uma amostragem dos dados referentes à população brasileira, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) de 2016, sobre moradia, emprego e escola, levando-se em conta os recortes de raça/etnia e gênero, para refletirmos a situação excludente a que a parcela da população negra está submetida ainda hoje no País. A primeira Tabela indica números relativos à cor do Brasil.

Tabela 1 – População por cor ou raça, segundo a situação do domicílio

Variável - População residente (Pessoas)						
Brasil						
Sexo - Total						
Idade - Total						
Ano - 2010						
Situação do domicílio - Total						
Cor ou raça						
Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
190.755.799	91.051.646	14.517.961	2.084.288	82.277.333	817.963	6.608
Fonte: IBGE - Censo Demográfico						

Fonte: IBGE, dados de 2010. Sistematizado do Sistema de Recuperação Automática (SIDRA), 2019.

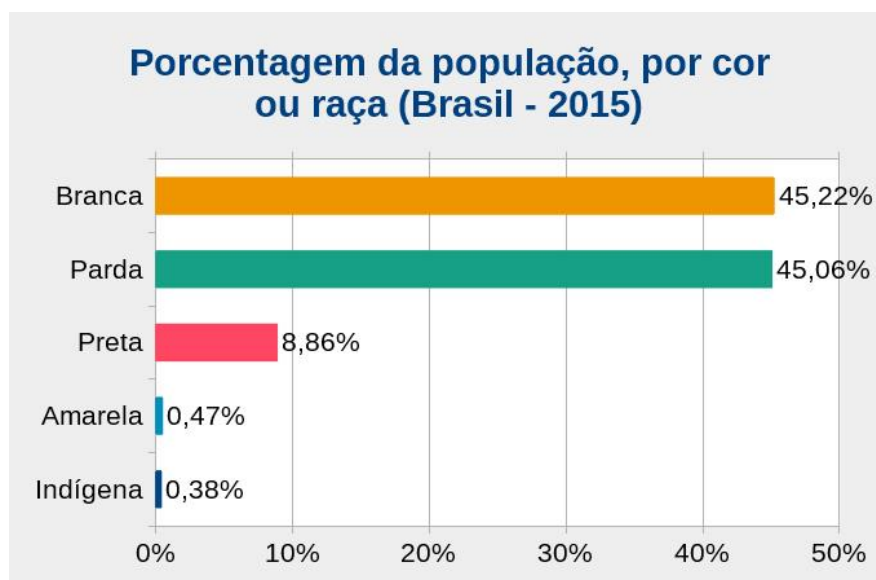
Na tabela 1, observa-se que, ao somar-se o quantitativo de pessoas autodeclaradas pretas e pardas ($14.517.961 + 82.277.333$), obtém-se um total de 96.795.294. Portanto, uma maioria em relação aos autodeclarados brancos (91.051.646). Vale salientar que, no quadro histórico do IBGE, em todos os censos que foram realizados no Brasil, e naqueles em que o quesito cor/raça foi contemplado, a população autodeclarada branca constituía-se superior, mesmo somando-se todas as outras classificações restantes. Assim, o resultado de 2010 sintetiza que: é a primeira vez na história do Brasil que o pertencimento racial se processa. Segundo o pesquisador responsável por coordenar o censo:

[...] Leonardo Athias, pesquisador da Coordenação de População e Indicadores Sociais do IBGE, responsável pelo tema, este é um preceito de direitos humanos: “a identificação é da pessoa, é ela que sabe como se entende, porque é uma interação social, uma percepção de si mesma e do outro. Eu não vou classificar o outro, até

porque muitas vezes isso foi feito para segregar, para perseguir” (BRASIL.IBGE, 2018).

Sendo assim, para os responsáveis técnicos do IBGE, a autodeclaração consiste em um processo que requer uma “interação social” e “uma percepção de si”, ou seja, a reflexão sobre a identidade etnicorracial, que, segundo Hall, se dá pelo pertencimento racial ou cultural, de sua origem/ancestralidade. Já no gráfico 1, os dados estão atualizados pelo PNAD de 2015 e fortalecem esse reconhecimento de pertencimento da miscigenação, como demonstra o grande aumento na autodelaração de pardos.

Gráfico – Porcentagem da população por cor ou raça (Brasil – 2015)



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional de Domícilios (PNAD, 2015).

Nesse contexto, a classificação “parda” apresenta-se como uma alternativa para pensar os “miscigenados”. Uma vez que:

[...] ‘O termo pardo remete a uma miscigenação de origem preta ou indígena com qualquer outra cor ou raça. Alguns movimentos negros utilizam preto e pardo para substituir o negro, e alguns movimentos indígenas usam indígenas e pardos para pensar a descendência indígena. É uma categoria residual, mas que é a maioria’, explica Marta Antunes, da Gerência Técnica do Censo Demográfico [...] (BRASIL.IBGE, 2018).

A forma de pensar o pertencimento etnicorracial está em consonância com as reflexões sobre as desigualdades etnicorraciais, como foi colocado pelo quadro referente “as cores da desigualdade”:

Quadro 1 – As cores da desigualdade

Fonte: IBGE. Agência de notícias, 2018.

O quadro aponta quatro classificações diferentes: (1) taxa de analfabetismo; (2) trabalho infantil; (3) Rendimento de trabalho e (4) Taxa de desocupação. Sendo que, as porcentagens em relação à população negra/parda nos quesitos (1), (2) e (4) apontam uma elevação que exime um quadro de exclusão social. E, no quesito (3), referente ao rendimento salarial, percebe-se que a população de pretos e pardos ganha menos que a população branca, como mostram os indicadores do IBGE

O que se verifica é que houve uma inclusão-excludente dos negros no Brasil. Os indicadores sociais do IBGE mostram que a miséria e a pobreza têm cor. Todavia, os discursos construídos são de que, no Brasil, todo mundo é igual, pois o que ficou no desenho da sociedade brasileira foi o mito da democracia racial, construído a partir de Gilberto Freyre⁶, o qual

⁶ Gilberto Freyre (1900-1987), no livro Casa-Grande e Senzala, lançado em 1993. Esta obra fala da relação entre o senhor e o escravo. Muitos críticos acusam o autor de ter harmonizado essa relação entre negros e brancos no

mascarou a relação de opressão entre brancos e negros e passou a ideia para o mundo de que o Brasil se construía a partir de relações harmoniosas.

Dessa maneira, perdura até hoje um “racismo à brasileira”⁷, persistindo uma situação de preconceito racial e de racismo. Assim, os negros e os indígenas carregaram em seus dorsos, literalmente, o peso da civilização. E seus descendentes ainda pagam o preço por isso. Novamente os dados do IBGE-PNAD (2018) sobre as desigualdades sociais desenham o cenário de que a pobreza tem cor no nosso país: é negra.

O tempo presente vem tornando mais claro que há uma tendência ao agravamento da situação de pobreza que é efeito dos retrocessos das políticas sociais em razão do domínio de uma “nova razão do mundo”⁸, uma racionalidade neoliberal a tomar conta da sociedade e do Estado. As políticas públicas do Estado brasileiro atual estão atingindo criticamente as populações originárias e as que mantêm sua própria forma de vida não imersa na lógica de mercado, indígenas e quilombolas; atingem também a classe trabalhadora brasileira em geral desde o golpe de 2016 que retirou a presidenta Dilma Rousseff da presidência dando lugar ao seu vice, Michel Temer⁹ que impulsionou o desmonte das políticas sociais de Estado, como se deu com a aprovação da reforma trabalhista (Lei 13.467/2017) que reduziu o escopo de direito dos trabalhadores. Nesse movimento a tendência de aumento da pobreza aprofundou-se com a eleição de Jair Bolsonaro em outubro de 2018 e o seu governo que vem caracterizando-se como um gerenciamento necropolítico¹⁰ do Estado brasileiro. Também no âmbito da cultura, os negros e afrodescendentes tiveram suas manifestações perseguidas, discriminadas e proibidas.

período do Brasil Colônia. Para muitos, Freire foi o responsável pela criação e divulgação do “mito da democracia racial” brasileira.

⁷ Racismo à brasileira, o qual se refere aos traços físicos, aos fenótipos: cabelo, boca e nariz. Ver: NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem**: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo social, v. 19, n. 1, pp. 287-308, 2007.

⁸ DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo Editorial, 2017. Esta razão neoliberal que tem um dos seus pilares na transposição da lógica da empresa para dentro do indivíduo vem se afirmando como forma hegemônica a partir da crise financeira de 2008, ela também tem consequências graves na forma da subjetividade infantil, tão cara ao pensamento pedagógico: “toda atividade [no neoliberalismo] é empresarial, porque nada mais é garantido para toda vida. Tudo deve ser conquistado e defendido a todo momento. A criança mesmo deve ser “empreendedora de seu saber”. Desse ponto de vista, tudo se torna empresa” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 336).

⁹ Michel Miguel Elias Temer Lulia foi empossado como Presidente do Brasil em 2016, após o processo de impeachment contra a ex-presidente de Dilma Rousseff. <<https://www.politize.com.br/medidas-polemicas-do-governo-temer/?https://www.politize.com.br/&gclid=EAIaIQobChMIwMDLuMXW6AIVkgqRCh16RwKvEAAyA>> Acesso em 25 fev. 2020

¹⁰ Como descrito pelo filósofo camaronês Achille Mbembe: “o poder necropolítico opera por um gênero de reversão entre vida e morte, como se a vida não fosse o médium da morte. Procura sempre abolir a distinção entre os meios e os fins. Daí a sua indiferença aos sinais objetivos de crueldade. Aos seus olhos, o crime é parte fundamental da revelação, e a morte de seus inimigos, em princípio não possui qualquer simbolismo” (MBEMBE, 2017, p. 65).

Se existem perguntas que se tornaram persistentes e passaram a animar a pena de vários teóricos (antropologia, sociologia, educação, direitos humanos) são as dúvidas quanto a continuidade das diversas políticas públicas afirmativas, por exemplo: as políticas públicas para as comunidades quilombolas, Programa Nacional de Educação do Campo, Programa Bolsa Família e Educação Quilombola¹¹. Sendo o ofuscamento dos marginalizados pelo processo da modernização brasileira um fato não lembrado em suas devidas proporções, a história oficial buscou silenciar, quando não eliminar os subalternos e impor-lhes um papel passivo, retirando-lhes qualquer poder de agência. A releitura da história, na perspectiva dos silenciados, exhibe um quadro bastante diverso. A história não é simplesmente um ser com vida própria. O discurso sobre a história representa as condições de sua produção e carrega internamente as divisões e os interesses que costuram e/ou dilaceram o tecido social. Segundo Freire,

os silenciados pela história oficial elaboraram o conhecimento por outras vias, percorreram os caminhos da prática. Nesse percurso, o conhecimento se dá à reflexão através dos corpos humanos que estão resistindo e lutando, estão (portanto) aprendendo e tendo esperança” (FREIRE, 2005, p. 25).

A presente pesquisa visa a evocação de fragmentos desse saber, fundamentado essencialmente numa resistência vital, corpórea, que se reinventa, porque esses sujeitos, reduzidos objetivamente a mera força de trabalho são, por essa determinação mesma, eles mesmo força de combate contra o mundo que se lhe opõe.

1.2 A CAPOEIRA COMO UM DOS CAMINHOS E DAS EXPERIÊNCIAS DO ESPERANÇAR

Nesse esperançar, conforme Freire (2015, p. 114), “não é, porém, a esperança em cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero”. Quer dizer compreendemos a partir de Freire (2015) o sentido de esperançar como verbo, como ação, na busca do diálogo verdadeiro.

Assim, os que foram excluídos da versão oficial, hoje, também passam a ser vistos como atores importantes, e se durante muito tempo suas produções culturais materiais e simbólicas foram tidas como produto de uma defasagem da evolução humana, primitiva e bárbara, já não podem permanecer assim. Por suas próprias reivindicações, e ajudadas por teorias contra-

¹¹ O decreto nº 20.252/2020 reformula o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e acabou com a pasta de educação do campo, Programa Nacional de Educação para assentados da Reforma Agrária e Quilombolas (Pronera), principalmente a política do campo orientada para os quilombolas. <<https://www.brasildefato.com.br/2020/02/28/com-fim-do-pronera-bolsonaro-ataca-educacao-dos-povos-do-campo>> Acesso em 25 fev. 2020.

hegemônicas, o que se chamou de cultura dos pobres, negros, indígenas, excluídos, os comuns – ou simplesmente cultura popular –, passa por momentos de ressignificação semântica e política. Assim como qualquer outra, comporta reprodução e originalidade, conformismo e resistência, negociação, vitalidade. (CUCHE, 1999).

Mas é verdade que os efeitos da segregação histórica ainda permanecem forte. É o que se pode verificar em relação ao objeto desta pesquisa: a capoeira. Apesar da agenda multicultural que vem sendo implementada pelos governos nos últimos anos, ainda assim, a capoeira, a exemplo de outras manifestações afro-brasileiras, permanece bastante discriminada. Se há muito deixou de ser uma contravenção penal, chegando, nos idos de 1970, ao status de esporte genuinamente brasileiro, experimentando a transnacionalização e sendo praticada por pessoas de várias camadas sociais, não deixou de sofrer os reveses da história. Ainda é tida como “coisa de negro” e associada, no imaginário social, a determinados estereótipos.

“Capoeira é defesa, ataque, é ginga do corpo, é malandragem”. Como afirma o trecho de cantiga de capoeira que fala da conceituação da capoeira pelos próprios capoeiristas, focando o caráter de luta de resistência. Daí justificar-se a escolha do tema desta pesquisa como sendo a capoeira. Para Sodré (2002),

O ritmo e o rito dão vida e a alma à capoeira. São eles que favorecem a epifania dos corpos em movimento, trazendo beleza atlética para o gingado e para a execução harmoniosa dos golpes e balões. Não se trata, portanto, de mero esporte, nem de mera técnica de defesa e ataque, mas de um jogo, isto é, uma totalidade articulada de formas inventadas, abertas a apropriações lúdicas e guerreiros, que também se pode designar como uma cultura, se não como uma alma ou espírito de grupo” (SODRE, 2002, p. 86).

Ainda segundo o autor, a capoeira é uma possibilidade de o ser humano produzir cultura com um corpo que dança, que se expressa em gestos em uma relação consigo mesmo e com o outro em situações-desafiadoras que, ao mesmo tempo em que brinca, golpeia e, ao mesmo tempo em que golpeia, brinca. E alternando entre ataques e defesas, cria-se o diálogo de corpos dentro da roda, que também é uma roda de diálogos, de sons, de ritmos, de cadência, de movimentos, de vidas criadas e recriadas para além da própria roda de capoeira, para a vida.

Hoje, a questão da capoeira como educação, ou como componente da educação formal, tem alimentado vários debates, criando polêmicas que estão longe de serem resolvidas.

A partir da Lei 10.639 de 2003 abre-se espaço para se discutirem e implementarem situações pedagógicas que oportunizam à capoeira ocupar um lugar no currículo formal. Porém, independentemente da sua entrada no espaço escolar formal, enquanto prática de grupos

populares que ocorre na espontaneidade da vida cotidiana, espaço de sociabilidade, a capoeira possui potencial formativo e político que precisa ser colocado em evidência.

Na ambiência de um grupo de capoeira, desenvolve-se um espaço rico de experiência socializadora que propícia a formação de disposições, competências e apetências (LAHIRE, 2004) aos seus praticantes, especialmente as crianças e os adolescentes. Constituem tal espaço elementos como: diferentes formas de conhecimento, de saber-fazer, de capital cultural, de *hexis* corporal, de senso rítmico, de artístico, de convivência com a autoridade/ancestralidade.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa possui relevância referente ao caráter formativo das práticas socioculturais da capoeira para o protagonismo de crianças e adolescentes, debruçando-se sobre o caso específico do Grupo Capoeira Angola Palmares.

Possui relevância científica e cultural na vertente epistêmica de ampliar os estudos e os fundamentos sobre as práticas dos grupos populares de capoeira atuantes nos bairros de periferia, que desenvolvem atividades de capoeira como processos de fortalecimentos da identidade, do protagonismo infanto-juvenil e dos laços comunitários.

A relevância dessa pesquisa acadêmica reside no fato de que existem poucas produções científicas sobre a capoeira na UFPB. Segundo os dados do SIGAA-UFPB, acessados em 24 de maio de 2018, são três Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) no Centro de Ciências da Saúde (CCS), dois no Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA) e um no Centro de Educação (CE), modalidade à distância. E, de acordo com o Repositório da UFPB¹², acessado em 30 de setembro de 2019, existem três trabalhos de mestrado: um na Pós-Graduação de Música, um na Pós-Graduação de Direitos Humanos e um na Pós-Graduação de Antropologia. Existe apenas uma tese na Pós-Graduação de Educação da UFPB. Ainda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFPB, existem dois trabalhos em andamento, sendo este, no curso de mestrado, e outro, no curso de doutorado.

¹² Disponível

em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/simplesearch?location=%2F&query=capoeira&rpp=10&sort_by=score&order=desc>. Acesso em 15 mar. 2020.

Quadro 2 – Produção Acadêmica sobre Capoeira do Repositório da Pós-Graduação na UFPB

1	Título	Autor	Tipo	Área	Ano	Instituição
1	Brincando na roda dos saberes: a capoeira angola e seu potencial educativo ecológico	Djavan Antério de Lucena Santos	Tese	Educação	2018	UFPB
2	"A capoeira é tudo o que a boca come," representações sociais no batizado e troca de cordões no grupo Gangara	Eduardo Evangelista Costa Bonfim	Dissertação	Antropologia	2013	UFPB
3	Capoeira e direitos humanos: Olhares, Vozes, Diálogos	Saulo de Tarso Gambarra da Nóbrega	Dissertação	Ciências Jurídicas	2010	UFPB
4	A Percussão na Performance Musical do Grupo Capoeira Angola Comunidade.	<u>Wenia Xavier de</u> Medeiros	Dissertação	Música	2012	UFPB

Fonte: Repositório da UFPB.2020.

Esta pesquisa, portanto, buscou identificar a educação popular na prática de ensino e aprendizagem do Grupo de Capoeira de bairro popular na contemporaneidade. Como hipótese, entende-se a vivência no grupo enquanto uma prática de educação popular de capoeira a qual possibilita um espaço de aprendizagens, de socialização, de elevação de autoestima, de protagonismos, de identidade afro-brasileira, de criação de sentimentos de pertença ao grupo e à comunidade. No grupo de capoeira, os sujeitos envolvidos dão também sentido à sua existência, sendo a capoeira um espaço rico de experiências que podem propiciar, através do jogo, o inédito viável de se constituir como uma prática de educação para a liberdade, uma cultura de resistência e de afirmação da identidade afro-brasileira na roda e na vida, de desvelamento de um ser mais.

O inédito-viável é uma categoria de Paulo Freire presente na Pedagogia do Oprimido (2015) e Pedagogia da Esperança (1992). Na capoeira, o inédito-viável é vivido na situação-do-jogo, a capacidade que o capoeirista tem de criar uma resposta para o contragolpe inesperado pelo outro. Ao conseguir fazer a leitura de corpo e responder a situação-percebida, ele fortalece a confiança em sua capacidade de criação, de inteligência e, em consequência, fortalece o agir, a tomada de decisão, na roda e na vida.

A capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira que, ao mesmo tempo, é dança, luta e jogo, como afirma Sodré (2002). Evidencia ora a feição de dança, ora de luta, ora de jogo de acordo com a situação ou o contexto da época e do espaço. Ela foi dança para iludir o olhar de senhores de escravos e luta contra os policiais para a sobrevivência já na República.

Tudo leva a crer que seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos e sobretudo no convívio e diálogo constante com capoeiras atuais e antigos que ainda vivem na Bahia” (REGO, 1968, p.31).

Para Rego (1968), o nascimento da capoeira se dá com a presença dos africanos no Brasil em bases que dialogam com o corpo e a resistência de diversidade da coletividade frente à opressão vivida pelos africanos e seus descendentes no período da escravidão negra no Brasil.

Segundo os dados do Ministério da Cultura do Brasil (MinC) de 2007, a capoeira já está sendo praticada em mais de 150 países, nas categorias de capoeira angola, capoeira regional e capoeira contemporânea.

1.3 RUMO AO MERGULHO NESTE ESTUDO

A questão mobilizadora desta pesquisa buscou responder: como a educação popular na prática da capoeira angola contribui para a aprendizagem¹³ das crianças, adolescentes e jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade social? Para alcançarmos nosso objetivo geral, foram elencados três objetivos específicos: I. identificar os princípios da educação popular nos fundamentos, tradição e ritual da capoeira angola; II. descrever as práticas educativas e saberes culturais presentes na capoeira que dialogam com a educação popular; e III. perceber na criança, no adolescente e no jovem a construção da identidade cultural¹⁴ desses sujeitos com a capoeira e o sentimento dela produzido de pertença ao mundo da cultura afro-brasileira.

Apresentamos essa dissertação em sete capítulos. Neste primeiro, elencamos a relevância, inquietações, problematizações, objetivos e apontaram-se os caminhos metodológicos, com abordagem da pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa participante, com Procedimentos de Coletas e a análise de dados, as questões éticas previstas.

¹³ Entendendo conforme FREIRE (2014, p.28) “nas condições de uma verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. Quer dizer, ao mesmo tempo que o mestre ensina, ele aprende com o aluno e, simultaneamente, o aluno que aprende também ensina ao mestre. Esse processo de ensino-aprendizagem é a busca do grupo pesquisado.

¹⁴ A gestação dessa identidade cultural com a capoeira efetiva-se por meio da construção de vínculos qualitativos através da socialização que se opera, num primeiro momento, no interior do próprio grupo. Iniciando sua trajetória nesse mundo, o sujeito passa a compartilhar dos significados que lhe são inerentes e, sendo exposto a todo um repertório de práticas e memórias grupais (exteriores), sua convivência cotidiana torna-se o elo do sujeito ao mundo da capoeira que é absorvido ao mesmo tempo que doa-lhe esse laço de pertença que “faz” sentido. Esse processo de corporificação, ou propriamente falando, de encarnação da história objetiva do grupo no indivíduo constitui-se no eixo material, temporal, e não, como já foi apontado criticamente por Stuart Hall, como “algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2006, p. 38). Ou, como disse Paulo Freire, em uma inversão dialética: “Assumir-se como sujeito porque [é] capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros” (FREIRE, 2014, p. 42).

No segundo capítulo, o memorial da pesquisadora e contramestra do Grupo Capoeira Angola Palmares.

No terceiro, foi abordada a contextualização teórica da educação – apontamentos iniciais – da Educação Popular (EP) e da capoeira, em que conceituamos e refletimos a capoeira enquanto prática de educação para a liberdade e de resistência cultural e educativa. Ainda foram apresentados os estilos de capoeira angola e regional e os mestres de capoeira.

No quarto capítulo fez-se descrição da *práxis* do Grupo Capoeira Angola Palmares no Roger.

No quinto capítulo, sistematizamos a análise dos dados compreendendo-a enquanto diálogo entre os resultados e a teoria.

No sexto, procedemos com uma incursão crítica e reflexiva sobre o tema a partir do percurso da pesquisa.

Tecemos, por fim, as considerações finais, relacionando a pedagogia da capoeira e a pedagogia freiriana a partir da experiência de educação popular existente no grupo estudado.

Informamos, ainda, que fizemos uma escolha pela primeira pessoa do plural, já que tanto a capoeira como a educação popular acontecem na coletividade, na comunidade que sempre acolhe o outro, e nessa relação eu-outro e o outro-eu, no mundo e com o mundo, tornamo-nos mais críticos e esperançosos de colaborar para a construção de uma sociedade com justiça social, pacífica e com equidade. No entanto, no memorial, eu conto a minha história e utilizo a primeira pessoa do singular. Fosse na roda de capoeira, eu diria que “eu canto a minha ladainha”.

1.4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Iniciar o jogo não é uma tarefa fácil. No entanto, como as professoras do mestrado fizeram questão de frisar no cotidiano da sala de aula, a roda já foi inventada. Pelo fato de sermos capoeiristas, compreendemos que a roda já está posta, agora, qual o nosso lugar nessa roda? E o que pretendemos fazer? Eis a questão.

Para Bernadete Angelina Gatti (2007, p. 9), “pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa”. Certamente, como contramestra de capoeira, educadora popular e jornalista, foram muitas as inquietações para compreender como a capoeira, praticada em um grupo de bairro popular na contemporaneidade, pode possibilitar aprendizagens na perspectiva de educação popular como experiência socializadora para crianças, adolescentes e jovens que vivem em um meio considerado de vulnerabilidade social.

Compreendemos que o ato de pesquisar deve ir além das aparências, das explicações imediatas, todavia se faz necessário que busquemos um conhecimento que ultrapasse nosso entendimento imediato na explicação ou na compreensão da realidade que observamos” (GATTI, 2007, p. 9).

Conforme Bernadete Gatti apresentou-nos, pesquisar é buscar possibilidades viáveis para uma situação problema, o que nos leva a algumas etapas. Segundo a mesma autora (2007, p. 18), “quem pesquisa procura descrever, compreender ou explicar alguma coisa”. Para dar respostas aos problemas de pesquisa, independentemente do campo de conhecimento, fazem-se necessários critérios que estão ligados à abordagem teórica usada pelo pesquisador que servirá de base para a escolha do caminho da pesquisa, o método.

A autora deixa bem claro a importância de o educador-pesquisador entender que, na pesquisa, não existe fórmulas prontas. Segundo Bernadete Gatti (2007, p.11) “se fez e se faz por meio de grande variedade de procedimentos e criatividade do pesquisador em inventar maneiras de bem realizar os seus estudos”. Quer dizer, os critérios não são únicos, assim, o sujeito-pesquisador deverá ter uma visão ampliada para além do conhecimento científico.

Assim, construímos a metodologia a partir do nosso saber e do fazer capoeirísticos, isto é, da nossa posição/inserção de contramestra do grupo e pesquisadora que trouxe para a escrita os conhecimentos capoeirísticos vividos e refletidos durante anos nas aulas, nas rodas de capoeira e nos diálogos com outros capoeiristas; na observação das atividades do grupo anotadas no diário de campo; nas entrevistas com os sujeitos do grupo; no levantamento das matérias jornalísticas sobre o grupo, nas escolhas das fotografias e na revisão da literatura e dos trabalhos acadêmicos sobre educação popular, capoeira, pesquisa, relacionando-se com a concepção de educação para a liberdade, de Paulo Freire (2014). E, como afirmou Paulo Freire na Pedagogia da Autonomia, o rigor científico possibilita-nos ver a realidade, os possíveis problemas e a possibilidade de pensar em respostas para tais situações-limites. Para isso, fizemos uma opção pela pesquisa qualitativa.

As diversidades das temáticas abordadas nas pesquisas emergem do reflexo das mudanças sociais, da necessidade de apresentar e discutir o contexto histórico, econômico, político e social que constituiu a nação brasileira, a fim de superar a visão “eurocêntrica do Colonizador”, ainda presente em nossas cotidianidades e em nossas mentes. Ou seja, refletir o processo de formação do Brasil a partir da ótica dos “vencidos”.

Entendemos que, a partir da ação (real), da reflexão (pensamento) e ação (síntese), produzimos conhecimento científico-social, sendo o senso comum um conhecimento prático e pragmático que se “reproduz colado às trajetórias e às experiências de vida de um dado grupo

social e, nessa correspondência, se faz viável e securizante” (SANTOS, 1987, p. 89). Assim, compreendemos que, a partir de Boaventura Souza Santos, estamos em uma fase de transição de paradigmas, de rupturas, e, assim, faz-se necessário reconhecermo-nos em nosso inacabamento, uma vez que a condição epistemológica da ciência reverbera no sujeito-cientista.

Vemos a importância da nossa pesquisa na compreensão da capoeira como prática de educação para a liberdade e uma cultura de resistência para os oprimidos, particularmente, no cenário atual do Governo Brasileiro, representado pelo presidente da República Jair Messias Bolsonaro, capitão do exército reformado e político até recentemente filiado ao Partido Social Liberal (PSL), que tem outorgado medidas de leis que desconstroem as políticas públicas sociais construídas pelos Governos Lula e Dilma, demandadas pelos movimentos sociais em favor da dignidade humana de mulheres, negros, índios, idosos, crianças, adolescentes e jovens.

1.4.1 Pesquisa Qualitativa: características e pressupostos

A pesquisa qualitativa surgiu, como necessidade, nos países da América Latina a partir da década de 1970. Para Triviños (1987, p. 16), o “interesse, que é crescente, pelos aspectos qualitativos da educação”, inicia-se nesse período pela necessidade de conhecer as realidades escolares investigadas não apenas em dados estatísticos.

Entendemos que a pesquisa qualitativa se caracteriza, conforme Stake (2011, p. 25), por ser “interpretativa, experiencial, situacional e personalística”. Ou seja, a pesquisa qualitativa parte da interação dos sujeitos e do pesquisador, respeitando os diversos pontos de vista dos diversos sujeitos, a diversidade não o assusta; não descarta sua intuição, se abrem para desenvolvimentos inesperados; se colocam dispostos à elaboração de relatórios que permitam ao leitor uma experiência indireta, tenta interferir o menos possível para a obtenção dos dados.

Daí, sentimos que existiu uma relação de aproximação entre o nosso tema de pesquisa (a capoeira) com a educação popular, no entendimento de que ambas valorizam as visões de mundo, os saberes e fazeres de seus participantes, interações entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados em situações de aprendizagens, o surgimento de possíveis elaborações interpretativas do real sistematizando em novo conhecimento.

A pesquisa qualitativa possibilitou perceber os sujeitos e as situações vivenciadas naquele local como únicas, caminhando no lado oposta da generalização. Assim, este estudo privilegiou o contexto com riqueza de detalhes, em uma visão holística.

Conforme Stake (2011), os pesquisadores que escolhem a pesquisa qualitativa assumem uma postura ética, pois os problemas que emergem no estudo surgem dos sujeitos. Mesmo com a interpretação do pesquisador, os relatórios possuem uma linguagem compreensível para que

os sujeitos pesquisados possam se sentir ali representados com respeito às suas referências, e que consigam também interpretar os relatórios.

Neste sentido, o pesquisador qualitativo tenta desconfiar de suas próprias interpretações e, para isso, busca estar informado dos debates, das teorias referentes à sua investigação. Segundo Stake (2011), o pesquisador qualitativo tem escolhas e estratégias que têm a finalidade de gerar conhecimento ou auxiliar no desenvolvimento da prática e da política. Quer dizer, a empatia e a defesa fazem parte do estilo do pesquisador. Todavia, o autor mostra-nos que o pesquisador precisa ter a noção da medida para não atrapalhar a relação de confiança que precisa ser construída entre todos os atores envolvidos na e fora da situação da pesquisa.

Segundo Bernardes, Marques e Batista (2013) apud (BRANDÃO, 2003), o enfoque qualitativo¹⁵ é muito “mais que um método, é um estilo de relacionamentos”, ou seja, é uma teia de conhecimentos que se forma entre sujeitos que se respeitam e se reconhecem como partes confiáveis e vitais da pesquisa em uma perspectiva da coletividade

Para interagir de maneira ao mesmo tempo pessoal e objetiva com pessoas, com famílias e com outros grupos humanos em uma comunidade local de sujeitos sociais, de sentidos, de símbolos, de sentimentos, de significados e de sociabilidades (os “setes esses” da vida cotidiana) (BRANDÃO, 2003, p. 186).

Para Brandão (2003) a interação do pesquisador com os sujeitos pesquisados é um pressuposto necessário para que a pesquisa possa compreender a realidade dos sujeitos envolvidos, tornando-se um processo educativo no percurso da construção da pesquisa. O que caracteriza para Brandão a pesquisa participante como uma prática pedagógica, política e social.

Para Triviños (1987, p. 12), “na pesquisa qualitativa participante, o investigador, sem dúvida, é um sujeito engajado no processo de melhoria de vida de algum grupo ou comunidade”. Podemos dizer a pesquisa foi construída no trabalho cotidiano entre pesquisador e sujeitos pesquisados. Apenas na confiança a apreensão do conhecimento pode acontecer, transformando e sendo transformado pelo ato da pesquisa tanto a pesquisadora como os entrevistados, em diálogo com a realidade para buscar uma formação emancipatória dos envolvidos no processo da pesquisa, no grupo e na própria vida.

A presente pesquisa foi balizada em três momentos: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa participante. O trabalho que desenvolvo no cotidiano possibilitou-me,

¹⁵ BERNARDES, S. T.; MÁRQUES, F. T.; BATISTA, G. A. Abordagem qualitativa na pesquisa educacional: um relato sobre as produções no Triângulo Mineiro. Inter-Ação, Goiânia. doi: DOI, v. 10, 2013.

enquanto educadora e capoeirista, a motivação que resultou nesta pesquisa de campo sobre a capoeira angola como uma possibilidade de educação popular, aproximando-o com a pedagogia de Freire.

1.4.2 Pesquisa Participante

A posição que assumimos de pesquisadora-capoeirista e capoeirista-pesquisadora nos possibilitou fazer a escolha pela pesquisa participante, uma vez que estamos inseridas no universo desta pesquisa, a capoeira. Para Brandão (2006) a pesquisa participante é um momento de teoria dentro da própria prática, quer dizer:

O processo investigativo se insere no campo da pesquisa ação, que teve desdobramentos específicos na América Latina e no Brasil, recebendo a denominação de Investigación-Acción Participativa (IAP) na tradição do sociólogo colombiano Orlando Fals Borda (2009), ou simplesmente de Pesquisa Participante (CAJARDO, 1986; BRANDÃO e STRECK, 2006).

Brandão (2006) nos esclarece que o pesquisador ao tomar a pesquisa como prática pedagógica, social e política a partir das experiências do vivido ele está atuando no campo da pesquisa ação. E conforme seus desdobramentos recebeu denominações diferenciadas na América Latina e no Brasil. Na América Latina recebeu o nome de Investigación e Ação Participativa (IAP) e no Brasil, Pesquisa Participante.

A pesquisa participante dá a possibilidade de o indivíduo pensar a própria realidade, contextualizando (investigando) seus problemas e juntos agirem para a resolução das situações-problemas vividas pela comunidade. Neste sentido, Brandão também nos diz que a pesquisa participante é uma metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior (BRANDÃO, 1988).

Como nos aponta Brandão (1981, p.11) pesquisar é “conhecer a própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele. Aprender a escrever a sua história de classe. Aprender a reescrever a História através da *sua* história”. Conforme o autor é uma possibilidade de partimos da realidade na qual estamos imbricados, na capoeira e na periferia para refletirmos coletivamente a fim de tecer relações de ruptura com o legado de pobreza herdado pelos afro-brasileiros que se encontram historicamente submetidos aos índices de violência e pobreza.

Na pesquisa participante disse Brandão (1981, p. 11) “os pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes”. Em conformidade como autor percebemos que o fato de pesquisar junto com os sujeitos partícipes do grupo de capoeira sobre o processo de educação popular existente nas práticas da capoeira

angola neste grupo nos faz pensar no cenário social, político e econômico e como estamos atuando em prol de mudanças de situações de combate ao racismo, sexismo, homofobia e preconceito geracional a partir do nosso cotidiano, do agir e pensar no aqui e agora que nos traz reflexões sobre o processo colonizador do Brasil. Existe o lugar do negro na sociedade brasileira?

Também partilhamos reflexões como o processo de ensino-aprendizagem da capoeira - a partir da oralidade, da memória, dos movimentos e das relações pessoais dos capoeiristas - está nos fortalecendo enquanto sujeitos críticos e criativos e nos auxiliando a assumir o protagonismo de nossas vidas dentro da precariedade do mundo vivido. E qual o nosso compromisso com as transformações sociais que afetam o presente e o futuro de mulheres, negros, brancos e índios, da nossa cidade e do mundo?

Fals Borda (1986) apresenta-nos os princípios metodológicos da pesquisa participante. O que podemos perceber é que há necessidade de autenticidade e compromisso com o homem comum; compreender que é preciso escutar e falar a linguagem que o homem comum entenda, sem os dogmatismos comum dos círculos das classes dominantes; outro ponto, a restituição do que foi pesquisado para os sujeitos-pesquisados, como dito por Mao Tsé-Tung, de forma “sistemática e organizada sem arrogância intelectual” (apud BORDA, 1986. p. 51). E o autor coloca que há o ritmo e equilíbrio de ação-reflexão como partes da produção do conhecimento entre o trabalho do campo e o intelectual.

O autor Fals Borda (1986, p. 56) chama-nos atenção para a necessidade das “técnicas dialogais a fim de se aprender com a sabedoria e a cultura popular, ampliando até um nível mais geral”. Ou seja, a fala e a escuta entre sujeitos pesquisados e pesquisadores são essenciais para a realização da pesquisa participante. O diálogo contextualizado na realidade para Freire (1986, p. 35) assim, a realidade concreta se dá a mim na relação dialética entre objetividade e subjetividade. Conforme Freire,

Quanto mais, em uma tal forma de conceber e praticar a pesquisa, os grupos populares vão aprofundando, como sujeitos, o ato do conhecimento de si em suas relações com a sua realidade, tanto, mas vão podendo superar ou vão superando o conhecimento anterior em seus aspectos mais ingênuos. Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares. Voltando a área para pôr em prática os resultados da pesquisa não estou somente educando ou sendo educado; estou pesquisando outra vez (FREIRE, 1986, p. 36).

Podemos perceber que Freire (1986) relaciona a necessidade de educar ao ato de pesquisar para que os grupos populares possam desenvolver uma compreensão crítica da

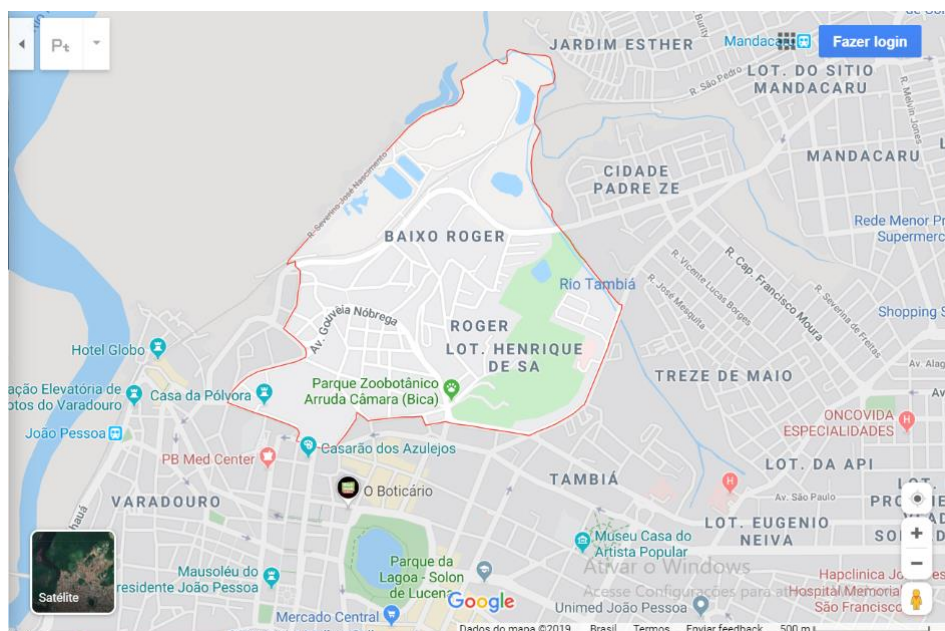
realidade e, assim, possam compreender o próprio discurso e a prática social e engajar-se em um aprendizado de superação das desigualdades e transformação da própria sociedade.

Motivados pelo nosso sentimento de conhecer a Educação Popular nas práticas de ensino e aprendizagem da capoeira angola: a *práxis* educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares-PB, a nossa pesquisa de campo foi feita entre outubro de 2018 e agosto de 2019.

Lócus da pesquisa: Grupo Capoeira Angola Palmares

O lócus da pesquisa está situado no bairro do Roger¹⁶, que está localizado na 10ª região orçamentária do município de João Pessoa. O Roger possui 10.381 habitantes e o índice de desenvolvimento humano (IDH) de -0,12, com base nos dados de população (2010) e do índice de Exclusão (2009) fornecidos respectivamente pelo IBGE e pela Prefeitura Municipal de João Pessoa. O baixo Roger possui quatro comunidades: Terra do Nunca, Buraco da Gia e as Comunidades do S e a Comunidade Asa Branca, reconhecidas como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) pela Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP).

IMAGEM 1 – Mapa do bairro do Roger, João Pessoa/PB



¹⁶ Roger, João pessoa – PB. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Roger,+Jo%C3%A3o+Pessoa+-+PB/@-7.1108191,-34.8848897,15z/data=!4m5!3m4!1s0x7ace7e7d0b59b67:0x78223fd02867aa23!8m2!3d-7.110943!4d-34.8762111>. Acesso em: 25 nov. 2019.

Fonte: Google mapas, 2019.

O Roger está sob a abrangência do Conselho Tutelar da Região Norte. Possui três escolas públicas: Escola Estadual de Ensino Fundamental Ana Higina, Escola Municipal de Ensino Fundamental João Coutinho e Escola Municipal Frei Afonso. Além de dois Centros de Referência da Educação Infantil (CREIS), duas Unidades de Saúde da Família (USF) ROGER III, uma Unidade de Policiamento Solidário e duas Organizações não-governamentais (Ong's): Centro Cultural Piollin e Casa Pequeno Davi.

O grupo pesquisado foi o Grupo Capoeira Angola Palmares, do Roger, fundado em 17 de março de 1998, com sede provisória, na época, na Escola Piollin, hoje conhecido por Centro Cultural Piollin. Iniciado por Dário Pereira João (mestre Dário), na época, instrutor de capoeira, e por mim, Maria de Lourdes Farias Lima (Contramestra Malu), na época, monitora de capoeira. O Grupo tem o objetivo de fomentar a capoeira angola como expressão cultural, de forma a elevar a autoestima de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, fortalecer o protagonismo juvenil e contribuir na construção de uma cultura de paz na comunidade do Roger.

A sede provisória do Grupo desde 2013 está na Casa Pequeno Davi¹⁷, no baixo Roger. As aulas acontecem nas segundas, quartas e sextas, à noite, e nos sábados, à tarde. No entanto, as aulas de capoeira nas terças e quintas, na Casa das Irmãs, na Comunidade do S, estão temporariamente suspensas devido à construção do Residencial Habitacional do S pela PMJP, cujas obras de infraestrutura começaram no início de 2019.

1.4.3 Levantamento de Dados, Análise de Dados e Sujeitos da Pesquisa

Fizemos a entrevista semiestruturada como instrumento e técnica de coleta de dados, “porque esta, ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias”, conforme Triviños (1987, p. 146).

Dessa maneira, a entrevista semiestruturada possibilita que, a partir do roteiro de perguntas elaborados pelo pesquisador, o entrevistado possa responder ao que está sendo pedido e, ao mesmo tempo, elaborar uma linha de pensamento e de sua experiência, que ampliam o conteúdo da pesquisa.

¹⁷ A Casa Pequeno Davi é uma organização não-governamental sem fins lucrativos que funciona desde 1985 no Baixo Roger, que tem contribuído para a efetivação dos direitos humanos de crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Disponível em: < <https://www.pequenodavi.org.br/>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

A etapa seguinte consiste no registro e no horário da entrevista. Em nosso caso, escolhemos a gravação das entrevistas, que foram, em seguida, transcritas e estudadas; em relação ao horário, conversamos com cada entrevistado que optou pela Casa pequeno Davi, e o horário estipulado da aula de capoeira.

Outro ponto a ser destacado é que as entrevistas ocorreram em um clima de simpatia e confiança entre a pesquisadora e os/as entrevistados/das, o que possibilitou espontaneidade da relação entre os sujeitos pesquisados e a pesquisadora. Triviños (1987) afirma que esses dados fornecidos pelos/as entrevistados/das são vitais para a pesquisa, porque tornam-se protagonistas no processo da pesquisa.

Outra técnica de Coleta de Dados que usamos foi a observação participante. Para Queiroz (2007, p. 278),

A observação participante é uma das técnicas muito utilizadas pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. (QUEIROZ, 2007, p.278)

Para este autor, a observação participante é uma das técnicas mais usadas da pesquisa qualitativa, pois possibilita a interação social entre os sujeitos pesquisados e o pesquisador para a compreensão de uma dada situação existente e da realidade como um todo.

Para Triviños (1987, p. 153-154), ao fazermos a observação participante, precisamos lidar com a amostragem de tempo e anotações de campo. A primeira lida com as questões da escolha de dias e horários. Já as anotações de campo merecem maior ênfase, pois, na pesquisa qualitativa, representa “um processo complexo, não exclusivamente pela importância que nesse tipo de investigação adquirem o sujeito e o investigador, mas também pelas dimensões explicativas que os dados podem exigir”.

Pois, segundo Triviños (1987), podemos entender a noção e anotações de campo como todo processo que envolve a pesquisa, tanto as observações e reflexões sobre os dados verbais e não-verbais, descrevendo e tecendo os comentários críticos. Assim, o autor classifica as anotações de campo em descritivas e reflexivas. Em suma, a primeira descreve gestos, atitudes, comportamentos, de tal forma como se oferecem à sua observação; descreve os sujeitos por traços concretos, o meio físico, de atividades específicas e diálogos. Já as anotações do campo de natureza reflexiva referem-se às ideias sobre o desenvolvimento do processo de observação. O pesquisador pode fazer anotações sobre um comportamento, uma ação ou sobre os aspectos metodológicos que apresenta a necessidade de uso de determinadas técnicas de coleta, ou da

necessidade de aprofundar o quadro teórico do fenômeno estudado. Mas Triviños (1987, p. 157) destaca que as reflexões do observador ficam anotadas de “forma breve numa palavra, frase ou oração”. Ele ainda nos aponta a necessidade de um esquema para realizar as anotações de campo.

Fizemos um percurso vivencial junto com a observação participante, entrevista semiestruturada que oportunizou diálogos criativos, além da nossa imersão na literatura já consagrada sobre a capoeira, a educação popular e suas conexões, além das releituras dos marcos legais relacionados com os temas.

Assim, também fizemos uma pesquisa documental. Conforme Sá-Silva (2009) apud Oliveira (2007, p. 69), “a documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação”.

Conforme os autores Sá-Silva (2009) e Oliveira (2007), fizemos uso de diversos documentos. Como fonte primária, foram analisadas as fotos do Arquivo do Grupo e matérias de jornais da Paraíba (O Norte, O Correio, a União), e ainda tivemos outras fontes, tais como os documentos contidos no Dossiê do IPHAN 12 (Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de capoeira) e no SIGAA-UFPB, no Repositório da UFPB e nos sites de Domínio Público.

Os sujeitos da pesquisa foram cinco participantes do grupo, abrangendo representações das seguintes graduações: graduação de mestre, cordel branco (01), graduação de professora, cordel azul (01), graduação instrutor, cordel amarelo e azul (01), graduação de monitores, cordel amarelo (02). Fizemos as escolhas levando o tempo de cada um/uma no grupo: A professora tem 20 anos; o instrutor 21 anos; os monitores 13 anos. O mestre entrevistado é o fundador do grupo Palmares, criado em 20 de novembro de 1979, em Salvador. O mestre Nô tem 55 anos de mestria. A tradição de capoeira angola do grupo pesquisado é a linhagem de Mestre Nô. O Mestre Dário, que foi formado da tradição da capoeira angola, na linhagem de Mestre Nô, tem seis anos de mestria.

Os/as entrevistados/as (a professora, o instrutor, o aluno e a aluna) foram selecionados pelo tempo de grupo. Mesmo a questão de gênero não sendo o enfoque desta pesquisa, escolhemos dois homens e duas mulheres. Outro critério foi a graduação: o cordel azul de professora e o amarelo e azul do instrutor, e a terceira graduação, os cordéis amarelos que já apresentam um tempo médio de grupo.

Utilizou-se para a realização das entrevistas um roteiro de perguntas (em anexo) que orientou nossas conversas. Foram conversas significativas para mim, enquanto pesquisadora, conforme Freire (1980, p. 84), “na medida em que se lute, estou amadurecido para a esperança.

Se combato com a esperança, tenho o direito de confiar”. Nesta perspectiva de construção de diálogos pudemos perceber a relação de confiança e sinceridade estabelecida naqueles momentos com todos/as, os quais resultaram de um processo de construção dialógica do meu eu com o eu do outro, em comunhão, mediatizados pelo mundo, dentro e fora da roda de capoeira nos constituímos como capoeiristas. Utilizamos também um roteiro para Anotações de Campo para facilitar a nossa Observação Participante.

1.4.4 Questões Éticas

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFPB Nº 95672618.6.0000.5188 do CAAE. Aplicamos o termo de consentimento aos sujeitos envolvidos na pesquisa. De maneira que resguardamos o direito da exposição dos entrevistados e, assim, evitamos algum processo quanto ao uso indevido da imagem ou da palavra do sujeito-pesquisado-pesquisador. A ética em respeitar a vontade do entrevistado de não publicar algo que prejudique a sua imagem ou a imagem do grupo pesquisado. No mais, enquanto pesquisadora, privilegiamos a ética na nossa relação de respeito com as pessoas, o grupo e a comunidade pesquisada.

Os entrevistados Norival Moreira de Oliveira, Lucileide da Silva Nascimento, João Carlos da Silva, Dayane de Souza Nascimento de Oliveira e Jonas Josué Ferreira da Silva escolheram pela publicização de seus nomes nas suas falas e fotos.

Buscamos produzir uma análise teórica dentro do método científico, que viesse atender aos critérios de validade com credibilidade, confiança, ineditismo e, ao mesmo tempo, como pesquisa participante, contribuir para a valorização da prática educativa, do mestre e dos sujeitos do grupo pesquisado.

2 IÊ, BERIMBAU ME CHAMOU: O PERCURSO DA PESQUISADORA

IMAGEM 2 – Mestre Gilmário, Mestre Dunga e Contramestra Malu tocando berimbau na roda de capoeira no IX ENCAP, em Frente ao Guarany/Baixo Roger.



Fonte: Arquivo pessoal. Mar. 2009. João Pessoa.

A imagem acima mostra os mestres Gilmário e Dunga da Palmares/Salvador e eu tocando berimbau na roda de capoeira realizada na rua em frente ao Guarany, no baixo Roger, para celebrar os 30 anos do Grupo Palmares – Salvador. Com o berimbau tocando, iniciaremos meus primeiros passos de capoeirista na roda e na vida.

“Vou fazer nessa vida uma grande transformação, vou jogar capoeira pelo mundo e rolar feito cobra pelo chão”. Como diz o refrão de uma cantiga de capoeira, minha vontade de mudança e transformação surgiu no decorrer dos anos entre a vivência cotidiana da roda de capoeira e a aproximação com a educação popular, na perspectiva Freiriana, dos círculos de cultura experimentados na Escola Piollin (atualmente conhecido por Centro Cultural Piollin), no Roger e na Pastoral dos Negros, da Arquidiocese da Paraíba, no Mosteiro de São Bento, localizado no Centro de João Pessoa.

Atuando como membra do Grupo Capoeira Angola Palmares, do Roger, atualmente (2019) na graduação de contramestra, desde 2000 ministrando oficinas de capoeira para crianças, adolescentes e jovens de classes populares, em bairros de periferia do município de João Pessoa. Nessa perspectiva, alguns moradores de áreas consideradas de vulnerabilidade

social motivaram-me a indagar: Como a educação popular na prática da capoeira angola contribui para a aprendizagem das crianças, adolescentes e jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade social? Para a compreensão da questão da nossa pesquisa, investigamos a prática educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares, no Roger.

“Berimbau tá chamando, olha a roda formando, vai se preparando para jogar...”, então, como o berimbau chamou, vamos começar essa roda, esse jogo. Agachada ao pé do berimbau, aperto a mão, aceito o desafio e alerta que o jogo agora é de, prioritariamente, compreender o alcance da capoeira, suas facetas, procuras, incertezas e interrogações. Vamos ao jogo.

Eu comecei a jogar capoeira com 23 anos de idade em 1993. Já estava no meio do curso de graduação de Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, no período matutino.

Todavia, naqueles anos da minha vida, eu vivia a Universidade. Pelas manhãs, na sala de aula do Departamento de Comunicação (DECOM), da UFPB, no Campus I, no Castelo Branco, em João Pessoa/PB. Almoçávamos no Restaurante Universitário e, depois, íamos à Biblioteca Central.

Outro local de trocas de conhecimentos era o Bar Tapa. Atravessávamos a rua, quase em frente ao DECOM. Lá, aprendi a jogar sinuca, e discutíamos de Bossa Nova a Aruanda. São lembranças de um período de efervescência de conhecimentos, de troca de ideias, entre jovens universitários. A turma de jornalismo de 1991.1, desde o primeiro encontro, foi muito forte. Cheguei Lurdinha e fui batizada de Malu, pelos novos amigos, criação de Jamarri Nogueira¹⁸.

Em outra ocasião, participei de uma atividade de registro audiovisual de um documentário sobre a demarcação das terras indígenas com o professor Dinarte Varela Bezerra¹⁹, do Departamento de Comunicação da UFPB. Assim, passamos uma semana na Aldeia Indígena de Jacaré de São Domingos, realizando gravações de entrevistas com os índios sobre os conflitos da terra, os seus costumes e os rituais. Essa experiência de registrar as imagens e sentimentos daquelas pessoas me inquietou para outros saberes, vivenciar o Toré²⁰, o rio, os costumes e os conflitos de terra. Através dessas aulas de campo, houve um despertar para o mundo, para as desigualdades sociais tão perto de nós, mas tão debaixo do nosso próprio

¹⁸ Amigo da turma de jornalismo da UFPB 1991.1, atualmente repórter do Jornal A União-PB.

¹⁹ Atualmente, Professor do Departamento de CCTA, Departamento de Jornalismo da UFPB. Disponível em: <<https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/docente/producao.jsf?siape=337144>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

²⁰ Toré é um ritual praticado pela maioria dos povos indígenas do Nordeste. “[...]esta prática ritual como referência e passa a exigir o desempenho do Toré pelos índios que reivindicassem reconhecimento de sua indianidade, na medida em que ele acreditava que o Toré era “a conscientização de que eles eram índios”. (ALBUQUERQUE, 2008, p.64)

tapete. Afinal, eu também vinha de bairro popular, da periferia, filha de seu Severino, conhecido por seu Carioca, vendedor ambulante, meu pai, e de uma dona de casa, Dona Maria, minha mãe. O que ocasionou nossa autorreflexão: quem somos para o espaço acadêmico? O que representamos? A quem serviremos? Tínhamos utopias, “a gente não queria só diversão e arte...”, fazendo alusão à música do Titãs, *Comida*²¹, que escutei muitas vezes. Sonhávamos com muito mais, principalmente, com a justiça social em nosso país.

A possibilidade de experienciar a aldeia indígena como estudante universitária levou-me à reflexão de que também sou parte de uma parcela da população brasileira que historicamente não fazia parte daquele universo, “daquele saber”, mas, ao acessá-lo, compreendia que minha tarefa, além de apreender conteúdos, era compreender essa lógica excludente que deixava pobres, negros e índios fora da escola e do mercado de trabalho. Seu Severino, meu pai, apenas sabia escrever o nome, precisou trabalhar ainda menino. Minha mãe, Dona Maria, estudou um pouco mais até o primário, o que, hoje, em 2019, seria o Fundamental I. Comecei a compreender que não era uma questão de “méritos”, mas das desigualdades sociais existentes historicamente em nosso país.

Nesse período, eu estava indo do Campus I (UFPB), localizado no Castelo Branco para casa (nesta época) eu pegava qualquer ônibus em direção ao centro, no caso, peguei o ônibus de Mangabeira para a Lagoa (localizada no Centro, de João Pessoa), pois lá pegaria o ônibus para o bairro do Cristo. Foi quando encontrei com as meninas da turma (Sheila, Janaina e Karina), que descobriram uma aula de capoeira no Teatro Cilaio Ribeiro, situado na Rua General Osório, no Centro, antigo Grupo Escolar Tomaz Mindelo²², em nossa capital. Acabei descendo do ônibus e indo com as meninas no Cilaio para assistir a aula de capoeira do Grupo de Capoeira Lua de Palmares, sob a coordenação de Rafael Magnata²³.

Aquela traquinagem mudou o rumo do que eu tinha planejado e distanciou-me do que meus pais tinham sonhado para mim, ser “doutora”. Na minha família, ninguém, naquele momento, tinha alcançado o nível de ensino superior. No início, fiquei assistindo à aula e acabei “sem graça, sem jeito e com vergonha”, indo para a roda de capoeira, pois a pessoa foi muito atenciosa, pegou-me pela mão e me convidou para jogar. Quer dizer, entrei na roda. Essas lembranças fazem-me rir hoje.

²¹ Titãs é uma banda de rock que foi criada em 1982. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n30hqe5lSKE>>. Acessado em 27 out. 2019.

²² Atualmente, o antigo grupo escolar Tomaz Mindelo está denominado Centro Cultural João Balula, em homenagem ao principal fundador do Movimento Negro da Paraíba.

²³ Atualmente, Mestre Rafael Magnata reside na cidade de Fortaleza/CE. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/abrir-para-angola-1.1740298>>. Acesso em: 27 out. 2019.

Lembro o medo que me paralisou o movimento, pois sempre fui muito tímida. Em toda “situação nova”, consigo lembrar que fiquei muito “vermelha” nas bochechas, parada. Parecia que o corpo estava congelado, e o alívio de ter saído da roda. Mas foi incrível. Quando voltei a sentar na roda, senti a sensação de fazer parte, e isso me deixou feliz e “empoderada”²⁴.

Talvez, o desafio proposto ali foi inconscientemente aceito por mim. Acho que eu precisava mostrar que conseguia, pois era muito bom. A sensação de felicidade que me tomou fez com que eu voltasse outras vezes com minhas amigas.

Cada uma, aos poucos, foi deixando de ir, e, certamente, eu era a mais “desengonçada e atrapalhada”, mas continuei. A cada ida ao treino, a vontade de aprender aumentava. Mesmo com pouca desenvoltura para os movimentos, não era problema. O ambiente era acolhedor e alegre. Ao contrário do que se pensa ao se assistir uma apresentação de capoeira, com capoeiristas apresentando movimentos rápidos e bonitos, tudo se aprende no cotidiano das aulas. Cada pessoa tem um ritmo e, com o tempo, cada pessoa desenvolve seu repertório corporal na relação com o outro, na coletividade, em um ambiente de aprendizagem colaborativa. O importante no grupo de capoeira é a presença do sujeito humano diverso em sua plenitude. Um registro de memória desse início da Capoeira pode ser visto na imagem a seguir:

²⁴ A palavra empoderamento é uma tradução do termo em inglês “empowerment”. Para tal, fizemos a leitura do artigo “Práticas de Empoderamento Feminino na América Latina”, de Marinho & Gonçalves (2016, p. 80-90). As autoras mostram os aspectos individuais e coletivos do empoderamento. Destacamos aqui o aspecto coletivo do empoderamento. As autoras reuniram alguns estudiosos que privilegiam o aspecto coletivo do empoderamento, as pesquisas de Stromquist (2001) e Meneghel, Farina e Ramão (2005). Stromquist (2001) compreende o empoderamento como educação política, conceito que pode ser compreendido dentro de uma tradição Paulofreireana de empoderamento, que privilegia a ação pedagógica como transformadora das relações sociais de opressão e encara o empoderamento como a transformação resultante dessas relações. Meneghel, Farina e Ramão (2005) privilegiam a mobilização das mulheres negras no sentido de valorização da própria cultura e da possibilidade de sua organização coletiva. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/revestudsoc/9863>>. Acesso em 30 nov. 2019. Tomamos, assim, empoderamento neste estudo com uma educação política compreendida dentro da pedagogia freireana; Oprimido (2015), Esperança (1998) e Autonomia (2011)

IMAGEM 3 – Registro jornalístico do Grupo Cultural Lua de Palmares



Fonte: Jornal A UNIÃO. 22/10/1995.

A foto acima registra o início da minha formação e do mestre Dário no Grupo. No final de 1993, ocorreu o evento do Grupo Lua de Palmares (do qual fazia parte), na sede do Serviço Social do Comércio (SESC), no Centro, em João Pessoa. Na época, o responsável era Rafael Magnata, graduado cordel verde e amarelo. Como cursava jornalismo, ajudei na organização e divulgação do evento. Quando os mestres da Bahia chegaram, “Vixe Maria”, como falamos cotidianamente, que emoção! A presença dos mestres encantou a todos nós, de Sorriso, que tinha sete anos e iria ser batizado, aos jovens como eu, que tinha 23 anos! Momento que até hoje trago na lembrança.

Algo simples, com pessoas comuns, mas uma sabedoria, um carisma e uma força que marca no corpo, sentimentos, atitudes e sonhos. Uma roda, berimbaus, pandeiros, agogô e atabaque, um aperto de mão e um convite para o jogo pela primeira vez com um mestre. É uma

atitude consciente de um caminho, de adentrar ao universo capoeirístico, “[...] mandinga disfarçada em dança, no sorriso, no gesto e no olhar, negro escondeu, essa luta é de matar...”²⁵.

E, assim, ao participar do ritual de Batismo da capoeira angola, recebi das mãos do Mestre Dinelson, de Salvador/Bahia, meu primeiro cordel, de cor verde. Tive a honra, naquele evento, de conversar com o Mestre Nô, Mestre Tonico, Mestre Lázaro, Mestre Beto Baraúna, todos da Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares, e assistir à primeira roda de mestres, contramestres e professores.

Estavam presentes Sabiá, Naldinho, Joseilton, Raposão, Marcos Zunga e outros capoeiristas da Paraíba. Uma roda na qual os homens desciam para o chão, andavam com as mãos, com movimentos lentos, ora saía um golpe rápido, a biqueira²⁶ (como o golpe da cobra coral); em outro momento da roda, eles voavam, davam giros rápidos de pernas, eram parafusos e armadas. Lembro que não vi mulheres na roda com graduações elevadas (professora, contramestra e mestra), e isso fez com que, na conversa com os mestres, eu perguntasse ao mestre Nô se havia mulher, mestra de capoeira. Ele respondeu-me que eram poucas.

Com a vivência do ambiente da capoeira, fui me aproximando também de outras tarefas do grupo. Eu ajudava a organizar o espaço, por isso precisava chegar mais cedo.

Na minha primeira ida a Salvador, me encantei, vi mulheres jogando, trocando “porrada”²⁷, fazendo movimentos, cantando. Foi inesquecível a aventura de conhecer Salvador, a terra da capoeira com Dário, prof. Moreira²⁸ (na época integrante da Palmares), Mônica Câmara²⁹ (amiga da vida e companheira do curso de Jornalismo que se tornaria madrinha de Gabriel). Visitamos Pelourinho e a roda de capoeira, no Mercado Modelo. Quando voltei para o grupo, comecei a cantar em roda. Compreendi que, mesmo com Dário (companheiro de vida e de rodas) e os demais integrantes do grupo (meninos) me incentivando, eu não tinha uma referência de voz feminina na roda. Pois, tinha apenas eu-mulher no começo dos meus treinamentos, constantemente no Lua de Palmares.

²⁵ Cantiga de capoeira de domínio público.

²⁶ Biqueira: chute frontal que atinge o adversário com o peito do pé. Referenciado nas cantigas de capoeira como o bote da cobra coral.

²⁷ A expressão “porrada” possui pertencimento na linguagem da capoeiragem.

²⁸ Fernando Moreira, atualmente mestre Moreira, residente na Alemanha. Fundador do Grupo Mukambo de Capoeira Angola.

²⁹ Mônica Câmara atua como fotojornalista. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/9344923/monica-camara-da-silva>>. Acesso em: 27 nov.2019.

Fiz do meu projeto de TCC o vídeo documentário sobre a capoeira em João Pessoa³⁰, sob a orientação do Prof. Dr. José David Campos Fernandes³¹. Iniciei as gravações das entrevistas para o TCC, todavia senti a necessidade de experienciar o jornalismo e fui estagiar no Setor de Cultura, do SESC/Centro, e acabei não concluindo o curso naquele período 1995.2. O estágio no SESC acabou sendo renovado por mais um ano. Nesse período, acabei trancando o curso de Comunicação Social da UFPB. Continuei no Grupo de Capoeira Lua de Palmares e tive a primeira experiência de ministrar aulas de Capoeira no Conselho Comunitário da Ilha do Bispo, em João Pessoa, junto com o meu companheiro Dário. Em 2000, comecei a ministrar aulas de capoeira na Escola Piollin à tarde, com turmas de meninas, e pelo turno da manhã, na Jornada Ampliada do PETI, que também acontecia na Escola Piollin. Paralelamente às minhas experiências de capoeira, eu colaborava com o Boletim Informativo *Negra voz* da Pastoral Afro-brasileira, localizada no Mosteiro de São Bento. E essa experiência impulsionou-me a retomar o curso de jornalismo da UFPB.

Em 2005, retornei à UFPB para a conclusão do curso de graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Para isso, retomei o Trabalho de Conclusão de Curso, que era o projeto do vídeo documentário, que focalizava a fase inicial da capoeira em João Pessoa, de maneira sistematizada em oficinas, através de Zumbi Bahia. Para finalização do vídeo viajei com meu filho Gabriel para entrevistar Zumbi Bahia, professor, percussionista e coreógrafo baiano, responsável pelos primeiros cursos de capoeira na cidade de João Pessoa. O material restante foram as imagens e entrevistas realizadas ainda na década de 1990. Finalmente, foi concluído o TCC vídeo documentário *Zumbi Bahia: o início da capoeira em João Pessoa*. Após a Banca de Defesa, fui graduada bacharelada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Desse modo, fechamos mais uma roda, essa na vida. Meus pais, seu Carioca e Dona Maria, ficaram felizes, pois o sonho de ter uma filha “doutora” foi realizado. Minha mãe passou momentos difíceis de internação hospitalar e faleceu em junho de 2006.

No ínterim de 2006 a 2017, representei o Grupo de Capoeira nas reuniões do Movimento Negro; representei a Escola Piollin nas reuniões da Rede de Proteção da Criança e Adolescente do Município de João Pessoa; e, atualmente, estou encerrando o mandato (2016-2020) de Conselheira Tutelar do município de João Pessoa, região Valentina.

³⁰ O vídeo documentário intitulado: *Zumbi Bahia: o começo da capoeira em João Pessoa* não está disponível no Youtube.

³¹ Professor Titular da UFPB. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/antigo/content/david-fernandes-%C3%A9-o-mais-novo-professor-titular-da-ufpb>>. Acessado em 27 nov. 2019.

Tudo isso me levou ao desafio da seleção do mestrado de 2017. A família toda apoiou, até Maria (a caçula dos quatro filhos/as) pedia mamadeira para Dário para que eu estudasse tranquila. Os caminhos da sala de aula de capoeira levaram-me para muitos círculos de cultura. Conheci o Movimento Negro, o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, boas conversas com a juíza, já falecida, Dra. Rita Gadelha; o Movimento Cultural de Nossa Cidade e, em especial, a Escola Piollin³², espaço-tempo de aprendizagem e ensino do ser capoeirista-educadora. Além disso, as experiências da Pastoral Afro³³, pela qual colaborava com o Boletim Informativo Negravoz, possibilitou-me conhecer a discussão política do negro e conhecer o Quilombo de Alagoa Grande/PB.

Coisa demais, gente demais, essa roda só aumentou e aumenta com o tempo. E o tempo não para, como Cazuza³⁴ cantou. E, com o tempo, em uma visão de circularidade, fui levada pelas vivências e pelas discussões nos espaços, os quais me fizeram descobrir as danças circulares, os direitos humanos, a religião afro-brasileira, a educação popular, a militância social, o mundo, as pessoas, as emoções. Citando Drummond³⁵, como é difícil amontoar tudo isso, num só peito de homem.

No meio dessas andanças, entre seminários, conferências e formações, tive a oportunidade de fazer boas leituras sobre capoeira: primeiro, o *Ensaio Sócio Etnográfico da Capoeira Angola*, do autor Waldeloir Rego (1968); em segundo, *Capoeira, um Jeito brasileiro de aprender a Ser*, de Cesar Barbieri (1993) e ainda o filme *Mestre Bimba, Capoeira Iluminada*, de Luiz Fernando Goulart (2005), que está disponível no *Youtube*.

Aos poucos, fui buscando outros gêneros de leituras e descobri as produções científicas referentes à capoeira angola e à educação popular. Um desses trabalhos foi o de José Luiz Cirqueira Falcão³⁶, Mestre Falcão, que relacionou a *práxis* capoeirana e a Pedagogia do

³² Uma das primeiras oficinas que ministrei de Oficina de Capoeira na Escola Piollin foi para turmas de meninas, e o tema gerador do ano *Identidade*. Na minha atividade, trabalhei a identidade da menina-mulher capoeirista, o que possibilitou muitas conversas em sala de aula e a permanência das meninas na atividade por vários anos.

³³ A Pastoral Afro-brasileira era inicialmente Agentes de Pastoral Negro (APNs) coordenada pelo padre Luiz. Disponível em: <<http://culturadigital.br/mnupe/category/agentes-de-pastoral-negros-apns/>>. Acessado em: 27 out. 2019.

³⁴ Cazuza, nome artístico de Agenor de Miranda Araújo Neto, nasceu no Rio de Janeiro (1958-1990). Foi cantor, compositor e letrista brasileiro.

³⁵ Carlos Drummond de Andrade foi poeta, cronista e contista brasileiro (1902-1987). Ver *Antologia Poética*, Editora Record, 1993. O autor fala do eu, do lugar e da relação do eu com o mundo.

³⁶ A tese de doutoramento de Falcão, José Luiz Cirqueira. *O Jogo da Capoeira em Jogo e a Construção da Práxis Capoeirana*, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10203>>. Acessado em: 27 out. 2019. O autor relaciona os saberes do universo da capoeira com a Pedagogia do Oprimido (1987) de Paulo Freire, destacando a necessidade do mestre de capoeira optar por um postura democrática e de autoridade, e não autoritário com seus alunos.

Oprimido. Com o decorrer dos anos em sala de aula, aceitei o desafio do jogo, de começar a refletir nossa prática de capoeira.

Pude participar de oficinas nas Pastorais Sociais, na Comissão da Pastoral da Terra (CPT) do Mosteiro de São Bento, onde vivenciamos seminários com a mística de entrada, com discussões a partir de um tema gerador em que cada pessoa trazia suas memórias e ponto de vista sobre o tema proposto. As pessoas dispunham-se sentadas em círculos para a apresentação dos trabalhos do grupo, com lanche coletivo, a cultura popular com parte da dinâmica (a ciranda) ou as discussões apresentadas em forma de cordel ou embolada de coco acompanhada pelo pandeiro. Fui aprendendo em cada espaço a ser educadora popular e treinando-aprendendo-ensinando capoeira. Na imagem abaixo, recebo a minha graduação de instrutora de capoeira, cordel azul, na roda do final do V Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares, 2004.

IMAGEM 4 – Recebendo Graduação de Instrutora de Capoeira pelo Mestre Lázaro, na Lagoa, João Pessoa



Fonte: Arquivo pessoal. João Pessoa, dez. 2004.

O evento aconteceu na Escola Piollin. Mas fizemos o encerramento deste encontro com a roda de capoeira na Lagoa. O Parque Sólon de Lucena localizado no Centro de João Pessoa,

conhecido popularmente como Lagoa, é um espaço de circulação das pessoas da nossa cidade, por isso, a escolha de realizar a roda na Lagoa para divulgar a capoeira na cidade.

Conforme fui ensinando-aprendendo e aprendendo-ensinando a capoeira, ministrando oficinas de capoeira em vários espaços de nossa cidade, participei de várias apresentações de capoeira e maculelê³⁷. Em 2004, recebi meu cordel de instrutora amarelo e azul, do Mestre Lázaro, em uma roda na Lagoa. Já a minha graduação de professora, foi no evento do Mestre Lázaro, em Salvador, recebi o cordel azul das mãos do Mestre Boa Gente³⁸, em 2008. Meu cordel de contramestra verde, amarelo, azul e branco trançado recebi do mestre Dário, em dezembro de 2013, na Casa Pequeno Davi.

Assim, em 2017, entre o martelo e a rasteira, ginguei entre uma produção textual (prova escrita) e a oral (entrevista) e adentrei no mestrado de educação, da linha de Educação Popular, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da UFPB, turma nº 37. Orgulho para minha família, que me apoia e me provoca.

Adentrei ao meio acadêmico da Pós-Graduação. Acredito que a turma 37 do mestrado foi o encontro de seres humanos transformadores. Nós pudemos juntos formar uma “boa” roda de estudos e conversas e assim atravessamos os obstáculos do meio do caminho os quais geraram alguns proveitosos debates em sala de aula. Todavia, a passagem de vários orientadores pelo meu trabalho exigiu muito mais de mim, uma vez que eles por motivos próprios foram saindo da linha de pesquisa e/ou do PPGE.

Vou explicar um pouco desse percurso das orientações que tive. Passei por quatro docentes do Programa (PPGE), que me orientaram em etapas diferentes. O primeiro orientador ajudou na releitura do Projeto advindo da seleção e sugeriu a mudança de orientador, por entender que o novo indicado poderia favorecer mais as discussões referentes ao fenômeno de estudo “capoeira”. O segundo orientador contribuiu com o diálogo metodológico e ampliação teórica, mas o mesmo mudou de linha de pesquisa, e a linha de pesquisa designou uma orientadora que trouxe novas indicações metodológicas e caminhou comigo até a fase da qualificação. Esta terceira orientadora não prosseguiu porque deixou o Programa.

A banca de qualificação foi um momento rico de partilhas e de críticas que alimentaram o nosso saber-fazer da pesquisa. Após a qualificação, eu estava na fase de elaboração e análise

³⁷ Maculelê é uma manifestação cultural afro-brasileira e indígena. Os dançarinos executam seus passos em dupla no meio da roda com duas grimas (bastões). A bateria do maculelê é composto por atabaques e agogô, em nosso Grupo. Conforme Nilza Borges, o “maculelê é uma manifestação cultural afro-brasileira que nasceu em Santa Amaro da Purificação-Bahia.” (BORGES, 2018, p.140)

³⁸ Vivaldo Rodrigues Conceição, conhecido como Mestre Boa Gente, amigo do Mestre Lázaro. Disponível em: <<https://salvadorcapoeira.com.br/portfolio/associacao-de-capoeira-mestre-boa-gente/>>. Acesso em: 27 out. 2019.

dos dados quando recebi a informação que a minha orientadora saiu do PPGE. Eu estava no quase fim do caminho sem orientador ou orientadora novamente.

Mesmo assim, eu permanecia na linha de educação popular sustentando meu objeto de pesquisa, a capoeira – ou sendo eu a sustentada pela mesma – apesar dos diversos inícios de percursos metodológicos. A ideia de método, como bem sabiam os gregos, é caminho. Tal diversidade gerou uma certa vertigem, uma desorientação tripla: metodológica, epistêmica e pessoal (diferente da Alice do País das Maravilhas, que não sabia bem qual caminho queria seguir por falta de objetivo bem definido, eu mantive-me à espreita do objeto, na busca de um caminho ou de alguém que me apontasse a melhor direção a seguir). O tempo e suas espirais, ou como cantamos nas rodas de capoeira, “a volta do mundo” e seus feitos improváveis, apresentou-me ao quarto orientador, que com um gesto de confiança aceitou o desafio de me guiar nessa vereda mesmo após a banca de qualificação

Assim, conheci o quarto orientador Professor Dr. Pedro Cruz. Ele me pegou pela mão e me guiou com conhecimento e generosidade para a construção partilhada do conhecimento junto com os sujeitos pesquisados sobre a capoeira e a educação popular.

Ele também me apresentou ao Grupo de Pesquisa em Extensão Popular EXTELAR no qual eu vivenciei com os demais membros do grupo, reflexões, debates, sugestões, sorrisos e apoio. E no EXTELAR eu fiz a apresentação da dissertação (um ensaio). Foi esse ensaio que me deixou mais atenta e mais segura para o momento da Banca de Defesa. Foi um diálogo produtivo e prazeroso. Enfim, o Professor Dr. Pedro Cruz sustentou a tarefa de ser meu orientador até Banca de Defesa (e seus possíveis desdobramentos).

Dilemas, dúvidas e indagações que alimentam o desafio da pesquisa, da formação da própria capoeirista-aprendiz-pesquisadora, parte de uma geração de mestres e contramestres de capoeira que decidiram ocupar novos espaços sociais no campo, nas universidades, na política, no comércio, no cinema, nas mídias sociais. Também protagonizaram as produções acadêmicas sobre a própria capoeira em diversas áreas, na educação, na sociologia, na geografia, na história, nos direitos humanos.

Senti que estava na hora de compreender a educação popular nas práticas do ensino e da aprendizagem do Grupo Capoeira Angola Palmares, que fomos criando e sendo criada a partir do corpo que joga, canta, sorri, cai, levanta e dá a volta no mundo, e, com o mundo que carrega dentro de si, o conhecimento de tantos outros-eu, de tantos lugares e épocas. A vivência no Grupo possibilitou e possibilita para mim uma experiência processual de educação popular que traz na relação dialógica entre os seres humanos, no mundo e com o mundo, a liberdade com princípio, meio e fim. Assim, acreditei que a experiência do Grupo de Capoeira Angola

Palmares precisava ser estudada como uma pista de que precisamos reconhecer outras possibilidades de educação, a partir do corpo, tão necessária para a formação do SER humano.

Isso refletiu também na nossa crença nas potencialidades existentes da capoeira e na minha vontade de poder contribuir para o aumento do conhecimento científico sobre a capoeira e, assim, somar para a capoeira e os capoeiristas como para a implementação das políticas públicas na área, em uma perspectiva de sociedade mais justa, pacífica e democrática.

Hoje, compreendi que ser mulher capoeirista foi e é o meu maior desafio. Sempre tem alguém ditando qual é o lugar da mulher na capoeira: outrora, era bater palmas. Mas, quando comecei a ministrar aulas, em 10 de abril de 2000, iniciei um trabalho com uma turma de meninas. Dessa experiência, há uma outra graduada, a professora Nina. A disciplina, a brincadeira, o treinamento, a versatilidade, a afetividade, o respeito, a cooperação da prática da capoeira angola, nestes 24 anos, auxiliaram-me a tornar-me uma mulher cidadã de João Pessoa e do mundo.

Temos a percepção de que, ao estar em uma grande roda da “vida”, e na roda de “capoeira”, vai-se treinando, aprendendo a ser, um SER MAIS, aprendendo com o corpo, dentro de uma visão periférica³⁹. Fazendo a leitura do mundo, a qual precede a leitura da palavra como diz Paulo Freire (1989). Ainda, escreveu Muniz Sodré (2002), somos acostumados a ver cultura apenas nos letrados; e a capoeira ensina-me a viver e a conviver nas diversidades, com as diversidades. Iê, vou começar, camará!

³⁹ O capoeirista vai treinando e jogando na roda de capoeira e vai desenvolvendo a capacidade de olhar em várias direções, quer dizer, ele precisa ver o oponente no jogo, sua intenção e seu movimento, simultaneamente perceber a roda, ver quem chega, quem levanta para comprar (entrar no) o jogo, ver o mestre, tudo isso aumenta a sua capacidade de visão. O mestre diz que ver a roda e o mundo leva tempo e muito treino. “A visão alcançando os 360 graus em torno do corpo constitui uma meta.” (ZONZON, 2014 p.115)

3 UM PASSO A DOIS: EDUCAÇÃO POPULAR E CAPOEIRA

3.1 PESQUISA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO E CAPOEIRA

Fizemos algumas buscas através do SIGAA da UFPB e descobrimos que existem na UFPB poucas produções científicas sobre a capoeira. Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) são três no Centro de Ciências da Saúde (CCS), dois no Centro de Ciências Humanas Letras e Artes (CCHLA) e dois no Centro de Educação (CE), um deles, na modalidade à distância, segundo os dados acessados em 25 de fevereiro de 2020. E, de acordo com o Repositório da UFPB⁴⁰, acessado em 25 de fevereiro de 2020, existem três trabalhos de mestrado: um na Pós-Graduação de Música, uma na Pós-Graduação de Direitos Humanos e um na Pós-Graduação de Antropologia. Existe apenas uma tese na Pós-Graduação de Educação da UFPB. Ainda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFPB, existem dois trabalhos em conclusão, o nosso, no curso de mestrado, e outro, no curso de doutorado.

No geral, ao pesquisarmos, para a composição do Estado da Arte, utilizando o repositório Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES), propiciado pela Plataforma Sucupira, encontramos o seguinte mapeamento sobre capoeira:

Quadro 3 – Produções CAPES	
Capoeira	
Dissertações	741
Teses	217
Total	980

Fonte: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em 14 nov. 19.

Além, disso, nessa pesquisa, identificamos um aumento gradativo nos anos de 2011, 2012, 2013, 2017 e 2018, todavia, os anos de 2014, 2015 e 2016 não apresentam produções acadêmicas.

Em pesquisa pelo Portal de Periódico CAPES/MEC, encontramos para o termo de busca “capoeira” o resultado de 3.863 artigos. Usando “refinar meus resultados” por idioma, temos o Quadro 3, e por Tipo de Recurso, o Quadro 4.

⁴⁰ Link do Repositório da UFPB:< <https://repositorio.ufpb.br/jspui/simple-search?query=capoeira>>

Quadro 4 – Produções sobre Capoeira – idiomas	
Capoeira	Idioma
Inglês	2.818
Português	536
Espanhol	243
Francês	34
Alemão	18

Fonte: <http://www.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pmetabusca&mn=88&smn=88&type=m&meta-lib=aHR0cHM6Ly9ybnAtcHJpbW8uaG9z>. Acesso em: 14 nov. 19.

Quadro 5 – Tipologias de Produções científicas sobre Capoeira	
Capoeira	Tipo de Recurso
Artigos	2.341
Artigos de jornal	836
Resenhas	575
Livros	64
Recursos Textuais	29

Fonte: <http://www.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pmetabusca&mn=88&smn=88&type=m&meta-lib=aHR0cHM6Ly9ybnAtcHJpbW8uaG9z>. Acesso em: 14 nov. 19.

Percebemos, ao comparar o quadro de Teses e Dissertações com o Resultado do Portal de Periódicos CAPES/MEC, que o número de produções textuais, em especial Teses e Dissertações, ainda é pouco diante do potencial da capoeira que se caracteriza, conforme Columá e Chaves (2017, p. 18), como “sendo uma modalidade multifacetada ou híbrida, a capoeira pode ser entendida como cultura, esporte, dança, música, arte e jogo, esta última faceta é, provavelmente, a mais usada entre os capoeiristas”. Outro dado que nos chamou a atenção foi o número expressivo de produções textuais no idioma em inglês. Conforme Brasil (2014), isso corrobora com o número expressivo da presença da capoeira nos cinco continentes e em mais de 150 países.

Um dos livros ao qual tive acesso foi resultado de tese de doutorado, *Capoeira Angola: Cultura popular e os jogos dos saberes na roda*, de autoria de Pedro Rodolfo Jungers Abib (2017) levou-nos à reflexão aprofundada da capoeira enquanto cultura popular e elegeu as

categorias memória, oralidade, ancestralidade, ritualidade e temporalidade como base em uma busca de outra racionalidade menos perversa.

Fizemos a leitura atenta do livro *Jogo de Discursos – A disputa por hegemonia da tradição da capoeira angola* (2012), de Paulo Andrade Magalhães Filho. Essa dissertação insere-se na área das ciências sociais e permite-nos contextualizar a inserção do mestre Nô no cenário nacional da capoeira angola.

Também tivemos acesso à dissertação *A prática da capoeira como espaço de formação*, de Marcos Antônio Santos da Silva (2006), contramestre da ABCAP, de Maceió, pertinente porque o senhor Norival Moreira de Oliveira, conhecido por Mestre Nô, foi um dos entrevistados da pesquisa e mestre fundador da Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares. Ele enviou-nos seu trabalho acadêmico, que ampliou o nosso olhar sobre as influências dos ensinamentos e das aprendizagens de Mestre Nô para alunos e alunas capoeiristas.

Outra dissertação, que também trouxe a fala, as concepções e experiências do mestre Nô, *“Escute um pouco seu mestre menina...” - o ambiente gingado e narrado a partir da capoeira angola: tecendo conexões entre corpo, cultura e educação ambiental*, de Anastácia Schroeder (2017), buscou compreender uma educação ambiental, como *práxis* corporal e cultural a partir da capoeira angola. Fiz a leitura pela aproximação com a capoeira angola, pelo depoimento do Mestre Nô (referência da linhagem do grupo de capoeira pesquisado), e tal estudo ainda nos animou pelo fato da pesquisadora também ser uma mulher-capoeirista.

Aos poucos, delineamos o cenário da capoeira enquanto temas problematizados em monografias, dissertações e teses, que se apresenta cada vez mais como tema gerador que carrega em si luta de resistência dos afro-brasileiros; pesquisas voltadas, em grande parte, para a educação à luz da educação popular, em especial à luz de Freire no âmbito nacional, mas ainda um tema iniciante na Pós-Graduação de Educação, da UFPB.

Conforme Keim e Silva (2012, p. 24), para analisar os atributos da educação e da capoeira como “agentes de libertação e autonomia, relacionaram esses dois elementos sociais e humanos que se somam e que enfrentam a herança colonial, que impregna nosso ser, submetido durante gerações”. Os autores apresentam-nos as pesquisas acadêmicas na área de capoeira e temas correlatos e as contribuições para a transformação social e com a construção de uma sociedade com equidade, com justiça social e pacífica. Outro fator que nos chamou a atenção é o fato de os autores serem capoeiristas, ou seja, estão inseridos no universo pesquisado. Carregam em si o engajamento social com a linhagem de capoeira ao qual pertencem e com compromisso ético de combate ao racismo.

Além das leituras dessas obras, fizemos uma pesquisa no *site* de Domínio Público na Pesquisa de Tese e Dissertação. Os critérios de pesquisa foram por área de conhecimento (educação) e pela palavra-chave (capoeira). O resultado da pesquisa foi de oito itens encontrados. Para facilitar a visualização do mapeamento dessas produções acadêmicas, utilizamos dois quadros: um para as dissertações de mestrado e outro para a tese de doutorado. A priori, podemos visualizar nesse *site* que a produção acadêmica, no período de 2006 a 2009, sobre capoeira está concentrada no nível de mestrado, tendo sido produzido apenas uma tese de doutoramento neste campo do conhecimento.

Percebemos que o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) foi o que mais produziu dissertações nesse período pesquisado. Todavia, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) apresenta uma crescente e significativa produção sobre capoeira e educação. Outro ponto relevante foi o fato de os pesquisadores fazerem parte do universo da capoeira e/ou de movimentos sociais, por isso, a maioria das abordagens metodológicas é de pesquisa qualitativa, participante.

Não poderíamos deixar de destacar também o fato de que existe apenas uma mulher dentre os oito pesquisadores elencados. Interessante que ela destaca no seu memorial o fato de ser mulher, branca e capoeirista. Cada pesquisador, ao descrever sua trajetória de vida e sua relação com a capoeira, posiciona-se em relação à classe social e à raça/etnia.

Percebemos que há um movimento de capoeiristas na construção do capoeirista-pesquisador que está buscando relacionar os saberes populares da capoeira com os conhecimentos científicos, produzindo teses e dissertações. Tal movimento leva em consideração a vivência do pesquisador no universo da capoeira e sua relação com os sujeitos-pesquisados em uma perspectiva de cientista ético comprometido com a educação como meio de transformação social, valorizando outras metodologias educacionais. Para mais, trazendo a centralidade para a matriz afro-indígena brasileira, no sentido de contribuir com a construção de uma sociedade brasileira justa, pacífica e com equidade.

Fizemos o esboço do panorama da pesquisa científica que relaciona capoeira e educação através do mapeamento das dissertações e das teses no site do Domínio Público⁴¹.

⁴¹ Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaPeriodicoForm.do;jsessionid=7DC073373100241F5CB008AA61477942>>.. Acesso em: 01 mar. 2020.

Quadro 6 - Dissertações sobre Capoeira no site do Domínio Público

	Título	Autor	Ano	Instituição
1	A capoeira na formação da pessoa com deficiência visual: dificuldades e perspectivas presentes na ação pedagógica	Jean Adriano Barros da Silva	2008	UFBA
2	A capoeira na sociedade do capital: a docência como mercadoria-chave na transformação da capoeira no século XX	Benedito Carlos Libório Caires Araújo	2008	UFSC
3	A prática pedagógica da disciplina de capoeira na educação superior e a sua contribuição para a formação do futuro docente	Jorge Luiz Freitas	2007	PUC/PR
4	Capoeira, trabalho e educação	Neuber Leite Costa	2007	UFBA
5	Capoeira e identidade: um ascógeno do racismo e da identidade negra	Jorge Luiz Teixeira da Silva	2008	EST/Teologia
6	Nas vortá do mundo deu, nas vortá que o mundo dá: capoeira angola e processos de educação não-escolar na comunidade de Gamboa de Baixo	Sante Braga Dias Scaldaferi	2009	UFBA
7	Processos educativos da Capoeira Angola e construção do pertencimento étnico-racial	Simone Gibran Nogueira	2007	UFSCAR

Fonte: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaPeriodicoForm.do>>. Acesso em: 01 mar. 2020

Quadro 7 - Tese sobre Capoeira no site do Domínio Público

	Título	Autor	Ano	Instituição
1	As musicalidades das rodas de capoeira(s): diálogos interculturais, campo e atuação de educadores	Marcio Penna Corte Real	2006	UFSC

Fonte: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaPeriodicoForm.do>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

Fizemos a escolha de começar as nossas observações pela dissertação da Simone Gibran Nogueira para destacar a produção de mulheres sobre a capoeira. A autora Simone Gibran Nogueira apresentou a dissertação *Processos educativos da Capoeira Angola e construção do pertencimento étnico-racial*, no ano de 2007, para o Programa de Pós-Graduação de Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O estudo visou compreender as contribuições da capoeira angola para o sentimento de pertencimento étnico-racial e para a superação de

dificuldades em ambientes profissionais pelos negros, como na universidade. A metodologia utilizada foi a Fenomenologia. A autora salienta que as informações coletadas foram analisadas levando em consideração os significados e valores dos sujeitos pesquisados.

A coleta de dados foi através de visitas aos espaços e conversas. Foram realizadas duas conversas individuais com dois angoleiros, um deles fez a graduação em Química e o outro em Biologia. Estavam na faixa etária acima dos 40 anos e trabalhavam em universidades. Outra conversa foi com um grupo de cinco pessoas, dois mestres e três professores-mestrando de Capoeira Angola, que dialogaram sobre o pertencimento étnico-racial construído a partir da vivência coletiva de um Grupo de Capoeira que se identifica como parte da cultura de matriz afro-brasileira.

A autora fez seu arcabouço teórico relacionando as áreas de educação e psicologia. Primeiro, ela contextualiza a prática social da capoeira e seus processos educativos, traça um percurso da origem da capoeira até os dias atuais, e a prática social da universidade, que, até hoje, é um espaço, segundo a autora, hostil aos negros.

Ela segue pelo detalhamento do seu contato com a Psicologia para, então, mostrar as contribuições dessa área do conhecimento para esse estudo; depois, explica sobre a escolha da Fenomenologia para melhor compreensão do fenômeno estudado. Daí, descreve o contexto da pesquisa e pertencimento étnico-racial dos sujeitos-pesquisados; por conseguinte, inicia a reflexão sobre os dados obtidos, a literatura consultada, sua experiência vivida. A autora faz as considerações finais sobre como se deu o aprendizado para todos os participantes e o conhecimento nessa investigação.

A autora afirma que a capoeira angola produz sentimentos de pertença étnico-racial, desperta a consciência negra em negros e não-negros e fortalece a identidade afro-brasileira. Também contribui para o combate ao racismo e favorece a saúde dos seus participantes através do diálogo, dos laços fraternos, de respeito mútuo e do prazer do jogo.

Ainda se destacou que ser negro no Brasil é muito difícil, e que isso traz os danos emocionais e cognitivos aos mesmos. A escola e as universidades precisam ser repensadas para receber os afro-brasileiros. Todavia, aponta que os grupos de Capoeira Angola acolhem os negros e brancos a partir de processos educativos que privilegiam o corpo, a memória, a ancestralidade, a circularidade, a ludicidade e a coletividade, todos presentes no universo da capoeira, dentro de uma cosmovisão africana. Cantando, tocando, jogando na roda de capoeira, os capoeiristas desenvolvem o sentimento de pertença ao grupo, à família e à comunidade, assim, tornam-se orgulhosos de serem cidadãos afro-brasileiros e buscam contribuir para a construção de uma sociedade com justiça social, pacífica e com equidade.

A dissertação intitulada de *A capoeira na formação da pessoa com deficiência visual: dificuldades e perspectivas presentes na ação pedagógica*, de autoria de Jean Adriano Barros da Silva, foi apresentada em 2008, no Programa de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFBA. Este estudo apresenta-nos a capoeira como um elemento pedagógico de formação para pessoas com deficiência visual atendidos pelo Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual (CAP-BA).

O autor fez a opção metodológica pelo estudo de caso, em uma abordagem de pesquisa qualitativa, uma vez que a presente investigação trata de uma situação específica; no caso, Jean Adriano buscou analisar a situação do Grupo Focal do CAP-BA, de Salvador. O grupo foi composto por doze pessoas de 31 a 74 anos de idade; uma pessoa com visão, três com baixa visão e oito cegas; das 12 pessoas envolvidas, 10 pessoas são afrodescendentes e moradores da periferia de Salvador. O autor utilizou como fonte de dados os documentos, registros, as entrevistas e as observações diretas e participantes; para análise, as possibilidades e as dificuldades da capoeira na área sinestésico-motor, nas relações interpessoais, na musicalidade e no processo educacional da roda.

O autor conclui que a capoeira, neste caso, funciona como um modelo de educação alternativa em uma perspectiva emancipatória, a partir dos seus próprios elementos (a musicalidade, os movimentos, o ritual, os toques, os ritmos, o jogo e a roda de capoeira), de maneira a contribuir para o exercício da cidadania das pessoas com deficiência e para uma sociedade justa.

Ainda acrescentou a possibilidade de os princípios metodológicos serem aplicados em outras áreas, pois foi constatado nesse estudo que os videntes também precisam superar a dicotomia entre corpo e mente, a fim de se elaborar outro modelo possível de educação para a construção de uma outra sociedade formada por cidadãos e cidadãs críticos e não alienados pelo capitalismo.

Foi importante porque destaca a capoeira como potencial para uma Educação Inclusiva para as pessoas com deficiência visual. O autor compreendeu a dinâmica da educação da roda de capoeira e firmou a capoeira como espaço sócio, político e cultural para o ser humano em sua totalidade, na interação consigo, com o outro e com o mundo. O que chamou nossa atenção foi o fato de o autor, no seu memorial, trazer a trajetória de sua infância como filho de uma família pobre, de pai pernambucano e uma mãe carioca, da periferia do Rio de Janeiro, estudante de uma escola tradicional de Salvador/BA; magro, sem coordenação motora, com quatro graus de hipermetropia. Daí, as aulas de educação física serem uma tortura para ele, o que o levou a escolher treinar capoeira na escola. No decorrer dos anos, foi graduado professor.

O autor afirma que a experiência vivida da capoeira elevou sua autoestima, autonomia, criticidade e o auxiliou na sua constituição enquanto ser humano. Percebemos, então, na construção da pesquisa e na elaboração na dissertação, tanto no conteúdo quanto na forma, que sua trajetória foi um dos elementos motivadores para esta presente pesquisa.

Na dissertação intitulada *Capoeira e identidade: um ascógeno do racismo e da identidade negra através da capoeira*, apresentada em 2008 por Jorge Luiz Teixeira ao Instituto Ecumênico de Teologia e Educação, São Leopoldo, o autor busca analisar a capoeira enquanto manifestação cultural afro-brasileira em suas múltiplas possibilidades de jogo, dança, luta, em contraposição à visão eurocêntrica do colonizador e como a capoeira contribui para despertar a percepção do racismo e auxilia na formação da identidade do negro gaúcho.

O autor enfatiza a capoeira em uma perspectiva de totalidade, procurando identificar as relações das expressões da capoeira enquanto movimento social que, ao mesmo tempo, assume feições política, religiosa, educativa, no sentido contrário da visão eurocêntrica da especialização do trabalho e do conhecimento.

A abordagem da metodologia é de pesquisa participante, um Estudo de Caso Observacional. Especificamente, a pesquisa aconteceu na escola Adventista, onde o Grupo Zumbi de Capoeira funciona à noite, localizada na periferia de Porto Alegre. Os alunos são oriundos de classes populares. Foram utilizados para coleta de informações a observação participante e a entrevista semiestruturada. O autor observou as aulas de capoeira durante dois meses. Entrevistou todos os alunos do grupo, o coordenador e alunos da escola que não faziam parte do Grupo.

O estudo foi dividido em três capítulos que dialogam entre si. O primeiro, o autor contextualiza a trajetória do negro desde a África até os dias atuais, relacionando autores e teorias que demonstram que a escravidão e o eurocentrismo criaram representações, estereótipos e estigmas que ainda estão presentes na configuração das representações sociais da identidade negra, vividas no cotidiano através de situações discriminatórias.

Já no segundo capítulo, o autor relaciona o contexto histórico e social da capoeira com as teorias da educação, expondo a contradição da educação escolar e das teorias da educação voltadas para uma visão libertadora, com a Cultura do Corpo em Movimento. Na ótica da cosmovisão africana, corpo e mente estão juntos em uma perspectiva da ancestralidade que percebe o mestre, o ancião, como figura detentora do saber acumulado e atualizado, capaz de manter vivas as tradições da capoeira e das outras manifestações afro-brasileiras.

No terceiro capítulo, o autor analisa e interpreta os dados obtidos à luz das referências teóricas com enfoques historiográficos, sociológicos e educacionais. A fala dos entrevistados é

analisada de maneira dialética, apresentando a inclusão e exclusão da capoeira no universo escolar e a contribuição para essa área do conhecimento

O autor conclui a necessidade de professores, alunos e movimentos sociais perceberem o ambiente escolar como espaço para educação das relações étnico-raciais, quebrando a barreira do silêncio imposto pela visão do Colonizador, que ainda está impregnado na sociedade brasileira, e de valorizarem a matriz a afro-indígena brasileira como formadora do povo brasileiro, refletindo estereótipos e as relações de poder. Neste viés, destaca-se que a vivência da capoeira pelas crianças negras proporciona uma visão positiva sobre o ser negro, fortalecendo uma construção de uma identidade negra.

Para o autor, faz-se necessário repensar a escola em uma perspectiva emancipatória. Conclui que a vivência da cultura negra, em especial pela capoeira, favorece a elevação da autoestima, da autonomia e da criticidade deles, o enfrentamento a situações de racismo e o fortalecimento da identidade negra.

O sujeito-pesquisador apresenta também as angústias do percurso da pesquisa pela aproximação com o universo-pesquisado, uma vez que é militante do movimento negro e dos movimentos ecumênicos de base, o que leva, em determinados momentos, a pensar como ativista. E, após uma longa reflexão sobre a situação, retoma a clareza de sua própria relação de aproximação e distanciamento com os sujeitos pesquisados. Aí, percebeu-se mais confiante com os resultados pela postura ética de pesquisador que assumiu em todas as etapas da referida pesquisa.

Na dissertação *Nas vortá do mundo deu, nas vortá que o mundo dá: capoeira angola e processos de educação não-escolar na comunidade de Gamboa de Baixo*, apresentada na Pós-Graduação de Educação, da UFBA, no ano de 2009 por Sante Braga Dias Scaldafieri, busca-se compreender a capoeira angola como prática de educação não-escolar na comunidade de Gamboa de Baixo, em Salvador/BA.

O autor escolheu a abordagem metodológica a partir da experiência de capoeira que já possuía anteriormente na comunidade de Gamboa de Baixo, o que o motivou a buscar intervir naquela realidade. Assim, escolheu a pesquisa-ação como abordagem metodológica. O autor construiu um referencial teórico-metodológico referente à cultura popular, à educação não-escolar, à pesquisa-ação, à capoeira e aos capoeiristas.

O autor destaca que a capoeira é aceita pelos moradores de periferias e em situação de vulnerabilidade social pelo fato de ser cultura do povo afro-brasileiro. Ele buscou compreender a sua atuação de educador na Gamboa de Baixo. Conseguiu desenvolver junto com os sujeitos-pesquisados processos educativos não-escolares presente na capoeira angola, tais como:

sentimento de pertença ao grupo e à comunidade de Gamboa de Baixo; o respeito ao saber ancestral materializado na figura do mestre; a percepção positiva de fortalecimento da identidade negra, e o princípio educativo da roda de capoeira.

Para isso, o referido estudo foi dividido em três capítulos: no primeiro, uma descrição da trajetória da capoeira no Brasil, em especial na Bahia. Ainda retrata as discussões referentes à origem da capoeira, a relação social dos capoeiristas como protagonistas de suas vidas na Bahia, como agiam e pensavam, e suas relações com a sociedade civil e o estado.

No segundo, a ênfase está na reflexão do processo educativo da capoeira, para isso a educação passa a ser compreendida no contexto dentro e fora da escola, relacionando a educação formal, informal e não-formal.

Então, a discussão recai na possibilidade da capoeira como um modelo alternativo de educação não-escolar centrada nos movimentos, musicalidade, ritmo, ritual, e na roda de capoeira, que busca na interação do eu com o outro, consigo mesmo, com o meio ambiente e com o mundo, o respeito, a solidariedade e a diversidade, desenvolvendo sentimentos de pertença e de coletividade. Tendo na ancestralidade e na circularidade características desse processo educacional que auxilia na formação do sujeito, na elevação de autoestima, da autonomia e criticidade dos capoeiristas como cidadãos e cidadãs.

No ensejo, o pesquisador traz a trajetória de vida dos mestres Bimba, Pastinha, Noronha e Maré, que se tornaram ícones da capoeira baiana; nesse capítulo, está o cerne da pesquisa, pois trata da argumentação da metodologia adotada, a pesquisa-ação. Assim, contextualiza-se a concepção de comunidade na sociedade contemporânea; em seguida, configura-se o lócus desse estudo, a comunidade de Gamboa de Baixo, a qual foi contextualizada histórica, social, política e culturalmente, e os avanços e desafios enfrentados por seus moradores até os dias atuais.

Nesse sentido, ele analisa e interpreta a relação educador-educando e experiência das aulas de capoeira, como proposta de intervenção de pesquisa-ação. O autor caracteriza a pesquisa-ação, enfatizando que os sujeitos pesquisados e o pesquisador dialogam como sujeitos históricos, e que essa abordagem metodológica prevê a ação na realidade, analisando e interpretando as informações dadas a partir de uma escuta sensível e atenta para que a intervenção sobre a realidade estudada seja feita de maneira dialógica entre a comunidade, o pesquisador e os envolvidos na pesquisa social.

O autor relata os avanços e os limites da intervenção da capoeira na comunidade. A falta de recursos para o andamento das atividades contribuiu para a diminuição da quantidade de alunos que, inicialmente, era de 40 e baixou para 25. As atividades da capoeira ocorriam na

Associação de Moradores, a qual disponibilizou seu acervo de fotos, matérias de jornais e documentos para a pesquisa. O autor destaca que a hipótese da pesquisa foi constatada no sentido que a capoeira contribui para a formação de sujeitos críticos, criativos e participativos no exercício da cidadania na família, na escola e na comunidade, reconhecendo e valorizando a matriz afro-brasileira.

A leitura reflexiva de cada uma das pesquisas proporcionou-nos indícios do que está sendo feito acerca da capoeira relacionada com a educação. As abordagens metodológicas selecionadas, a preocupação dos autores de estarem inseridos no universo pesquisado, a ética em relação aos outros sujeitos da pesquisa e com a produção de um novo conhecimento científico produzido a partir do real, dos saberes populares oriundos das experiências dos diversos grupos e vertentes de capoeira pesquisados.

Mesmo com percursos metodológicos tão diversos, as conclusões apontam a capoeira angola como vivência da cultura negra para formação de sujeitos críticos, criativos, protagonistas de suas vidas e identificados com o sentimento de pertença à família, à comunidade, aos afro-brasileiros, em uma busca por uma sociedade de justiça social, sendo pacífica e com equidade, como ficou evidenciado nos trabalhos de Teixeira (2008), que apontou o “favorecimento da elevação da autoestima, autonomia e a criticidade dos sujeitos envolvidos na capoeira”, de Simone G. Nogueira (2007), “a capoeira produz um sentimento de pertencimento étnico-racial, pois desperta a consciência negra em negros e não-negros e, assim, fortalece a identidade afro-brasileira, a saúde, os laços comunitários e o prazer do jogo”; em Scaldaferi (2009), mostrou-se “a relação social dos capoeiras como protagonistas de suas vidas, como cidadãos e cidadãs”, apontando a capoeira como uma educação para a liberdade e cultura de resistência, enfim, um sentido existencial para vida dos capoeiristas.

Em seguida, refletiremos sobre as produções acadêmicas recentes sobre capoeira, do período de 2018 a 2019. Os três trabalhos acadêmicos são sobre capoeira angola. Em especial, fazem referência ao mestre Nô. Podemos visualizar no quadro abaixo que mestre Nô foi um dos divulgadores da capoeira da Bahia para a região Nordeste e Sudeste. A tese sobre a capoeira apresentada na UFPB foi a primeira defendida na Pós-graduação de Educação desta instituição. Ela não trata diretamente sobre mestre Nô, mas faz a referência a um dos mestres formados por ele na Paraíba.

Quadro 8 - Produções Acadêmicas recentes sobre capoeira CAPES (2018-2019)				
Título	Autor	Ano	Instituição	Tipo
A arte de ensinar capoeira, na roda e na vida: pedagogia da capoeiragem de Norival Moreira de Oliveira – Mestre Nô.	Joseane Pinho Corrêa	2018	UFSC	Dissertação
Memórias Periféricas... As Narrativas de Mestre Nô: Capoeira Angola Educação e Formação Humana.	Leandro de Oliveira Acordi	2019	UFBA	Tese
Brincando na roda dos saberes: a capoeira angola e seu potencial educativo ecológico.	Djavan Antério de Lucena Santos	2018	UFPB	Tese

Fonte: Idem.

Antes de apresentar o estudo, vamos falar sobre a pesquisadora Joseane Pinheiro Corrêa, na capoeira conhecida pelo apelido Jô. Iniciou capoeira em 05 de abril de 1988 em Florianópolis com o contramestre Alemão (na época do Grupo Ajagunã de Palmares filiado à Palmares). Em 2013 recebeu cordel de contramestra de capoeira. Contramestra Jô com muita sensibilidade teceu uma teia de fios que mostra as múltiplas facetas de uma educação libertadora, guerreira e emancipatória a partir de mestre Nô. A autora Joseane Pinho Corrêa apresentou a dissertação *A arte de ensinar capoeira, na roda e na vida: pedagogia da capoeiragem de Norival Moreira de Oliveira – Mestre Nô*. Foi apresentada em 2018, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC. Esse estudo apresentou Norival Moreira de Oliveira, Mestre Nô, que foi o primeiro educador popular e mestre de capoeira a receber o título de Notório Saber na UFSC, no ano de 2016.

O objetivo desse estudo foi analisar o modo de ensino da capoeira criado por Mestre Nô. Para isso, a autora relacionou os elementos teóricos da pedagogia de Paulo Freire com o ensino, as ideias e ações da prática pedagógica da capoeira deste mestre.

A metodologia adotada pela autora foi pesquisa qualitativa. Para tal, utilizou a história oral e análise de vídeos de aulas do Mestre Nô. Tem o cunho de uma pesquisa militante, uma vez que a pesquisadora é contramestra de capoeira formada na tradição do mestre Nô, o sujeito-mestre pesquisado, fundador da Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares, estando identificada organicamente com a vida do sujeito.

Para Marcela Gajardo (1986, p. 43), “a pesquisa militante é definida como uma linha política e como uma atividade partidária. Responde à necessidade de formar quadros políticos capazes de formulação e de implementação de políticas [...] e é utilizado na elaboração de políticas educacionais”.

A autora apresenta-nos como resultados desse estudo que a capoeira é um campo de mandinga e fonte inesgotável de saberes. Ela afirmou que a capoeira, como educação popular, é um movimento político e cultural de resistência quando praticada de forma crítica pelos oprimidos para a emancipação de oprimidos e opressores. Para Freire (2015), só os oprimidos têm a capacidade de se libertar e libertar o opressor.

Ela ainda traz o papel do mestre como um educador. Um educador forjado em movimento, imerso no universo da capoeiragem. Traz as suas experiências e humaniza suas práticas e a Pedagogia da Capoeiragem, como insurgente e rebelde do lado dos oprimidos. A autora aposta na capoeira como possibilidade de que é possível revolucionar, sonhar com outros mundos possíveis, mais justos, com equidade e pacíficos, a partir da roda.

Esse estudo tem relação direta com nosso trabalho, pois parte dos ensinamentos do mestre Nô para a compreensão da capoeira angola à luz da pedagogia de Paulo Freire para a definição da capoeira como uma educação popular que se caracteriza como prática dos oprimidos, um movimento político e de cultura de resistência em uma perspectiva de emancipação e transformação social. Uma tradição de capoeira presente nas periferias de nosso país e que se reinventa todos os dias através dos mestres formados nesta tradição, como no bairro do Roger, em João Pessoa, com o mestre Dário e por mim contramestra Malu; que contribui para o protagonismo infanto-juvenil e o empoderamento dos capoeiristas presentes nessa roda de capoeira, que humaniza e alimenta a chama da revolução, da utopia, de uma sociedade com equidade, justiça social e pacífica, onde as diversidades sejam respeitadas e os direitos garantidos para todos os brasileiros e brasileiras. Tivemos a possibilidade de conhecer a contramestra Jô em 2001, no Encontro Internacional de Capoeira Angola Palmares, em Salvador, Bahia.

Outro trabalho recente é a tese *Memórias Periféricas... As Narrativas de Mestre Nô: Capoeira Angola Educação e Formação Humana*, de autoria de Leandro de Oliveira Acordi, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA, em 2019.

Esse estudo visou registrar e compreender saberes da Capoeira Angola, a partir das narrativas e acervo de Norival Moreira de Oliveira, Mestre Nô. A metodologia adotada orientou-se pela teoria da História oral, temática que, para Delgado (2006), apresenta novas hipóteses sobre processos já conhecidos e o registro de visões de testemunhas da história, nem

sempre considerados pela denominada história oficial; além das contribuições de Benjamin (2000, 1985).

O autor apresenta os seguintes resultados: o contexto de aprendizado do Mestre e suas sínteses criativas na atualização dos saberes da Capoeira e o registro de experiências angoleiras. Esse estudo trouxe a compreensão da Capoeira como prática da cultura de rua afro-brasileira que transita entre a periferia e o centro, o local e o global, e orienta para a vida em uma relação com o presente e o passado. Para o autor, os saberes da tradição possuem sentido prático nas necessidades atuais. O autor também é contramestre formado na tradição da Palmares de mestre Nô.

Esse trabalho apresenta a prática de ensino-aprendizagem de mestre Nô como uma prática de capoeira angola que humaniza e que tem no mestre o educador que atualiza no presente os saberes do passado para a geração atual e futura de capoeirista; uma tradição da cultura de rua afro-brasileira, de cultura ancestral e de resistência dos oprimidos.

Os dois trabalhos apontam o caminho que os capoeiristas dessa tradição de capoeira angola estão fazendo ao conectar os saberes populares da capoeira aos saberes acadêmicos em uma relação dialógica de protagonismo e empoderamento coletivo. Tal caminho inclui o anunciar e o denunciar das situações de opressão dos afrodescendentes sofridas no percurso da construção desse país. Conforme Marcela Gajardo (1986, p.44), pressupõe também a necessidade de “desenvolver práticas de pesquisa que incorporem os grupos excluídos da esfera de decisão à produção e comunicação de conhecimentos, como as ações que disso possam derivar”. Podemos dizer que existe uma busca dos/as capoeiristas da Associação Palmares em efetiva uma relação do saber-fazer capoeirístico com à reflexão-ação da realidade a fim de elaborar conhecimentos de provocação de transformação social.

Outro estudo recente foi a tese intitulada *Brincando na roda dos saberes: a capoeira angola e seu potencial educativo ecológico*, do autor Djavan Antério de Lucena Santos, apresentada no Programa de Pós-graduação de Educação da UFPB, em 2018. Esse estudo foi realizado sob um viés fenomenológico, do qual emergiu o lúdico baseado no conceito do viver criativo, mais pleno e integrado ao fluxo da vida. O autor levou em conta a experiência de campo e a fruição dialética dada na prática com teoria. As reflexões recaem no processo de aprendizagem.

O autor realizou uma pesquisa no modelo de extensão universitária e contou com a parceria de escolas públicas na cidade de João Pessoa. Realizou, ainda, o projeto de intervenção, intitulado *Brincando Capoeira*, que atendeu cerca de 120 crianças em processo de formação

institucional básica e que foi alicerçado na ideia inicial de que a capoeira angola guarda em si mesma uma potência cultural educativa ecológica.

Como resultado, o autor elaborou um conceito ecológico do Jogo da Capoeira Angola, o qual foi apresentado como tese e proposição pedagógico-didática. Nesse estudo, os dados icônico-imagéticos, os registros fotográficos das situações de aula junto às crianças, delinearam as impressões interpretativas das situações lúdicas feitas a partir da memória afetiva resultante das experiências e experimentações vivenciadas.

No estudo, o autor traz a centralidade para a capoeira angola como uma manifestação da cultura afro-brasileira que fortalece os laços comunitários, através da autonomia e da emancipação do sujeito. Apesar do lócus dessa pesquisa ser no espaço escolar, o trabalho aponta também o potencial da capoeira angola para o protagonismo das crianças atendidas pelo Projeto Brincando Capoeira. Esse trabalho também faz referência ao Mestre Nô, que foi responsável pela formatura dos primeiros mestres do estado da Paraíba, Mestre Sabiá, senhor Marcos Antônio Batista, e Mestre Naldinho, senhor Inaldo Lima.

Essas produções mais recentes da temática da capoeira focalizam a capoeira angola sob a perspectiva de cultura popular afro-brasileira, dialogando com a pedagogia Freiriana e enfatizando os aspectos da resistência, autonomia e emancipação humana, os quais fortalecem os laços comunitários e de identidade afro-brasileira do sujeito em uma relação consigo, com o outro, com o mundo e no mundo.

Buscamos elencar alguns trabalhos acadêmicos que, acreditamos, ampliou a nossa reflexão sobre a capoeira e a educação popular. Buscamos compreender a origem da capoeira, os estilos de capoeira, os mestres, as academias e a tradição da capoeira baiana. Para isso, fizemos a releitura do livro *Capoeira Angola: Ensaio Sócio Etnográfico*, de Waldeloir Rego, pois, a linhagem do mestre pesquisado é a da capoeira baiana.

Outra referência, o livro *Capoeiro e Educação Pós-Colonial: Ancestralidade, Cosmovisão e Pedagogia Freiriana*, de Ernesto Jacob e Carlos José Silva (2012), discute a educação na relação entre a pedagogia Freiriana e a capoeira, buscando compreender como a capoeira torna-se um instrumento de educação libertadora, dentro de sociedade capitalista, para os afro-brasileiros.

3.2 O QUE É EDUCAÇÃO

Para Brandão (1983), a educação é o processo pelo qual o ser humano aprende a se relacionar consigo, com os outros e com o mundo. Ou seja, nos diversos espaços e o tempo

todo, a exemplo da casa, da rua, no trabalho, da igreja, assim o sujeito humano se constrói. Conforme o autor (1983, p. 7), “para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações”.

Seguindo o pensamento de Brandão de que não existe apenas uma educação, podemos trazer para ilustrar outras possibilidades de educação para além da instituição escola, o *rap*. O *rap* que tem ocupado uma ação educativa nas periferias. Segundo o *rapper* Dexter Oitavo Anjo⁴², “nosso trabalho, metaforicamente falando, é um lixo tóxico. Ele educa as pessoas, e quando você trabalha com educação no nosso país, tudo é mais difícil. Tanto para o professor quanto para o *rap*. A arte no Brasil também é difícil (...)”. O que podemos perceber na fala do *rapper* Dexter é que ele compreende o *rap* como instrumento de educação para os moradores da periferia e reflete as dificuldades da educação ao comparar o papel do *rapper* com o do professor. Ele ainda relaciona o *rap* com uma proposta de educação revolucionária através da palavra ao afirmar que “o *rap* veio pra educar”.

Assim como esse exemplo, a capoeira também reflete a realidade da periferia e dos afro-brasileiros como possibilidades de educação para crianças, adolescentes e jovens do nosso país. De acordo com Brandão (1983, p. 7), “ninguém escapa da educação. [...] Acharmos que temos alguma coisa a dizer sobre a educação que nos invade a vida”. Uma das coisas que mais ouvimos falar hoje é a educação como um direito de todos, garantido na Constituição Federal Brasileira (CF)⁴³ de 1988. O artigo 205 reza que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A partir da CF (1988), a educação tornou-se obrigatória para todos e deve ser ofertada pelo Estado como pública e gratuita. E a família tem a obrigação de matricular seus filhos⁴⁴ (crianças e adolescentes) na rede regular de ensino. A escola tornou-se o espaço-tempo para adquirir os conhecimentos, de formação para cidadania e para o mundo do trabalho de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. A escola tomou no imaginário das pessoas o sinônimo

⁴²Entrevista do rapper Dexter Anjo Oitavo na Rádio Comunitária Butantã-SP, dia 24/04/2017. Disponível em: <<http://vaidape.com.br/2017/06/dexter-defende-revolucao-atraves-da-palavra-o-rap-veio-pra-educar/>>. Acesso em 27 out. 2019.

⁴³Constituição Federal (1988). Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 25 fev. 2020.

⁴⁴Estatuto da Criança e do Adolescente. Art.55 Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 25 fev. 2020.

de educação. Mas, a educação está em todos os mundos sociais, e podemos compreender educação de acordo com Brandão (1983):

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos (BRANDÃO, 1983, p. 10).

Conforme Brandão (1983), a educação existe em todos os lugares, nas diversas épocas e possibilita o sujeito se humanizar. Mas ela também pode ser usada para dominação de um grupo humano sobre o outro. No Brasil, a relação de desigualdades sociais existente entre brancos, negros e índios e como isso está refletido na escola brasileira. Como pensar na escola enquanto instituição que educa brasileiros e brasileiras sem refletir uma educação para as relações etnicorraciais, quer dizer, sem levar em consideração no currículo, além da matriz europeia, as matrizes afro e indígena na formação do povo brasileiro?

Existe a Lei 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96⁴⁵, que tornou obrigatório o ensino da história, da cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Possibilitou a abertura da escola para conhecer e refletir as contribuições dos negros na dimensão social, econômica, política e cultural do povo brasileiro, pois passou a ser ofertada aos alunos do Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Médio, a partir das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Etnicorraciais (2004).

Conforme Brandão (1983), a “educação pode ser usada como um recurso a mais de dominação”, como é possível verificar até hoje com as desigualdades sociais entre negros e brancos a persistirem com o passar dos anos em nosso país. O que houve foi uma reivindicação do Movimento Social Negro para a inclusão da temática negra no currículo escolar brasileiro. Assim, com a efetivação da Lei 10.639/2003, oportunizou-se na formação docente a reflexão sobre as contribuições dos afro-brasileiros e a reflexão da nossa própria identidade de docente. A quem estamos servindo? Brandão (1983, p. 12), referindo-se ao educador, nos diz:

Pensando às vezes que age por si próprio, livre e em nome de todos, o educador imagina que serve ao saber e a quem ensina mais, na verdade, ele pode estar servindo

⁴⁵ LDB 9394/96: reza que no Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 25 fev.2020.

a quem o constituiu professor, a fim de usá-lo, e ao seu trabalho, para os escusos que ocultam também na educação [...] interesses políticos impostos sobre ela e, através de seu exercício, à sociedade que habita. (BRANDÃO, 1983, p. 12).

Assim, sempre há o risco à espreita, como o censor que monitora a aula por atrás da porta⁴⁶, de colaboração consensual do professor, não por seu arbítrio, vontade subjetiva, mas, pela estrutura mesma na qual ele se insere, sua posição e respectiva função na divisão do trabalho social: o professor acaba operando espontaneamente, ele mesmo, a censura que visa combater. A reflexividade apresenta-se, então, como ferramenta central que depura o discurso e as práticas mais impensadas para suspender os efeitos da dominação insensível, invisível, mas por isso mesmo bastante efetiva.

3.3 EDUCAÇÃO POPULAR

Segundo Brandão (1986), surge na década de 1960, no Brasil, a educação popular no interior dos grupos e movimentos da sociedade civil. O autor enfatiza que Paulo Freire já desenhava o modelo de educação popular como uma forma de “prática cultural para a liberdade” contra a educação que deveria transformar todo o sistema e toda a lógica da educação tradicional.

A educação popular começa com os trabalhos de alfabetização, mas amplia para um movimento revolucionário de educadores que surgia contra a educação institucionalizada e constituída oficialmente, seja como sistema escolar seriado, seja como educação não-formal de adultos (BRANDÃO, 1986, p. 69).

Quer dizer, fica claro para Brandão (1986) que o surgimento da educação popular trouxe à tona o ato de ensinar e aprender como uma prática pedagógica que tem uma intencionalidade de pensar a educação como um ato político. A educação popular ficou popularmente conhecida como a educação de adultos, mas ela amplia-se para ser utilizada pelos grupos e movimentos sociais. Para Marcela Gajardo,

A educação de adultos tornou-se educação popular e, apesar da disparidade de critérios e diversidade de enfoques no que diz respeito à educação dos setores populares. [...] O popular não é unicamente sinônimo de pobreza, de marginalidade, mas também de alusão a grupos e movimentos sociais que compartilham um domínio social e econômico (GAJARDO, 1986, p. 14).

A autora esclarece que a educação popular está ligada a uma concepção de educação produzida com o povo, com os grupos comunitários e de cultura, os movimentos sociais que lutam pela transformação social e econômica das classes menos favorecidas da sociedade. Uma

⁴⁶ Prática que retomou sua força (depois de se ter acreditado que definharia nas memórias da ditadura militar), no atual Estado democrático brasileiro, como podemos ver no PL 867/2015, conhecido como “Programa Escola sem Partido”, que mesmo sem ter sido promulgado já está a surtir efeitos nocivos na realidade escolar.

educação que possibilite ao indivíduo se perceber como sujeito coletivo, histórico e agente da transformação social.

3.3.1 Educação Popular e Capoeira

Partimos do pressuposto de que nossa pesquisa se tornou um espaço-tempo de encontro-desencontros da educação popular e da capoeira, uma vez que, a partir da ação-reflexão-ação de seus participantes, entendemos como a prática cotidiana da capoeira se materializou a partir das falas dos/as entrevistados/as e percebemos os modos de sentir, pensar e fazer imbricados no mundo e com o mundo deles. Afinal, como indaga Brandão (1986, p. 7), que “outra é a matéria do educador senão a palavra?”. Nós só acrescentaríamos, que a palavra sempre se faz corpo.

Compreendemos a educação popular, como diz Melo Neto (2015, p. 74), como “educação orientada ao contexto popular que, em seu sentido amplo, caracteriza o povo que a ele se origina e a ele pertence. Povo que representa as camadas mais baixas, economicamente, da sociedade”. Para Freire (2015), os oprimidos.

E tomamos a capoeira, segundo o Dossiê do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN 12, 2014, p. 19), “como uma manifestação cultural caracterizada por suas múltiplas dimensões, é ao mesmo tempo, dança, luta e jogo”. Na linguagem dos capoeiristas, a “capoeira é tudo que a boca come”, dizia mestre Pastinha.

Compreendemos que no percurso da capoeira houve perseguições constantes aos seus praticantes e a sua prática, sendo criminalizada no Código Penal Brasileiro de 1890. Mas a partir de 1937, a capoeira tomou outro rumo, sua prática foi liberada como *A Luta regional baiana*, denominação inicial (pois popularmente ficou conhecida simplesmente como *capoeira regional*) e oficial de um novo estilo de capoeira que se criou nos idos da segunda década do século XX, por Manuel dos Reis Machado, conhecido no universo da capoeira como mestre Bimba. Depois de 1972, o prestígio da capoeira como manifestação desportiva, resultado dos empreendimentos do General Jair Jordão Ramos⁴⁷ que também ligou a capoeira aos currículos de treinamento militares e ajudou a disseminar sua prática no Brasil e no mundo. Quer dizer, entre conflitos e negociações a capoeira teve em 2008, seu reconhecimento como Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira. E como a presença da capoeira em mais de 150 países, em 2014,

⁴⁷ “No final do parecer, datado de 25 de julho de 1972, o General Jair Jordão Ramos, assinala ser a favor de que a capoeira seja considerada um desporto e que as providências cabíveis de regras, estatuto, regulamento e divulgação ficassem a cargo da Confederação Brasileira de Pugilismo” (CAMPOS, 2009, p. 284).

houve o reconhecimento como Patrimônio Cultural da Humanidade. Dessa maneira, fica claro na trajetória da capoeira aspectos de negociações e resistência como afirma Luce:

Como resposta à política de controle das elites brancas brasileiras, os agentes dessa manifestação cultural afro-brasileira inventam novas tradições na cultura negociando com as frestas que o sistema apresentava, baseando também sua própria recolocação social. Essa é a marca principal da Capoeira que reflete as próprias relações raciais ao longo da história do Brasil” (LUCE, 2012, p. 37).

Percebemos, tanto na capoeira como na educação popular, elementos de resistência e autonomia diante do sistema vigente. Conforme Freire (1967, p. 97), “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Neste sentido, em uma roda de capoeira, pode ser dimensionada a tematização (a palavra geradora), a problematização e o diálogo sobre diversidade cultural. Tornando-se uma ponte possível entre a proposta de círculos de cultura colocados por Paulo Freire e as rodas de capoeira orientadas por mestres e mestras. Entendendo que o mestre, conforme Abib (2017, p. 97), “é aquele que permite que os saberes transmitidos pelos antepassados vivam e sejam dignificados na memória coletiva. A oralidade, pela qual o mestre comunica a sabedoria ancestral ao grupo”. O mestre é uma referência para nossas aprendizagens sociais.

O mestre representa uma linhagem, um modo de ensinar e aprender capoeira através do tempo e do espaço, atualizado no aqui e agora da roda. Um exemplo de humildade, sabedoria, força e inteligência. Os ancestrais da capoeira são trazidos a cada roda para nossa aprendizagem através das músicas e dos “contos” pelos nossos mestres. A ancestralidade é um dos princípios fundamentais do processo de ensino-aprendizagem da capoeira angola. Conforme Abib (2017, p.187)

O culto aos antepassados que se manifesta na capoeira angola, influência direta da concepção banto de tempo, se nota com muita ênfase através dos cantos e ladainhas[...]em que os ancestrais da capoeira são sempre lembrados, e mesmo através da forma que esses antepassados são referenciados, seja no discurso dos mestres e alunos, seja na presença de fotografia, imagens e pinturas desses antepassados presentes de forma solene nas paredes dos locais onde acontecem as aulas e rodas de capoeira angola (ABIB, 2017, p.187)

Para o autor, a ancestralidade na capoeira angola fica visível no cotidiano dos grupos, na escolha dos cantos e ladainhas que irão contar histórias de mestres da linhagem da tradição ao qual pertence o mestre do grupo. Também nos espaços para aulas e eventos os quais terão fotos e pinturas referenciando os antepassados de determinada linhagem. Podemos perceber que isso é uma estratégia de grupos de capoeira angola para o fortalecimento de sentimento de

pertença e empoderamentos à tradição herdada e de comunicação e manutenção dela para futuras gerações. Isto é, a ancestralidade torna-se uma qualidade essencial nas manifestações da cultura popular.

Segundo os autores Freire e Brandão, nas décadas de 1960 e 1970, o movimento de cultura popular foi responsável pela força da educação popular. Conforme Brandão (2002) é necessário perceber os novos movimentos sociais, para isso o autor chama a atenção para os novos movimentos sociais citando Stuart Hall (2009) e enfatizando “o apelo identitário igualmente intenso e não, raro, definidor do eixo de autoimagens antecedentes. É bem o caso do negro que assume uma dimensão entusiasmadamente militante dada a partir de um novo momento do seu 'ser negro' após o ingresso em um movimento negro.” (BRANDÃO, 2002, p. 233).

Um desses movimentos negros hoje são os grupos de capoeira angola. Vertente de capoeira mais identificada com o movimento negro, com a cultura afro-brasileira e consequentemente com o combate ao racismo, principalmente, a partir da década de 1980, no Brasil.

No percurso da capoeira, ela transpôs as barreiras de classe e de raça, fortalecendo a ideia da coletividade. “As irmandades”, “as maltas de capoeiras no Rio de Janeiro⁴⁸”, na contemporaneidade, dão sentimento de pertença a determinados mestres e grupos em alguns contextos de grupos institucionalizados juridicamente. Percebemos que o capoeirista vive a comunidade no sentido citado por Abib (2017, p. 211): “na capoeira, podemos perceber o forte sentido que tem o termo comunidade, embora esse termo não se refira a um espaço geográfico localizado, o sentido de pertencimento a um grupo de capoeira reúne todos os elementos que constituem as características de uma comunidade”. Conforme o autor, um grupo de capoeira pode realizar atividades em diversos lugares, todavia, seus membros desenvolvem um sentimento de irmandade entre si e de pertença à linhagem do grupo do qual participa.

A roda de capoeira, o jogo, os cânticos, os toques, os movimentos, o confronto, a malícia, a destreza; daí, o corpo é respeitado e valorizado como elemento necessário para se ensinar-aprender a viver; o eu e o outro fazem parte de um todo, da roda de capoeira e da vida; e apenas em um encontro/desencontro com o outro, ele percebe a si mesmo, o outro e o mundo. E, a cada situação do jogo (situação problema) de capoeira, se ganha ou se perde, e, assim, vai se adquirindo conhecimentos para o próximo jogo, para a próxima situação de vida. Afinal, o fenômeno capoeira como possibilidade de transformações da sociedade contemporânea, saindo

⁴⁸Ver SOARES, Carlos E. L. A negregada instituição: os capoeiras na corte imperial. Rio de Janeiro: Access Editora, 1999.

da visão apenas do branco que colonizou para a visão também do “oprimido”, o qual faz parte desta coletividade.

Segundo Gilroy (2001), as manifestações culturais dos afrodescendentes, como o samba, a capoeira e mesmo suas religiões, assumem o papel de política de transfiguração⁴⁹, ou seja, formas de construção de identidades que se organizam a partir de sentimentos comuns expressos em suas produções culturais. Estas práticas sócio-históricas emergem como recurso de parcelas da população que se viu cerceada em outros setores (econômico, político, social, cultural etc.).

A capoeira, enquanto prática de transfiguração, carrega na sua estética a continuidade de processos identitários, que, transfigurados na dança, na música, no jogo, nos aparatos musicais, nas suas lendas e mitos, reproduz a luta de um povo para continuar existindo material e espiritualmente. Mas a política de transfiguração também se encontra com a política de transformação. Esta que se faz de forma consciente e utilizando-se dos mecanismos reivindicatórios e de poder (no campo da Educação, a didática e todos os componentes do currículo explícito, fazem parte de uma política de transformação).

A capoeira, portanto, situa-se no cruzamento dessas duas políticas. É neste sentido que buscamos refletir: no seu aspecto de transfiguração (no sentido empregado por Gilroy), qual a educação popular na prática de ensino e da aprendizagem na capoeira, praticada em um grupo de bairro popular, na contemporaneidade, pode desempenhar – como experiência de aprendizagem – para crianças e adolescentes que vivem em um meio considerado área de vulnerabilidade social?

Trazemos a dimensão de Vulnerabilidade social conforme Miriam Abramovay (2002) traz “a vulnerabilidade positiva”, isto é, quando as vulnerabilidades vividas trazem a semente positiva de “um poder simbólico de subversão”. A autora ancora essa discussão nos estudos de Bourdieu (2001, p. 15).

Também nos apresenta o conceito de vulnerabilidade da perspectiva de Vignoli e Filgueira (2001) e Filgueira (2001)

A vulnerabilidade social é tratada aqui como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em

⁴⁹ O autor apresenta-nos um posicionamento crítico sob a condição negra saindo dos relativismos e essencialismos referentes à raça, compreende o termo raça como uma construção social e histórica. Ver GILROY, Paul. O Atlântico Negro. São Paulo: Editora 34 Ltda. 2001. Para o autor “os negros percebidos como agentes, como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma história intelectual – atributos negados pelo racismo moderno” (GILROY, 2001, p. 40).

debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores (apud ABRAMOVAY, 2002, p.13)

Nesta perspectiva de compreender vulnerabilidade social na relação entre o negativo e o positivo nos permite compreender que as crianças, os adolescentes e os jovens, moradores da periferia vivem um contexto histórico de desigualdades sociais (negativo, isto é, estão ausentes das várias esferas: econômica, social, cultural, lazer, educação e político), o qual também possibilitou o “agir”, o “criar” “processos de aprendizagens criativas pelo vivido que gerou as várias formas de luta e de resistência aos riscos e obstáculos do cotidiano (positivo, isto é, a escola de samba, a capoeira, o maculelê).

No *Diccionario Paulo Freire* (2015), o tema gerador cultura está enraizado na própria cultura nordestina do autor, no seu nascedouro, na sua experiência pedagógica e político-cultural. Ele afirma que fazer cultura é assumir uma postura crítica diante das desigualdades sociais existentes. Mergulhados na realidade com o povo, criou junto as estratégias de transformação da realidade, percebendo-se dentro das lutas por justiça e direitos sociais, em uma visão totalitária do ser humano, em sua vocação de ser mais, capaz de pronunciar a sua própria palavra. Segundo Cecília Irene Osowski (2015), para Freire,

Cultura es el eje en torno al cual instituyó los Círculos de Cultura, lugar donde una educación liberadora mezclada con una cultura popular, se encontraban como “acción cultural para la libertad”, inclusive título de una de sus obras (1979) *Viviendo “la cultura como adquisición sistemática de la experiencia humana”* (FREIRE, 1980, p. 109), todos, letrados o iletrados, son hacedores de cultura, crean y recrean condiciones que los convierte en sujetos críticos, respondiendo a la curiosidad epistemológica a través de la reflexión-acción-reflexión. Es así como la vida va siendo creada y recreada por hombres y mujeres que aceptan y responden a los desafíos, alterando y dominando continuamente la naturaleza, dinamizando y humanizando su realidad. En fin, “acrecentando algo a ella, de lo que él mismo es realizador. Va temporalizando los espacios geográficos. Hace cultura” (OSOWSKI, 2015, p.43).

Assim, trouxemos também à tona o conceito de cultura de Freire, no Livro *A importância do Ato de Ler* (1989), pois nos sentimos motivados a seguir no percurso de nossos desafios investigativos da capoeira na perspectiva da Educação Popular. No ensejo que Freire (1989) conceitua cultura:

Todos os Povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam. A dança do Povo é cultura. A música do Povo é cultura, como cultura é também a forma como o Povo cultiva a terra. Cultura é também a maneira que o Povo tem de andar, de sorrir, de falar, de cantar, enquanto trabalha. O calulu é cultura como a maneira de fazer o calulu é cultura, como cultural é o gosto das comidas. Cultura são os instrumentos que o Povo usa para produzir. Cultura é a forma como o Povo entende e expressa o seu mundo e como o Povo se compreende nas suas relações com o seu mundo. Cultura é o tambor que soa pela noite

adentro. Cultura é o ritmo do tambor. Cultura é o gingar dos corpos do Povo ao ritmo dos tambores (FREIRE, 1989, p. 42).

Desse modo, também compreendemos o conceito de cultura, como o saber e o fazer do dos sujeitos no mundo e com o mundo. É o gingar na roda de capoeira e na vida que possibilita o vai e vem do corpo, o qual ora cria defesas e ataques ora brinca, disfarçando a “mansidão” dos movimentos diante do opressor para continuar existindo e resistindo.

Brandão (2015, p. 136) no *Diccionario Paulo Freire* (2015) define a cultura popular. Conceituando que a cultura popular assume aspectos de reivindicação dos movimentos sociais organizados, tomando para si uma dimensão educativa. Educação como ação educativa de ação-reflexão do povo, com o povo e para o povo. Assim,

Por lo tanto, la Cultura Popular es comprendida como la práctica de una relación de compromisos entre movimientos de cultura popular y movimientos populares a través de la cultura. Se define como el proyecto de realización colectiva de esa práctica, a través de aquello que debe ser construido en y como la dimensión propiamente educativa de la Cultura Popular (BRANDÃO; STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2015, p.136)

Para Freire, a cultura popular precisa ser compreendida como uma prática relacional entre os movimentos de cultura popular e os movimentos populares. Ele compreende que a educação popular precisa ser dimensionada a partir da cultura popular. Aqui, estamos entendendo a capoeira como uma prática da cultura popular.

A capoeira como cultura popular, conforme Nestor Capoeira (1998, p. 165), onde relaciona o jogo da capoeira como popular. “Na capoeira aprendemos a “rasteira” que significa a vitória do saber sobre a violência; da malícia sobre a força. É a arma do fraco contra o forte; do oprimido contra o opressor”. É a luta disfarçada em dança, que finge que vai, mas não vai, e se faz de fraco, para dar o golpe certo, com astúcia e esperteza.

De tal maneira, suscitamos o pensar sobre qual educação brasileira desejamos para todos nós brasileiros/as e qual nós temos. Importa repensarmos a escola a partir da ótica dos silenciados da história, dos negros e dos índios. Como disse Gilberto Freyre (2003) os negros deram cor à cultura brasileira. Importa respeitarmos seus saberes e fazeres, entre eles a capoeira, manifestação afro-brasileira, reconhecida como Patrimônio Imaterial Cultural Brasileiro, em 2008 (BRASIL, 2014, p. 110) e Patrimônio da Humanidade, em 2014.

Segundo Freire (1979, p. 27), “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”. Daí, partimos da compreensão de que somos parte desta reflexão, por isso narramos de forma sucinta nossa relação de aproximação e

distanciamento com a nossa trajetória de educando e de capoeira, ora capoeirista, ora estudante-pesquisadora, ora a síntese de tudo isso. Ainda no pensamento de Freire (1979),

a “educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. (FREIRE, 1979, p. 27-28).

Freire (1979) mostra-nos o homem como ponto de partida de sua própria educação. Tomando consciência do seu inacabamento, o homem compreende que é um ser relacional e está tornando-se homem aprendendo-ensinando o tempo todo no mundo e com o mundo.

Partindo da ideia do homem como sujeito coletivo, e não de um ser individualista, podemos nos arriscar, a partir de Freire (2005, p. 19), a entender também “a educação popular como esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação técnica e científica”. O autor nos fala da necessidade de relacionar o conhecimento teórico ao conhecimento prático da realidade, pois, dessa maneira produziremos o conhecimento científico que tem compromisso com a transformação social. Talvez, devemos perguntar como se deu o processo educacional brasileiro, mas não apenas na ótica do colonizador português, e sim na ótica dos índios e dos negros, os quais, juntos, foram e são formadores do povo brasileiro, todavia, continuaram, no decorrer do tempo, à margem.

A história oficial apresentou-nos um Brasil que foi “descoberto” em 1500 por Pedro Álvares Cabral. Segundo Saviani (2008), com este evento, o Brasil entra para a história da chamada “civilização ocidental e cristã em 1500, com a chegada dos portugueses”. Assim, o Brasil torna-se Colônia portuguesa. Para Saviani (2008, p. 123), “as escolas, os colégios e os seminários foram instituídos no território brasileiro com o intuito de doutrinação cristã”. O autor explica isso da seguinte forma:

O processo de colonização, de forma articulada, mas não homogênea ou harmônica, antes dialeticamente[...] ou seja, a posse e exploração da terra subjugando os seus habitantes (os índios); a educação enquanto aculturação, isto é, a inculcação nos colonizados das práticas, técnicas, símbolos e valores próprios dos colonizadores; e a catequese entendida como a difusão e conversão dos colonizados à religião dos colonizadores (SAVIANI; STEPHANOU; BASTOS, 2008, p. 123).

Daí, entendemos que a formação do povo brasileiro se deu de modo que o colonizador português se sobrepôs através da força física, mas também no processo de aculturação dos índios e dos negros africanos trazidos sob a condição de escravizados no período colonial brasileiro.

Para Jorge Couto (1995), a partir de 1550, a mão-de-obra indígena foi sendo substituída gradualmente pela africana nos engenhos e fazendas de cultivo de cana-de-açúcar. Couto (1995, p. 308) ainda esclarece que, na estrutura social da época, “os escravos encontravam-se, naturalmente, nos últimos graus da escala social, todavia afirma que não era uma estrutura estanque, [...] podendo chegarem a ingressar no grupo dos senhores de engenho”. Infelizmente, apesar de o autor colocar uma possibilidade de mobilidade social dos negros, ainda hoje, a maioria dos descendentes afro-brasileiros ocupam os lugares mais baixos das escalas sociais, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo Bastide e Fernandes (1959, p. 104), “nas relações sociais entre o escravo e o senhor ou familiares e dependentes brancos, o escravo era visto numa relação de objeto e dono”. Os autores relatam que os africanos, sob a condição de escravizados, reagiam ao regime de servidão com rebeliões, fugas e ataques aos senhores. Ainda acrescentam que qualquer “uma pessoa de cor podia ser tratada como escravo”. Conforme os autores Bastide e Fernandes (1959, p. 82), “a cor foi, portanto, selecionada com a marca racial que serviria para identificar socialmente os negros e os mestiços”.

Partindo desta compreensão sobre o processo de formação social do Brasil, temos indícios das ideias que influenciaram o período Colonial Brasileiro. No entanto, Saviani (2008) deixa bem claro que o viés religioso continuou influenciando a educação brasileira, e que isso só mudou a partir do século XIX, após a independência. Houve uma penetração dos ideais do Iluminismo Francês na organização escolar brasileira, que acarretou o distanciamento da doutrinação cristã.

Florestan Fernandes (1966, p. 174) apresenta-nos uma análise da educação na sociedade Tupinambá. Essa “tinha por base assimilar o indivíduo à ordem social tribal (ou a “Nós Coletivos”) nos limites em que isso se torna possível sem destruir o equilíbrio psicobiológico da pessoa, unidade e fundamento dinâmico da vida em sociedade”. Percebemos essa visão de mundo, na qual a pessoa humana é parte da vida espiritual, mental de um todo social primado pelos indígenas e pelos africanos que cultuam os elementos da natureza como divindades, que foram silenciadas em detrimento das religiões cristãs.

Dentro da educação brasileira, foi negada a história contada na perspectiva do negro e do indígena como partes fundantes da vida nacional. Segundo Paulo Freire (1989, p. 42), “os colonialistas diziam que somente eles tinham cultura”. Então, faz-se necessário o exercício diário de descolonizar esse ideal das nossas mentes, a fim de que o jeito e a cultura do negro e do indígena possam ser reconhecidos e valorizados, para que muitos educandos e educadores possam conhecer e reconhecer a história da sociedade Tupinambá, por exemplo.

No ensejo de pensarmos a educação brasileira, faz-se necessário refletir o país em que vivemos, com sua formação histórica e a marca da presença africana dos nossos ancestrais em todos os aspectos da vida social, na forma de pensar, sentir, agir e de celebrar da população brasileira.

Tomamos a organização escolar como instituição também responsável pelo desenvolvimento humano, mas compreendemos que a escola brasileira que ainda temos hoje é herdeira do Iluminismo Francês. Quer dizer, uma escola que tem como fundante o pensamento liberal: o individualismo, a propriedade, a igualdade e a liberdade. Uma parte da preponderante da população brasileira frequentou e frequenta essa escola.

Infelizmente, o que estamos vendo no cenário brasileiro é um sistema social opressor marcado pelas desigualdades desde a abolição perversa de 1888, que não garantiu a cidadania plena aos afrodescendentes. E o que temos até hoje são o preconceito e a discriminação por marca. É o fenótipo (a cor da pele, a textura do cabelo, o nariz), como Florestan Fernandes e Roger Bastide já discutiam ao estudar Brancos e Negros em São Paulo (1959, p. 82).

A capoeira conseguiu trilhar as brechas tanto nas fronteiras geográficas como nas barreiras das classes sociais. Em qualquer parte do mundo, pode-se encontrar uma roda de capoeira nos terreiros das periferias e nas academias dos grandes *Shoppings Centers*. Os autores Sader e Paoli (2004) chamam-nos a atenção para perceber

Que “o “social” não é mais estrutura, mas o cotidiano. Os trabalhadores não são mais personificações desta estrutura, nem apenas objetos da exploração do capital, nem apenas produtos das instituições políticas [...]. São sujeitos que elaboram e produzem representações próprias de si mesmos: como trabalhadores ou favelados ou mulheres ou operárias ou tudo isso, dependendo do movimento de vida coletiva na qual constroem sua experiência. (SADER; PAOLI, 1986, p. 62).

Ainda conforme os autores, a “vida coletiva na qual constroem sua experiência” vai dando significado e sentido às suas vidas. Ora, o sujeito está no grupo de capoeira, mas ele também pode morar na favela, e ele assume um desses lados de acordo com os laços afetivos e os sentimentos de pertença à determinado grupo, à determinada experiência.

Voltando à sociedade Tupinambá, estudada por Florestan Fernandes (1966), o processo educativo desta se baseia no valor da tradição. Um saber puro, capaz de orientar as ações e as decisões do homem, que tinha um caráter adaptativo dinâmico; o valor da ação e o valor do exemplo, que seria “o aprender fazendo”. Princípios também presentes na cultura afro-brasileira, inclusive na capoeira, nosso objeto de pesquisa. Esse aprender fazendo tão caro para os capoeiristas. Na relação entre mestre-aluno e aluno-aluno todos vão aprendendo-ensinando

no jogo, na capoeira. O mestre que ensina pegando na mão trazendo as aprendizagens do passado para as lições do presente para as novas gerações de capoeiristas.

A partir da experiência do Grupo de Capoeira Angola Palmares, do Roger, o qual tem uma visão de educação centrada nos fundamentos, ritual e tradição da capoeira angola comunicados para as gerações mais novas pelo mestre, percebemos que a educação é uma prática social que, historicamente, foi negada na perspectiva dos “vencidos”, das minorias, dos negros.

A aprendizagem da capoeira dá-se na relação do eu consigo mesmo, com o outro, com o mundo. Assim, o eu também é o eu-coletivo, no qual vão se construindo identidades a partir do processo de educação que ocorre durante toda vida e em vários lugares, inclusive na vivência do grupo de capoeira. Através da própria concepção do jogo da capoeira, joga-se com o outro, e não contra o outro. Dependendo da situação vivida, assume aspectos de luta. Isso lembra-nos que a “capoeira é uma manifestação cultural que se caracteriza por suas múltiplas dimensões, é ao mesmo tempo dança, luta e jogo” (BRASIL, 2014, p. 19).

Daí, alguns estudos acadêmicos que já apontam a capoeira como uma possibilidade de educação a partir da perspectiva do afro-brasileiro, lembrando Freire:

Que o profissional da educação reflete sobre sua realidade, que se transforma rapidamente, e da qual resulta sua inserção nela. Inserção esta que, sendo crítica, é compromisso verdadeiro. Compromisso com seu país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem (FREIRE, 1979, p. 25).

Para o grupo, o mestre assume o papel, então, do “profissional da educação”, uma vez que o assume de forma consciente, como mediador do conhecimento contextualizado, no tempo e no espaço dos referenciais culturais da matriz afro-brasileira. O mestre-educador posiciona-se conforme uma posição filosófica-política, e seu saber/fazer são práticas libertadoras com o compromisso ético com as diversas gerações de capoeiristas. Segundo Freire (1979, p. 27), o “ser humano é um sujeito inacabado e, por isso, se educa”. Para isso, o mestre-educador desenvolve uma atitude dialeticamente crítica sobre o mundo e sua prática de capoeira.

3.4 CAPOEIRA E SEUS ESTILOS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE A CAPOEIRA REGIONAL E A CAPOEIRA ANGOLA

A capoeira já garantiu sua aceitação de prática social no Brasil e em mais de 150 países. O percurso histórico da capoeira teve muitos altos e baixos. Durante a Primeira República, foi proibida por Lei pelo Código Penal de 1890. Qualquer cidadão praticando capoeiragem era

punido com o degredo para a Colônia Penal de Fernando de Noronha, proibição que permaneceu durante 40 anos.

Essa representação de capoeira, durante muito tempo, permaneceu no imaginário do nosso povo e só recentemente tem diminuído, com a disseminação para outras camadas sociais da população, o que ocasionou, para alguns, um certo “branqueamento”. A história da capoeira mostrou-nos que se trata de prática de senzalas, de ruas e/ou do mato. Já no início do século XX, vem ocorrendo as primeiras tentativas de sistematizar essa prática, saindo dos espaços abertos para os recintos fechados de academias, momento importante para formar as primeiras gerações de “mestres” difusores da capoeira dentro e fora do Brasil. Personalidades consagradas como o Mestre Pastinha e o Mestre Bimba foram responsáveis, em Salvador, na Bahia, pela difusão e reconhecimento da capoeira como traço da cultura brasileira. Dessa maneira, no processo de imigração interna, a capoeira difunde-se, levada por homens saídos da Bahia, Recife ou Rio de Janeiro. Ao abordarmos brevemente alguns fatos da capoeira para compreendermos os percalços desse caminho, trataremos em seguida das vertentes Capoeira Angola e Capoeira Regional.

A capoeira angola, tradicional ou mãe, foi difundida como cultura afro-brasileira. Está voltada mais para o jogo e para o lúdico, onde os jogadores variam entre o mais rente ao chão possível, jogo embaixo, o jogo médio e o jogo em cima, sendo Mestre Pastinha, um dos seus baluartes. Já a vertente capoeira regional foi criada por mestre Bimba, Manoel dos Reis Machado, que acrescentou golpes de outras lutas e folguedos. É identificada como prática desportiva, onde os jogadores ficam em pé, em jogo alto, dando ênfase à eficiência de golpes, o lado luta. Em seguida, elaboramos uma tabela para mostrar pontos convergentes e divergentes entre capoeira angola e regional.

Quadro 9: Características que aproximam e distanciam a capoeira regional e angola.	
Capoeira Regional	Capoeira Angola
Estilo criado pelo Mestre Bimba, em 1928.	Criada pelos afro-brasileiros, chamada também de capoeira Tradicional ou Mãe.
Em 1937 - Centro de Cultura Física Regional, a primeira academia de capoeira que recebeu Alvará de Funcionamento, do mestre Bimba.	Em 1941, Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA), do mestre Pastinha.
Local de Funcionamento: Pelourinho/Salvador	Local de Funcionamento: Pelourinho/Salvador
Treinamentos em ambiente fechado, com indumentária (abada calça e camisa branca), com	Também sai do ambiente das ruas, da aprendizagem pela “oitiva” para o recinto fechado, vestimentas,

regras de conduta. Inicia o processo de escolarização da capoeira.	sistema de graduação e batismo. Neste caso, cada mestre desenvolveu uma forma de dar suas aulas.
A roda formada por pessoas na posição em pé.	A roda formada por pessoas ora sentadas, no chão, ora na posição em pé, de acordo com o espaço físico.
A orquestra dos instrumentos formada por um berimbau e dois pandeiros.	A orquestra dos instrumentos é formada por três berimbaus, dois pandeiros, um reco-reco, um agogô e um atabaque.
Os toques de berimbau: São Bento Grande Regional, Idalina, Banguela, Amazonas, Iúna,	Os toques de berimbau: Angola, São Bento Pequeno, São Bento Grande de Angola, Apanha a Laranja no Chão Tico-Tico ou “Tico-Tico”, Santa Maria, Gegê, Benguela.
Os tipos de Jogo: A Banguela é um toque para um jogo compassado e floreado. Cavalaria é o toque de aviso, chama a atenção dos capoeiristas para a chegada de estranhos na roda, outrora avisava da aproximação de policiais. Iúna é um toque especial para os alunos formados por Mestre Bimba, incita um jogo amistoso, malicioso e com a obrigatoriedade do es quente. Santa Maria é um toque simples que incita um jogo solto e rápido. Amazonas e Idalina é um toque que suscita um jogo manhoso, são toques de apresentação.	Os tipos de Jogo: Angola é um toque para o jogo embaixo, os capoeiristas ficam mais próximo do chão e lento. São Bento Pequeno é um toque para o jogo, no qual a posição dos corpos varia em cima e embaixo. São Bento Grande Jogo é para o jogo rápido e em cima. Apanha Laranja no Chão Tico-Tico é um toque para disputa entre os capoeiristas pegarem o dinheiro jogado na roda com a boca. Santa Maria é um toque para jogo trançado, um jogador bem próximo do outro e com variações de posições embaixo e em cima. Gegê é um toque disputa entre berimbaus (viola e o violinha).
Os tipos de música: Cantos são consideradas de entrada, de louvação, de enaltecimento. Quadras são verso curtos que se apresentam em quatro linhas para abrir uma roda. Seguido de louvação, aos capoeiristas, a Deus, e depois começa o jogo. Corridos são músicas curtas, cantadas durante a roda. A música é cadenciada no ritmo rápido.	Os Tipos de músicas: Ladainha é música que inicia a roda, conta a história da capoeira ou de um capoeirista, termina com a louvação a Deus e aos mestres. Chula é uma música longa que relata acontecimentos do mundo da capoeira. Corrido é uma música curta que tem resposta imediata pelo coro. A música é cadenciada, em ritmo lento.
A ginga é considerada o movimento fundamental da capoeira, porque representa a identidade da capoeira.	A ginga é o principal movimento da capoeira, ela é a identidade do capoeirista.
Método do mestre Bimba: tem 8 sequências e 54 golpes, entre: os básicos, os traumatizantes, os desequilibrantes, golpes de projeção e golpes ligados; esses golpes são bem definidos, pernas esticadas, movimentos amplos, jogo alto e objetivo.	Não existe um número de golpes definido; são golpes de ataque, de defesa e de floreios; são deferidos com pernas semiflexionadas, movimentos amplos e pequenos, jogo alto, médio e baixo; movimentos bonitos, com malícia e com complementação ao movimento do outro.

Considerado prática desportiva, busca a eficiência dos golpes e estética alongada.	Considerada uma manifestação cultural afro-brasileira, a malícia, a brincadeira e a complementação do jogo.
Exame de Admissão Consistia em três exercícios básicos, cocorinha, queda de rins e deslocamento (ponte).	Não existe exame de admissão.
Os golpes integrantes da Sequência Cintura Desprezada é uma sequência de golpes ligados e balões, também conhecidos como Movimentos de Projeção da Capoeira	Não são utilizados golpes ligados ou de projeção na capoeira angola.
Batizado é o momento em que o iniciante joga pela primeira vez na roda com o acompanhamento de instrumentos	Equivalente à entrega do primeiro cordel ao iniciante que joga pela primeira vez na roda com o mestre que não seja o seu, quer dizer, um mestre convidado.
Especialização tinha duração de 3 meses, sendo 2 meses na academia e 1 mês nas matas da Chapada do Rio Vermelho	Não existia essa especialização para capoeira angola
A capoeira Regional deu seguimento à preferência e pela combinação das cores da bandeira brasileira, criada pela Confederação Brasileira de Capoeira (CBC), que vai do 1º ano ao 5º estágio, e de aluno formado a mestre. Seguindo a ordem das cores: Verde, Amarelo, Azul, Verde-Amarelo, Branco-Azul e por último Branco.	Na capoeira angola, existem grupos que usam o sistema de graduações de várias formas: de carteirinha, com mestre Pastinha e o uso do cordel, o caso da Associação Brasileira e Cultural Angola Palmares que também segue as cores da bandeira do Brasil: verde; verde e amarelo; amarelo; amarelo e azul; azul; o cordel do contramestre: as quatro cores trançadas e os cordéis de mestre: branco ponta verde; branco ponta amarela; branco ponta azul e branco.
Discípulos do Mestre Bimba: Mestre Itapoan, Mestre Decânio, Mestre Xaréu.	Mestre da capoeira angola: Mestre Pastinha, Mestre Noronha, Mestre Canjiquinha, entre outros. Cada mestre desses tem seus discípulos. A exemplo da linhagem atual do Mestre Pastinha: João pequeno, João Grande, Moraes e Cobrinha Mansa.
Para Alejandro Frigerio (1989), esporte branco.	Para Alejandro Frigerio (1989), arte negra.
Para Leticia Reis (1997), esporte, negro e baiano.	Para Leticia Reis (1997), esporte, negro e baiano.

Fonte: Sistematizado produzido pela pesquisadora em agosto de 2018.

Buscamos sistematizar as características tanto da capoeira angola como da regional, onde se aproximam e onde se distanciam, visualizadas a partir do Quadro acima para facilitar a compreensão de ambas. Elencamos os pontos a partir das leituras de Campos (2009); Frigerio (1989) e Reis (1997). Buscamos sistematizar alguns pontos básicos de aproximação e distanciamento entre o estilo capoeira regional e angola. Não nos deteremos no estilo conhecido

como contemporâneo, pois nossa intenção neste estudo está voltada para a capoeira angola. E nem para a capoeira gospel⁵⁰ por ser incipiente.

3.5 OS MESTRES: IÊ, VIVA TODOS OS MESTRES, CAMARÁ!

3.5.1 Mestre Bimba: Manoel dos Reis Machado

“Sou discípulo que aprendo, mestre que dou lição”
Domínio popular

Na foto abaixo, Manoel dos Reis Machados, conhecido por Mestre Bimba, nascido em 23 de novembro de 1900, no bairro de Engenho Velho de Brotas, cidade de Salvador. Mestre Bimba começou a aprender capoeira no Cais do Porto, com Bentinho, capitão da Companhia de navegação baiana. Segundo Reis (1997), Bimba, dos 13 aos 27 anos de idade, tinha como profissão estivador. Reis citando Almeida (1979, p. 13), diz que:” [...] naquele tempo, capoeira era coisa para carroceiro, trapicheiro, estivador e malandros”.

Em 1928, mestre Bimba criou a Luta Regional Baiana. Mas, com a retirada da capoeira e dos cultos afro-brasileiros do Código Penal de 1890 pelo Presidente Getúlio Vargas, em 1937, mestre Bimba consegue o alvará de funcionamento do Centro de Cultura Física Regional. Segundo Abib (2017, p. 154), “nos anos 1930, na Bahia, através dos Centros de Educação Física, com funcionamento permitido por lei, começou a se difundir com mais intensidade o culturalismo físico entre as elites”.

⁵⁰Denunciamos que o fenômeno capoeira gospel é uma tentativa de cooptação política de evangelização da capoeira e dos capoeiristas tendo como finalidade o apagamento da diversidade cultural e das manifestações culturais afro-brasileira, dentro de um contexto de crescimento de fundamentalismos e redução de direitos no Brasil. Em João pessoa, existe um movimento crescente desta vertente. Segundo ADINOLFI (2019) “querem garantir apenas os grupos que compactuarem com sua política de evangelização”. Ver ADINOLFI, Maria Paula Fernandes. **A salvaguarda do patrimônio imaterial em tempos de aniquilação da diversidade:** notas sobre o fundamentalismo cristão e a “capoeira gospel”. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 6 (11): 51-64, janeiro a julho de 2019. ISSN: 2358-5587. Disponível em: <<http://www.periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/8335/pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

IMAGEM 5 – Mestre Bimba, criador da Capoeira Regional (1900-1974)



Fonte: < <https://horadopovo.com.br/viva-mestre-bimba-viva-a-capoeira/>>. Acesso em:
22 nov.2019

Nesse sentido, Abib (2017) afirma-nos que mestre Bimba foi um articulador que, através do registro da primeira academia de capoeira, o Centro de Cultura Física Regional, conseguiu a aproximação com as classes média e média-alta, em especial com os alunos universitários.

Conforme Abib (2017) e Reis (1997), dessa aproximação com os universitários, o Mestre Bimba logrou apresentações importantes. Uma delas foi para o interventor da Bahia, Juracy Magalhães, no Palácio do Governo da Bahia.

Abib (2017) cita mestre Decânio, na época, aluno da Faculdade de Medicina, e, atualmente, um dos mestres da capoeira regional:

A regional nasceu quando os acadêmicos de medicina se aproximaram dele. Foi o encontro de duas culturas: uma ágrafa de Bimba, que era analfabeto, Ogan, criado dentro do candomblé (...) Bimba liderou todo mundo... comandava nós todos com energia, com autoridade, com carisma imenso... porque se Bimba não fosse um homem extraordinário, não precisava liderar a gente, poxa! (ABIB, 2017, p. 154).

Para o autor, a imagem construída pelo mestre Decânio deixou em evidência o encontro/desencontro que aconteceu entre o saber popular de capoeira de Mestre Bimba e os conhecimentos científicos e sociais de seus alunos universitários. O que possibilitou a aceitação da Capoeira Regional.

A estratégia de liberação dos alvarás de funcionamento para as manifestações afro-brasileiras representou um avanço no sentido de legitimidade perante a lei, mas, em contrapartida, segundo Abib (2017) que cita Nestor Capoeira (1992, p. 52), isso “obriga tanto os cultos afro, quanto a capoeira, sejam realizados fora de rua, em recinto fechado, com um alvará de instalação, e assim, cria uma forma de controlar essas manifestações”. Então, a “Luta Regional Baiana” acabou sendo, no decorrer do tempo, conhecida como ‘Capoeira Regional’. Reis (1997) cita que mestre Bimba é considerado “um disciplinarizador e um pedagogo da capoeira”, em especial, a vertente capoeira regional.

Conforme Reis (1997, p. 130), nas palavras do mestre Bimba, “a capoeira constitui-se enquanto necessidade de defesa dos escravos africanos”. Assim, ele justificou a vertente regional “para o fraco se defender do forte”. Compreendemos que mestre Bimba via na capoeira que aprendeu pouca eficiência, por isso ele buscou aperfeiçoamentos. Nesse sentido, Abib (2017, p. 155) citando Rêgo (1998) diz que mestre Bimba, com a intenção da capoeira regional tornar-se mais combativa, incorpora golpes e movimentos de outras lutas: Karatê, Jiu-jitsu.

Mestre Bimba, para Abib (2017, p. 153), foi o responsável por “uma recriação no universo das manifestações afro-brasileiras” concretizado na capoeira regional. Também mestre Bimba tem o reconhecimento oficial da primeira escola de capoeira, Centro de Cultura Física e Regional, em 1937. Reis cita Coelho Neto (1928) para destacar que mestre Bimba já falava da necessidade da capoeira ser ensinada “nos colégios e nos quartéis”. Para Reis (1997),

houve uma aproximação do mestre Bimba com as ideias dos intelectuais cariocas a partir dos seus próprios alunos universitários.

Em 1953, mestre Bimba faz uma apresentação para o presidente Getúlio Vargas no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, o que resultou na capoeira ser reconhecida como “luta nacional brasileira”.

Como nossa pesquisa caminhou em direção à capoeira Angola, pontuamos a capoeira regional e seu criador mestre Bimba como marco do processo da construção sociocultural da capoeira. Assim, traçaremos com brevidade o estilo Capoeira Regional. Todavia, como cita Reis (1997) e Abib (2017), sem reducionismos, é “uma pedagogia negra e popular”.

O curso de capoeira regional é composto de sequências de jogo, com duração que variava de seis meses a doze meses. Depois, havia um curso de especialização (que era um treinamento para situações reais, na perspectiva militarista). Ao final de cada etapa, tinha a formatura, e o lenço azul era obtido na conclusão do Curso de Capoeira Regional. Reis (1997, p. 137) destaca que Mestre Bimba colocou o sistema de graduação, e a avaliação dos alunos fazia alusão ao processo iniciático, através do ritual do “batismo”, no qual o iniciante recebia seu nome de capoeira.

Para Reis (1997), Mestre Bimba sai da Bahia para Goiânia (Goiás) por falta de apoio oficial e por questões financeiras, em 1973. E, aos 74 anos, já em 05 de fevereiro de 1974, lá falece. Em 1978, os restos mortais foram transportados para Salvador. O “Mestre Bimba é uma figura incontestável para a compreensão da própria história da capoeira” (REIS, 1997, p. 138). Certamente, o mestre Bimba, por toda a sua trajetória no campo da capoeiragem, pôde adquirir um *status* que transcende as particularidades de estilos e grupos, sendo por vezes aclamado (e também criticado), mas sem sombras de dúvidas, ele está a figurar como um capoeirista que será lembrado na história da capoeira pela própria ruptura e diferenciação que produziu a necessidade da afirmação da identidade da capoeira Angola, por oposição à capoeira regional.

3.5.2 Mestre Pastinha: Vicente Joaquim Ferreira Pastinha

“A capoeira é amorosa não é perversa”.
Mestre Pastinha

IMAGEM 6 – Mestre Pastinha um dos principais representantes da
Capoeira Angola (1989-1991)



FONTE: Disponível em: <<http://cuica.tripod.com/mestrepastinha.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

Na foto acima, mestre Pastinha. Ele é um dos baluartes da capoeira angola. Para falar sobre capoeira, é indispensável passar, mesmo com brevidade, sobre suas contribuições para o universo da capoeira. O Senhor Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, conhecido por mestre Pastinha, nasceu em 05 de abril de 1889, na cidade de Salvador/Bahia. Filho de um espanhol com uma negra, nasceu um negro franzino. “Aprendeu capoeira entre 08 e 10 anos, com o negro de angola conhecido por Benedito porque ele apanhava constantemente de um menino mais velho” (REIS, 1997, p. 139).

Para Abib (2017, p. 155) citando Decânio (1996, p. 34), Mestre Pastinha, na década de 1940, recebeu das mãos do guarda civil Amorzinho a incumbência de tomar conta da famosa roda de capoeira localizada na Gengibirra, onde “vários” bambas da época se encontravam para “vadiar”, a exemplo dos mestres Noronha, Livino, Aberrê e Maré. Esses capoeiristas eram responsáveis pela organização da capoeira angola com sede na Ladeira da Pedra sob a liderança de Amorzinho.

Para Reis (1997, p. 141), “em 1941, foi fundada a segunda academia de capoeira, Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA) no Largo do Pelourinho, Salvador, pelo Mestre Pastinha”. No decorrer dos anos, a partir da década de 1950, mestre Pastinha conseguiu manter contatos com intelectuais e artistas da época, tais como Carybé e Jorge Amado, respectivamente, artista plástico e escritor, o que trouxe a visibilidade para a capoeira angola. O Mestre Pastinha buscou também se diferenciar da capoeira de rua, desenhando uma nova imagem para capoeira angola, de acordo com Abib (2017, p. 156), privilegiando “as origens

africanas, na religiosidade, no lúdico, na teatralidade e num discurso que enfatizava o lado 'amoroso' e ético da capoeira”.

Na busca pela legitimidade para a capoeira angola, e compreendendo, como diz Abib (2017, p. 157), o contexto da época, no qual “o esporte assume o caráter de aceitação e status social”, Mestre Pastinha utilizou desse recurso para “dar respeitabilidade à sua capoeira”.

Neste viés, Mestre Pastinha valorizou a cosmovisão africana para a prática da capoeira angola. Conforme Abib (2017, p. 158), baseou-se “numa estética de jogo mais simbólico e subjetiva, na ludicidade, no companheirismo, no respeito, na ética, em valores humanos, deixado como legado nos seus manuscritos”. Em 1969, mestre pastinha escreveu “Os manuscritos da Capoeira Angola”.

Atualmente, a tradição da capoeira angola da linha do Mestre Pastinha é seguida pelos Mestres João Pequeno, João Grande, Curió, Moraes, Cobra Mansa, entre outros. Mestre Pastinha faleceu em 14 de outubro de 1981, economicamente pobre, em Salvador/BA. Mas deixou o seu legado para o universo da capoeira.

Faz-se necessário trazer também as próprias palavras do Mestre Pastinha, presentes no seu manuscrito, para compreendermos a capoeira angola. Abib (2017, p. 158) cita Decâncio (1996):

A capoeira é amorosa[...]a capoeira entre as lutas, é a mais amável que existe no mundo... mas devemos esquecer os hábitos duvidosos [...] eu reservei um lugar no Centro para aqueles que desejar conquistar maior evolução [...] Mestre de capoeira tem a função de esclarecer, dar a liberdade de pensamento e convicção da verdade [...] Um apelo pra que procedamos corretos e decentemente os aspectos de nossa vida em sociedade; um apelo que sendo atendido, estamos sujeitos a obter a justa vantagem em qualquer circunstância; quero demonstra-lhe mais agudo, e bem compreensivo interesse nos pormenores do jogo. (ABIB,2017, p.158)

O Mestre Pastinha deixou-nos um legado de amorosidade da capoeira angola e de compromisso ético do mestre com a capoeira, com os capoeiristas, com a vida e a sociedade. Um apelo para uma prática educativa que conecta ação e pensamento. O jogo da capoeira angola e a vida em sociedade. Percebemos o amor como uma emoção fundante para educar pessoas a partir da capoeira angola, pois sedimenta os laços comunitários entre os membros de um grupo, da capoeira com a família e a comunidade.

A capoeira angola da Bahia toma contornos que a diferencia de acordo com os territórios de suas práticas. Na linha pastiniana, como é conhecida hoje pelos seguidores dos ensinamentos de Mestre Pastinha, o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA) estava situado no Centro Histórico de Salvador. Mas, existia também outros mestres na periferia de Salvador, que, na época, também fundaram suas escolas de capoeira. A exemplo do Barracão do mestre

Valdemar, no bairro da Liberdade. Pistas que buscamos a partir do mestre Nô, fundador da Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares, um dos mestres formados da tradição de capoeira angola, na perspectiva da periferia de Salvador, para compreendermos a linhagem do grupo estudado, no Roger, bairro de periferia de João Pessoa, na Paraíba.

3.5.3 MESTRE NÔ: NORIVAL MOREIRA DE OLIVEIRA

“Capoeira na roda, capoeira na vida”
(Mestre Nô)

A foto abaixo foi na roda do evento do IX ENCAP/2009, que celebrou os 30 anos da Palmares – Salvador, tendo como temática “Uma visita de bom coração merece um abraço e um aperto de mão”. O mestre Nô está jogando com Marcos Anderson. Ele está fazendo uma meia-lua de frente e Marcos Anderson saindo na negativa. Dando prosseguimento, narraremos um pouco da história deste mestre.

IMAGEM 7 – Mestre Nô, fundador da Associação Brasileira Cultural de Capoeira Angola Palmares – Salvador



FONTE: Arquivo Pessoal. 14 mar. 2009. No IX ENCAP – No Centro de Cidadania Maria Borges- CRC. Roger. João Pessoa/PB.

Foi em Coroa, na Ilha de Itaparica, em Salvador, na Bahia, que, no dia 22 de junho de 1945, nasceu Norival Moreira de Oliveira, mestre Nô. Teve suas primeiras aprendizagens de capoeira com seu avô Olegário aos quatro anos de idade, ainda em Itaparica. Depois, a família dele mudou-se para o bairro de Massaranduba, onde foi morar próximo do Mestre Nilton, com quem começou a treinar. Posteriormente, Mestre Nilton apresentou-lhe aos mestres Pirrô e Zeca do Uruguai.

Aos 18 anos de idade, ele recebeu permissão do mestre Nilton para ensinar capoeira. Aprendeu a capoeira angola e ainda esteve nas rodas de rua com os velhos mestres da Bahia, entre eles: Pastinha, Bimba, Cobrinha Verde e Noronha.

Mestre Nô fez e faz seu caminho de capoeirista-educador desde a década de 1960. Deu aulas nos bairros da Cidade Baixa, de Salvador. Logo formou grupos: Retintos e Orixás da Bahia; e, finalmente, funda, em 1979, a Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares, que existe até os dias atuais, com sede por todo o Brasil e em diversos países.

Na Paraíba, ele chega em 1985, torna-se uma das referências da capoeira, inserindo uma metodologia de eventos de capoeira composta de oficinas, batizados (momento em que o iniciante entra na roda com um mestre e recebe a primeira graduação) e trocas de cordéis (com critérios de avaliação). Ele formou os primeiros mestres da Paraíba: Mestre Sabiá e Naldinho, ambos em 1993, dentro da tradição da capoeira angola. Citando Magalhães (2012), “mestre Nô chama de Tradição os comportamentos, os movimentos e os fundamentos da capoeira angola”.

Em entrevista realizada na sede dos Agentes Pastorais Negros (APN's) ao Pe. Luiz Zadra (2000, p. 6), em João Pessoa, Mestre Nô diz que “a capoeira é uma dança de rara beleza, provavelmente a mais bela coreografia de um povo, o negro. O que no passado foi diversão para os senhores de engenho, com o decorrer do tempo, passou a ser defesa de malandros e vadios”. Para ele, a capoeira não é apenas um preparo físico, mas mental e espiritual. É uma forma de reconhecer os demais como seres humanos, aprendendo a respeitá-los. Para isso, precisa existir uma relação de confiança entre mestre-aluno e de superação da relação opressor-oprimido.

Mestre Nô também levou Palmares para outros países, tais como Estados Unidos, Inglaterra, Itália e Rússia. Ele participou do Festival de Arte Negra em Atlanta, em 1990, a partir do qual começou o seu trabalho em Nova York, nos EUA. Em relação ao ensino da capoeira fora do Brasil, Mestre Nô relata uma experiência no Canadá:

[...] A princípio, fiquei um pouco perdido sem saber o que ensinar, mas, depois, olhando para dentro de mim, encontrei a solução, pois as pessoas precisavam de uma explicação do que era a arte capoeira. Coloquei o que era no quadro negro. Claro que

era traduzido por um amigo. Depois cheguei na parte musical. Em seguida, na parte dos instrumentos, o que chamou atenção e deu para todos entenderem e se interessarem pela arte capoeira (MESTRE NÔ, 2000, em entrevista ao Padre Luiz Zadra).

Mestre Nô teve sua mestria reconhecida pelo Instituto Brasileiro de Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN) e, em 2016, recebeu pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) o reconhecimento de Notório Saber, bem como o de Doutor *Honoris Causa*. Foi produzido o documentário Nego Bom de Pulo, de Kiko Knabem (2014), sobre o mestre. O ofício dos Mestres de Capoeira é exercido por aqueles detentores de conhecimento tradicionais desta manifestação e responsáveis pela transmissão oral de suas práticas, rituais e herança cultural, conforme atestou em 2008 o IPHAN.

Então, isso implica também trazer à tona para as narrativas de educadores no Brasil outras trajetórias dos mestres de cultura popular e/ou os Griôs, os quais são protagonistas de experiências que promovem a Educação das Relações étnico-raciais no Brasil (ver Lei 10.639/2003 e 11.645/15) em uma perspectiva de educação popular.

Como pesquisadora, capoeirista e educadora popular, escutamos do próprio Mestre Nô, em João Pessoa, em 2016: “estou recomeçando a aprender a jogar capoeira com 70 anos e a visão reduzida pelo glaucoma”. Em outro momento, ainda em 2016, na Casa Pequeno Davi, no Roger, mestre Nô pediu licença as crianças para sentar-se no chão com elas. Foi de uma tamanha boniteza! Ele voltou a residir em Itaparica com a atual esposa e filha Leona, de quatro anos de idade. Como o próprio mestre Nô diz, “capoeira na roda, capoeira na vida.” Ele desenvolve um trabalho com crianças, adolescentes, jovens e adultos na Ilha de Itaparica. E, no mês de agosto de 2018, no dia 16, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Dando prosseguimento ao diálogo capoeira e educação popular, apresentaremos o grupo, que é o cenário da nossa pesquisa.

4 JOGO DE DENTRO, JOGO DE FORA: OS CAMINHOS DO MEIO DO MESTRE DÁRIO E A CAPOEIRA EM JOÃO PESSOA E NA PARAÍBA

Fizemos a descrição do Grupo Capoeira Angola Palmares no Roger: a rotina, as aulas, a filosofia, a tradição, os mestres, o público atendido, os alunos, a rotatividade, a vestimenta, o sistema de graduação, recompensas, responsabilizações, eventos. Desse modo, apresentamos o cenário e o contexto da pesquisa. Reconhecemos a capoeira como cultura ancestral, por isso usamos como fio condutor para tecer essa história a trajetória de capoeira do mestre do grupo, Mestre Dário, o que nos possibilitou contextualizar, também, algumas memórias sobre a própria história da capoeira em João Pessoa.

Eu vim de lá
De onde é que vem, Camará!
(Antônio Carlos e Jocafi)

4.1 UM BREVE RELATO SOBRE O COMEÇO DA CAPOEIRA EM JOÃO PESSOA E NA PARAÍBA

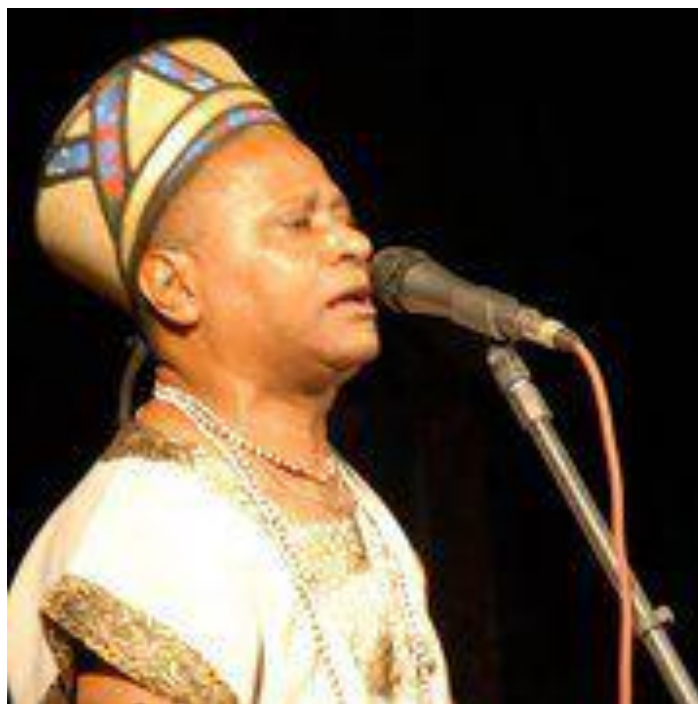
O Grupo Capoeira Angola Palmares (GCAP) faz parte da Associação Brasileira e Cultural Capoeira Angola Palmares (ABCCAP), com sede em Salvador, Bahia, a qual tem como fundador e presidente Norival Moreira de Oliveira, conhecido por Mestre Nô. A tradição de capoeira vem a partir das trajetórias da vida de capoeiragem de Mestre Nô e de seus mestres Nilton, Zeca, Pirrô, e de seus contemporâneos que vivenciaram a capoeira na Bahia, da periferia ao centro de Salvador.

As cidades de Salvador, junto com Rio de Janeiro e Recife, são consideradas os centros tradicionais da capoeira no Brasil. A partir da década de 1970⁵¹, irradia-se para outros estados brasileiros. Assim, chega a João Pessoa em 1977, com Adalberto da Conceição, hoje tido como Mestre Zumbi Bahia⁵², que veio com o Grupo Filhos de Obá, do qual era coreógrafo e percussionista. Apresentaram no Teatro Santa Roza o espetáculo *Uma noite na Bahia*, a convite do Folclorista Tenente Lucena. Desse modo, Zumbi Bahia realizou a primeira oficina de capoeira em João Pessoa, no Serviço Social do Comércio (SESC), sediado no Centro, próximo à Lagoa.

⁵¹ Ver BRASIL (2014).

⁵² LIMA, Maria de Lourdes Farias. Zumbi Bahia: o começo da capoeira em João Pessoa. João Pessoa: s.n, 2005. p. 39. Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

IMAGEM 8 – Zumbi Bahia, precursor da capoeira em João Pessoa, em 1979.



Fonte: Apresentação Afro. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/zumbisaoluis/photos/a.542432969118182/542432972451515/?type=3&theater>>.

Acesso em: 2 nov. 2019.

A imagem acima mostra Zumbi Bahia em uma apresentação de cultura afro-brasileira, realizada do estado do Maranhão, onde reside atualmente e continua realizando atividades de cultura afro-brasileiro com jovens da periferia.

Em 1977, depois do SESC, Zumbi Bahia seguiu realizando oficinas na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), junto ao Departamento de Educação Física; na Feirinha de Tambaú, no bairro de Tambaú; no Ponto de Cem Réis e na Lagoa, no Centro, de João Pessoa; ainda fez divulgações em jornais e rádios da época. Mesmo assim, não teve o apoio financeiro para continuar em João Pessoa. Então, partiu para o Recife, capital do estado de Pernambuco. Inicialmente, vários alunos capoeiristas de Zumbi Bahia acompanham-no nas apresentações para o Recife. Zumbi Bahia permaneceu no Recife, deixando em João Pessoa alunos capazes de continuar seu trabalho. Tem o reconhecimento de ter organizado, na década de 1980, a capoeira pernambucana. Depois, partiu para São Luís, no estado do Maranhão.

Em João Pessoa, a capoeira continuou com Gerson (Pássaro Preto), Marconildo e Cláudio Paulista, que chegou de São Paulo já iniciado na capoeira. Foi quem assumiu as aulas de capoeira no SESC, pois já vinha do Atletismo e tinha contato com o professor João Batista (da UFPB). Um dos alunos de Cláudio Paulista foi o Pé-de-Ferro, que iniciou um trabalho na

Escola Estadual Santa Júlia, na Torre, com quem Marcos Antônio Batista (conhecido por mestre Sabiá⁵³) começou suas primeiras aulas. Em continuação, nas aulas de capoeira, o próprio Pé-de-Ferro levou Sabiá para treinar com Cláudio Paulista, no SESC/Centro.

Em 1985, Sabiá acabou indo trabalhar em Campina Grande, onde começou um trabalho de capoeira conhecido por Grupo Badauê. Anos mais tarde, Sabiá conheceu um aluno do Mestre Nô, em Campina Grande, José Bento, que o convidou para ir a Maceió, no evento do Mestre Caveirinha. Lá, Sabiá conheceu mestre Nô, que o convidou para conhecer o Grupo Palmares, em Salvador. Em 1986, Sabiá foi à Bahia, momento em que se filiou a Palmares. Assim, começou o diálogo para trazer Mestre Nô à Paraíba.

Anos depois, em 1990, Naldinho, do Grupo de Capoeira, no Bairro dos Novais, filia-se a Palmares. Assim, o nome do grupo tornou-se Grupo de Capoeira Senzala de Palmares. Anos depois, há um trabalho no Castelo Branco, que veio de Marconildo e de Rogério (Corisco), que aprenderam com Zumbi Bahia. Nesse, e o líder foi Marcos Zunga (mestre Zunga) do Grupo Afro Nagô, também se filiou à Palmares, em 1993.

Em 1992, em João Pessoa, havia o Grupo Afro Nagô, com Marcos Zunga e Lima; Grupo Lua de Palmares, com Rafael Magnata, aluno do mestre Sabiá; Grupo de Capoeira Senzala de Palmares, de Naldinho; e Grupo Mãe África, com Martins, do Renascer, que descendia de Aluísio Guerra, que veio de Zumbi Bahia. Estes quatro grupos fizeram um evento juntos em João Pessoa, no Lyceu Paraibano, que teve a presença de mestre Nô, Beto Baraúna, Lincoln, Tônico, dentre outros da Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares.

Entre percursos e percalços de agosto a novembro de 1993, os quatros grupos existentes em João Pessoa estavam ligados à Palmares (ABCCAP), contudo houve a desfiliação do Grupo Afro Nagô no mesmo ano e, em seguida, do Grupo Mãe África.

Os grupos de Capoeira coordenados pelo Mestre Sabiá e Mestre Naldinho⁵⁴ passaram pelas modificações no decorrer dos anos. O Grupo de Sabiá, que iniciou com o nome Abadauê, foi corrigido pelo mestre Nô para Grupo Badauê, e o Grupo Sanzala, dirigido pelo mestre Naldinho, recebeu o acréscimo de Palmares ao nome do grupo, assim ficaram: Grupo Cultural Badauê de Palmares e Grupo de Capoeira Senzala de Palmares. Em 1997, houve a unificação dos nomes de todos os grupos filiados ao Mestre Nô, sendo renomeados para: Grupo de

⁵³ Marcos Antônio Batista conhecido por Mestre Sabiá, de Campina Grande/PB. Ver MEDEIROS, Wênia Xavier de. *A Percussão na Performance Musical do Grupo Capoeira Angola Comunidade*. 2012. 255 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. p. 56. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8671>>. Acesso em: 26 set. 2019.

⁵⁴ Para conhecer a história do Mestre Naldinho, Ibidem.

Capoeira Angola Palmares. Todavia, os grupos que tivessem pessoa jurídica (CNPJ), podiam usar outra denominação e o nome fantasia “Grupo Capoeira Angola Palmares”.

No caso do trabalho hoje coordenado pelo Mestre Dário⁵⁵, no Roger, iniciou-se com a denominação de Grupo Capoeira Badauê de Palmares, sob a supervisão do Mestre Sabiá no ano de 1998. Todavia, devido a tensionamentos, houve um desligamento da supervisão do Mestre Sabiá na época, ficando o grupo a partir de fevereiro de 1990 sob a supervisão de Lázaro dos Prazeres dos Santos (Mestre Lázaro), e passou a denominação de grupo Guerreiro de Palmares. Em 2001, o grupo passa a denominação de Grupo Capoeira Angola Palmares. O Mestre Dário permaneceu na supervisão direta do Mestre Lázaro até o ano de 2017.

Atualmente, Mestre Dário está sob a supervisão direta do mestre Nô. Destaca-se na trajetória de capoeira de mestre Dário que todo seu processo de ensino-aprendizagem se fez dentro da tradição da capoeira angola, do Grupo Capoeira Angola Palmares, o qual atualiza os ensinamentos e os princípios da linhagem de seus mestres e carrega como princípio gerador: capoeira na roda, capoeira na vida.

Falar sobre este grupo é situá-lo dentro do cenário de capoeira da cidade de João Pessoa e do estado da Paraíba. A Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares (ABCAP) tem outros grupos filiados no estado da Paraíba. A partir deste momento, focaremos no Grupo Capoeira Angola Palmares, do Roger.

Sou discípulo que aprendo
e mestre que dou lição.
Domínio Público

Dário Pereira João, nascido em 10 de outubro de 1976, em João Pessoa, cresceu no bairro do Roger. Atualmente é conhecido por Mestre Dário, licenciado em Pedagogia, pela UFPB⁵⁶, e ministra aulas de capoeira em duas organizações não-governamentais (ONGs): Escola Piollin, no Roger, e Projeto Beira da Linha, no Alto do Mateus; e no Grupo de Capoeira Angola Palmares, no Roger, sediado na Casa Pequeno Davi.

⁵⁵ Dario Pereira João, atualmente mestre Dário. Ver também a dissertação de Medeiros (2012), que trata também do Grupo do Roger. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8671>>. Acesso em: 26 set. 2019.

⁵⁶ Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) do mestre Dário: **A capoeira angola no espaço da escola**: uma experiência da prática da capoeira na EEEF Ana Higina. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16335>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

IMAGEM 9 – Mestre Dário, fundador do Grupo Capoeira Angola Palmares – Roger



Fonte: Arquivo pessoal. Agosto/2019. João Pessoa.

Dário começou suas primeiras aulas de capoeira em 1990, com Rafael Magnata (aluno do Mestre Sabiá e responsável pelo Grupo Lua de Palmares), no SESC/Centro. Depois que a oficina de capoeira do SESC encerrou, Rafael Magnata ficou sem espaço para as atividades de capoeira. O que levou Rafael Magnata e os alunos dele a treinarem aproximadamente por dois meses na Praça da Independência, no bairro de Tambiá. Depois passou a realizar o trabalho de capoeira no Recanto da Criança, no Roger (hoje conhecido como a ONG Casa Pequeno Davi). Depois mudou-se a atividade de capoeira para o Ginásio Giselda Navarro, conhecido por Ginásio do Roger, no baixo Roger. Em seguida, o grupo passou as atividades de capoeira para o Teatro Cilaio Ribeiro, na avenida General Osório, também Centro de João Pessoa. Dário, à contragosto da família, decide pela continuidade de sua aprendizagem de capoeira com Rafael Magnata. Em 1992, Dário recebeu o cordel verde em evento no Lyceu Paraibano⁵⁷. Em 1993, Rafael Magnata adoece com febre reumática e precisa se afastar para cuidar da saúde, e as aulas

⁵⁷ Escola do Ensino Médio, localizada no Centro, no município de João Pessoa, capital do estado Paraíba.

ficam sob a responsabilidade dos alunos mais velhos, na manutenção das atividades do Grupo Lua de Palmares. Dário foi quem permaneceu dando as aulas e preparou a turma para o recebimento da primeira graduação.

No início de 1993, eu comecei a participar das aulas do Grupo. Inicialmente, tive aulas com Rafael, depois, continuei minhas aprendizagens com os alunos que puxavam as aulas (Dário, Jarbas, Besouro, Jair e Cesar). No decorrer das aulas, Dário foi quem permaneceu puxando as aulas e preparando aqueles alunos para participação no evento, no qual todos pegamos cordel verde.

Neste mesmo evento, Dário recebeu cordel verde-amarelo, um evento ocorrido no SESC/Centro. Nessa ocasião, ocorreu um desencontro com Zunga, Lima e Raposão, em virtude de um desafeto de meses atrás causado por Sabiá e Naldinho terem recebido cordel de contramestre e Zunga graduação de professor, na Ilha de Itaparica, Salvador (graduações dadas pelo Mestre Nô). Esse tensionamento ocasionou a saída do Afro-Nagô da Palmares (ABCCAP) no mesmo ano de 1993.

Em 1995, Mestre Dário recebeu o cordel amarelo, no evento ocorrido no Espaço Cultural, localizado no bairro de Tambauzinho. Houve um desencontro entre alunos, mestres e convidados da Palmares e do Grupo Afro Nagô, o qual, a essa época, estava vinculado à Associação de Capoeira de Pernambuco (ASSOCAPE). Estavam juntos com Zunga, Lima, Raposão, alguns mestres do Recife, Del Bruto, Zambelê, dentre outros. Trago na lembrança esse dia como um divisor de águas durante alguns anos na cidade de João Pessoa. O evento já tinha começado no Teatro de Arena do Espaço Cultural, e a roda de capoeira já estava em andamento. Com a chegada do Afro-Nagô com o pessoal da ASSOCAPE, houve uma tensão no ambiente. O mestre Del Bruto já foi entrando na roda para jogar com Valdir Axé (filho do mestre Nô, hoje conhecido por Mestre Valdir Axé, residente na Inglaterra). Ele deu um soco, Valdir esquivou-se. Daí, Rafael Magnata parou o evento e pediu para que eles se retirassem. Momento em que o Mestre Zambelê deferiu um soco em Rafael, e o Mestre Beto Baraúna deu uma benção. Então, começou o “tumulto”. Virou literalmente uma “grande briga”.

Depois, a polícia foi chamada. O evento, ainda com um clima tenso, voltou à sua programação com a roda de batizado. Na continuidade, houve a entrega das graduações. Nesse momento, Dário recebeu o cordel amarelo das mãos de Valdir Axé. Essa ocasião marcou a capoeira na cidade de João Pessoa, pois fomos orientados a não andar pelas ruas com as camisas de capoeira do grupo. E assim ficou por muitos anos, esse “tensionamento” entre o Grupo Palmares e o Afro Nagô. As rodas de capoeira na rua eram tensas, e em algumas rodas houve

alguns conflitos entre alunos desses grupos, o que levou, muitas vezes, a se acionar a polícia para acalmar a situação de confronto.

Ainda em 1995, Dário teve sua primeira experiência de ministrar aulas de capoeira fora do grupo, na Escola Catavento, uma escola particular para crianças no bairro do Castelo Branco. Essa oficina durou aproximadamente 10 meses.

IMAGEM 10 – Centro Cultural Piollin – Roger



Fonte: Arquivo Pessoal. Agosto/2019. Roger.

A imagem acima mostra a Casa Grande, a entrada do Centro Cultural Piollin. Em 17 de março de 1998, Dário iniciou aulas de capoeira na Escola Piollin, no baixo Roger, como voluntário, com o ideal de formar um Grupo de Capoeira. As aulas ocorriam pela manhã, nas segundas, quartas e quintas para meninos e meninas inscritos na Escola Piollin.

Em paralelo, em 1998, Dário começou outra atividade, na Associação Comunitária Índio Piragibe, no bairro da Ilha do Bispo, em João Pessoa. Nessa atividade, ele foi pago através de contrato de Prestação de Serviço para a Fundação de Criança e Adolescente- FUNDAC/PB. Na Ilha do Bispo, as atividades ocorriam nos sábados à tarde, com duas turmas. Atendíamos, em média, 60 pessoas, entre crianças e adolescentes. Essa atividade ocorreu até dezembro do mesmo ano. Alguns dos alunos já adolescentes, de vez em quando, vinham treinar na Escola Piollin. E os alunos da época da Piollin iam com o mestre Dário para a Ilha do Bispo. Em abril de 1998, Dário recebeu cordel amarelo e azul, cordel de instrutor, no evento que ocorreu no SESC/Centro, em João Pessoa.

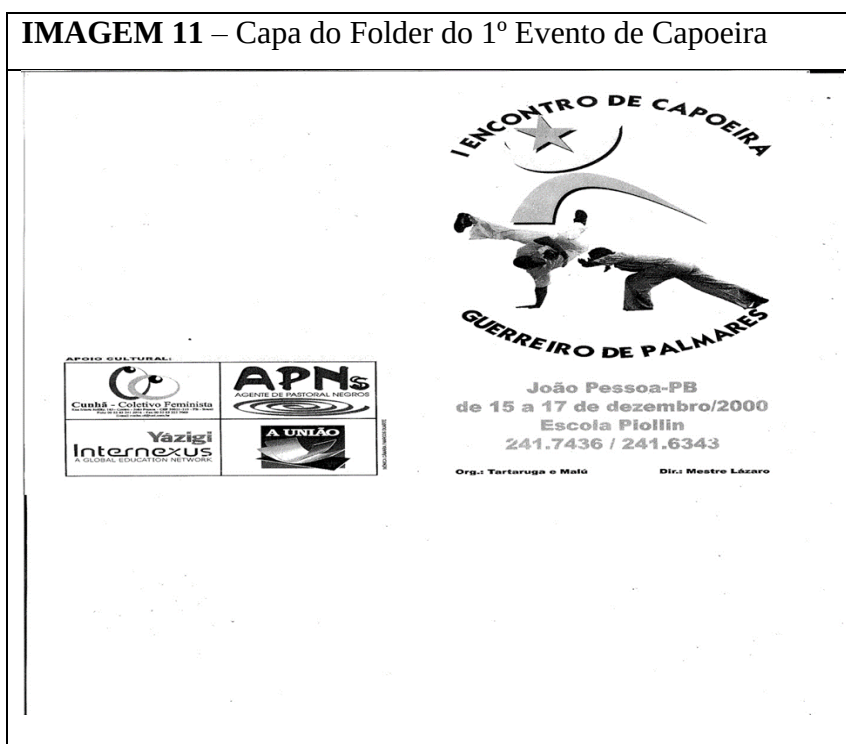
Nesse mesmo ano, Dário anunciou a saída da coordenação de Rafael Magnata, alegando ter discordância na maneira com que Rafael passou a administrar o trabalho do Grupo Lua de Palmares. Rafael Magnata exigiu do mestre Nô a saída de Dário da Palmares, por desobediência à sua coordenação. Houve uma reunião entre os mestres, no evento de Sabiá, em Campina Grande, com a presença de Mestres Nô, Lázaro, Beto Baraúna, Naldinho, Sabiá e Tonico, na qual foi decidido que o Mestre Lázaro iria supervisionar as atividades do instrutor Dário. Mestre Beto Baraúna discordou da necessidade de expulsão de alunos sem motivo justo, uma vez que o aluno não havia desrespeitado a regra do grupo, apenas havia pedido o desligamento do instrutor para ficar na coordenação do Mestre Sabiá, para evitar desgastes nas relações internas do grupo em João Pessoa. Lembro que foi bastante comentada durante o evento a fala do Mestre Beto Baraúna que disse: “nem mestre tem palavra de rei”. Mestre Sabiá, na ocasião, conversou conosco e, para evitar mal-estar no grupo dele, indicou-nos para mestre Lázaro de forma consensual com os mestres da Palmares, que ali estavam presentes.

Em 1999, Dário iniciou as aulas no Centro Livre Meninada (Projeto da Prefeitura Municipal de João Pessoa – PMJP), em Jaguaribe, João Pessoa. Nesse Projeto, ele foi contratado como educador social de capoeira, tendo a carteira de trabalho assinada pelo Lar da Criança, permanecendo até 2004. Nesse espaço, ele atendeu crianças e adolescentes de vários bairros da cidade de João Pessoa. Então, nesse período, Dário, já instrutor de capoeira, dava aulas na Escola Piollin à tarde, no Centro Livre Meninada pela manhã e, nos sábados, no Centro Comunitário da Ilha do Bispo.

Em janeiro de 1999, mestre Lázaro veio dar uma oficina de capoeira no Grupo, Escola Piollin (na época), e acordou com Dário como seria essa relação mestre-instrutor para a formação deste Grupo, pois a distância Boca do Rio, Salvador, e Roger, João Pessoa, não deveria ser tomada com uma dificuldade para o processo de ensino-aprendizagem da capoeira. Foi uma conversa na qual ficou acordado como deveria ser desenvolvido o grupo, respeitando a tradição, os fundamentos, o ritual e o comportamento do grupo, a partir do mestre Nô, da ideia geradora de “capoeira na roda, capoeira na vida”. Minha decisão foi ficar como aluna de Dário, já que essa relação foi construída desde as minhas primeiras aulas de capoeira, afinal, foi quem me ensinou a gingar. Pois, na época, Rafael Magnata não estava bem de saúde.

Em março de 2000, o instrutor Dário ligou para mestre Lázaro, pedindo autorização para que eu comesse a ministrar as aulas de capoeira. Mestre Lázaro concordou, mas questionou se eu já tinha as condições de desenvolver aulas de maneira individual. Dário respondeu que acreditava que sim, pois já tinha me preparado capoeirísticamente para dar aulas. Desde então, comecei a ministrar oficinas de capoeira para crianças e adolescentes: na Escola Piollin, pela

manhã, pelo PETI, do Governo Federal, administrado pela PMJP, e passei também a realizar uma oficina de capoeira para as meninas na Escola Piollin, no turno da tarde. E ainda ministrei aulas para crianças no Instituto Pedagógico de Educação Infantil-IPEI – nos Bancários. Ou seja, nesse ano, eu e Dário trabalhamos juntos na Escola Piollin. O tema gerador proposto era *identidade*, e, na minha Oficina, trabalhei com a *Identidade de Gênero: Mulher joga capoeira*. Dário propôs, na Oficina dele, trabalhar a identidade do Homem.



Fonte: Arquivo Pessoal. Dezembro/2000.

A imagem acima refere-se à capa do Folder do nosso primeiro evento. O nome do Grupo, nessa época, era Grupo de Capoeira Guerreiro de Palmares. Esse primeiro Encontro de Capoeira Guerreiro de Palmares foi realizado na Piollin, no período de 15 a 17 de dezembro de 2000. Neste evento, trouxemos da Associação Palmares, da Bahia, Mestres Nô, Lázaro e Beto Baraúna; de Maceió, Mestre Tônico, e a presença de capoeiristas da Palmares, da Paraíba, em especial Mestre Sabiá e seus alunos. A programação desse evento teve rodas de movimentos, de toques, e rodas de diálogos sobre capoeira. E as crianças e adolescentes receberam o cordel verde.

Em 2001, o grupo passou para a denominação *Grupo Capoeira Angola Palmares*. Em 2001, Mestre Lázaro decidiu caminhar com essa denominação a pedido do Mestre Nô, que

justificou que, mesmo na diversidade local de cada trabalho, existe uma unidade, os ensinamentos e as aprendizagens de Mestre Nô.

De 2001 até os dias atuais, o caminho foi árduo entre idas e vindas, no passo de cada época, de cada graduação de cordel verde até o cordel branco e amarelo do Mestre Dário. O Mestre Dário vivenciou na roda da vida as articulações de capoeira; os cordéis; trabalho com capoeira; as viagens para outras rodas de Salvador à Itália; as rodas da Lagoa, do Ponto Cem Réis, em João Pessoa; do Centro Cultural, em Campina Grande; das idas a Guarabira. Tudo isso trouxe ensinamentos e aprendizagens para a concepção do trabalho de capoeira no Roger. O Grupo de Capoeira foi e é construído entre confronto e negociação nos diálogos entre todos nós que fizemos e/ou fazemos o Grupo.

Assim, forjamos e continuaremos forjando uma prática de capoeira angola, de luta pela liberdade com um sentido para vida de todos nós, de uma crença na utopia, de uma sociedade brasileira justa e com equidade. Andar com as mãos no nosso chão da periferia, voar com os pés na favela, o coração na comunidade e a cabeça no mundo. Esse é o desafio da roda desse grupo. O lugar, o território, onde nós pertencemos marcou e marca a nossa capoeira, e vamos levando essa roda para outros lugares. Da margem ao centro e do centro às margens fomos quebrando as barreiras, como já dizia as músicas de capoeira: “[...] de nova York ao México/do Rio de Janeiro até o Japão/o toque do berimbau viola/seja São Bento grande ou Angola/o jogo rola normalmente/ êêê, capoeira é do povo é da gente[...]”, de Domínio Popular.

Desde então, este Grupo de Capoeira compreende a prática de capoeira angola da linhagem dos mestres, do Mestre Nô, da periferia de Salvador que se conecta com a periferia de João Pessoa, e no baixo Roger. Ela foi e é luta, que busca na roda de capoeira a força como potencial de humanizar na roda da vida. Respeito, Jogo, Roda, Axé, Protagonismo, Participação, Liberdade, Identidade, Alegria, Resistência, Empoderamento, Família; tudo entrelaçado, vivido no espaço lúdico da roda de capoeira para fortalecer em cada capoeirista do grupo o potencial criativo, humanizador, político, de mudança e transformação social de nossa comunidade e da sociedade.

QUADRO 10 - Percorso formativo do Mestre Dário			
Ordem	Graduação (cordel)	Ano	Local
1º	Aluno – verde	1992	Lyceu Paraibano (ginásio), Centro, JP/PB
2º	Aluno – verde e amarelo	1993	SESC, Centro, em JP/PB
3º	Aluno – amarelo	1995	Espaço Cultural, em JP/PB

4º	Instrutor – amarelo e azul	1998	SESC, Centro, em JP/PB
5º	Professor – azul	2003	Escola Piollin Roger, JP/PB
6º	Contramestre – verde, amarelo, azul e branco trançado	2007	EMEF IMEJA, Boca do Rio, Salvador/BA
7º	Mestre – branco ponta verde	2013	EMEF IMEJA, Boca do Rio, Salvador/BA
8º	Mestre – branco ponta amarela	2016	EEEF Prof. Ana Higina, baixo Roger, JP/PB

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora no período 2019.1.

Pode-se visualizar no Quadro acima o percurso do mestre Dário. A graduação de aluno para instrutor ocorreu no espaço de três anos; para o cordel de professor, foram cinco anos; para o de contramestre, foram quatro anos; para a primeira mestria, foram seis anos; e para a segunda mestria, três anos. Isso mostra que há uma variação de tempo de cada graduação; que ela não foi de maneira linear, preestabelecida, e que existe um tempo previsto. Mas cada um ou cada uma pode aumentar ou abreviar esse tempo, de acordo com suas aprendizagens ou não, e os reconhecimentos ou não, no entendimento do mestre dele. Nesse caso a graduação de instrutor até a segunda graduação de mestria foram entregues pelo mestre Lázaro, com o consentimento do mestre Nô.

Alguém pode se perguntar o porquê de relatar essa história. O motivo é por estarmos tomando os capoeiristas, como diz (FREIRE, 1980, p. 7), “como seres humanos concretos e particulares que se reconheçam a si próprios no transcurso da discussão como criadores de cultura”, de uma experiência de capoeira angola tomada neste trabalho com tendência de educação libertária e de cultura ancestral. Portanto, falar do mestre é tomá-lo como o fio condutor “da trama capoeira angola, cultura e educação” deste grupo específico, Grupo Capoeira Angola Palmares, Roger.

A própria escolha do caminho da pesquisa foi uma ação consciente de que, para falar da ação educativa deste grupo, se faz necessário falar de quem veio antes, até chegar o tempo presente.

O Grupo foi fundado em 17 de março de 1998, em espaço cedido, na Escola Piollin, Roger, onde foi sediado de 1998 a 2005. Entre 2006 e 2012, ficou sediado no Centro de Referência de Cidadania Maria Borges, localizado na Rua Conceição Cabral, baixo Roger. Depois, na Igreja Nossa Senhora de Lourdes. No ano de 2012, devido a alguns vizinhos da Igreja, na Comunidade Asa Branca, serem idosos e estarem, na época, enfermos, o grupo achou melhor não continuar nesse local para evitar problemas com a comunidade. Assim, o

mestre e alguns alunos (adolescentes e jovens na época) foram treinar na Praça da Independência, localizada no Centro. Em uma das audiências do Orçamento Participativo (da PMJP), realizada no Ginásio do Roger, foi colocada a situação do Grupo, que havia perdido sua sede com a mudança de funcionamento do Centro de Cidadania para a casa na qual funcionava a Creche Assis Tavares. Nesse momento, a Casa Pequeno Davi, ONG do bairro, cedeu o espaço da noite e do final de semana para os ensaios do Grupo, local onde o grupo permanece até os dias atuais.

As atividades do grupo são aulas de capoeira, de maculelê, de ijexá⁵⁸, de penteado afro e formação humana, “papoeiras⁵⁹” para crianças, adolescentes, jovens e adultos do bairro do Roger e de outras localidades da cidade que desejem experienciar a capoeira. As aulas para as crianças e iniciantes acontecem à noite, das 19h00 às 20h00; das 20h15min às 22h00, acontecem as aulas para adolescentes, jovens e adultos graduados e iniciantes.

O Grupo realiza apresentações em escolas públicas e privadas de João Pessoa; rodas de rua dentro do bairro, nas comunidades; participa em eventos públicos, celebra o Dia da Mulher Negra Afro-Latina Caribenha (25 de julho), conhecido também por Dia da Mulher Negra; e o mês da Consciência Negra, no Dia 20 de novembro; celebra o aniversário da Associação Palmares; e realiza o Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares, anualmente.

A ideia é desenvolver a capoeira e outras manifestações da cultura afro-brasileira para crianças, adolescentes, jovens e adultos, para a construção de laços de pertencimento ao grupo, de solidariedade, de elevação de autoestima, de autonomia diante das “barreiras” da vida de membros das classes populares, de bairro de periferia.

Participam crianças, adolescentes, jovens e adultos em situação de risco pessoal e social, residentes no bairro do Roger e em outros bairros adjacentes, do município de João Pessoa.

No último evento, em 2018, foi realizado um levantamento do grupo, que tinha ativamente cem pessoas. Em 2019, o Grupo possui, em média, 65 pessoas frequentando.

Desde 2014, o grupo mantinha as atividades de capoeira nas terças e quintas à noite, na Casa das Irmãs, na Comunidade do S. As aulas foram paradas provisoriamente, devido à construção do Residencial do S. Ficou difícil o acesso à noite, devido às obras de infraestrutura conterem muita lama, pois a comunidade está dentro da área de manguezal. Os alunos da Comunidade estão sem participar atualmente do grupo, sendo a maioria crianças e adolescentes. Os pais ou responsáveis relataram-nos que não tinham possibilidades de levarem as crianças à noite na Casa Pequeno Davi, pois já chegavam cansados dos seus trabalhos, e uma parte deles

⁵⁸ É um ritmo tocado nos atabaques, acompanhado pelo agogô.

⁵⁹ Denominação dada para a conversa, os diálogos, no final da roda no grupo.

trabalham como Agente de Limpeza da Empresa de Limpeza Urbana (EMLUR/PMJP) ou são Catadores de materiais recicláveis. Em média, eram trinta pessoas atendidas nas terças e quintas à noite, das 19h00 às 21h00.

O grupo hoje tem, em média, 11 crianças (06 meninas e 05 meninos); 22 adolescentes (09 meninas e 13 meninos); 25 jovens (05 mulheres e 20 homens) e 08 adultos (04 mulheres e 04 homens). Nessa parcela, incluem-se o mestre e eu, a contramestra e 65 integrantes.

QUADRO 11 - Perfil do Grupo Capoeira Angola Palmares			
Classificação etária	Feminino	Masculino	Total
Crianças	06	05	11
Adolescentes	09	13	22
Jovens	05	19	24
Adultos	04	04	08
Totalizando	28	37	65

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora no período 2019.1.

Pode-se visualizar que existe uma forte presença feminina neste grupo. Na faixa etária da infância e da adolescência, os números entre meninos e meninas estão bem próximos; já na fase da juventude, a predominância ainda é bem masculina; e na faixa etária adulta estão iguais. Em suma, demonstra-se que existe uma presença feminina na roda de capoeira angola no Roger. Foram motivadas pelo respeito e o incentivo para jogar, cantar, falar que recebem dos mestres e dos membros do grupo, em especial das outras meninas e mulheres, conforme as respostas dadas pelas mulheres entrevistadas do grupo.

Não há folha de frequência dos(as) alunos(as). As aulas são abertas cotidianamente. A pessoa precisa pedir licença para participar da atividade. Depois, na conversa do final de aula, são explicados os critérios de aceitação e participação no grupo: respeitar as pessoas; as regras de convivência e os fundamentos; os comportamentos; o ritual e a tradição da capoeira angola deste grupo, centrado no princípio de capoeira na roda, capoeira na vida, do Mestre Nô.

As crianças e os adolescentes foram assíduos e pontuais nas aulas e nas apresentações nesse primeiro semestre de 2019. Já os alunos jovens e adultos variaram nessa frequência. Alguns, devido ao trabalho ou aos estudos, frequentaram apenas uma vez por semana; outros, duas vezes no mês e procuraram participar das apresentações do grupo, quando aconteceram à noite.

Porém, no evento anual do Grupo, o Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares-ENCAP, todos se fazem presente. Só existiu ausência nos últimos anos por motivo de saúde. Os que não puderam treinar durante o ano também compareceram para ajudar no evento, tanto na organização, como no jogo, no toque e no cântico. No último Encontro de capoeira - ENCAP/2018, realizado na Casa Pequeno Davi (CPD), em dezembro, os que estavam trabalhando, ajudaram com uma contribuição financeira, de acordo com suas possibilidades. O grupo não conseguiu o apoio para a realização total do evento e, assim, as colaborações ajudaram para a confecção das 100 camisas para todos(as) do Grupo.

O Roger⁶⁰ é um dos bairros mais antigos da cidade de João Pessoa. Tem uma população estimada em mais de 10 mil habitantes. Possui como característica geográfica estar dividido em alto e baixo Roger. No Alto Roger, residiam políticos e empresários, e no baixo Roger, trabalhadores, pedreiros, cozinheiras, vigilantes. Entre as subidas e descidas de ladeiras, o bairro tem quadrilhas juninas: Lajeiro Seco e a Paraíba. A Lajeiro Seco é uma das quadrilhas juninas mais antigas em atividade. Há duas Ala ursos: Gavião e Sem Lenço e Documento. Ainda tem a Rezadeira Dona Severina, que mora na descida da Rua Conceição Cabral, no finalzinho e “onde o vento faz a curva”. Há seis Terreiros de religião de matriz africana: 02 Terreiros são no Alto Roger, 02 na Comunidade Asa Branca e 02 na Comunidade do S. São duas Igrejas Católicas, a Igreja Santa Terezinha, no Alto, e Igreja Santa de Rita de Cássia, no Baixo. Há onze Igrejas evangélicas distribuídas pelo bairro. Existem três ONGs, o Centro Cultural Piollin, a Casa Pequeno Davi e a Associação Santos Dias. Duas unidades da USF III. Há três escolas: Escola Municipal de Ensino Fundamental João Coutinho e Frei Afonso, Escola Estadual de Ensino Fundamental Ana Higina. Duas Creches municipais: Assis Tavares, Frei Afonso e Amiguinhos (filantrópica).

As desigualdades entre o Alto e o Baixo Roger ainda se apresentam. Há, no baixo Roger, duas comunidades reconhecidas como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, a Comunidade Asa Branca e a Comunidade do S.

O processo de ensino-aprendizagem da capoeira dá-se no cotidiano das aulas, tanto os movimentos físicos, a musicalidade (cantos e toques), os fundamentos, como o ritual e tradição da capoeira angola, neste caso, centrados nos ensinamentos de mestre Nô.

⁶⁰O Roger é considerado um bairro que possui diversas manifestações culturais. Ver IPNAN (2013) EDUCAÇÃO PATRIMONIAL educação, memórias e identidades. Caderno Temático 3. p. 60-63. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/caderno_temático_de_educacao_patrimonial_nr_03.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2019.

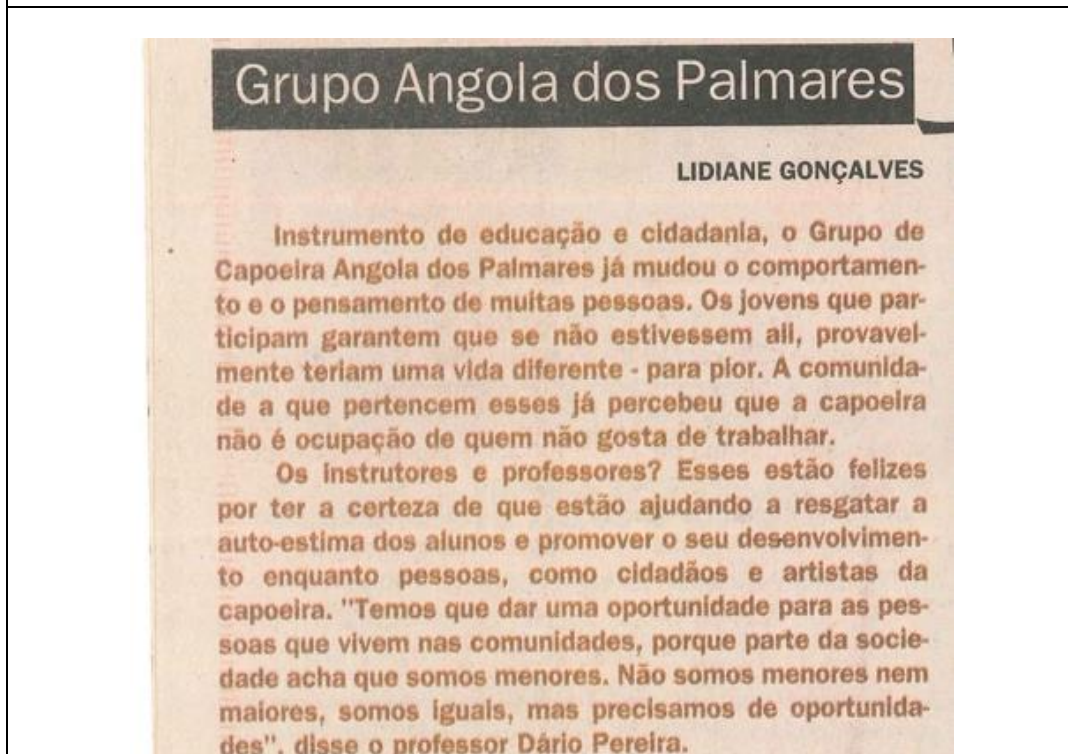
A capoeira ensinada-aprendida neste grupo é a que foi aprendida com os mestres mais antigos da Associação Palmares em continuação à experiência do mestre Dário, da interpretação que fazia dos jogos que realizou, das rodas que assistiu e do dia a dia das várias salas de aula que atuou. Assim, sistematizou os elementos estruturantes da ação educativa deste grupo.

O grupo tem como objetivo ensinar e aprender a capoeira angola, entendida como manifestação cultural afro-brasileira para crianças, adolescentes e jovens em situação de risco pessoal e/ou social. Como específicos, destacou-se;

- Elevar a autoestima de crianças, adolescentes e jovens;
- Potencializar o protagonismo infanto-juvenil e o empoderamento da comunidade;
- Favorecer uma cultura de paz em nossas comunidades, combate ao racismo.
- Fortalecer a identidade afro-brasileira e os laços de pertencimento à família, à comunidade e ao grupo, a fim de construir uma sociedade mais justa, pacífica e com equidade.

Como conteúdo, o grupo desenvolveu:

- os fundamentos, os comportamentos, os movimentos, a musicalidade, o ritual e a tradição da capoeira angola a partir da linhagem de mestre Nô.
- Maculelê, toques, música e dança;
- Ijexá e samba de roda: música, toque e dança;
- Penteado afro, prática e contextualização da origem dos penteados;
- Poesias de recorte de valorização da mulher, da periferia, do negro;
- Formação humana e cidadã;
- Participação e protagonismo;
- Rodas de diálogos (ECA, Sexualidade, cultura de massa, autoestima, identidade, política, conselhos);
- Negritude e combate ao racismo e a todas as formas correlatas de discriminação.

IMAGEM 12 – Matéria Jornalística sobre o trabalho do Grupo

Fonte: Jornal CORREIO DA PARAIBA. 05 fev. 2006.

Essa matéria foi realizada sobre o trabalho que o grupo realiza em relação ao combate ao preconceito e à discriminação etnicorracial e elevação de autoestima com as crianças, adolescentes e jovens. Pois, faz parte do objetivo desse grupo somar na transformação social, a partir da conscientização de respeito e valorização do negro e da cultura afro-brasileira.

No que tange ao método, destacou-se: a) aulas diárias são divididas em quatro partes: repetição individual de movimentos básicos da capoeira; ginga, esquiva, resistência negativa e rolê, meia lua de frente, meia lua de compasso, armada, entre outros; b) segunda parte: repetição de sequências em duplas; c) terceira parte: a roda de capoeira: jogo, toque e cânticos e quarta parte, d) o final: a conversa sobre algo da aula e/ou sobre o cotidiano das pessoas e/ou acontecimento do bairro.

O mestre Dário realiza também, uma vez no mês, uma aula com instrumentos de capoeira, ou apenas de cada instrumento, de acordo com a relação do número de instrumentos com o número de alunos na sala de aula naquele momento. Há uma roda por mês, dentro do bairro, e aula de maculelê duas vezes no mês. Leva-se o grupo para apresentações em espaços públicos da cidade e nas escolas do bairro também. Proporciona-se a ida de alunos(as) do grupo também para os espaços de oficina, a exemplo das experiências de aula e de roda com os(as)

alunos(as) do Projeto Beira da Linha, no bairro do Alto do Mateus, em 2018, e nesse primeiro semestre de 2019.

A avaliação das ações do grupo é realizada de maneira qualitativa e processual durante toda a trajetória de capoeira da pessoa no grupo. O capoeirista é avaliado tomando a si mesmo como referência, o que ele tem desenvolvido no corpo, nos conhecimentos, na musicalidade, nos fundamentos, na cooperação, na solidariedade e na postura ética no grupo e na vida.

O mestre leva em consideração a participação do sujeito no grupo; sua relação com o mestre e com os demais integrantes no grupo; sua frequência; sua dedicação ao grupo, dentro das possibilidades dele de trabalho, estudo e família.

No evento de culminância das atividades anuais, o ENCAP, o capoeirista recebe a graduação. Existe uma referência de tempo para cada graduação. O que irá definir o tempo para alcançar a graduação é o compromisso com o grupo, o respeito às pessoas e à capoeira angola. Mestre Dário diz que é o caminho de cada um no grupo que dirá o tempo que lhe permitirá entregar a graduação do sujeito.

O mestre não adota a avaliação, segundo critérios exclusivamente objetivos, como: desempenho no jogo; estética e eficiência de movimentos; domínios de toques e músicas de capoeira. Por isso, não há a reprovação na obtenção das graduações. O que ocorre é um alargamento no tempo se o mestre acreditar que o(a) aluno(a) ainda não está com as condições necessárias para a mudança de cordel naquele momento.

5 NA RODA DO MUNDO: UMA SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DO GRUPO CAPOEIRA ANGOLA PALMARES

Compreende-se que ensinar capoeira começa com uma conversa sobre coisas simples. Apresentamo-nos, (nome -graduação-mestre-grupo) e escutamos o nome de cada um presente na atividade. Perguntamos quem já jogou capoeira ou quem já viu uma roda de capoeira. Às vezes, as crianças ou adolescentes já viram em uma praça ou na televisão ou em apresentações na escola. O mestre (vamos adotar a nomenclatura de mestre, contramestre, professor e instrutor, aquele que atua ensinando-aprendendo a capoeira, formado dentro da tradição), então, inicia dizendo que capoeira é jogo, luta, dança. Criada no Brasil por negros africanos, aqui na condição de escravizados. Então, o mestre diz: “ela é afro-brasileira”. Acrescenta na sua apresentação individual, além do nome, a graduação, seu mestre e o grupo ao qual pertence. Às vezes, o público presente faz um comentário do tipo “eu já ouvi falar” ou “não conheço”.

Em seguida, o mestre descreve a roda de capoeira que é formada por pessoas sentadas ou em pé em círculo, dependendo do contexto; e que todos se alternam tocando, cantando, batendo palma, observando o jogo da vez e jogando. Alguém geralmente pergunta: “Professor, o senhor vai ensinar a gente a dar salto solto?”. E o mestre, na maioria das vezes, responde: ‘se você estiver sempre presente, com atenção e dedicação, vai aprender a jogar capoeira, até a ‘voar’ depende de cada um de nós, da nossa vontade e da participação em cada aula. Eu gosto de dar aulas de capoeira”.

IMAGEM 13 – Jogador à direita fazendo salto mortal na roda.



Fonte: Arquivo Pessoal. Março/2009. Roger.

Na imagem acima, fica evidente a força e o prazer que envolve os capoeiristas. A capoeira e os capoeiristas chamam atenção pela alegria.

Outra pergunta comum é sobre os instrumentos. “Professor, a gente vai aprender a tocar berimbau?”. Depois de algum tempo, um chama para começar a aula, o mestre responde: “nós já começamos a aula”. Na capoeira, precisamos aprender a falar, pois contamos nossas histórias através dos cânticos da capoeira. Durante o jogo, o mestre, através da cantiga, dá dicas aos jogadores do tipo “ele quer te pegar, abre o olho”.

Aula de Capoeira

IMAGEM 14 – Conversa entre o Mestre Dário e os alunos sobre capoeira

Fonte: Arquivo Pessoal. 17 nov. 2018. Casa das Irmãs, na Comunidade do S. Baixo Roger.

A imagem acima consiste em uma das atividades na Casa das Irmãs, na Comunidade do S. Nesse momento, o mestre Dário estava conversando sobre a capoeira. Depois, começou a roda. Nesse espaço, as crianças vão chegando à vontade. Conforme o passar do tempo, elas ganham a calça e a camisa da capoeira.

Nas primeiras aulas, o mestre Dário apresenta a capoeira e a sua linhagem⁶¹. Depois dessa conversa inicial, o mestre pede para que todos fiquem de pé, com os pés separados na largura dos ombros. Estica para cima, para o lado, para o outro, continua o alongamento para braços, pernas, tronco e cabeça. O mestre pede para que formem um círculo em pé e começa a gingar. Ginga um pouco para lá e para cá. Depois, explica que a ginga é o principal movimento de capoeira. A base da qual saem todos os movimentos de golpes, contragolpes, defesas e floreios. Nesse instante, pede para que as pessoas se espalhem na sala de frente e ginguem juntos por algum tempo.

Depois da ginga, o mestre demonstra os movimentos básicos de defesa: esquiva, resistência, negativa e rolê. Depois, os alunos espalhados na sala repetem pelos menos 10 de

⁶¹ Linhagem é a árvore genealógica do capoeirista. Fala do mestre que lhe formou e do grupo que faz parte. No caso, a linhagem do mestre Dário é mestre Lázaro e mestre Nô, do Grupo Palmares.

cada lado (esquerdo e direito). De acordo com o rendimento da turma, esse número de repetições aumenta ou diminui. Conforme realizam os movimentos, o mestre procura ver a desenvoltura dos mesmos e a condição física para a realização dos movimentos.

Após essa etapa, o mestre mostra alguns movimentos de ataque: meia lua de frente, benção e o martelo, golpes realizados com o corpo na posição de frente e lateral; também com repetição de 10, cada perna, podendo variar conforme o desenvolvimento da turma. A turma com os alunos graduados faz repetições de 50 movimentos com cada perna.

Em seguida, forma-se uma fila para a realização dos aús (o corpo está de cabeça para baixo, as mãos tocam o chão e as pernas passam por cima até tocarem o chão novamente) em um dos lados da sala, e cada aluno vai fazendo o aú (conhecido também por estrelinha). Conforme o andamento da turma, vão se acrescentando variações do aú: aú folha seca (quando o corpo está na posição de cabeça para baixo e pernas para cima no meio, junta-se as pernas na posição da negativa, ou seja, uma perna flexionada e outra alongada, e desce para o chão nessa posição), aú agulha (quando o corpo está no ponto de equilíbrio no meio de pernas para cima e cabeça para baixo, junta-se as duas pernas deslizando com uma das mãos para frente do corpo e descendo com as duas pernas juntas), aú chibata (é uma espécie de aú jogada na direção da frente, onde deve estar o oponente), aú de coluna (entra lateralmente e, quando o corpo está na posição do meio, vira-se o tronco para a posição de uma ponte e toca-se no chão com uma pé de cada vez).

Após a execução de movimentos para o repertório corporal de cada sujeito, a segunda parte da aula é a realização dos movimentos em dupla. O mestre passa sequências que irão orientar o jogo propriamente dito na roda de capoeira. Vamos descrever algumas sequências básicas que foram repassadas pelos mestres Nô e Lázaro, que o Mestre Dário nos comunica a partir da interpretação dele das situações vividas em roda.

O mestre destaca na fala que as sequências não devem ser repetidas no instante do jogo, pois a situação do jogo pode não caber àquela determinada sequência, e as sequências são orientações, um fio condutor de onde cada um deverá desenvolver o seu próprio repertório corporal, pois o jogo exige atenção, criatividade, capacidade de improviso e memória de situações de jogos anteriores, onde cada um irá desenvolver uma forma de jogar própria que tem movimentos comuns. Uma forma de ligação que une a herança dos ensinamentos do mestre, mas com o jeito próprio de cada jogador.

Descreveremos algumas sequências que são fios condutores para outras sequências mais complexas que já exigem maior atenção e amadurecimento, que envolvem a execução de golpes traumatizantes. Nesse caso, são sequências para os alunos mais graduados do grupo, pois exige

a responsabilidade de saberem em que momento vai usar na roda e com quem vai usar, pois, se o outro não souber cair ou se o corpo não estiver preparado para absorver um golpe, pode se machucar no jogo. Como frisa o mestre, todo mundo precisa sair para trabalhar no outro dia, então, não dá para se machucar à toa.

As sequências são desenvolvidas em dupla. O mestre Dário pede para que procurem um par mais ou menos da mesma altura e do mesmo tempo de capoeira para facilitar a realização da movimentação. Depois da demonstração, os alunos mais graduados presentes na aula vão ajudando, tirando as dúvidas juntamente com o mestre.

IMAGEM 15 – Contramestra Malu gingando com Gabriela (aluna e filha)



Fonte: Arquivo Pessoal. 08 dez. 2012, na Igrejinha Nossa Senhora de Lourdes. Baixo Roger.

A foto mostra o movimento de ginga na roda. Eu estava grávida de Maria e jogava com Gabriela (minha filha). A distância entre nós, uma olhando para a outra, o que possibilitou o jogo. O que parece movimento natural exige do capoeirista treinamento. O mestre Dário trabalha sequência de ginga. Em seguida, discorreremos sobre a importância de treinar a ginga em dupla.

Sequência 01: Jogador A de frente ao jogador B, procurando ora fazer ginga espelhada (igual), ora defasada (contrária); os sujeitos deslocam-se no sentido horário e anti-horário. Essa sequência parece simples, mas, no fazer, exige que o jogador sempre tenha o seu oponente à vista, de modo que consiga ora acompanhá-lo na ginga, ora na ginga oposta ao outro, na ginga defasada. Há uma distância que precisam ter um do outro, bem como o cuidado para não bater

nos colegas ao redor, uma vez que todos estão espalhados na sala, desenvolvendo a visão periférica, olhando quem está à frente, ao mesmo tempo percebendo quem está ao redor.

Pois o mestre chama a atenção de que, na hora na qual se está jogando, é preciso saber se localizar dentro da roda, uma vez que o oponente pode deixá-lo próximo a quem está sentado na roda, lançando um golpe certo e pegando-o por não haver o espaço para a fuga (sair do golpe).

Para o mestre, o capoeirista precisa aprender a negociar o centro da roda. Através da ginga, o capoeirista deve procurar se espalhar na roda para que fique mais difícil para o seu oponente vencê-lo. Por isso, a necessidade de gingar ora junto com ele, ora defasado dele, estando preparado para o momento certo do golpe.

A ginga é o movimento que, normalmente, é usado nas aulas, pois é a base para a realização de qualquer movimento ataque, defesa e fuga na capoeira angola. O mestre fala que se reconhece um bom capoeirista pela ginga. Algumas músicas de capoeira retratam bem isso para as diversas gerações de capoeira: “Capoeira é defesa ataque/ é ginga de corpo/ é malandragem” (cantiga de Domínio Público).

Sequência 02: Jogador A e jogador B gingham espelhado. Jogador A faz meia-lua de frente com a perna direita, depois ginga, e jogador B esquiva para a direita, depois ginga; depois fazem com a perna esquerda. Então, jogador B inicia a sequência, até o momento que o mestre pede para parar. Nessas sequências, o mestre irá mudando os golpes e as esquivas para que eles desenvolvam a noção da distância um do outro para a realização do movimento. Como estão espalhados pela sala, é preciso a noção espacial, a visão periférica e o cuidado para não bater nos demais colegas.

Conforme o andamento das aulas, o mestre pede para que haja uma variação das duplas, pois o tamanho do corpo do outro, o tempo de capoeira, a desenvoltura do outro, o ritmo, precisam ser experienciados por todos e todas ali presentes. O critério de escolha da dupla pode ser, em alguns momentos, por afinidades: “jogador A só quer fazer com jogador B, porque os dois vêm juntos e vão juntos para casa”. Todavia, o mestre explica que precisamos nos acostumar com os “outros” diferentes, pois, na vida, vamos estar encontrando pessoas novas na escola, no bairro, na igreja, na praça, no trabalho, e precisamos ter habilidades para tratar com essa diversidade de pessoas, de idades, de crenças, de classes, de jeitos diferentes ou iguais aos nossos.

Por isso, o mestre pede para que procurem sempre alternar o companheiro com o qual fazem dupla. Isso irá ajudar no desenvolvimento dos movimentos e nas habilidades para o jogo,

uma vez que o capoeirista não se habituará apenas com o mesmo companheiro. Depois dessas sequências com um ou dois movimentos, começam as sequências com mais de dois movimentos.

IMAGEM 16 – à direita, Mestre Dário faz a meia-lua de compasso, e à esquerda, jogador faz a negativa



Fonte: Arquivo Pessoal. 24 mar.2019. Casa pequeno Davi. João Pessoa.

Na imagem acima, Mestre Dário inicia a meia-lua de compasso, e o outro está na negativa para sair do golpe. O treinamento possibilita a ele ter agilidade para fazer várias saídas e contragolpes. Uma das possibilidades narraremos abaixo.

Sequência 3: jogador A faz meia-lua de compasso, jogador B faz esquiva. Jogador A passa para a negativa e tesoura, jogador B lança a meia-lua de compasso e sai de aú; jogador B faz negativa, rolê e ginga, jogador A faz negativa e rolê. Essa sequência já alinhava os seguintes movimentos: meia-lua de compasso, esquiva, tesoura, negativa, rolê, aú e ginga. Portanto, possibilita aos jogadores desenvolverem a agilidade e destreza de descer e subir o corpo, de um estar próximo do outro, sem tocar nele. No treinamento, busca-se alterar a velocidade com que são realizados. Já na situação da roda, o mestre ressalta que depende do ritmo do berimbau e da agilidade dos jogadores, porque um dos jogadores pode dar a cabeçada no aú e terminar o jogo. Quer dizer, essa sequência em situação de jogo pode variar infinitas vezes, o que vai depender do repertório corporal de cada jogador, da capacidade de improviso e de criar uma entrada ou saída inesperada.

Na roda, poderá ganhar o jogo o capoeirista que tiver a malandragem para fazer a leitura do corpo do outro e criar uma situação a que o outro não tenha resposta. Por isso, o mestre comunica que treinar a sequência é uma maneira de preparar o jogador para a roda de capoeira. Todavia, o mestre destaca que o aluno não deve “decorar” a sequência, mas, a partir dela, criar outras interações com outros golpes e contragolpes, de maneira que cada um jogue e deixe o outro jogar. Assim, irão adquirir volume no jogo e, com o passar do tempo, agilidade, destreza e beleza no repertório individual e coletivo do grupo. Pois, o mestre ensina que o jogo sempre depende dos dois capoeiristas. Se um tiver um repertório vasto e o outro não, o jogo perde a fluidez dos movimentos.

Portanto, as entradas e as saídas, subidas e descidas, quebradas de corpo, parecem impossíveis aos olhos de pessoas que não praticam a capoeira. Suscita em diversas vezes em apresentações do grupo um ou outro comentário: “parece que ele não tem osso”. Tanto nas demonstrações de flexibilidade de alguns capoeiristas ou nas demonstrações de velocidade, que parecem, aos olhos do público, que vão “tirar a cabeça um do outro”, no jogo rápido de armadas e meias-luas de compasso (golpes giratórios feitos com bastante velocidade, um jogador próximo do outro, na distância da perna). Isso é resultado de treinamento.

Sequência 04: jogador A faz meia-lua de frente com a perna direita e depois a esquerda, jogador B negaceia⁶² para direita, depois para esquerda; jogador A faz a biqueira⁶³, jogador B bloqueia (braços esticados, entrelaçados com as mãos, formando um x), jogando a perna do Jogador A para fora e lança meia-lua de compasso; jogador B esquiva e lança outra meia-lua de compasso acompanhando o movimento jogador A; jogador A passa para a negativa e abre a tesoura, jogador B escorrega com as duas pernas por dentro; jogador A levanta o corpo bloqueando com as mãos as pernas do jogador B, gira o corpo no sentido anti-horário, já levantando a perna de fora, fazendo a meia-lua de frente; jogador B sai com negativa rolê, e voltam ambos para a ginga. Nessa sequência, o corpo está na posição em pé, na execução das meias-luas de frente, passa pela posição média com a meia-lua de compasso e desce para o chão com as tesouras, negativas e rolês.

Isso vai auxiliando o capoeirista a desenvolver noções de alto baixo, de equilíbrio e de desequilíbrio, do olhar nos vários sentidos, de suscitar a curiosidade de exploração do espaço e

⁶² Negaceia é o ato de ludibriar, iludir o oponente. O Capoeirista, na posição da ginga, balanceia o corpo de um lado para o outro, finge que vai e não vai lançar o movimento para enganar o adversário.

⁶³ Biqueira é o movimento de ataque. Um chute frontal que toca com a ponta do pé no adversário. Conhecido como o bote da cobra.

do tempo com força e velocidade que precisarão desenvolver nessa situação. O jogador não deve encostar no corpo do outro, não o perder de vista, conhecendo as possibilidades de seu corpo e fortalecendo-o como um todo, já que se trabalha as inversões do mesmo.

São trabalhadas em cada aula uma ou duas dessas sequências maiores. Na aula seguinte, o mestre pede para que os alunos lembrem as sequências da aula anterior. Depois, que dois mostrem ao mestre para que todo o grupo também faça durante uns dois minutos. Depois, ele fala algo sobre a sequência, fazendo referência a algum jogo no qual ela foi utilizada. Comenta como foi realizada pelos jogadores A ou B e, dependendo da pergunta do grupo, detalha-se mais aquelas sequências ou passa-se para uma próxima, usando parte da mesma sequência. É assim que a continuidade das sequências se torna os fios condutores do processo de ensino-aprendizagem da capoeira desse grupo.

O tipo de sequência também varia de acordo com o tipo de jogo. O mestre fala com o grupo que tem visto algumas rodas pessoalmente ou nos vídeos do *Youtube* e que estão sendo utilizados determinados movimentos mais pegados e traumáticos. Como, por exemplo, as entradas de banda (uma entrada em que o jogador coloca seu corpo na lateral por trás do outro, e varre as duas pernas dele, jogando o corpo para cima, e o mesmo cai com as costas no chão).

Sabendo disso, os outros alunos mais graduados complementam uma situação ou outra em relação ao movimento. O mestre chama um dos alunos, mostra a situação da banda, de modo devagar para que o aluno não se machuque ao cair. Depois, ele comenta do perigo desse movimento e, em todo caso, diz que é necessário saber fazê-lo para que, em uma situação de jogo “mais dentro e duro”, o jogador saiba sair antes da aplicação da banda ou revertê-la. Desde então, o mestre vai explicando os pormenores, como posição do tronco, dos pés, das mãos, da força, do tempo da entrada do movimento. Todos sentados na roda escutando a explicação e observando as duas ou três demonstrações do mestre com o aluno (antigo). Ora o mestre dá a banda, ora ele leva a banda do aluno. O mestre pede para que se preste atenção tanto no dar a banda como no cair, para que não se machuque em roda, pois ele lembra que a “maldade” existe e tem-se que estar preparado para quando o jogo deixa de ser brincadeira para ser a “vera”, ensinamentos do mestre João Pequeno. Depois, o mestre pede, aos poucos, para que se espalhem e façam o movimento: primeiro, os jogadores na posição lateral, um de frente para o outro. Um fica parado na base lateral e outro aplica a banda. Depois, vão alternando, até o mestre pedir para parar.

Em seguida, o mestre mostra com o aluno outra aplicação da banda, pede para que o aluno dê uma armada, e ele entra na banda. O aluno tem que “se virar” para sair bem do

movimento. Em seguida, todo o grupo faz a sequência. Ele sempre lembra que não é toda hora que se faz esse movimento “banda”, pois ele é traumatizante.

Após essa parte, o mestre libera para água e banheiro. Normalmente, no final de cada parte da aula, os alunos voltam para sala; uns se sentam, outros fazem alguns movimentos de floreios (acrobacias da capoeira): macaco, pulôver, aú bandeira. Enquanto isso, o mestre vai armar os berimbaus. Os mais antigos põem o banco na sala e colocam os pandeiros, reco-reco, agogô e o atabaque. De tal forma, que os mais novos vejam nos mais antigos “o exemplo”, a atitude de cooperação e a postura de cuidado com as pessoas e com o espaço para a realização da roda de capoeira.

O mestre Dário senta-se no banco e começa a armar os berimbaus nesse momento. As crianças e adolescentes correm para formar a roda porque querem “jogar logo”. O mestre aproveita esse momento para ir perguntando sobre as partes do berimbau. As crianças levantam logo a mão para responder (tarugo, anel da cabaça, caxixi, dobrão, verga, cabaça).

O mestre sempre volta a contar o que é cada parte, conforme as perguntas. Mas o dobrão sempre é um tema das perguntas. “Mestre, dobrão é pedra ou seixo?”. O mestre responde que dobrão, antigamente, era uma moeda. Hoje, alguns capoeiristas usam a moeda para tocar berimbau, mas a maioria usa a “pedra” que, na capoeira, recebe o nome de dobrão. De acordo com as indagações e/ou curiosidades do grupo, o mestre vai conversando sobre os saberes e fazeres da capoeira, explicando que é uma cultura ancestral. Por isso, a importância da figura do mestre, pois ele foi e é o responsável por passar de geração em geração o conhecimento da capoeira, precisando aprender para poder também ensinar.

O mestre fala para o grupo que o primeiro dia de aluno de cada capoeirista é o primeiro dia de cada um como o mestre que eles serão. Assim, o mestre repete a importância de ensinar “o certo” para todos. A criança de hoje será o homem e a mulher de amanhã. O iniciante da capoeira hoje pode ser ou não o mestre no futuro. Então, é importante ensinar os fundamentos, os comportamentos, o ritual e a tradição da capoeira angola para que ela possa se manter viva em cada um de nós.

Portanto, ensinar certo, baseado na tradição da capoeira angola e nos ensinamentos dos mestres da Palmares, fortalece o grupo porque afirma a ancestralidade da capoeira atualizada nos ensinamentos do mestre Dário e de seus/suas alunos(as). O saber e fazer de gerações de capoeiristas que se atualizam em cada roda em cada jogo. Quando existe uma pergunta, exige-se do mestre o esforço de descobrir a resposta, pois, na capoeira, cada pergunta pede uma resposta, e o diálogo passa pelo corpo, pelo jogo, pela cantiga de capoeira, pelo mestre e por cada capoeirista.

Alguém pergunta ao mestre: “o que devo fazer quando dou uma meia de compasso e o outro entra na rasteira?”. O mestre diz que não existe a resposta pronta, pois dependerá da habilidade de cada jogador, da vontade de cada jogador, da roda da situação desafiadora. O que pode ser dito é que se treine tanto os golpes como as quedas, pois, no dia que se cair, é indício de que o jogador “vacilou” ou não conseguiu fazer a leitura do corpo do outro, da agilidade do outro, da maldade do outro, ou do tipo de jogo que estava rolando na roda, ou do que estava sendo cantado. Ou talvez ainda não se tenha entendido que na vida “quem nunca caiu, não é capoeira” (refrão de música de capoeira).

IMAGEM 17 – Jogador com cordel amarelo entrando na rasteira no outro jogador na roda de capoeira



Fonte: Arquivo Pessoal. 12 out. 2007. Roda no Dia das Crianças, na Lagoa. João Pessoa.

A imagem acima mostra um dos movimentos mais esperados na roda de capoeira: a rasteira. O jogador à esquerda entrou na rasteira. Só quem estava lá para dizer se ele conseguiu derrubar o outro, porque o mestre Dário ensina a entrada da rasteira e a saída dela. Só a agilidade de cada jogador define o êxito ou não desse movimento. Dando prosseguimento, o Mestre Dário orienta sobre a rasteira, o que ela pode representar para a roda e para os jogadores.

O mestre diz que se faz necessário, antes de começar a jogar, sentir a roda e ver o oponente; não esquecer os ensinamentos dos mestres mais antigos: entrar na roda com o corpo

fechado. E, ainda, ressalta que a rasteira é parte da capoeira, e ela pode possibilitar conhecer a si mesmo. Quando o capoeirista caiu, caiu e se levantou “com raiva ou tranquilo”, ou quis descontar de todo jeito ou conseguiu continuar no jogo “pensando o jogo”, e decidiu esperar a próxima roda, ocasião em que ele pode novamente jogar com “o jogador que o derrubou”.

Depois dessa “papoeira”, todos já conseguiram reestabelecer a respiração, descansaram um pouco e estão prontos para a roda. A parte da aula mais esperada é a roda de capoeira, momento de colocar ou não o que foi treinado durante a aula. Roda formada com todos sentados no chão e a bateria sentada no banco. O mestre pede para que haja uma alternância, um aluno que já sabe tocar com um aluno que está aprendendo a tocar, para que haja equilíbrio e harmonia na bateria.

O mestre canta a ladainha ou pede para que um aluno cante. A ladainha é uma música de capoeira que conta a história da capoeira ou de capoeiristas e termina com uma louvação: “Iê, viva meu Deus, Camará! Iê viva meu mestre, Camará!...até Iê, vamos jogar, Camará!”. Na louvação, o atabaque começa a ser tocado no final da resposta do coro. O mestre continua um cântico que pode ser corrido, quadra ou chula. Todos respondem ao coro.

IMAGEM 18 – Entrando para jogar: criança e Mestre Nô



Fonte: Arquivo pessoal. Roda na Comunidade Asa Branca, no IX ENCAP. Roger. MARÇO/2009.

Na imagem, vemos o ritual da entrada da roda de capoeira angola. Os dois jogadores agachados, no pé do berimbau, apertando as mãos. A criança já está negativa. Essa roda foi parte das atividades do IX Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares, momento de partilha entre nossos convidados com a comunidade.

Os dois jogadores que estão agachados ao pé do berimbau apertam as mãos e iniciam o jogo. Os dois entram no jogo com resistência e negativa. Daí, cada um vai responder ao movimento do outro, fazendo golpes, contragolpes, defesas, floreios e fugas dentro da complementação do jogo. Um entra e o outro sai, até os dois entenderem que, naquele momento, já desenvolveram o jogo, e um dos jogadores faz negativa e rolê e pé do berimbau. Outro jogador acompanha a negativa e rolê e pé do berimbau. Os dois jogadores apertam as mãos em sinal de agradecimento pelo jogo; ou, em outra situação, o mestre baixa o berimbau do meio (viola), fazendo uma repetição na nota fechada “ton, ton, ton, ton, ton, ton..”. Quando chegam no pé do berimbau, apertam as mãos, levantam-se e saem andando de costas, pois ainda estão dentro da roda, da área de jogo.

O mestre volta para o toque que estava executando. Os jogos vão continuando ao ritmo da bateria e, conforme o passar do tempo, vai aumentando o ritmo. A cadência do primeiro berimbau “berra boi” vai dando o ritmo da roda. O segundo berimbau “viola”, que diz o tipo de jogo, muda para o toque de São Bento Pequeno. Nesse momento, o jogo desce e sobe; os movimentos são realizados em baixo ou na altura da cintura, e o jogo pode ser “comprado”. Dois estão na roda, um terceiro se levanta, vai até o berimbau, coloca-se na posição lateral, coloca os braços na frente (é uma esquiva lateral) com quem quer jogar.

O mestre falou que ouviu os mestres Nô, Lázaro e Carlinhos Canabrava⁶⁴ conversando sobre essa questão de comprar o jogo. Eles falavam que é preciso estar seguro porque comprar o jogo é comprar o “barulho” do outro. Mestre Carlinhos Canabrava lembrou que estava em uma roda de Iemanjá e viu aquele negão jogando, apavorando todo mundo, “e daí, vou ou não vou? Sou pequeno, aquele negão é grande”. Todos riram. Porque, para o capoeirista, “comprar um jogo” exige observar o tipo de jogo que está acontecendo na roda “se está dentro (duro) ou malicioso (na espreita)”. Assim, para o mestre, é preciso estar atento para ver o que não está visível aos olhos dos desatentos, dos “voadores”. Um capoeirista desavisado pode sair com o nariz arrebitado.

⁶⁴ Carlos Antônio da Silva Pereira, conhecido por Mestre Carlinhos Canabrava, de Salvador/BA. Mestre do Grupo de Capoeira Raízes do Dendê, foi criado em 1978. Ver <<https://salvadorcapoeira.com.br/portfolio/associacao-cultural-de-capoeira-raizes-do-dende/>>. Acessado em: 14/11/2019.

O capoeirista precisa perceber a roda, o jogo, a intenção do jogador, o que está sendo cantado, para não ficar “à toa” na roda e evitar sair machucado. Então, no momento de compra do jogo, é um olho na roda e um olho no jogador. A qualquer momento, alguém pode comprar o jogo e já entrar “dentro”.

Por isso, nas conversas, o mestre aponta para a necessidade de, na hora da aula, se treinar com todo mundo, porque, assim, o sujeito vai se preparando para situações de jogo na roda. O capoeirista precisa saber desenvolver um jogo com uma criança, com uma mulher, com uma pessoa alta, com pessoa baixa, com o mais “explosivo”, com o mais malandro (que tem cara de riso o tempo todo, mas, no primeiro vacilo, joga o outro para fora da roda).

A roda vai continuando, o ritmo vai aumentando, e o berimbau viola vai para São Bento Grande de Angola. O jogo varia no meio e em cima, embaixo só como passagem para posições no meio e alta. Nesse momento, armadas, queixada, martelos, meia-lua de compasso, sem perder a complementaridade do jogo. Alguns floreios “macacos aú sem as mãos”; momento de velocidade e agilidade, esquivas e golpes rápidos, que demonstram o desenvolvimento individual e coletivo, pois são movimentos rápidos e fortes que o capoeirista precisa ter a confiança no oponente, que ele vai sair da frente e contragolpear com mais velocidade.

Depois de alguns jogos, o mestre baixa o berimbau fazendo a chamada “ton, ton, ton, ton, ton, tin” e fala Iê (curto). Alguns capoeiristas se sentam, outros se deitam, e outros pedem para beber água e ir ao banheiro. O mestre toma água e volta à roda pedindo para que todos sentem formando a roda de conversa. Começa a “papoeira”.

Uma das pessoas perguntam algo sobre a roda. Teve uma pessoa que viu que alguém estava no aú, e o outro deu uma benção. Não pegou, mas a pessoa perguntou se isso poderia ter sido feito. O Mestre pediu para que os alunos que fizeram a situação problematizada fossem para o meio e repetissem a movimentação. Depois, o mestre perguntou ao grupo se isso podia ocorrer. A maioria respondeu que não. E o mestre perguntou ao instrutor por que não podia, e ele respondeu o que o mestre ensinou, que existe regra na capoeira que não está escrita. Um jogador embaixo, o outro precisa abaixar para fazer o golpe, porque quem está com o corpo na posição de cabeça para baixo já está em desvantagem em relação ao que está com o corpo em pé.

O mestre agradeceu ao instrutor a sua contribuição e acrescentou: “eu aprendi com os meus mestres que existe um código de ética, de honra, na capoeira, pois, antigamente, o mestre Não dizia que a capoeira era mais violenta e menos perigosa. Hoje, a capoeira é menos violenta

e mais perigosa. Na época dos valentões da capoeira, de Besouro Mangangá⁶⁵, o capoeirista chegava na roda com sua roupa de domingueira, e todos ali sabiam que não poderiam sujar, pois o problema criado na roda poderia dar problemas depois nas ruas entre facas e navalhas”. Hoje, o risco fora da roda é quase nenhum, no que tange “a acertar contas lá fora”. Em oposição a isso, hoje, os movimentos são cada vez mais traumatizantes (solada no joelho, golpes de chão, e mata-leão⁶⁶), e a capoeira pode tomar uma dimensão mais perigosa.

Assim, o mestre Dário fala que a ética na capoeira faz com que se possa manter a roda de capoeira em todas as suas dimensões, ao respeitar o corpo do outro, as hierarquias, o ritual, os fundamentos. Logo, o mestre chama a atenção para os princípios éticos e filosóficos, pois são condições necessárias para a realização e manutenção da roda de capoeira angola. O mestre ilustra essa situação-problema com a experiência de uma roda em outro grupo de capoeira, em João Pessoa. O mestre diz que estava na roda jogando com um aluno iniciante, fez um aú, e o aluno deu uma benção nele. O mestre saiu do movimento, voltou ao pé do berimbau e chamou o aluno e explicou-lhe que ele não deveria fazer aquilo na roda porque ele não havia aprendido os fundamentos da capoeira e não teria agilidade para desenvolver um jogo mais duro com ele. O menino disse que aquilo era jogo e não quis escutar as orientações do mestre. O mestre disse que a roda ficou tensa com essa situação. No final da roda, o instrutor do aluno disse que quem quisesse jogar com ele o encontraria nas rodas de João Pessoa. O mestre Dário chegou no mestre dele e cobrou a falta de respeito tanto do aluno como do instrutor dele.

O mestre fez uma reflexão no grupo. O aluno e o instrutor não aprenderam a ética do jogo, ou o mestre deles não ensinou ou também não aprendeu. Assim, o mestre sempre lembra a todos e todas no Grupo a importância de ensinar certo e de aprender certo em todas as ocasiões no cotidiano fazer o certo. O capoeirista precisa ter na cabeça o pensar certo, a ética do jogo, do cuidado, da responsabilidade com as pessoas, com a roda, com o mundo, para a própria continuidade da capoeira, partindo da compreensão de que, na capoeira, o mestre-aluno e aluno-mestre são indissociáveis. Cada dia, cada roda e cada jogo precisam ser tomados como únicos, pois é impossível retornar a uma mesma situação de jogo e de vida. Assim, cada sujeito tem a obrigação de fazer diferente do que já foi feito.

⁶⁵ Besouro Mangangá, Manoel Henrique Pereira. Nascido na cidade de Santo Amaro de Purificação em 1885. Ver sua história no livro “*Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá, três personagens da Capoeira Baiana*”, do autor Antonio Liberac Cardoso Simões Pires. Disponível em: <<http://acervoficadc.blogspot.com/2008/05/quem-no-pode-com-besouro.html>>. Acessado em: 14 nov. 2019.

⁶⁶ É um golpe de estrangulamento do jiu-jitsu.

O mestre Dário disse que o capoeirista precisa estar aberto para “ensinar-aprender” o tempo todo. Ressaltou que, ao enunciar para o mestre a situação-problema no jogo, o próprio grupo trouxe a ética do jogo que estão aprendendo.

Depois dessa conversa, o mestre finaliza a aula lembrando o próximo dia de aula e avisando para terem atenção no retorno para suas casas. As crianças despedem-se apertando as mãos ou dando abraços, e os mais antigos vão se revezando na tarefa de organizar o espaço, guardar os instrumentos na sacola, desarmar os berimbaus, colocar as cadeiras e bancos nos lugares, organizar os banheiros e varrer o local. O mestre conversa com um e com outro no canto da sala. Tudo organizado, o espaço é fechado. Os mais velhos saem conversando, alguns levam os instrumentos para a casa do mestre.

Em síntese, descrevemos uma aula de capoeira dentro do grupo: os movimentos físicos, a musicalidade, a roda, os jogos e a organização do espaço. A reflexão sobre os acontecimentos ocorridos na sala de aula e/ou outros temas que tenham ligação com a capoeira ou com os capoeiristas vão sendo conversados entre alunos e mestre no decorrer das aulas.

A estruturação da aula é de forma que todos os aspectos da capoeira sejam experienciados em todas as aulas: tocar, cantar, jogar e pensar, levando em considerações as dimensões do corpo, da memória e das emoções. A roda e a aula precisam fazer sentido para cada um e para o coletivo. Tanto os mais novos quanto os antigos fazem juntos, desenvolvem a disciplina juntos, a ética do jogo, do cuidado e da responsabilidade com todos e com a roda.

Exigir de cada um a responsabilidade com os horários do treinos, com a justificativa caso não possam comparecer à aula; de escutar o que está sendo falado e de falar o que se sente vontade, respeitando o outro. Aprender com todos, com o mestre, com a criança com os mais graduados, com os menos graduados, compreendendo que a repetição dos movimentos melhora o desempenho individual e produz um corpo forte, contribuindo para o desempenho do outro e do grupo.

A musicalidade, o tocar dos instrumentos, tanto o mais antigo como o mais novo, é fundamental para que o mais antigo possa ensinar o toque e aprender com o mais novo. O ato de cantar que, inicialmente, começa nos cantinhos, depois segue na hora da roda. O mais antigo começa e passa para o mais novo, que continua, e a roda se renova. O axé do cantador anima a roda e o jogo. Logo, os jogos entre antigos e novos produzem novas aprendizagens para ambos. Esse cotidiano do experimentar pelo corpo o jogar, o cantar e o tocar, aliviam as pressões da escola, da família, do trabalho, fazendo com que cada um tenha uma relação própria com o universo da capoeira, cada um aprenda a ser um sujeito respeitoso, criativo, crítico e ativo no jogo da capoeira e no jogo da vida.

5.1 SAINDO DA ROTINA DAS AULAS: “NEM TUDO QUE RELUZ É OURO, NEM TUDO QUE BALANÇA CAI”⁶⁷:

As aulas de capoeira do Grupo possuem uma estrutura que pode ser totalmente modificada, dependendo de como as pessoas e o mestre percebem o momento. Tem aulas em que as pessoas vão chegando e dando boa noite, pedindo licença para entrar e vão começando a jogar em dupla, e os demais vão chegando e continuando a dinâmica de jogar. O mestre começa também a jogar, e as duplas vão se revezando. No final, todos sentam-se em roda e tiram dúvidas em relação a situações ocorridas nos jogos daquela aula.

Tem aula em que os alunos chegam e pedem para pegar os instrumentos. Logo, começam a tocar e formam a roda. Ao final, conversa-se sobre a roda, pergunta-se sobre toques e/ou cânticos.

Outras vezes, os alunos chegam contando novidades sobre acontecimentos ocorridos no bairro e na escola. Conforme vão chegando, cada um traz uma visão do fato. A aula toda torna-se uma “papoieira”⁶⁸, porque eles vão falando e o mestre vai problematizando a situação. Vão debatendo sobre o assunto até o final da aula.

Um desses fatos ocorridos foi sobre comentários de que uma aluna da escola do bairro estava se cortando nos braços. Cada um e cada uma que foi chegando foi acrescentando fatos nessa estória. Até que as meninas relataram que a adolescente também fazia parte do Grupo. Em instantes, ela acabou chegando e, como falávamos do assunto da “automutilação”, ela mesma acabou confessando que esteve se cortando e explicou o porquê do ocorrido. Logo em seguida, descobriu-se que existem outras que não fazem parte do grupo e são suas colegas da escola praticando o mesmo ato. Conforme as adolescentes foram falando, percebeu-se que elas se sentem sozinhas. Elas acabaram narrando que não há confiança, pois uma fala para outra, e a escola toda acabou tomando conhecimento da situação. Dessa maneira, todos na escola debocham de sua situação, acarretando sofrimento, de modo que a visão dos cortes alivia a dor, segundo as adolescentes.

Essa discussão demorou quase uma aula inteira. Depois, os mais antigos falaram que, à sua época de escola, aconteciam alguns conflitos e fofocas, mas tudo se resolvia na escola mesmo, e, no outro dia, todos estavam juntos brincando novamente.

⁶⁷ Música de capoeira de Domínio Público.

⁶⁸ Conversa entre capoeiristas no final da aula.

Fizemos uma fala a partir de tudo isso para que os/as adolescentes, pelos menos aqueles da capoeira, fizessem uma rede de solidariedade, de conversa e de apoio. Todavia, eles não poderiam sair contando para alguém na escola e nem postar em redes sociais. Como moram perto, uma poderia ir à casa da outra para conversar e até chorar em seu colo. Por enquanto, não houve relatos de que voltaram a se cortar, e já percebemos que os adolescentes formaram dois grupos e estão mais próximos. Vivem de “cochicho”.

São essas situações-problemas do cotidiano que podem chegar, e, diante dela, o mestre muda a aula planejada para cuidar do grupo. Momento no qual todos compartilham experiências, pontos de vista e o cuidado de todos e todas do grupo. As crianças presentes disseram que cortar a pele pode causar doenças. A outra diz que, se a pessoa se matar, não vai para o céu. Foi uma conversa necessária depois roda de capoeira. As adolescentes saíram rindo e conversando. No outro dia, fizemos fala com as mães sobre o assunto e orientamos o atendimento psicológico se a situação voltasse a se repetir.

Assim, a estrutura da aula de capoeira é flexível. No entanto, existe uma ética do cuidado e da responsabilidade. Independentemente de que tipo de aula esteja acontecendo, há o respeito em pedir licença e cumprimentar o mestre e o grupo para participar da aula; guardar sua sandália; beber água e ir ao banheiro antes da aula, pedindo ao educador, caso sinta necessidade no decorrer da atividade. Ao fazer os movimentos, cuidado para não bater em quem está perto. Ao conversar, respeitar a vez de quem está falando. Quando não está bem, avisar ao mestre e ficar sentado olhando. Procurar ajudar o companheiro para a realização de movimento ou de toque. Quando o grupo sai para apresentações, um jovem toma conta de duas crianças, e os adolescentes ficam juntos em trios. Outros jovens responsabilizam-se pelos instrumentos na ida ao banheiro ou ao beber água, os meninos ficam com um jovem e as meninas com uma jovem; no final das apresentações, todos e todas ficam à vontade para explorar o espaço, mas não podendo se afastar do grupo.

O valor do respeito é um dos mais exigidos no grupo, pois, a partir dele, uma pessoa compreende a necessidade da disciplina e da hierarquia na capoeira. Não é obedecer por obedecer, mas compreender que o respeito ao ritual da capoeira é necessário para o relacionamento saudável do grupo. O corpo disciplinado produz o saber e o fazer na capoeira, o conhecimento entendendo ritual, fundamentos e tradição e possibilitando o fazer e o experienciar de cada parte da capoeira: jogar, tocar, cantar e pensar o mundo dentro e fora da roda de capoeira.

Ao experimentar pelo corpo a alegria de fazer um aú, de tocar o berimbau na roda ou de cantar, o capoeirista encanta-se com a capoeira. No treinar cotidiano, produzem-se novos

conhecimentos a cada situação de jogo, a cada situação-problema. O respeito possibilita estar na coletividade. A disciplina possibilita a ação que gera o conhecimento, a autonomia de jogar ou não. A criticidade sobre a tradição; o que deve ser mantido ou não. O entendimento de que a hierarquia da capoeira neste grupo é uma estratégia de organização, e não para calar ou submeter uma pessoa a uma situação constrangedora na roda. O respeito traz no cotidiano a construção de uma relação de cuidado e confiança. O mestre diz que, para haver ensino-aprendizagem na capoeira, precisa haver confiança entre as pessoas, entre aluno-mestre e mestre-aluno.

A estrutura das aulas e do grupo foi sendo construída com cada geração de capoeiristas desde 1998. Hoje, quando os mais antigos voltam, percebem que fazem parte da construção do grupo. Quando as obrigações com a família e o trabalho permitem, eles sempre voltam ao grupo. Tanto que, nos eventos do grupo, a roda fica sempre maior, porque muitos deles aparecem para participar do evento Encontro Nordeste de capoeira Angola Palmares, no Roger. Compreende-se que está sendo iniciado mais uma geração de capoeiristas do grupo e a entrega da graduação dos demais, conforme a exigência de cada graduação, torna-se um encontro entre as várias gerações do grupo e dos mestres convidados.

5.2 RITUAL

IMAGEM 19 – A roda de capoeira



Fonte: Arquivo pessoal. Encerramento das atividades do ano. Dezembro/2017. Casa Pequeno Davi, Roger.

A foto acima é da roda de capoeira. Se prestarmos atenção, está faltando um berimbau. O mestre Dário pediu para providenciar uma corda, pois um dos berimbaus teve a corda partida. Mas todos continuam na roda, pois já compreendem o ritual da roda de capoeira.

. A comunicação do ritual da capoeira angola pelo mestre Dário é diária nas aulas do grupo. A primeira etapa é a formação da roda. Uma das características das manifestações da cultura afro-brasileira da roda da capoeira é a roda do coco. O gira das religiões de matriz africana. O mestre diz que a circularidade é um dos princípios da cosmovisão africana. Então, o tempo todo, o mestre lembra que a roda não pode ser desfeita, pois a energia (o axé) passa pela roda, e as pessoas são os pontos por onde circula a energia para uma boa roda. Quando os capoeiristas jogam e vão conversar fora da roda, mostra-se falta de conhecimento do ritual da capoeira angola.

Assim, todos no Grupo são ensinados a formar a roda. Quando o mestre Dário começa a armar o berimbau, os capoeiristas vão de um em um formando a roda. No decorrer da roda, depois de jogar, os jogadores pedem ao mestre para ir ao banheiro ou beber água, depois voltam para a roda.

IMAGEM 20 – Bateria dos instrumentos do Grupo: a partir da esquerda, instrutor bamba, instrutor Gabriel, mestre Sem-Terra, Lelinho, Geovana, Hélio, Mateus, Professora Nina.



Fonte: Arquivo pessoal. Roda de capoeira na Casa Pequeno Davi. 19º ENCAP/2019. Roger.

A foto acima mostra a bateria da capoeira angola com os três berimbaus, dois pandeiros, um reco-reco, um agogô e um atabaque. Um instrumento que o grupo usa menos é o reco-reco. Na roda do grupo, os convidados podem tocar os instrumentos. O berimbau violinha está nas mãos do mestre Sem-Terra, de Santa Rita/PB.

Formada a roda, vamos para outra parte do ritual: os instrumentos. A organização da bateria, no grupo do Roger, normalmente fica no sentido anti-horário (mas isso é a escolha do mestre, ele explica que isso tem a ver com cada mestria). Essa formação é uma das características da capoeira angola: três berimbaus (berra-boi, viola, violinha), dois pandeiros, um reco-reco, um agogô e um atabaque. Seguindo o ritual, quem tem a preferência dos berimbaus são os capoeiristas mais antigos presentes na roda. O berimbau viola, normalmente, inicia com o mestre do Grupo, podendo cantar ou não a ladainha; no começo da louvação, o atabaque começa a ser tocado. Com o final da louvação, o berimbau baixa, dando permissão para a entrada do primeiro jogo na roda.

Outra parte do ritual consiste na aproximação do berimbau do meio (viola) dois jogadores, alguns se benzem ao pé do berimbau, fazendo o gesto de tocar com a mão no tarugo, parte de baixo do berimbau; outros, não, dependendo da crença do capoeirista. Ambos escutam com atenção a ladainha, apertam as mãos e entram no jogo. No caso do nosso grupo, com resistência, negativa e rolê, na saída do jogo, os jogadores fazem negativa e rolê para o pé do berimbau, apertam as mãos e andam de costa até a saída da roda. O mestre Dário diz que a roda é área de jogo, então andar de costas é para evitar “crocodilagem”⁶⁹.

5.3 DO MUNDO DA CAPOEIRA

No espaço-tempo da roda de capoeira, o ritual, os fundamentos, os comportamentos e a tradição conectam-se de tal forma que o indivíduo precisa conhecer o universo da capoeira ou adentrá-lo para compreender sua complexidade. O ritual da roda de capoeira angola torna-se a base para o desenvolvimento desses fundamentos, dos comportamentos e tradição de cada grupo e/ou de cada linhagem de mestria.

Atualmente, há grupos com apadrinhamentos, onde há mestres que são convidados para reconhecer, em outros grupos, o capoeirista e graduá-lo mestre (lembrando que estes mestres recebem pagamento por tal graduação). Isso vai levando a muitas discussões sobre o número

⁶⁹ Ato ou efeito de trair.

crescente de formaturas de mestres capoeiristas que não possuiriam as condições para tal no olhar da comunidade capoeirista local. São graduações que são contestadas no meio capoeirístico. Mesmo assim, continuam se intitulando mestres e dão continuidade aos seus trabalhos.

Outra discussão inerente a essa problematização é o porquê de mestres de capoeira reconhecidos continuarem graduando mestres alheios à trajetória deles, tomando conhecimento de um evento de capoeira apenas naquele breve período ao qual foi chamado e pago para tal fim. Isso trará ao universo da capoeira mais mestres que alunos. O mestre, em suas falas, narra essa problemática da seguinte forma: “tem mais cacique do que índio.”

Não adentraremos nessa questão, pois, pela sua complexidade, merece estudos específicos. Já existem dissertações que discutem a capoeira enquanto mercadoria. Mas tal questão merece ser pincelada para que se compreenda que o ritual da capoeira sofre no seu formato e no seu conteúdo com as desigualdades sociais existentes na sociedade capitalista, impondo, em alguns momentos, a compra da graduação de mestre, de contramestre e de professor, como possibilidade de adentrar ou permanecer no mercado de trabalho como capoeirista ou abrir as portas para viagens ao exterior para ministrarem “workshops”. Todavia, esse capoeirista acaba sofrendo retaliações por parte da comunidade capoeirista local, que conhece sua trajetória.

5.4 MUSICALIDADE DA CAPOEIRA

Ainda sobre o ritual, a roda de capoeira começa com a ladainha, e, durante o decorrer da roda, são cantadas chulas (músicas de capoeira que contam a estória da capoeira ou dos capoeiristas e, no final, o coro responde o refrão), corridos (músicas de capoeira em que o solista canta e o coro dá resposta imediata) e quadras (músicas de capoeira de quatro versos). Para finalizar a roda, o mestre canta uma música de despedida, avisando aos capoeiristas e ao público que a roda vai se encerrar.

A partir dessas músicas, que são parte do ritual da capoeira angola, geraram-se comportamentos e fundamentos. As músicas são estratégias usadas aparentemente para animar a roda, os jogos. O solista puxa, e o coro responde com fervor. Isso vai gerando um clima alegre para aumentar os ânimos dos capoeiristas. Acrescentam-se as palmas, o que torna o jogo mais plástico, mais leve ou mais contundente, mais forte, mais pegado, a depender do que está sendo cantado, do que está implícito no conteúdo das músicas.

IMAGEM 21 – Roda de capoeira da Sexta-feira no Grupo

FONTE: Arquivo pessoal. Roda da sexta-feira. Fevereiro/2018. Casa Pequeno Davi. Roger.

A foto acima mostra-nos uma roda de capoeira com toques, cânticos, palmas e jogo. É possível perceber que há uma participação ativa de todos para que a roda aconteça. Todos estão assumindo uma posição nessa roda que não é fixa. No decorrer da roda, cada um assume as várias posições de maneira que a roda tem a duração aproximada de uma hora cantada pelos diversos solistas e com o coro.

A música de capoeira de Domínio Público “Quebra/quebra gereba/ou quebrar tudo hoje/amanhã nada quebra” avisa ao capoeirista que o “jogo é dentro, pegado”, para abrir o olho para a mudança da tática do jogo ou para sair da roda. Quer dizer, a música serve para animar a roda ou, caso contrário, se não for bem cantada com axé (entusiasmos), com ritmo e cadência redonda, a roda pode ficar pesada, ou seja, uma roda que, para os capoeiristas, não acontece, onde todo mundo sente cansaço.

Para este grupo, a música é ensinada desde a primeira roda, e todos devem ir, aos poucos, experimentando cantar pelo menos uma música com o apoio de um mais graduado.

Normalmente, o mais graduado começa e passa para o iniciante. Ele puxa durante um tempo até o momento que sente a vontade de parar, dentro da pressão, o que está cantando na roda na frente de todo mundo. Logo, o mais graduado continua a mesma música e depois continua o cântico.

Podemos conceber que a música é um canal de comunicação entre o mestre e o jogador na roda, avisando para alguma situação em relação ao seu oponente, a uma tática de jogo ou até para a saída dele do jogo. Também o mestre pode dar o aviso aos capoeiristas do grupo para “abrirem o olho” para uma situação problema naquele instante. Tanto de um jogo mais duro como em uma apresentação para que alguém compre um jogo, pois os jogadores estão fazendo um tipo de jogo mais duro que não fica bem para a apresentação pública.

Além disso, a música também traz a memória dos ancestrais. As cantigas de capoeira falam das narrativas de antigos mestres, do período dos valentões da capoeira, das fugas e das revoltas do período escravista do Brasil. Traz os mitos da capoeira, que renovam e geram controvérsias e discussões no meio acadêmico, no momento em que a capoeira tornou-se sujeito de inúmeras pesquisas acadêmicas de mestrados e doutorados no Brasil e no exterior.

Uma das cantigas mais conhecidas fala dos feitos do capoeirista Besouro Mangangá, que batia na polícia e fugia, transformando-se no Besouro Preto, transformando-se em Lenda e sujeito de várias pesquisas e livros publicados. Sua história foi capturada também pela sétima arte, materializado no filme Besouro (direção de João Daniel Tikhomiroff, 2009).

Através das cantigas de capoeira, podemos conhecer a capoeira pelos capoeiristas. A memória e a oralidade caracterizam o ensino-aprendizagem da capoeira, caracterizam um dos saberes populares das classes subalternas dos oprimidos. Elas juntas dão sentido e significado à vida dos capoeiristas e das expressões culturais dessa parcela da população vítima estrutural do sistema.

O capoeirista aprendeu a cantar as vitórias e as derrotas, ao refletir sobre essas condições sociais, políticas, econômicas, às quais estão submetidas as classes populares. Aprendeu a jogar capoeira. Treinou, preparou o corpo e a cabeça para a roda de capoeira e da vida. O corpo precisa estar preparado e a mente também, pois só dessa forma aprenderemos. Jogar, armar a estratégia para ganhar o jogo e estar preparado emocionalmente para perder o jogo. Esse ensinamento é passado tanto na fala do mestre, que orienta os alunos trazendo memórias, situações vividas pelo mesmo ou contada por outros capoeiristas, como pelas cantigas de

capoeira, a exemplo: “Mas o facão bateu em baixo, a bananeira caiu/Cai, cai capoeira, a capoeira caiu⁷⁰.”

Quando tece junto ao grupo essa fala sobre as quedas na roda de capoeira, o mestre Dário diz que o capoeirista tem que estar preparado fisicamente para cair e não se machucar; emocionalmente para não ser dominado pela raiva. Caso contrário, vai levantar e sofrer outras quedas, pois esqueceu que derrubar e cair faz parte do jogo. O capoeirista precisa estar preparado para se defender e atacar, dependendo da situação do jogo e da situação da vida.

A rasteira é um movimento que, além de envolver as questões de o jogador estar com um bom condicionamento físico, tem a ver diretamente em aplicar o golpe, aumentando sua velocidade de contragolpe para acertar o movimento no tempo certo, levando seu oponente ao chão. Caso contrário, o oponente sai da rasteira e pode contra golpear com outra rasteira no jogador, pois a eficiência da rasteira depende da velocidade do movimento, da agilidade e da experiência do jogador que a aplica. Envolve a experiência do jogador, o volume de jogo que este possui, a malícia e a malandragem que o indivíduo foi alcançando nas suas trajetórias de capoeiragem. Como cada jogo, cada rasteira, cada golpe ou contragolpe fez ganhar ou perder em determinada situação. Quando estava na roda de seu grupo, visitando outras rodas sozinho ou não, jogando com capoeiristas mais antigos ou mais novos, quando precisou usar a estratégia no jogo ou quando ganhou pela força. Esses anos de experiência tocando, cantando, jogando, conversando, refletindo as diversas situações, lhe darão possibilidades de formar seu conhecimento capoeirístico, conhecimento tanto para a roda de capoeira como para vida.

Faz-se necessário compreender que, no mundo da capoeira, um/uma capoeirista experiente é aquele que aprendeu a desenvolver a malícia e malandragem. Segundo o mestre Nô, malícia para perceber a “maldade” e malandragem para armar a estratégia de saída.

Pode-se dizer que o capoeirista na vida transfere esse saber da malícia na capoeira para fazer a leitura do mundo. A malandragem do que fazer para agir diante das situações de opressões é tomar a atitude do fazer com ética e responsabilidade, ao invés de aceitar e calar. Ele toma uma posição de agir dialogicamente, na roda de capoeira, entre golpes e contragolpes, e ginga na vida para se posicionar frente aos problemas, confrontando e negociando, gingando entre o que é e o que deve ser, em busca de uma mudança e transformação para o indivíduo, do eu-sujeito, e para a coletividade de que faz parte, o eu-coletivo.

Não adentraremos a mandinga, porque esse é um saber ancestral que o próprio mestre Nô nos fala que tinha a ver com a religião do capoeirista na época de seus mestres Nilton, Pirrô

⁷⁰ Cantiga de Domínio Público.

Cutica e Zeca, bem como dos seus contemporâneos Cobrinha Verde. O capoeirista carregava seu patuá⁷¹ para fechar o corpo contra a maldade. Nesse período, os capoeiristas e o povos tradicionais de religiões de matriz africana tinham aproximação. Muitos capoeiristas eram adeptos do terreiro.

No grupo, existem alunos que, após conhecerem e reconhecerem a história do povo negro, enxergaram como uma possibilidade de reconhecer o valor das práticas familiares religiosas. Alguns acompanharam e acompanham suas famílias nas festas de terreiro, e outros, com o decorrer dos anos, começam a participar ativamente nos terreiros do bairro.

Um dos espaços que o grupo faz apresentações é nas Casas de Santo “Ilê”, conforme os convites dos babalorixá e Ialorixá. Aproveitamos esse momento para dar uma ênfase à relação capoeira e terreiro, contextualizando historicamente e enfatizando a noção de respeito que devemos ter com a diversidade religiosa existente no Brasil e no próprio bairro do Roger.

5.5 O CHÃO DA ESCOLA

A foto abaixo mostra a atividade de dança afro com o professor Erinaldo, que também é Babalorixá (pai de santo), junto com o Grupo de Capoeira na celebração do Dia das Crianças na Escola Ana Higina.

Houve outro encontro com Erinaldo, dessa vez, o grupo fazia uma ação no mês da Consciência Negra na Escola Estadual de Ensino Fundamental Ana Higina, em novembro de 2017, na quadra desta escola. Como a escola estava com os portões abertos, o babalorixá e professor de dança afro Erinaldo Batista (conhecido por Buiú) chegou na atividade, fez uma fala referente ao mês da Consciência Negra e puxou passos de dança afro. O mestre e os outros capoeiristas tocaram os atabaques e cantaram músicas de Ijexá (afoxé).

Antes desse momento, também chegaram na roda dois policiais que estavam fazendo a ronda, escutaram, entraram e acabaram dando um depoimento, reconhecendo o valor da capoeira para crianças e jovens e ainda desabafando que o grande sonho deles quando criança era jogar capoeira. Todos, entre alunos, capoeiristas, gestora e equipe técnica da escola, o Grupo Pedagogia Griô (grupo do PROLICEN⁷² da UFPB), aplaudiram a fala dos policiais. Então, eles

⁷¹ Patuá é um objeto consagrado que traz em si o axé, a força mágica do Orixá, do santo católico ou guia de luz, a quem ele é consagrado. Ver < <https://ocandomble.com/2008/07/24/o-que-sao-patuas/>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

⁷² O Programa de Licenciatura - PROLICEN é um programa de apoio para Cursos de Licenciatura da UFPB. O Programa é coordenado pela Pró-Reitoria de Graduação desde 1994. Disponível em: <<http://www.prg.ufpb.br/prg/programas/prolicen#:~:text=O%20Programa%20de%20Licenciatura%20-%20PROLICEN,ensino%20b%C3%A1sico%20que%20>>. Acesso 15 nov. 2019.

foram convidados a jogar capoeira com um dos capoeiristas. Foi um momento marcante na roda.

IMAGEM 22 – Professor de dança Afro e Babalorixá com o Grupo na EEEF Ana Higina



FONTE: Arquivo pessoal. Atividade da dança afro. EEEF Ana Higina. Outubro/2016. Roger

A celebração do mês da Consciência Negra possibilitou aos que estavam presentes escutar o porquê deste dia de luta, podendo vivenciar na roda de capoeira, de maculelê, de dança afro e do samba, a alegria de estar juntos em uma rede de sociabilidades que reuniu, naquele momento, pessoas de idades e de crenças diferentes, que vivenciaram pelo corpo a festividade que faz o corpo mexer, os olhos brilharem e se “ajuntar” em um sentimento de pertencer à mesma história e ao mesmo lugar.

O relato daquele policial fardado, que reconheceu em público o sonho de criança de jogar capoeira, fez com que ele fosse visto mais como humano naquele momento, pois a imagem que muitas daquelas crianças têm da polícia é de gritos e empurrões adentrando na comunidade onde eles residem.

Dançar juntos com os professores e professoras da escola deu liga, aproximou, horizontalizou a relação professor-aluno e aluno-professor. Ficou escancarado aos olhos a alegria que envolvia a todos. Quando o Babalorixá Buiú chegou, foi acolhido e quando começou a dançar ao som dos atabaques, todos ali mexeram, alguns mais espalhados, outros com movimentos mais contidos.

Precisamos falar sobre essa experiência do grupo junto com a escola, pois percebemos que no chão da escola a roda de capoeira pode acontecer desde que a comunidade escolar se abra para a participação na roda. Os alunos tornam-se capoeiristas, e os demais formam a grande roda (o público ou a plateia). A materialização dessa experiência de capoeira na escola só foi possível porque reuniu, naquele espaço-tempo da escola, uma gestão democrática, professores-educadores e alunos abertos, independentemente da religião familiar. O capoeirista-educador e o grupo de capoeira do bairro em uma experiência que durou quatro anos.

Falando do ritual da capoeira angola, precisamos estar atentos para compreender que existe uma variação de mestre, de épocas, de lugares, pois compreendemos a cultura popular como algo dinâmico e flexível. Adentraremos sobre os comportamentos destacando que eles são os pontos da materialidade da teia: ritual, fundamentos e tradição.

5.6 OS COMPORTAMENTOS DENTRO DA TRADIÇÃO

Os comportamentos são orientados no cotidiano das aulas e dos treinos. Possibilitam a manutenção do ritual, dos fundamentos e da tradição. O capoeirista aprende logo cedo, na sua primeira aula neste grupo. O que chamamos de regras de convivência do grupo não é falado em um monólogo; ao contrário, é dialogicamente que vamos perguntando o que precisamos ter como regra para o grupo e para que as pessoas se sintam bem no grupo e com o outro. Sempre tem alguém que fala de respeitar o colega, respeitar o professor. Não pode brigar e nem empurrar, não pode usar a capoeira para bater nos outros na rua, na escola ou em casa. Logo, o mestre Dário fala que está vendo que eles sabem o que precisa ser feito e o que não se deve fazer.

Em quase todas as aulas, o mestre lembra o acordo de convivência. Quando um grita o outro, ou faz algo que não é bom, o mestre pede para que parem. No final da roda o mestre traz a situação e cada um expõe o que aconteceu, depois um ou outro do grupo intervém sobre o assunto e o mestre abstrai a problemática com um exemplo. Ao terminar sua exposição, os alunos falam da situação e do que compreenderam da mesma. Às vezes o mestre Dário conclui pedindo para que não repitam aquele comportamento.

O mestre fala da necessidade de cumprir o horário. Ele chega um pouco antes do marcado. Assim, abre o espaço para os alunos que vão chegando, porque eles precisam, juntos com o mestre, cuidar da sala (varrer o chão, colocar o banco e as cadeiras no canto da sala, organizar os instrumentos, ligar a caixa de som). Terminada essa etapa de cuidado com o meio ambiente, o mestre Dário reúne o grupo em círculo, dá o boa-noite, e continua a atividade de aula.

Quanto ao comportamento exigido do capoeirista para as atividades no grupo, este deve chegar na aula estimulado para realizar os movimentos. O “não posso e não consigo” não existem para o capoeirista em sala de aula. O capoeirista deve realizar a movimentação de acordo com seu ritmo, com seu corpo, com sua idade, mas precisa fazer a movimentação completa. Cada um interpreta de um jeito o movimento, mas o mestre vai orientando para que se repita o movimento mostrado, pois ele compreende que o desenvolvimento varia de pessoa para pessoa. Todos aprendem que precisam ter um comportamento ativo, respeitando seus próprios ritmos, mas sem aceitar os limites preestabelecidos pelos outros.

O comportamento ético de aluno e de mestre envolve respeitar, depois de algum tempo de atividade física, a hora de beber água e a ida ao banheiro. Existem os momentos para a coletividade, quando termina a repetição individual do movimento. Parada para água e banheiro para metade da turma; a outra repete o movimento, depois alterna. Quando termina a parte dos movimentos em dupla, uma turma sai para beber água e banheiro e a outra realiza as sequências. Na hora da roda de capoeira, quando termina o jogo, os dois vão beber água e/ou irão ao banheiro e voltam para formar roda batendo palmas e respondendo o coro ou para tocar os instrumentos sucessivamente até o término da roda. Esse comportamento auxilia a disciplina do capoeirista, que a desenvolve no fazer cotidiano da sala de aula com as noções do limite: “eu quero, mas será que eu posso esperar?” Conforme o passar do tempo, eles compreendem quando eles realmente precisam ir ao banheiro ou tomar água, o mestre apenas sinaliza que pode. Esse comportamento precisa ser trabalhado para a roda de capoeira porque, senão, um capoeirista ou mais ficam levantando-se a todo instante para tomar água ou ir ao banheiro e aproveitam para dar uma “conversadinha” ou olhar o celular, o que acaba prejudicando a formação da roda (que é parte da ritualística). Já fomos em roda de capoeira que ficava difícil perceber o círculo, tanto que foi preciso que o mestre pegasse o microfone e pedisse para que os capoeiristas se sentassem na roda ou fossem embora.

Por isso a importância de ensinar desde cedo, contextualizando o porquê daquele ensinamento, fazendo com que as crianças, os adolescentes e os jovens percebam a importância de cada comportamento exigido para a manutenção do ritual da roda de capoeira angola.

Outro comportamento é tanto de alunos iniciantes como de graduados de tocarem os instrumentos nas rodas treino no grupo, preparando todos para a participação nas rodas de capoeira fora e dentro da casa, nas apresentações e nas rodas de capoeira semanal no grupo.

Ao aviso da roda de capoeira, os iniciantes esperam os mais graduados pegarem os instrumentos, e dois berimbaus ficam nas mãos dos graduados, um dos berimbaus, na mão de um iniciante; dois pandeiros, com um mais graduado e um iniciante. O agogô e reco-reco podem ser para o iniciante ou o graduado que consiga manter o ritmo. O atabaque, nas mãos também de quem consegue manter o ritmo (pela base: tum, tá, tum).

Esse comportamento de pegar os instrumentos é trabalhado com os iniciantes e com os graduados que, no decorrer do tempo, vão ficando mais à vontade com os toques. Existe capoeirista no grupo que se identifica com a parte percussiva da capoeira e realizam performances no berimbau, dentro da sintonia e harmonia da roda. Há os capoeiristas que vão realizar as bases dos toques dentro do ritmo e da cadência necessária.

Todos devem compreender que tocar, jogar e cantar são saberes que o capoeirista precisa desenvolver para a manutenção da tradição da capoeira angola. Experimentar cada parte da roda de capoeira é um fazer que gera a manutenção do ritual, levando o sujeito a se formar na tradição da capoeira angola, onde o capoeirista terá o conhecimento das várias dimensões da capoeira: jogar, tocar, cantar e lutar, sem precisar se especializar em uma delas, tendo, ao longo do tempo, o potencial de agir, relacionando os saberes e os fazeres da capoeira e da vida.

No grupo, o aluno é motivado a desenvolver o comportamento de tocar todos os instrumentos e, no decorrer do tempo, conhecer os fundamentos dos toques dos diversos instrumentos presentes na bateria da capoeira angola; em especial, dos berimbaus. Ademais, aprender a fazer o instrumento, a afinação do instrumento e sua classificação conforme o som grave, médio e agudo. Os nomes de cada toque, seus dobrados e o tipo de toque para cada jogo.

O mestre começa pelo entendimento de que o aluno precisa desenvolver e precisa ter a coragem de pedir o instrumento, tocando, inicialmente, com ajuda do mais antigo e, ao longo do tempo, ele mesmo descobrindo o tempo de pegar o instrumento para tocar e depois também passar o instrumento para a manutenção de uma “boa roda”, sem cansar demais e sem diminuir a energia do toque e do cântico que dá o ritmo ao jogo.

Cada etapa dessa acontece, muitas vezes, de forma simultânea na mesma aula, na mesma roda. O capoeirista já formou a roda, já tocou e já percebeu como está o andamento da roda e dos jogos. Então, o capoeirista foi jogar na roda. O mestre nas rodas de treino explica que o capoeirista precisa começar a ir para roda e jogar, mesmo que pense que não tem as condições necessárias (como repertório do jogo). O mestre continua na ideia de que, inicialmente, o

capoeirista precisa ter a atitude de levantar-se, caminhar para o pé do berimbau, agachar, apertar a mão do outro capoeirista e entrar na roda: jogar capoeira. Ele narra que todo jogo é único e desafiador.

O mestre exige que todos os presentes na roda joguem naquela roda treino. Quando o mestre percebe que já teve várias rodas e tal aluno não foi para a roda, ele mesmo o chama para jogar e joga com ele. Houve uma roda no grupo em que chegou uma criança de aproximadamente seis anos, filha de uma das alunas que estava voltando a treinar. Ela participou da aula. Na hora da roda, outra criança levantou-se e a chamou para jogar. Ela passou a perna na meia lua de frente, depois esquivou e pediu para que a menina repetisse o movimento. Ela repetiu, depois gingaram, e a mais antiga desceu na tesoura e pediu para que a outra fizesse a estrelinha (na capoeira, o aú); depois, ela chamou a outra novamente ao pé do berimbau, apertaram as mãos e saíram. Companheirismo na roda de capoeira. Na foto abaixo, duas meninas entram no jogo na negativa.

IMAGEM 23 – Entrada do jogo com negativa



Fonte: Arquivo Pessoal. Roda na aula. Casa Pequeno Davi. Fevereiro/2019. Roger.

Na imagem, duas capoeiristas realizam o movimento da negativa, utilizado, desta vez, para entrar no jogo. O que podemos perceber é que esse comportamento é aprendido desde

cedo. À esquerda na foto, a criança Gabi tem 9 anos e a adolescente Duda tem 17 anos. São os comportamentos orientados na tradição deste grupo.

Compreender a necessidade do comportamento de jogar como parte da disciplina da capoeira possibilita a diversidade de jogos na roda.

Há também a disciplina que o capoeirista desenvolve desde o início, de chegar no tempo combinado, organizar o espaço, de conversar um pouco e ao chamado do mestre formar a roda. Compreender que tudo isso é parte do processo de educação do capoeirista e o auxilia na vida pela relação consigo mesmo, com o meio ambiente e com o outro.

O mestre Dário já falou muitas vezes que a capoeira ensina a gente chegar e a sair bem dos lugares. Acrescentando que há aprendizagem em educar o próprio corpo, respeitar a vontade fisiológica, e se educar paulatinamente para a compreensão da hora da água e do banheiro. O tempo que se consegue estar atento à roda, batendo as palmas e respondendo o coro, o momento de levantar-se para tocar, cantar e a hora de jogar de maneira que ninguém seja sobrecarregado.

O mestre Nô, nos períodos que esteve presente no grupo, nas suas exposições e aulas de capoeira, falou-nos que o capoeirista é cidadão do mundo. Interpretando as palavras do mestre, entendemos que o saber e o fazer capoeirístico experimentado em cada roda, em cada jogo, em cada aula por cada indivíduo, possibilitará ao mesmo desenvolver sua autoestima. Na realização dos movimentos, jogar, tocar e cantar na roda desenvolvem a autonomia do capoeirista; aprende a lidar com as regras, compreender o contexto da roda, o princípio pela qual foi criada, o sentido da liberdade - o fim da escravidão. O gingar de capoeira entre as brechas do sistema, de prática proibida ao reconhecimento de patrimônio cultural imaterial da humanidade; de gingar entre a favela, da periferia ao centro, aos shoppings centers. De neguinho ao mestre de capoeira. Do mestre de capoeira que continua neguinho nas universidades, como estudantes e pesquisadores. De pensar certo, de compreender que precisamos continuar gingando para dentro e para fora do sistema, até à emancipação do indivíduo da periferia e à luta pelo fim do capitalismo.

A capoeira está no mundo. Os capoeiristas continuam na luta diária pela sobrevivência. A capoeira está incluída, mas os capoeiristas, na busca ainda pelo reconhecimento “da profissão, dos salários, da aposentadoria”. Então, deu-se a entender que a capoeira possibilita uma experiência prazerosa, todavia, a partir das “papoeiras”, pode-se despertar para a compreensão de que estamos no sistema capitalista, e a classe dominante busca manter o seu *status quo* e a exploração cada vez maior da classe trabalhadora.

O prazer do jogo da capoeira é a força motriz para nossa “humanização”. Estar perto de gente, conversar, dançar, sorrir, chorar, cair e derrubar. A cada instante, reafirmar o “humano”

que há em nós, capaz de solidarizar com os companheiros, desenvolver o sentimento de pertença ao grupo, o qual se torna um espaço de socialização e de sociabilidades, criando os laços de afetividade e de permanência.

Nas rodas de conversas sobre a origem da capoeira, o mestre sempre destaca que o princípio está na luta pela liberdade e faz um paralelo para a sociedade capitalista vigente, na qual o racismo, a homofobia e o machismo têm crescido. Precisamos perceber e discutir classe, racismo e gênero juntos para compreendermos historicamente por que continuamos nas periferias, lutando ainda por cotas sociais e raciais nas universidades públicas, por educação pública, saúde, moradia e emprego, em especial nesse momento de diminuição de investimentos pelo Governo Federal para as políticas sociais.

A roda de capoeira torna-se, assim, um círculo de cultura, na qual o tema gerador é o cotidiano da vida familiar, comunitária e do nosso país. O mestre procura mediar as falas para que cada um, respeitando suas faixas etárias, possa compreender as conexões com o social, o cultural, o político e o econômico, e como tudo isso influencia a vida de cada um de nós brasileiros.

A disciplina do capoeirista é desenvolvida dialogicamente entre os pares, na relação com o mestre e com a próprios conhecimentos da cultura ancestral. O capoeirista aprende que, se um capoeirista mais velho faz a chamada de angola, respeitando-se o fundamento, ele pode entrar ou não na chamada, uma vez que o fundamento da chamada de angola é que deve ser feito pelo capoeirista mais graduado que não está conseguindo ganhar o jogo. Ele arma a “chamada”. Os capoeiristas na roda compreendem que o capoeirista vai “armar a situação para ganhar o jogo” usando da sua experiência e/ou malandragem. Entrar ou não na chamada de angola vai depender da confiança do capoeirista em si mesmo, se ele vai ser capaz de sair da “arapuca” armada.

Outro comportamento é a compra de jogo. O aluno é ensinado a comprar o jogo, percebendo o momento, fazendo a leitura do jogo (se está solto ou dentro). Entrar fechando o corpo para não receber logo na entrada um golpe desequilibrante (rasteira) ou traumatizante (benção, martelo, armada) do outro jogador. O mestre esclarece que comprar o jogo é uma continuidade ao tipo de jogo que está acontecendo na roda; se o jogo está duro, ele tende a permanecer na mesma “pegada”, ou no mesmo sentido.

Ainda dentro desse comportamento, outro fundamento é quando a compra do jogo acontece em determinados toques de berimbau, que dita o tipo de jogo, chamado de viola. Este deve estar tocando ou São Bento Pequeno, ou São Bento Grande de Angola, para que haja compra de jogo.

Cada berimbau ocupa uma função na roda. O primeiro berimbau (o som grave) dá o ritmo da roda. Nesse grupo, realiza-se o toque de angola. O segundo berimbau (som médio) dita o tipo de jogo: embaixo, no meio, em cima, solto, trançado, dentro e fora. O terceiro faz os dobrados em cima do toque realizado pelo segundo berimbau. Esse conhecimento faz parte dos fundamentos desse grupo.

Outro fundamento da capoeira angola é o único momento em que não deve haver jogo na roda, que é na hora da ladainha. Quando termina a louvação, a roda está aberta para o jogo. A área da roda é o espaço-tempo do jogo, então, o jogador deve ter um “olho” no seu oponente e outro na roda, pois, a qualquer momento, outro capoeirista pode comprar o jogo. Assim, o capoeirista precisa desenvolver a “visão periférica” e perceber quem chega na roda, ouvir o que está sendo cantado e saber armar a estratégia do jogo conforme a situação. Caso esteja em desvantagem, sendo levado em direção as pessoas sentadas na roda, gingar e negociar o centro da roda para que não seja encurralado e jogado para fora da roda ao receber um golpe, pois estaria sem espaço para a esquiva. Se a pessoa não está com as condições físicas necessárias, percebendo-se que cansou, deve dar a negativa, fazer rolê e sair da roda. Apertar das mãos em frente aos berimbaus, estar atento que pode ser puxado no ato de apertar as mãos e levar uma cabeçada no rosto e acabar o jogo ali; ou apertar as mãos, na saída do jogo dar as costas ao oponente, podendo levar golpe, pois perdeu o oponente de vista, lembrando que a roda é o espaço-tempo do jogo, se está dentro da área, está dentro do jogo.

O aluno deve aprender a descer e a subir o berimbau, fazer a chamada para a mudança de jogo e a saída do jogo. Pois, na roda, seguindo o fundamento, quem está com o berimbau viola comanda a roda. Precisa-se estar atento no jogo, pois pode-se precisar fazer a chamada de berimbau e baixar o mesmo, avisando que os jogadores não estão jogando de acordo com que o toque está pedindo. Se o toque é angola, os jogadores devem realizar golpes embaixo e na altura da cintura. É um jogo no qual os dois jogadores estão mais próximos. Existe uma complementaridade dos movimentos que possibilita a fluidez do jogo, as entradas e saídas. Os movimentos mais lentos têm um instante, a cadência quebra com movimentos mais rápidos, e depois retorna-se para a cadência. Todavia, jogadores mais habilidosos realizam floreios dentro do jogo: a esquiva de uma meia lua de compasso, subir no macaco e descer para uma resistência que passa na negativa e escorrega na tesoura. Se for ao contrário, eles ficam de pé, trocam martelos e armadas, e o berimbau chama avisando que precisa mudar a tática do jogo.

Conhecer esses fundamentos é necessário para a continuidade do ritual da capoeira angola, que exige uma complementaridade do jogo, a escuta do berimbau e atender ao que está sendo pedido. É a manutenção da tradição da capoeira angola para as novas gerações de

capoeira. Nessa perspectiva, a roda exige a ética da responsabilidade e do cuidado de quem está com o berimbau viola e precisa ter a firmeza de baixar e retirar os dois jogadores, caso eles não respeitem as regras do jogo, desrespeitando a integridade física do outro.

Outro momento em que o berimbau faz a chamada é para comunicar a todos de que a roda vai terminar. O berimbau pode baixar para tirar o jogo, realizando a chamada (ton, ton, ton, ton, ton, ton, tin, ton, tin), e o mestre fala “Iê”. Acaba-se a roda. Nesse sentido, podemos vislumbrar que, antes do berimbau chamar para terminar a roda, está sendo entoada pelo mestre uma cantiga de despedida, a exemplo: “Adeus, adeus, boa viagem”. Ele baixa o berimbau, os jogadores apertam as mãos e saem da roda, logo em seguida, chama e dá o “iê”.

5.7 DILEMAS E CONFLITOS NA RODA DE CAPOEIRA ANGOLA

Na foto a seguir, fica clara a participação das pessoas do Roger, valorizando o trabalho de capoeira angola desenvolvido no próprio bairro pelo grupo. A roda é formada pelas pessoas que se identificam com a cultura do bairro. Logo, essa cultura também assume a cara deste bairro. O Roger é festivo, pois possui várias expressões artísticas. A roda de capoeira é alegre e forte. O ritual da capoeira angola passa pela musicalidade: os toques, a cadência, o ritmo e as músicas. Quando se fala nessa tradição, traz-se logo a ideia de uma capoeira lenta com jogadores que jogam apenas embaixo, cantigas bem cadenciadas seguindo o ritmo cadenciado do toque de angola, todos sentado no chão.

Essa imagem, construída da tradição de capoeira angola, é apenas uma das múltiplas possibilidades de capoeira angola, conhecida pela comunidade capoeirista da linha pastiniana. A tradição da capoeira angola que vivenciamos no grupo de capoeira no Roger tem como fio condutor do ritual comportamentos, fundamentos e tradição da capoeira angola da periferia de Salvador, do mestre Nô, dos seus contemporâneos e de seus mestres Zeca, Nilton, Cutica e Pirrô. A tradição da capoeira angola levou-nos a reconhecer com orgulho que a periferia dá contornos de uma capoeira mais dura e para dentro. Assim, é a capoeira praticada no grupo.

IMAGEM 24 – Roda de capoeira na Rua em frente ao Guarany no Roger



Fonte: Arquivo Pessoal. Roda de capoeira no Roger. Setembro/2006.

Há preocupação pelo desenvolvimento dos movimentos, da técnica e da fluência na musicalidade (todos devem tocar, cantar e jogar). Assim, desde o início, os alunos são levados a experimentarem a capoeira em sua totalidade. Simultaneamente, do lado do repetir e repetir, vai sendo explicado o porquê da necessidade de desenvolver as dimensões do movimento, da musicalidade, do ritual, dos comportamentos, fundamentos e da tradição.

Primeiro, são orientados os comportamentos. A partir dos comportamentos, são ensinados a musicalidade, os fundamentos, o ritual e a tradição. O aluno compreende como deve transitar dentro do espaço-tempo da capoeira. O comportamento que faz a roda fluir. Depois disso, ele irá, aos poucos, experimentando o tocar, o cantar e o jogar. Conforme tem

autonomia para realizá-los, ele vai assimilando e confrontando os fundamentos, o ritual e a tradição.

Conforme participa de cada roda, apreende os tempos. O tempo de sentar-se, de bater palmas e de responder o coro. O tempo de pegar o instrumento, de tocar e de cantar, de jogar. O mestre vai trazendo, de acordo com as situações, os saberes ancestrais, os ensinamentos dos toques de berimbaus. O toque que os outros instrumentos devem realizar; pandeiro, agogô e reco-reco. A hora que o atabaque começa a ser tocado e o tempo que deve ser realizado o toque de angola ou Ijexá.

Referentes aos toques de berimbau, o aluno já aprendeu que os berimbaus são classificados conforme o som, que depende do casamento da verga e da cabaça. Afinação depende do mestre, que vai ajustando a cabaça à verga, através do anel da cabaça (esta recebe dois furos, pelos quais passa um cordão trançado, dando-se um nó cego na ponta).

Com os berimbaus afinados, o mestre Dário ensina a ordem dos instrumentos. Primeiro, o berimbau, que deve ter o som mais grave dos três, nomeado de berra-boi; o segundo berimbau, som médio, chamado de viola, e o terceiro berimbau, que tem som agudo, violinha. Mestre Nô diz que a bateria deve se posicionar de acordo com a entrada do espaço, a porta. Se a porta está no lado direito, a bateria deve se posicionar no lado esquerdo, em frente à porta. As posições dos instrumentos variam de acordo com cada linhagem de capoeira, o que identifica como parte do ritual da capoeira angola na existência da bateria: berimbaus, pandeiro, agogô, reco-reco e atabaque,

No grupo, o mestre Dário define a bateria da seguinte maneira: três berimbaus, dois pandeiros, um reco-reco, um agogô e um atabaque. Ele orienta a “volta do mundo”⁷³ no sentido anti-horário, comportamento que está dentro do fundamento quando se ganha o jogo, chamando o oponente para uma “volta do mundo”, se quiser. Esse recurso pode ser utilizado pelos capoeiristas para dizer para os demais “ganhei o jogo”.

Em relação a esse comportamento, o mestre avisa que não se deve utilizar a volta do mundo para descansar, pois, como os jogadores estão na área de jogo, um dos capoeiristas pode se utilizar do “vacilo” do outro durante a volta do mundo e dar um golpe desequilibrante ou traumatizante.

Esse comportamento, realizado sem o conhecimento do fundamento, pode deixar o capoeirista vulnerável à entrada do outro que não compreende a “picardia” por parte do oponente e pode entrar “na brincadeira”, preparando-se para “empatar” o jogo.

⁷³ o capoeirista chama o outro para dar uma volta na roda e depois volta ao jogo.

O comportamento de dar volta ao mundo pode ser feito quando se finaliza a roda. O mestre, lembrando o ritual da capoeira angola, pede que todos fiquem de pé e deem voltas até deixar a roda “pequena”, até o ponto que não dê mais para o jogo. Ao som dos instrumentos e entoando a cantiga de despedida: “adeus, adeus”, o mestre faz a chamada com o berimbau e dá o “Iê”.

Em relação aos toques de berimbaus, eles são usados no cotidiano das rodas treinos e nas aulas de capoeira: Angola, São Bento Pequeno e São Bento de Grande de Angola. O toque de angola, quando realizado pelo berimbau viola, indica que o jogo deve ser angola, um jogo com os movimentos mais embaixo e trançado, um jogador dentro do outro. O capoeirista pode subir e gingar, realizar alguns movimentos na altura da cintura, mas logo desce novamente. Podem ser realizados os floreios dentro desse jogo, o qual exige atenção, bom condicionamento físico, pois o corpo vai estar próximo do chão, exigindo muito braço e abdômen, uma vez que as pernas sobem nos aús, nos macacos, nas paradas de cabeça, nas quedas de rins, nos bicos de papagaio, sem perder a complementaridade do jogo, dentro e fora, fora e dentro, força e leveza. Uma brincadeira que, a qualquer momento, pode virar a “vera”. Assim, a beleza, a força e a plasticidade misturam-se com astúcia e malandragem para ganhar o jogo.

Esse jogo leva algum tempo para ser desenvolvido. Precisamos estar atentos à conexão de comportamento e fundamentos. O mestre orienta que quem deve começar a roda são os mais graduados, pois estarão com o corpo e a cabeça preparados para desenvolver o jogo pedido pelo toque de angola.

Os iniciantes aprendem desde cedo a formar a roda, a tocar, a cantar e a observar o tempo de jogar na roda. Eles aprenderam na observação de cada jogo na roda, na observação dos jogos dos mais graduados, na relação de respeito entre eles e com o mestre. Quando os graduados estão na roda, os mais novos se instigam para cantar, tocar e jogar. Os jogos entre os graduados e os iniciantes ajudam alguns iniciantes a ampliarem seus repertórios de jogo; a disciplina da capoeira possibilita a aprendizagem entre os pares, observando e trocando experiência na roda.

Na continuidade da roda, depois do toque de angola, a cadência sobe um pouco, e o ritmo também. O toque do berimbau viola vai realizar o toque de São Bento Pequeno. Esse toque pede o jogo em cima e embaixo, mais duro. São realizados movimentos embaixo, no meio, em cima, exigindo força e velocidade, subindo e descendo, dependendo do golpe. O jogador defende descendo uma negativa, depois passa uma meia-lua de compasso; o outro lança o contragolpe com outra meia-lua de compasso mais rápida, o que exige uma esquivas mais rápida ainda. Depois, uma ginga, e jogo vai e vem, até uma entrada mais firme dos jogadores.

Todavia, esse jogo flui entre as diversas posições, o que deixa o capoeirista numa posição em pé, e o ritmo ainda está subindo, e o corpo desce e sobe. Essa é a parte que os iniciantes e os capoeiristas das primeiras graduações jogam mais, pois dá uma possibilidade de experimentar o “jogo”, de golpes, de contragolpes, defesas e floreios.

Conforme vão acontecendo os jogos, o ritmo vai subindo. Em pouco tempo, a roda pede um jogo mais alto, mais rápido e mais para dentro. O berimbau viola realiza o São Bento Grande de Angola, novamente os mais graduados tomam conta do jogo, demonstrando agilidade e destreza com martelo, rasteira, armadas e meia lua de compasso rápida, as músicas cantadas pedem um jogo forte. A palma que era até então duas passam para três palmas fortes. O coro sobe os capoeiristas é instigado pela beleza e plasticidade dos jogos.

Quando o mestre está preparando o grupo para apresentação, no toque de São Bento Grande, são realizados movimentos giratórios rápidos, em uma repetição de acima de cinco de cada lado. Os saltos soltos, os aús sem as mãos, os macacos, dentro do ritmo, sem tocar no outro. Sendo uma apresentação, os iniciantes e graduados que já possuem a desenvoltura de sequenciar os movimentos e velocidade ensaiam essa parte da roda.

A foto a seguir mostra o jogo de capoeira para apresentação. Dayane fazendo movimentos, atrai o olhar das meninas para a capoeira.

IMAGEM 25 – Dayane fazendo macaco na roda.



Fonte: Acervo Pessoal. Apresentação de Capoeira. Mandacaru. Dezembro/2012.

Nesse momento de ensaio de apresentação, o mestre explica que ocorre o “espetáculo da capoeira”. A capoeira para o público envolve show de velocidade, de flexibilidade de tronco e pernas; entrosamento; plasticidade. Ao som de uma bateria bem redonda e palmas e coro bem forte. Acrescenta-se para as apresentações do grupo, o maculelê, e, às vezes, apresentação do samba de roda e do ijexá.

Os ensaios do maculelê (uma dança em círculo em que os dançarinos usam dois pedaços de paus – grimas) ocorrem uma vez na semana. Os passos do maculelê e a coreografia base do grupo ocorrem pelos toques dos atabaques “barravento, congo de ouro” e no acompanhamento no agogô. A aula de maculelê começa com a repetição de passos que são executados a partir da base da perna esquerda; giros, pulos, ao som dos atabaques e do agogô. O mestre é acompanhado por dois ou três alunos na percussão do maculelê (atabaques e agogô).

Como o maculelê é explosivo, o mestre dá uma parada e demonstra os toques. Um ou outro vai tocando e aprendendo a base dos toques. Depois, o mestre Dário pede para alguém cantar uma música de maculelê, e os demais respondem o coro. Assim, sucessivamente, de tempos e tempos, o mestre ensina outra música resultado de suas pesquisas por suas andanças pela capoeiragem.

O grupo aprende rápido e incorpora ao repertório do grupo. Uma das músicas recentes que anima as rodas de maculelê é “quando vou embora olé, todo mundo chora, olé”. Além de ser usada nas apresentações, o maculelê é realizado nos finais da roda de capoeira da sexta-feira como uma diversão, pois não tem o risco da “porrada”. Tanto os meninos e as meninas como os homens e as mulheres do grupo dançam. Depois, as crianças dançam o samba de roda e o ijexá. Alguns jovens dançam, outros, principalmente, os rapazes e homens, tocam e cantam.

O mestre diz que, quem não gosta de dançar, aprende a tocar e cantar no grupo, pois, nesses momentos de diversão, os laços de afetividade no grupo se fortalecem. A brincadeira e o sorriso tornam o tempo-espaco acolhedor.

IMAGEM 26 – Apresentação de maculelê no Dia das Crianças na Lagoa.



Fonte: Arquivo pessoa. Apresentação de maculelê. Lagoa. Outubro/2007. João Pessoa.

Podemos ver na foto acima, Girlene Lima e Nindinaldo dançando o maculelê na roda com as grimas, isto é, com os bastões de madeira. Nesse dia, estavam os três atabaques na roda, momento que os atabaques ecoam alto junto com a marcação do agogô. O pessoal do grupo solicita muito do mestre Dário para fazer roda de maculelê e/ou apresentação da coreografia do maculelê do grupo

Os alunos espalham-se na sala. Alguns se juntam para conversar, outros pegam os instrumentos para tocar, outros fazem floreios de capoeira. As meninas ficam na disputa de quem abre mais a escala. Em seguida, o mestre avisa sobre o término da atividade. Assim, eles saem conversando em pequenos grupos.

O sentimento de pertença, os laços de afetividade e de solidariedade fortalecem a continuidade do grupo. Compreende-se, na fala de alunos, que, durante esses anos, eles vão estudar, trabalhar, namorar e outras coisas afins, mas sabendo que segunda, quarta e sexta tem capoeira no Roger, quando eles podem voltar, e voltam, para uma aula e/ou uma roda. O grupo é um tempo-espço de alívio de estresse, de alimentação de sonhos, de movimentação do corpo, saindo suado e cansado. Também de alegria pelo reencontro com o grupo, pelas “fofocas” de um ou de outro.

Os outros toques de berimbau exigidos pelo mestre são: Santa Maria, Banguela, Gegê e Apanha Laranja no Chão Tico-Tico. Cada um pede um tipo de jogo. O toque de Banguela envolve o jogo dentro, e uma música deve ser cantada: “Jogo de dentro/Jogo de fora/Valha-me Deus/minha nossa senhora”, (existem variações que o cantador pode improvisar).

O toque de Santa Maria pede um jogo dentro com floreios. No Tico-tico, os jogadores desenvolvem o jogo de pegar “o dinheiro” que foi jogado pelo público no meio da roda, mas só se pode pegar com a boca. A música cantada “Apanha laranja do chão Tico-tico/ se meu amor fosse embora/ eu não fico/ Apanha laranja no chão Tico-tico/ a toalha é de renda e de bico/ Apanha laranja no chão Tico-tico/ não é com a mão que se pega/ é com o bico”. Os jogadores vão se esquivando e golpeando o oponente e, ao mesmo tempo, os capoeiristas realizam várias tentativas até um dos jogadores pegar o dinheiro com a boca. Pegando o dinheiro, acaba o desafio. E, depois, a roda continua com outros toques. Uma curiosidade desse toque é que os dobrados que podem ser feitos na nota aberta devem ser repetidos na nota fechada. É um toque que exige simetria entre as notas abertas e fechadas do berimbau.

O Toque de Gegê é de desafio entre dois berimbaus, conforme o fundamento. O berimbau berra boi marca o ritmo da roda no toque de angola. Então, os desafios acontecem entre os berimbaus, viola e violinha. Os tocadores devem executar a base do toque e dobrar o máximo possível, passando pela base. É um toque realizado por quem consegue tocar o berimbau com desenvoltura e confiança, pois o toque exige criatividade e noções de tempo e contratempo.

Falamos dos toques dos berimbaus. O pandeiro, o agogô e o reco-reco realizam um toque como base e algumas variações (dobrados), pois, esses instrumentos, na roda de capoeira, servem para marcar o ritmo. O atabaque realiza dois toques: Ijexá e angola; um dá mais cadência à roda, e o outro tende acelerar a roda. Dependendo mais da vontade do mestre ou do tipo de roda, o mestre Dário pode querer o jogo mais embaixo. Então, o toque de atabaque é o Ijexá. Ou, então, o mestre pode querer que seja trabalhado jogo alto, aí o toque do atabaque é angola.

A musicalidade, como foi dito anteriormente, é ensinada-aprendida no cotidiano das aulas e rodas de treino semanais. Os iniciantes já possuem a disciplina que a capoeira exige. Logo em seguida, o iniciante começa a pegar nos instrumentos para se familiarizar com estes. Depois, realiza as bases de cada toque. Então, a definição das notas “abertas, fechadas e trêmulas”, as quais possibilitam a execução dos toques de berimbau. Paralelamente a isso, aprendizagem dos toques, os capoeiristas aprendem a cantar as cantigas de capoeira. Os iniciantes escutam as músicas na própria roda, e o colega do lado vai ajudando. Eles começam

a responder o coro. Com a continuidade da presença nas aulas, aprende-se as músicas, batendo palma e respondendo ao coro. Depois, começando a experimentar fora da roda o cântico com o pandeiro e/ou berimbau, junto com um grupinho formado pelas afinidades “do jeito de cada um”.

Nesse meio, alguém entre os graduados começa uma música e continua. Pela hierarquia da capoeira, o iniciante continua cantando um pouco, depois para, e o graduado continua. Dessa maneira, o capoeirista começa sua experiência de cantar capoeira.

Geralmente, o mestre faz uma parte da aula com música. Ele canta algumas músicas que percebe que o grupo está com dificuldade para pronunciar, seja palavras ou entonação. Ele repete uma ou duas vezes. Depois, pede para um ou outro cantar uma música de capoeira. Todos os presentes na roda respondem ao coro, e, assim, sucessivamente.

Com a presença nos treinos, respondendo ao coro na roda, cada um no seu tempo e ritmo, aprendem a cantar e a animar a roda de capoeira. Pois, no decorrer do tempo, compreendem que todos precisam assumir a responsabilidade de fazer a roda de capoeira, cada um dentro de suas condições.

O mestre Dário explica que as cantigas de capoeiras, antigamente, eram usadas tanto para contar os atos de bravuras de valentões e capoeiristas, como para ridicularizar certas situações. A partir das músicas, o mestre vai trazendo a memória de velhos mestres: Pastinha, Bimba, Besouro, Waldemar da Liberdade, e das lutas dos negros pela liberdade. Fala dos Quilombos, das maltas de capoeira, da relação da capoeira com o frevo pernambucano, das estratégias que os negros criaram para lutar pelo direito de serem reconhecidos como seres humanos, pois a escravidão tentou reduzi-los a animais de trabalho, à peça que foi comprada e vendida no mercado.

As cantigas de capoeira trazem a memória dos negros e de seus descendentes para a nova geração. Com as letras dessas cantigas, vislumbra-se o mundo da capoeiragem da época: beira do cais, na esquina do bar, o mundo da rua. “Entre o papo e o copo e uma garrafa de pinga, capoeira ia-se jogando”, esse refrão vem de uma música de capoeira que dá a ideia de que, nas “hora de folga” do trabalho duro, nos lugares de trabalho as ruas, as feiras e o cais do porto, o negro jogava a capoeira.

Ao comentar com os alunos sobre essa situação, o mestre Dário fez referência à situação precária do trabalho árduo, no qual estavam submetidos, e a capoeira funcionava como uma possibilidade de potencializar sua força criadora e criativa, pois aglutinava uma rede de sociabilidades a partir do jogo. Ia juntando gente que sorria, gritava e assobiava com a intensidade dos jogos, com os maneios de corpos e ali se sentiam parte de uma mesma história.

Hoje, as músicas trazem à tona essas estórias. Chama os ancestrais para a roda. Instiga jogos fortes e alegria na roda. Ao mesmo tempo, faz-nos pensar o quanto lutamos para alcançar a liberdade de ser humano. Cantando e tocando nós que reconhecemos como parte da mesma luta que foi e ainda é por liberdade.

O cantar na capoeira é parte fundamental do ritual, pois a roda de capoeira angola começa com o cântico da ladainha que traz a estória da capoeiragem e da capoeira e louvando a Deus e os mestres. O cântico serve como estratégia para a comunicação entre alunos e o mestre, para orientar e abrir o olho para o jogo. O ato de cantar é de suma responsabilidade para o “axé” da roda. Há cantadores que deixam a roda “pesada” e, após uma mudança de cantador, do tom de voz, da música a roda “sobe”, a roda fica “boa”.

Um dos aspectos em relação aos cânticos é a escolha das músicas. Mesmo que, em determinados momentos, o repertório do grupo se atualize com novas músicas, existe um critério pelas músicas mais antigas e que elas sejam cantadas sem adaptações. Os acréscimos, se couber um, são do improviso na hora da roda, onde o cantador pode acrescentar os refrãos que tenham relação com aquele momento do jogo e da roda.

Uma das preocupações em relação às músicas é que não se perca o referencial afro-brasileiro. Algumas das músicas de capoeira criadas na atualidade deixam de lado o referencial de matriz afro-brasileira para evidenciar referências das religiões neopentecostais, afetando, especialmente, a diversidade do conteúdo das letras e a finalidade do cântico.

Em João Pessoa, em especial no bairro do Valentina de Figueiredo aumentou o número de mestres evangélicos. O que já acarretou uma nota de repúdio a esse uso da capoeira com a finalidade de evangelizar por parte do Conselho de Igualdade Racial (CONEPIR).

Partindo da própria historicidade da capoeira repassada pelos velhos mestres e pela produção acadêmica existente no tema, relaciona-se a capoeira com a matriz africana. O mestre Nô orienta que o trabalho do Grupo Capoeira Angola Palmares deve se nortear pelas aprendizagens e pelos ensinamentos da capoeira do ponto de partida da cultura afro-brasileira, compreendendo a capoeira como uma criação dos negros africanos escravizados aqui no Brasil. Portanto, o mestre faz uma escolha pelos referenciais afro-brasileiros nas músicas.

Partindo do pressuposto que a capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira, a escolha do que se canta tem a ver com a responsabilidade do mestre de cuidar, de atualizar sua técnica e comportamentos, mas de mantê-la dentro dos saberes e fazeres da cultura ancestral. O passado atualiza-se no presente pelas músicas de capoeira antigas e traz à tona os antigos capoeiristas e o passado de luta dos negros, índios e brancos pobres que fizeram e fazem parte

da roda de capoeira desde os primórdios, como se pode ver em Soares (1999), Rego (1968) e Abib (2017).

Assim, os critérios para que uma música seja cantada na roda é que a referência seja parte do patrimônio cultural afro-brasileira. Todavia, quando um convidado está cantando, o grupo vai responder ao coro de qualquer música entoada, entendendo que ele tem outros referenciais de capoeira.

IMAGEM 27 – Roda realizada no “Beco dos Mogeiro”, Roger. Agachados, mestre Lázaro, cantando, de frente para o mestre Orly.



Fonte: Arquivo pessoal. Roda no Beco, no IXENCAP/2019. Comunidade Asa Branca. Roger. Março/2009.

Podemos ver na foto acima o Mestre Lázaro cantando a ladainha para iniciar a roda de capoeira angola. Mas podemos ver Mestre Dunga no berimbau berra-boi (1º), Mestre Gilmário no berimbau viola (2º), Mestre Lee no berimbau violinha(3º), Mestre Nô no pandeiro. Todos de Salvador, Bahia. No segundo pandeiro aluna Rose, agogô, aluno Negão, e contramestre Omi (EUA). Uma roda na comunidade com muitos mestres da Palmares, o que possibilitou ao nosso grupo vivenciar o ritual da capoeira angola na roda.

Assim, Mestre Dário e os alunos mais antigos do grupo possibilitam compreender a importância do partilhar a mesma roda e do valorizar a diversidade que existe nas aulas, onde crianças e jovens, novos e graduados, fazem a aula conjuntamente. O mestre iniciou falando as partes do berimbau e pedindo para um dos alunos explicar suas partes.

O berimbau é formado por uma verga (pedaço de pau de madeira biriba ou pereira; no caso do grupo, a verga é de biriba), a corda (o fio de aço retirado do pneu de carro), dobrão (pedra “seixo” ou moeda), anel da cabaça (cordão de algodão ou barbante trançado), cabaça ou cuité (no grupo, utilizamos a cabaça), caxixi (cestinho feito com um pedaço de cabaça e trançado com vime e com semente de olho de pombo ou ave-maria), disco de couro (colocado na parte de cima do berimbau), tarugo (parte de baixo da verga; é feito com corte ao redor da madeira para encaixar a corda), vaqueta (pedaço de pau de biriba ou pereira de 30 cm aproximadamente).

Depois que o aluno explica as partes do berimbau, o mestre vai armando o berimbau, explicando que a verga não deveria ser dobrada usando muita força, pois pode quebrar. Deve ser apoiada no joelho direito, apoiando e puxando a parte de cima da verga. Com a mão direita, enverga-se a verga, com a mão esquerda, segura-se a verga, e a mão direita coloca a corda e dá uma laçada com o cordão trançado na verga e não se deixa a ponta solta. O mestre coloca a cabaça, apertamos a corda com a mão esquerda, e com a mão direita, colocando a cabaça pela parte de baixo da verga (onde está o tarugo), vai subindo na verga, de acordo com o casamento da verga e da cabaça, dependendo o tipo de som, colocar a cabaça na verga mais perto ou mais distante do tarugo e do tamanho do anel da cabaça varia afinação do berimbau.

Prestando atenção nesses detalhes, o Mestre Dário casa os berimbaus quanto à classificação do som: som grave (berimbau berra-boi), som médio (viola) e agudo (violinha). Explica que o som não tem a ver com tamanho da verga ou da cabaça. No entanto, a união da verga e da cabaça (chamado pelos capoeiristas de “casamento”) traz a necessidade de se aprender para se conseguir um bom berimbau.

O Mestre Dário demonstra o som de cada berimbau armado. Depois disso, pergunta ao grupo quais são os toques que se usam nas rodas do grupo. As crianças vão respondendo toque de angola, e outros vão completando a informação: São Bento Pequeno e São Bento Grande de Angola. Os graduados acrescentaram, dizendo os toques de Benguela, Santa Maria, Tico-tico e Gegê. O mestre faz, então, a referência aos toques característicos da capoeira angola e fala que existem outros da capoeira regional. Faz a ressalva de que todos podem aprender o máximo de toques possíveis e só precisam saber quando usá-los. Essa orientação é necessária para que o capoeirista possa estar preparado para participar de roda, em qualquer estilo, com ética e responsabilidade com a capoeira.

O mestre mostra as notas do toque de berimbau: fechada (cabaça afastada da barriga e a vaqueta toca acima do dobrão, que está junto à corda com pressão); nota aberta (cabaça afastada da barriga, dobrão afastado da corda e vaqueta toca embaixo, como referência a

posição do dobrão) e o trêmulo (conhecido por chiado, a cabaça está próxima à barriga, e o dobrão próximo à corda, sem pressão, a vaqueta bate na corda, na altura do dobrão). Os toques de berimbau são as combinações destas notas. O mestre Dário fala da necessidade da definição das notas para que os toques possam ser realizados pelos tocadores e identificados por todos os presentes naquele momento, pois são responsáveis pelo ritmo e os tipos de jogos na roda de capoeira.

O Mestre Dário pede, inicialmente, que sejam realizados os toques mais usados nas rodas de capoeira angola (Toque de angola, São bento Pequeno e São Bento Grande de Angola), organizando conforme a quantidade de berimbaus. Há necessidade de um revezamento entre os alunos. Lembrando que o mestre orienta que toquem a base nos demais instrumentos, sem os “dobrados”, em uma altura baixa para que os toques de berimbaus possam ser escutados e identificados. Depois, todos tocam Angola. Assim, repete-se para São Bento Pequeno e São Bento Grande de Angola.

Os outros toques são iniciados por quem já conseguiu realizar os toques de angola, São Bento Pequeno e São Bento Grande de Angola. Mas, necessariamente, não os mais graduados, pois depende-se do ritmo de cada um e do tempo de dedicação de cada um. Houve alunos de terceira graduação no grupo que realizaram os toques de Santa Maria e de Gegê. Em contrapartida, tem alunos mais graduados que não possuem o mesmo domínio do toque.

Mesmo que haja uma compreensão que a musicalidade fez e faz parte dos princípios da prática da capoeira nesse grupo, todos precisam aprender as diversas dimensões da capoeira. Quando a roda fica no ritmo de São Bento Grande de Angola, usa-se mais quadra e especialmente os corridos. Mas aquele aluno que se identificou com o canto, buscando ampliar o repertório das músicas, alternando cantos de quadras, chulas e corrido, mesmo cantando bem, precisa renovar seu canto para o estímulo dos jogos e do coro, para que se renove a energia, “o axé” e a roda continue animada. Nesse grupo, em respeito à própria tradição da capoeira angola, não existe um capoeirista “especialista no cântico” que canta toda roda.

A lógica da sociedade da mercadoria, da sociedade capitalista, por ser o fundamento social do mundo contemporâneo⁷⁴ não deixa de atravessar o universo da capoeira expressando-se, por exemplo, no desenvolvimento unilateral – alienado – do praticante, tornando-o um especialista em uma área específica (por exemplo: uns só jogam, outros só falam, outros só dão

⁷⁴ Fundamento, ou “base mundana” de acordo com as palavras de Karl Marx em sua tese IV contra Feuerbach: “É que o fato de esta base mundana se destacar de si própria e se fixar, num reino autônomo, nas nuvens, só se pode explicar precisamente pela autodivisão e pelo contradizer-se a si mesma desta base mundana”. Daí concluímos que o fundamento é contraditório. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>. Acessado em: 05 mar. 2020.

aulas) e em decorrência de tal especialização, acompanhada de um trabalho midiático nas redes sociais, um capoeirista especialista em um aspecto passa a ser o ofertante de uma necessidade de outrem, e reciprocamente, o primeiro sujeito torna-se o demandante do produto de outro especialista⁷⁵. Esse atravessamento da lógica da mercadoria pelo mundo da capoeira tem um efeito contraditório: por um lado incrementa o intercâmbio entre os grupos de capoeira de vertentes distintas (aspecto qualitativo), por outro lado, o intercâmbio desse “mercado da capoeira” se realiza ao preço de uma homogeneização das formas de jogar, de estar-na-roda que antes eram uma peculiaridade de cada grupo (aspecto quantitativo). Um exemplo desse movimento é que a empresa *Redbull* passou a promover nos últimos anos um campeonato no qual se elege o “melhor capoeirista do mundo”⁷⁶, colocando em contato capoeiristas de diversos lugares do Brasil e do mundo.

Caminhando na contramão da fragmentação ou da especialização do saber-fazer capoeirístico que está acontecendo em alguns grupos, entende-se que o ensino da musicalidade precisa levar em conta o indivíduo, seu ritmo. Todos devem aprender, mas o tempo não é o mesmo. Um mais graduado toca angola talvez porque precise melhorar a definição das notas; o novato, para aprender.

Entende-se que algumas das dificuldades apresentadas pelos capoeiristas têm a ver com outras experiências de aprendizagem das “escolas” e, às vezes, da própria família, que possui uma baixa autoestima, com dúvidas sobre suas próprias potencialidades.

O tocar, cantar e jogar têm a ver com uma mudança dessa posição. Conforme eles pisam na roda de capoeira, a fala, a cabeça e o corpo mudam da posição de repouso e tendem a uma posição dinâmica, de movimento. Ao contrário, os movimentos de parada de mão e de parada de cabeça são realizados na inversão da posição corporal. As mãos e/ou cabeça estão apoiadas no chão; a possibilidade da realização a cada aula dos movimentos que levam o capoeirista a variar as posições corporais. O tocar e cantar na roda são desafios vencidos a cada aula, o que acarretam uma afetação na pessoa, desenvolvendo um comportamento ativo, trazendo diferenças no olhar, no achismo que cada um constrói de si, possibilitando no encontro com o outro capoeirista e com o meio, a roda de capoeira, a elevação da autoestima, passando a

⁷⁵ “Só quando duas relações desse tipo se ajustam é que a troca torna-se possível, isto é, adquire sentido para ambos. Em resumo: a necessidade não possuidora de um precisa coincidir com a posse não necessária do outro. Alguém que possui o que eu preciso, mas não precisa do que eu possuo não vai se interessar pela troca” (HAUG, 1997, p. 23).

⁷⁶ Para não parecer ingênuo de nossa parte, reconhecemos toda a diversidade da capoeira e por isso a possibilidade de afirmar sua dimensão esportiva. Salientamos tal fenômeno unicamente com fins de chamar atenção para os efeitos contraditórios decorrentes do cruzamento da capoeira com o capital – em razão de seus praticantes, também sendo trabalhadores que vivem de seu trabalho – corporal – terem na prática da capoeira a fonte de sua renda, fenômeno também analisado por Abib (2017).

desenvolver um sentimento de “gostar de si e acreditar que pode”; passa a mudar a opinião que tem si.

No entanto, a grande dificuldade é que, mesmo começando a desenvolver esse novo olhar de si e até da sua família, quando se está no horário do ambiente escolar, na interação com os professores e com a comunidade escolar, o aluno fica confuso porque, na escola, não há valorização do que ele gosta, da capoeira, e nem os professores compreendem o protagonismo dos capoeiristas, que participam ativamente das atividades da escola. Ao contrário, os professores ainda ficam cobrando um comportamento disciplinado e que devem ficar quietos, e indagam aos alunos-capoeiristas porque não aprenderam isso na capoeira.

Quando os alunos retornam com essas falas oriundas de professores das escolas nas quais estudam, escutamos, e eles mesmos vão dizendo por que se comportam na escola e na capoeira de maneiras distintas. Nesse decorrer dos anos, os alunos falam que na escola é muito dever, o escrever até a mão ficar doendo. Ficam muito tempo sentado e quando perguntam, ou a turma debocha ou o professor não tem paciência para voltar a explicação. Relatam que existe muito barulho na sala, por isso professores e professoras gritam muito.

Na capoeira, o mestre ensina e faz junto com os alunos. Quando alguém ri de um ou do outro, o mestre diz que não pode e explica que, na capoeira, na realização dos movimentos, o desequilíbrio e a queda são partes da aprendizagem. Nesse momento, “o riso” travaria a pessoa para continuar fazendo o movimento. Ele lembra que, para aprender a capoeira, o indivíduo precisa desenvolver o respeito pelo seu próprio corpo e ritmo, e respeito pelo corpo e pelo ritmo do outro, além de respeitar o meio, o mundo da capoeiragem; exige disciplina, responsabilidade e cuidado pelos seres humanos e pelo meio ambiente.

O mestre diz que o ambiente precisa ser acolhedor, tanto na sua organização espacial, no equilíbrio das vozes, dos conteúdos, do tempo de experimentar, especialmente na relação do eu comigo mesmo, do eu com o outro e do eu com o mundo da capoeiragem. Ele acrescenta no momento, quando o indivíduo entra pelo portão, já está na aula, adentrando o universo da capoeira a cada passo.

O respeito que aprende a dar boa noite e pede licença para entrar na aula é o mesmo que ele usa na roda de capoeira e na vida. Quando o capoeirista está na rua e avista uma roda de capoeira, observa um pouco os jogos, depois cumprimenta e se apresenta ao mestre da roda e pede para tocar e depois para jogar. Isso é parte da educação da capoeira angola.

Outro ponto que tem a ver com a tradição da capoeira angola é que o aluno deve oferecer os instrumentos para mais os antigos tocarem. Um comportamento desse grupo em relação aos berimbaus é como o mestre orienta quando o berimbau viola não deve ser passado para

convidados, pois é o berimbau, dentro do fundamento, que dita o tipo de jogo da roda, e que pode baixar tirando “jogos” cuja estratégia não está condizente com a situação e com o que é orientado pelo mestre da roda. Esse berimbau fica com os capoeiristas do grupo.

O sistema de Graduação que seguimos é o da Associação Brasileira e Cultural Angola Palmares (ABCCAP): Sistema infanto-juvenil até 17 anos e o Sistema de Graduação de jovens e Adultos.

QUADRO 12 – SISTEMA DE GRADUAÇÃO DA PALMARES INFANTO-JUVENIL (até 17 anos)	
Ordem	Graduação (cordel)
1º	Verde claro
2º	Verde claro ponta amarelo claro
3º	Verde claro ponta azul claro
4º	Verde e amarelo trançado ponta verde
5º	Verde e amarelo trançado ponta amarela
6º	Verde e amarelo trançado ponta azul
7º	Amarelo ponta verde
8º	Amarelo ponta azul

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora no período 2019.1.

QUADRO 13 – SISTEMA DE GRADUAÇÃO DA PALMARES (a partir dos 18 anos)		
Ordem	Graduação (cordel)	Tempo de graduação (ano)
1º	Verde claro	1
2º	Verde escuro	1
3º	Verde e amarelo trançado claro	2
4º	Verde e amarelo trançado escuro	2
5º	Amarelo claro	2
6º	Amarelo escuro	2
7º	Amarelo e azul claro (instrutor)	3
8º	Amarelo e azul escuro (instrutor)	3
9º	Azul Claro (professor)	3
10º	Azul escuro (professor)	3
11º	Verde, amarelo, azul e branco trançado (contramestre)	5
12º	Branco ponta verde (mestre)	5
13º	Branco ponta amarelo (mestre)	5
14º	Branco ponta azul (mestre)	5
15º	Branco (mestre)	5

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora no período 2019.1.

Existe o sistema de graduação que seguimos, mas existem graduações que o mestre desse grupo, até hoje, não entregou, como o de instrutor e o de professor (os cordéis claros), e o aluno espera o tempo necessário para receber os cordéis escuros (amarelo e azul e azul escuro). Leva-se em consideração que a graduação do claro funciona como um cordel intermediário, e o capoeirista é ensinado que, depois de certas graduações, deve existir o amadurecimento e que ele pode esperar aumentar o volume do jogo, se necessário, para receber o cordel escuro de instrutor e/ou professor. Os jovens e adultos demonstram compreender que não há necessidade de receber cordel todo ano. Alguns deles precisaram amadurecer na graduação para aceitar o desafio até o próximo cordel. A partir da graduação de instrutor, o/a capoeirista deveria ter outras experiências dentro e fora do grupo, que lhes possibilitariam as condições para serem reconhecidos na graduação pela comunidade capoeirística: pelos capoeiristas mais novos, da mesma geração e os mais antigos. A graduação de contramestre é a graduação de ligação entre o mestre e os alunos. E a graduação de mestre tem os níveis necessários de amadurecimento e de reconhecimento até ser reconhecido pelo seu grupo e pela comunidade da capoeira.

Uma tensão entre a Associação Brasileira e Cultural Angola Palmares com a Associação Brasileira de Capoeira Angola (ABCA) é o uso do cordel pelo grupo. Há uma discordância antiga sobre o uso do cordel como sistema de graduação. Existem grupos de capoeira angola que não usam o cordel propriamente dito e usam outras formas de graduação, a carteirinha ou a cor na gola da camisa.

Aqui, em João Pessoa, esse questionamento é repetido quando encontramos com mestres de outros grupos. O uso do cordel pelos angoleiros ou se o angoleiro sabe jogar em cima. Quando os alunos do grupo jogam nas rodas pela cidade, uma das observações que as pessoas em geral fazem é de que eles jogam rápido. Compreendemos que o grupo está no Roger, bairro da periferia de João Pessoa. Os meninos vivem essa realidade. Então, isso influencia nas pessoas, consequentemente, na postura corporal dentro do jogo e na vida.

A vestimenta é adotada pela Palmares, o abadá (calça e camisa de capoeira) é da cor branca. Nos treinamentos, podem usar outras cores de calça e camisas, mas, para melhor desenvolvimento das atividades físicas, é exigido o abadá, o que facilita o andamento da própria atividade. Nas apresentações e nas rodas dentro e fora do grupo é exigido estar com a roupa da capoeira (abadá). Caso o aluno não possa comprar, o grupo organiza-se para disponibilizar a calça e a camisa.

A organização da festa de entrega de graduações acontece uma vez, no final de ano. O grupo apresenta projetos para a Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE), solicitando o

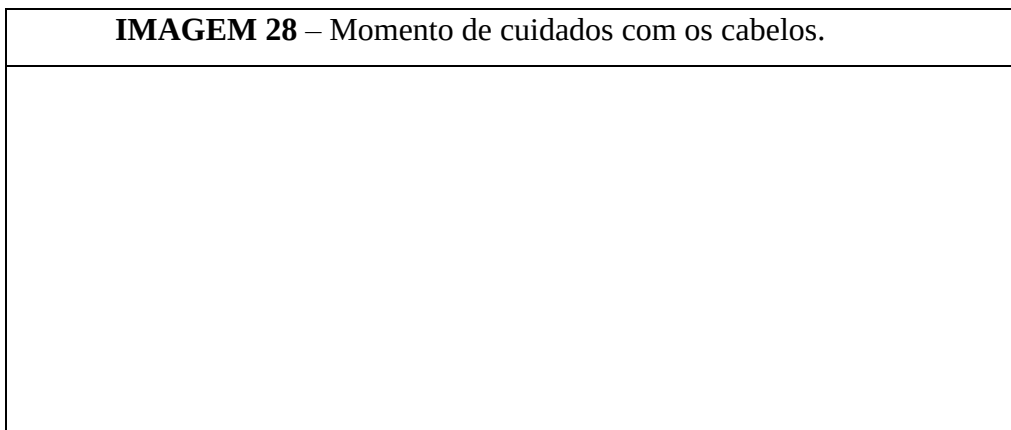
apoio para a realização do evento. Quando temos o projeto aprovado, conseguimos realizar o evento sem custos para os alunos. Dentro do projeto, consta a solicitação de camisas e de calças que serão utilizados como fardamento para os alunos que ainda não possuem a calça e as camisas. Essa é uma das estratégias de sobrevivência que utilizamos a partir do evento e resolvemos a questão da padronização do grupo. Outra, é a realização de apresentações para eventos públicos, que serve para a compra de instrumentos.

Quando se realizam as festas de celebrações, é a partir da organização dos alunos que já trabalham e dos pais das crianças que apoiam. O aniversário do grupo e aniversários de alunos, mês da Consciência Negra, Dias das Crianças e outras datas sugeridas pelo próprio grupo.

O Evento de entrega de cordéis é o Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares (ENCAP) realizado anualmente. Para a realização da parte desse ritual de entrada no universo da capoeira, o primeiro cordel, no nosso caso, é verde. O iniciante joga com um mestre convidado e, no final do jogo, recebe seu cordel. Nas outras entregas de graduações, os capoeiristas jogam com outros capoeiristas da mesma graduação, depois o professor, contramestres ou mestres entregam o novo cordel. Nessa roda de entrega de graduação, com a presença da família, dos amigos do bairro e de capoeiristas convidados da Paraíba e de outros estados, tivemos eventos que contou com a presença de capoeiristas da Itália e EUA.

A programação do ENCAP consta de oficinas de capoeira, maculelê, percussão, penteado afro, rodas de diálogos, rodas pelo bairro e a grande roda do evento. Essa programação depende dos recursos obtidos. Quando há aprovação do projeto, a operacionalização é garantida. Nossa organização fica mais centrada na parte das aulas. Organizamos as salas de aula com a divisão de alunos para cada oficina, seus horários, o momento de encontro para a roda de capoeira seguida dos mestres, contramestres e professores conversando com os capoeiristas. A organização para roda no bairro com a definição de qual o local da vez, porque já foram feitas rodas em todo bairro no decorrer desses anos.

IMAGEM 28 – Momento de cuidados com os cabelos.





Fonte: Arquivo pessoa. CRC do Roger. Março/2009. Roger.

Podem-se visualizar na foto acima a professora de capoeira Nina Nascimento e Oficineira de Penteados Afro Girlene⁷⁷ no momento de cuidados afetivos com o grupo e o Mestre Nô descansando e conversando com as meninas na área externa do CRC Roger.

Os momentos marcantes do ENCAP foram as rodas de mestres, contramestres e professores e, em seguida, a entrega dos cordéis para os capoeiristas do grupo. O público e os capoeiristas presentes puderam, no decorrer dos anos, assistir à demonstração de jogos, com agilidade, destreza e plasticidade. Depois, a emoção dos capoeiristas do grupo é quando recebem graduação na presença de seus amigos e de familiares.

O Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares possibilitou, no decorrer destes anos, a interação de capoeiristas do grupo com os capoeiristas da cidade, do estado, do Brasil e do exterior. Tornou-se um espaço-tempo para conversas, jogos de capoeira e interação do bairro com o grupo.

Outro evento que organizamos foi a roda de Iemanjá, no dia 08 de dezembro, em homenagem ao Orixá Iemanjá. O grupo organizou-se várias vezes dividindo as despesas de transportes e lanches para levar o grupo para a Praia de Tambaú, onde ocorre a Festa de Iemanjá.

⁷⁷ Girlene Lima é uma empreendedora negra, atua na área de beleza, possui seu próprio Salão no Roger. Começou no grupo como capoeirista e se especializou a partir do grupo em penteados afro. Disponível em: <<http://www.findglocal.com/BR/Jo%C3%A3o-Pessoa/362066267264650/Girl-Tran%C3%A7as-Afro-%23trancasjoapessoa>> Acesso em 25 fev.2020.

Outra experiência, foram as idas para os eventos do Grupo Palmares, em Salvador, com os alunos do grupo.

A responsabilização faz parte também do caminho do capoeirista. Quando o mestre Dário percebe que um aluno-capoeirista não está compreendendo a filosofia e o trabalho do Grupo, toma algumas atitudes. Primeiro, o mestre conversa com ele, com o intuito que reflita sua ação e mude seu comportamento. Mesmo assim, se o aluno não conseguiu refletir o seu descompasso com o grupo, ele não recebe a graduação no ano corrente da situação-problema. Caso seja criança, depois da conversa, fica sem participar das apresentações.

6 NA VOLTA DO MUNDO: AS DIMENSÕES DO ENSINO E DE APRENDIZAGEM DO GRUPO CAPOEIRA ANGOLA PALMARES/PB

Ampliamos as possibilidades teóricas para o nosso estudo, as interações e as comparações com os dados coletados, codificados em categorias. Alcançamos a síntese de nossa ação-reflexão-ação junto aos sujeitos-pesquisados *in lócus*, nesse caso, no Grupo capoeira Angola Palmares, no Roger. Trouxemos a fala do mestre Nô, a linhagem da Tradição da Palmares. E o mestre do grupo do Roger, como responsável pelos ensinamentos e aprendizagens da tradição e filosofia da Palmares, foi construído nas falas dos membros do Grupo pesquisado. Assim, fizemos comparações em busca da síntese das dimensões da educação popular da prática do ensino e da aprendizagem na capoeira angola: *A práxis educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares*.

Para isso, fizemos uma descrição do grupo, a análise das entrevistas dos membros do Grupo Capoeira Angola Palmares. Para tal, descrevemos a prática educativa do Grupo relacionando a história da vida de capoeira do mestre do Grupo com a capoeira em João Pessoa, além das observações das aulas, das apresentações e dos materiais de registro do próprio grupo.

A partir dos dados coletados sobre a capoeira, compreendemos as configurações dessa prática na localidade. Dito isto, apresentamos os princípios, os saberes-fazeres que caracterizam a prática educativa do grupo com crianças, adolescentes e jovens no bairro do Roger, João Pessoa, na Paraíba, dentro de uma abordagem de educação popular alinhadas com a pedagogia freireana.

QUADRO 14 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS/AS

Entrevistados	Graduação	Profissão	Escolaridade	Tempo de Grupo	Local onde mora	Raça/Etnia	Idade
Entrevistado 1	Cordel branco (Mestre)	Mestre de Capoeira	Ensino Fundamental	40 anos	Boca do Rio/ Salvador/BA	Negro	73
Entrevistado 2	Cordel amarelo e azul (instrutor)	Pedreiro	Ensino médio completo	21 anos	Baixo Roger/Comunidade Asa Branca João Pessoa-PB	Negro	37
Entrevistado 3	Cordel azul (professora)	Agente social educativa	Superior completo (Marketing)	19 anos	Baixo Roger/Comunidade Asa Branca João Pessoa-PB	Negro	33
Entrevistado 4	Cordel amarelo escuro (aluno)	Técnico em iluminação	Superior incompleto (Enfermagem)	13 anos	Tambiá/ João Pessoa-PB	Negro	23

Entrevistado 5	Cordel amarelo escuro (aluna)	Telemarketing	Ensino Médio Completo	13 anos	Baixo Roger/João Pessoa-PB	Negro	21
-----------------------	-------------------------------	---------------	-----------------------	---------	----------------------------	-------	----

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora no período 2019.1.

O quadro abaixo sistematiza o perfil dos entrevistados/as, o que possibilitou nos cruzamentos das variáveis a dimensão de PERTENCIMENTOS:

QUADRO 15: Perfil dos entrevistados/as (dimensão de PERTENCIMENTOS)

GRADUAÇÃO

As Graduações possibilitam a demonstração de hierarquia na capoeira: Ao Mestre, o cordel branco; à professora, o cordel azul; ao instrutor, o cordel misto entre o azul e o amarelo e aos alunos, o cordel amarelo. Portanto, representa uma trajetória na Capoeira com suas fases de aprendizagens, um PERTENCIMENTO DE GRUPO;

PROFISSÃO/ESCOLARIDADE

As profissões dos/as entrevistados/as se relacionam com suas trajetórias de vida e as oportunidades de escolarizações. Evidencia-se que apenas o Mestre da capoeira vive dessa prática, ou seja, a capoeira se constituiu em sua profissão. Enquanto os demais, professora, instrutor, aluna e aluno, estão em profissões compatíveis com a lógica de escolarização para atuação no mercado: pedreiro-Ensino médio; Agente social educativa-Superior completo; Técnico em iluminação-Superior incompleto; operadora em telemarketing-Ensino médio completo. Sendo assim, essas categorias, ao se relacionarem, projetam que, se estas pessoas, apesar de possuírem diferentes profissões, se agrupam nas rodas de capoeira por se sentirem pertencentes a um espaço identitário, movidos pelo desejo de participar, gingar, jogar, portanto, um PERTENCIMENTO SOCIAL;

TEMPO DE GRUPO/IDADE

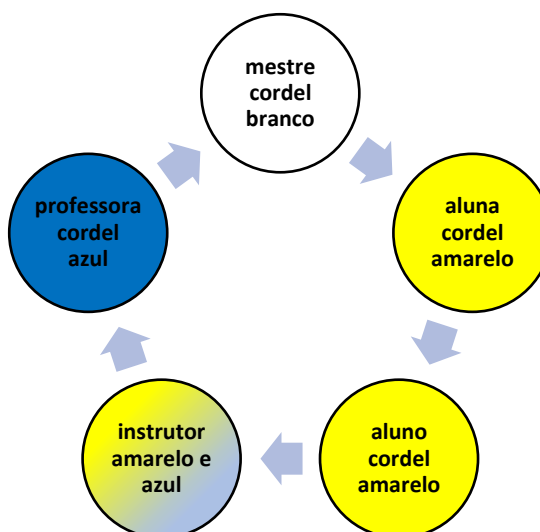
A delimitação temporal destes integrantes do Grupo denota uma nova codificação, que é a experiência. O Mestre possui 40 anos de Palmares ABCCAP e tem 73 anos de idade. Contudo, o seu tempo de participação na capoeira ultrapassa o quantitativo dos 40 anos, como será descrito nos excertos. O instrutor de capoeira possui 21 anos de grupo e 37 de idade, perfazendo uma trajetória de mais de uma década dedicada ao grupo e que resulta em transições importantes, uma vez que o mesmo iniciou adolescente/jovem e segue até a fase atual de adulto. O mesmo pode ser dito para a professora que tem 19 anos de grupo e 33 de idade. E, quanto ao aluno e à aluna, ambos possuem 13 anos de grupo e idade de 23 e 21 anos, respectivamente, perfazendo uma transição importante da infância-adolescência-juventude. Esta constatação temporal simboliza a experiência e edifica o PERTENCIMENTO DE SABERES.

LUGAR

Os lugares que residem os integrantes do Grupo representam uma importante circularidade espacial entre Salvador, estado da Bahia, e a periferia de João Pessoa: o lugar do Mestre, Boca do Rio/ Salvador-BA. O seu deslocamento é pontual, mas a sua presença é permanente nos ensinamentos; O instrutor e a professora residem no Baixo Roger/Comunidade Asa Branca, que, além de ser situado em um bairro de periferia, se focaliza em uma das comunidades mais afastadas do bairro; O aluno reside no mesmo bairro e a aluna em bairro vizinho. Essa rota Bahia-Paraíba formata o PERTENCIMENTO DO LUGAR.

ÉTNICORRACIAL

Os entrevistados se autodeclararam negros. O mestre, a professora, o instrutor e os alunos declararam que se reconhecem negro/a partir da vivência de capoeira angola enquanto manifestação afro-brasileira no grupo, o qual favoreceu o reconhecimento e a valorização das relações de pertencimentos às suas famílias afro-brasileiras. A vivência no grupo auxiliou no fortalecimento do PERTENCIMENTO ÉTNICORRACIAL.

GRÁFICO 2 – Perfil dos cordéis/graduações dos/as entrevistados/as

Fonte: Dados sistematizados pela pesquisadora no período 2019.1.

As entrevistas foram realizadas com Norival Moreira de Oliveira, conhecido por mestre Nô, fundador em 20 de novembro de 1979 da Academia de Capoeira Angola Palmares, que se tornou a Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares (ABCCAP), da qual o grupo pesquisado faz parte. Os outros entrevistados foram Lucileide da Silva Nascimento, professora Nina (cordel azul), João Carlos da Silva, instrutor Bamba (cordel amarelo e azul) e dois alunos (cordéis amarelo): Jonas Josué Ferreira da Silva e Dayane Souza de Melo Oliveira que estão sendo formados dentro da tradição de capoeira angola, da linhagem do mestre Dário, do mestre Nô, aqui no Roger.

A entrevista de mestre Nô foi realizada no dia 20 de outubro de 2018, no bairro de Tibiri, no município Santa Rita, considerado parte da Grande João Pessoa, no estado da Paraíba, momento em que o mestre Nô estava participando do evento do Professor Quirino, da Palmares/Santa Rita. As demais entrevistas foram realizadas no Roger, na Casa Pequeno Davi, após as aulas do Grupo, com exceção da Professora Nina, que foi na residência do mestre. Professora Nina, no dia 21 de maio de 2019, Instrutor Bamba, no mesmo dia, à noite; Jonas, no dia 26 de junho de 2019, e Dayane, no dia 19 de agosto de 2019.

As entrevistas foram semiestruturadas, o que possibilitou que os indivíduos pesquisados se sentissem à vontade para dialogarem sobre a vivência e o pensamento de cada um sobre o grupo, a capoeira, o mestre e o bairro. Conforme Freire (2005, p. 37), “é preciso termos em

mente que os grupos populares são perfeitamente capazes de aprender a significação do discurso teórico”.

Iniciamos as entrevistas não com indagações, mas estimulando que falassem sobre a história de cada um e cada uma na capoeira e/ou no grupo, para que, gradativamente, os entrevistados pudessem compreender aquele momento como co-sujeitos desta pesquisa, em uma relação de partilha com a capoeirista-pesquisadora-capoeirista e de corresponsabilidade da produção acadêmica sobre as práticas educativas do grupo. A sequência dos entrevistados foi realizada de acordo com o sistema de graduação do grupo: Entrevistado 1 – Mestre Nô; Entrevistada 2 – Professora Nina; Entrevistado 3 – Instrutor Bamba; Entrevistado 4 – Aluno Jonas; Entrevistada 5 – Aluna Dayane. Na sequência, prossegue os excertos para posterior diálogo.

FALA 01

Comecei os meus primeiros passos ainda na Ilha com meu avô velho Olegário. Mestre, mas de saveiro, de pescaria. Ele era simplesmente um admirador da capoeira. [...] Mudei para Salvador e dei continuidade no bairro de Massaranduba, periferia, Cidade Baixa de Salvador. É considerado área de alagados, na época. Massaranduba era um bairro próximo do Cais, do bairro de Jardim Cruzeiro e o bairro do Uruguai, por um lado e por outro lado, próximo da Igreja do Bomfim (MESTRE NÔ, entrevista, 20/10/2018).

FALA 02

Eu comecei a treinar capoeira em 10 de abril de 2000, na Escola Piollin. Eu fazia teatro, e na Peça *O Grito da Natureza*, precisava movimentar muito o corpo. [...] Então, sozinha eu não vou. Só vou se for com bastante menina, com as meninas que eram do meu grupinho. Então, numa tarde de segunda-feira, iniciou a capoeira com a monitora Malu, que hoje é contramestra. Comecei a treinar (NINA, entrevista, dia 21/05/2019).

FALA 03

Minha história de capoeira começou na escola Piollin. Tive a oportunidade de ir em outro trabalho que o mestre fazia na Ilha do Bispo. Acho que no meu tempo, assim, meu primo, que era minha família, também ia comigo. A gente também descia na Ilha do Bispo (BAMBA, entrevista, Dia 21/05/2019).

FALA 04

Comecei a capoeira em 2006, na Piollin. No começo mesmo do ano, não participei porque a capoeira saiu da Piollin. Eu não fiquei sabendo por que saiu, depois voltei em 2007, no Maria Borges, e estou desde então. Quem me levou para capoeira foi Marcos, foi quem me levou. E permaneço até hoje (JONAS, entrevista, 26/06/ 2019).

FALA 05

Eu estava em casa dormindo quando chegou três amigos meus me chamando para treinar capoeira no, é... esqueci o nome agora, (eu disse Centro de Cidadania). Aí, curiosa, fui. Aí, no primeiro treino mesmo, cheguei a pedir para treinar e comecei. Desde os meus sete anos de idade até hoje, quase catorze anos de capoeira (DAYANE, entrevista, 19/08/2019).

As falas acima mostram-nos os indícios de que a experiência da capoeira vivida na periferia de Salvador pelo mestre Nô nos anos 1945 e pelos demais capoeiristas vividos na periferia de João Pessoa desde o final de 1998, revelou-nos o reconhecimento, laços de

afetividade, e os pertencimentos que moradores dos bairros periféricos tem à capoeira e às suas organizações sociais, os grupos de capoeira. Para Abib (2017, p. 212), “portanto, os processos de transmissão de saberes, presentes no universo da cultura popular, têm como base para sua efetivação, a vivência na comunidade”. Todos os/os entrevistados/as foram acompanhados à capoeira por alguém da família e/ou dos(as) amigo(as). O começo do caminho dessas pessoas me instiga a ideia inicial da amorosidade, de conhecer o novo pelas mãos de quem a gente tem laços de afetividade (família e/ou amigos). Faz-nos refletir junto com Brandão (2002, p. 116), ao citar Theodor Adorno: “Se não fosse pelo meu temor em ser interpretado equivocadamente como sentimental, eu diria que para haver formação cultural se requer amor”.

Compreendemos o Grupo de Capoeira Angola Palmares enquanto experiência da educação popular centrada na capoeira, que possibilita às crianças, aos adolescentes, aos jovens e aos adultos, o desenvolvimento como sujeitos críticos, criativos e alegres, em uma relação respeitosa consigo mesmo, com o outro e com o mundo; assumindo uma posição de protagonista diante da vida e do mundo, reconhecendo a existência da opressão, mas mergulhado na cultura da luta pela liberdade, pela consciência de agir na construção de uma sociedade justa, pacífica e com equidade. Segundo Brandão (2002, p. 295) “que tipo de pessoa pretendemos formar através da educação que praticamos?”. Seguindo o percurso das falas, o próximo nos dará a pista de que educação está sendo praticada no Grupo:

FALA 06

Porque eu não estou dando meu legado, estou passando, melhor dizendo, estou repassando, o legado dos meus mestres para meus discípulos e meus alunos. dois pesos e duas medidas. Não é correto. Então, a coisa não é bem por aí (MESTRE NÔ, entrevista, 20/10/2018, grifo nosso).

A capoeira enquanto cultura popular negra ela assume a diversidade das suas experiências. E torna-se um espaço de disputas pela hegemonia da capoeira angola. Para Hall (2009, p.323) “a cultura popular negra é um espaço de contraditório. É um local de contestação estratégica. Mas ela nunca pode ser simplificada ou explicada nos termos das simples oposições binárias habitualmente usadas para mapeá-la: alto ou baixo, resistência versus cooptação, autêntico versus inautêntico”. Tomando-a com a feição de cultura popular, a capoeira tem na figura do mestre o guardião e o responsável pela manutenção e atualização do saber capoeirístico. Segundo Abib (2017, p. 98), “o mestre, para os praticantes de capoeira angola, assume uma importância fundamental no sentido de sua própria identificação, enquanto pertencente a esta ou aquela 'linhagem', termo que se refere à manutenção da herança de um determinado mestre”. No caso da Palmares, a linhagem do mestre Nô foram os mestres Nilton,

Cutica e Zeca. Zeca do Uruguai foi o mestre de Nilton e Cutica, que é primo de Gato Preto e Cobrinha Verde (Rego, 1968). O mestre Nô, na fala 06, deixa clara a necessidade e a responsabilidade de comunicar o saber-fazer capoeirístico, de passar para a geração presente e futura de capoeiristas. A experiência da Palmares no Roger edifica-se na ação-reflexão-ação do mestre Dário que media e interpreta o legado do mestre Nô e de seus mestres para os capoeiristas do Grupo. A linhagem do mestre Dário é a seguinte: inicialmente, estava na supervisão do mestre Sabiá (Campina Grande/PB), depois ficou na supervisão do mestre Lázaro (Salvador/BA), desde 2018, está diretamente com o Mestre Nô. O que significa que mestre Dário é seguimento da tradição da Palmares, uma vez que os mestres Sabiá e Lázaro foram formados mestres na Palmares.

FALA 07

Percebo essa figura do mestre com essa firmeza com aquela pessoa que está à frente, sabe na maioria das vezes o que está fazendo, claro, que todo mundo é falho, mas sabe até que ponto a gente deve fazer. Mas aí depende da gente (NINA, entrevista, 21/05/2019).

FALA 08

Eu estava dizendo à minha esposa que é evangélica. Eu a vi dando aula para as crianças. Eu dizendo a ela, você deu um tipo de grito. Eu disse que não era para dar grito. Eu vejo meu mestre dando aula, eu vejo outras pessoas dando aula, é totalmente diferente, existe uma marra ali. Meu mestre entra ali na mente de alguns e começa, puxa todo mundo para acompanhar ele, não precisa do grito, acho que só a fala, o chamar e o modo dele, acho que cada um tem o seu modo e outras pessoas que eu vejo quer conseguir na força, e o que vejo em relação de outros grupos, é o conquistar da força, o conquistar do poder, o conquistar de ter aluno, o conquistar de comprar (BAMBA, entrevista, 21/05/2019).

FALA 09

Pra mim, eu acho bom porque a maioria se integra comigo, não sei se é pela minha forma de jogar, por essas coisas para mim é normal. [...] Foi o meu primeiro cordel, se eu não me engano, foi o mestre Nô quem me deu meu primeiro cordel, no Centro de Cidadania. Levei uma rasteirinha básica, normal. (risos) (DAYANE, entrevista, 19/08/2019).

Na fala 06 pode-se perceber a seriedade do mestre na sua preocupação de como deve ser o ensinar do saber-fazer capoeirístico. Segundo Brandão (1983, p. 74), “porque qualquer pensar consciente do educador sobre o seu trabalho, só pode ser o pensar crítico que reveja e renove a sua prática todos os dias”. Não é apenas transmitir o ritual e a tradição da capoeira angola, mas contextualizá-lo e atualizá-lo, reconhecendo a trajetória da capoeira, a qual foi proibida em Lei, tida como prática de malandros e vadios. E pensar “por que será?”. O mesmo trecho de música de capoeira de Domínio Popular que mostra a ideia de uma época de possível ruptura do ensinamento da capoeira entre gerações, ela mesma responde: “porque é defesa, ataque, é ginga de corpo, é malandragem”. Ela foi e é cultura de resistência, citando Brandão (1983, p.104), “sempre que possível, criaram formas peculiares de solidariedade para dentro da

classe, e de resistência e manipulação para fora dela”. Talvez para que os “ouvidos dos desavisados” acreditem que ele não aprendeu, como disse Brandão (1983)

Pois todo esse trabalho tradicional de classe que sustenta um modo próprio de vida subalterna é sustentado por formas próprias e muitas vezes complexas de saber. (...) que desconhecemos quase tudo. Isto é evidente em muitas situações na Capoeira na Bahia, nas confrarias populares de foliões de Santo Reis... (BRANDÃO, 1983p.105)

Ao relacionar as falas 06, do mestre Nô, com a fala 07, da Professora Nina, e 08, do instrutor Bamba, pode-se vislumbrar o perfil do mestre como um sujeito que tem autoridade, segurança, diálogo, paciência, respeito, paciência, afetividade; que possui jeito próprio de ensinar-aprender a capoeira com humildade, postura crítica e responsabilidade com a capoeira e as pessoas.

Na fala 09, Dayane trouxe uma naturalidade na resposta que exprime a relação aluno-mestre e mestre-aluno de proximidade: Dayane extrapola a relação com o Mestre Dário para o Mestre Nô, tanto que, ao ser questionada sobre um momento marcante da capoeira, ela traz à lembrança de quando recebeu seu primeiro cordel. Situamos que trata da capoeira angola, na qual o mestre é o responsável pelos ensinamentos. Emergiu das falas aspectos sobre a prática da docência do mestre-educador que pode ser referenciada na conceituação da prática da docência do educador de Paulo Freire (2014, p. 58), para o qual “ensinar exige respeito à autonomia do ser educando – o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos”.

Ainda na fala 7 da professora, apresentaram-se as pistas da relação do mestre-aluno como uma relação de reconhecimento à autoridade do mestre-educador, ao mesmo tempo da autonomia do aluno, de potencializar o quando agir em confiança com o outro, mas “no tempo da aluna-professora”.

Na fala 08, pode-se vislumbrar ainda mais os critérios necessários da prática docência do mestre de capoeira, que se coaduna com a concepção do educador progressista de Paulo Freire na Pedagogia da Autonomia (2014, p.47), ao afirmar que “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Quer dizer, o mestre-educador que utiliza da fala e da escuta sensível para tornar o ensinar e o aprender um processo dialógico.

Ao mesmo tempo que o mestre ensina, ele aprende, pois, conforme Freire (2014, p. 57), “mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconheceram inacabados” e “na inconclusão que se sabe como tal que se fundem a educação como processo permanente”.

As falas a seguir vão dando pistas sobre o que as pessoas – de idade, de raça/etnia, de classe, de crença, de identidade de gênero diversos – integrantes deste grupo estão aprendendo no grupo.

FALA 10

Respeito. É, principalmente, respeitar pai e mãe, os colegas. Não rir um do outro. O essencial também é a união do grupo. É aprender a ministrar as aulas e conquistar autoridade, dentre outras coisas (DAYANE, entrevista, 19/08/2019).

FALA 11

A questão de fundamento, como me comportar nos espaços e diante das pessoas. Repassando não só os fundamentos do cotidiano quanto os fundamentos da capoeira: movimentação, fundamento de roda, de jogo, de cântico (JONAS, entrevista, 26/06/ 2019).

FALA 12

É o toque, o canto, estar juntos com as pessoas. Conversando, brincando, está em formação que esse é o mais importante até para a gente ver outras possibilidades. Pois quando a gente reside em comunidade, a gente vê muita violência, muito mesmo, então quando a gente sai para um espaço cultural, a gente vê coisa totalmente diferente do que a gente vive dentro da comunidade. Acho que esse espaço de família me fez continuar, espaço do jogo, espaço da roda, das amizades, é isso. (NINA, entrevista, 21/05/2019).

FALA 13

Questão da capoeira que eu aprendi, posso dizer assim, hoje em dia conviver bem com várias pessoas. (BAMBA, entrevista, 21/05/2019).

.

FALA 14

Os saberes vêm a partir do momento que o indivíduo busca se aprofundar o máximo possível do estilo que esteja praticando. Buscando seus fundamentos, todos os seus comportamentos estes são os principais saberes do estilo angola, da capoeira que pratico, estes são os principais fatores que levam ao aprendizado e consequentemente ao saber, é a busca que o indivíduo faz [...] eu utilizei essa forma de aprendizagem para obter o saber que eu passo. (MESTRE Nô, entrevista, 20/10/2018)

Para Abib (2017, p. 211) o “sentido de pertencimento comunitário e solidariedade social se fazem presentes de forma marcante nesses espaços educativos”. Essa ideia de pertencimento e solidariedade de Abib como características das práticas educativas de capoeira concatenam nas fala do 10 ao 13, as quais focalizam a aprendizagem da capoeira enquanto um processo relacional consigo, com o outro e com o mundo, a partir dos saberes e fazeres da capoeira, construindo relações de socialização entre os integrantes e de sociabilidades com o mundo ao redor, dentro de uma ética “revolucionária” de respeito, de ludicidade, de pertencimento ao grupo, de responsabilidade com a continuidade da própria capoeira, de resistência à opressão e à violência que desumaniza. Para Calado (2018), isso só é possível com uma outra sociabilidade alternativa, pois

Mais do que o querer individual, trata-se de um querer coletivo, marcado, não pelo espontaneísmo, mas pela consciente espontaneidade dos protagonistas aderentes, o que implica articular o querer ao sentir, ao pensar e ao agir, individualmente e em mutirão, dentro de uma estratégia de organização dos distintos grupos de protagonistas (CALADO, 2018, p. 1).

Nas falas dos entrevistados/as, fica claro que é um processo coletivo que se tornou possível pelo processo de ensino-aprendizagem da capoeira contextualizada nas dimensões política, social, cultural e econômica que leva os sujeitos a uma tomada de posição ativa apoiada na coletividade, no grupo.

Na fala do mestre Nô, ele enfatiza que o indivíduo está sempre em busca de conhecimento, e isso possibilita o ensino-aprendizagem da capoeira, pois, não basta o mestre querer ensinar, o aluno precisa estar aberto para os ensinamentos do mestre. O que leva tanto ao mestre como ao aluno a produção do conhecimento. Pois, para Freire (2015, p. 46), o ser humano é “um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente de sua inconclusão. Por isso, um ser ininterruptamente em busca, naturalmente em processo”. O que possibilita ambos mestre e alunos/as a ultrapassarem a consciência ingênua do que está posto e transitarem para uma consciência transitória até a consciência crítica, de compreensão das várias dimensões da realidade.

Ainda se percebe nas falas de cada entrevistado/a uma mostra dos aprendizados necessários à prática deste grupo e/ou alinhamento entre as gerações da Palmares de João Pessoa e o fundador da Palmares, o mestre Nô. O que não está explícito, mas pela contextualização das falas pode-se perceber, são outros valores contidos nessa prática: a ancestralidade, a oralidade e a temporalidade, se entrecruzam na roda de capoeira. Segundo Brandão (1983):

A aparente “primitividade” do pobre contra a invasão sobre ele da “modernidade” do senhor é um meio popular avançado de lutar por manter e recriar uma identidade própria de subalterno (de índio, de negro, de colonizado, de escravo, de camponês), de manter seu próprio saber e as suas próprias redes de educação (BRANDÃO, 1983, p. 107).

Ao estabelecer, a partir dos relatos vividos, as conexões entre Brandão (1983) e Abib (2017), pode-se dizer que o espaço-tempo do grupo de capoeira funciona como uma prática de educação que prima pela coletividade, pela tradição, pela humanização que traz pertencimento, solidariedade, protagonismo e que ultrapassa a roda de capoeira para a vida. Conforme Freire (2015) “o amor é o compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em se comprometer com sua causa. Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. E o autor fala que precisa ser solidário na busca de olhar para o ser humano no sentido de ser mais, na luta pela humanização do homem. Freire (2015, p. 42) disse que este ensinamento e este aprendizado têm de partir, porém, dos “condenados da terra”, dos oprimidos, dos esfarrapados do mundo, dos que com eles realmente se solidarizem. As falas

dos entrevistados continuam provocando a perguntar como a capoeira contribui para essas pessoas. O tempo mínimo de práticas destes capoeiristas é de treze anos.

FALA 15

Contribui muito, fez parte do meu crescimento. A minha infância praticamente foi toda na capoeira treinando. Hoje a pessoa que eu sou foi com a capoeira e com ajuda da minha mãe que sempre me botou na linha dando conselhos. (DAYANE, entrevista, 19/08/2019)

FALA 16

Soma em tudo, como cidadão, o que aprendi na capoeira levo para todos os lugares, que é o respeito, a hierarquia de escutar os mais velhos, isso não tem preço, o que a capoeira me proporcionou. Ela me levou para vários lugares. Entendi como me comportar nesses lugares e ser reconhecido. (JONAS, entrevista, 26/06/ 2019)

FALA 17

Eu sempre fui muito danada, passei por muito bullying na rua, né, porque era ausência de mãe e de pai constante. Uma coisa que me marcou, foi quando o mestre colocou o cordel verde ponta azul na minha cintura, eu olhei para frente assim e disse vou deixar dessas coisas de tá batendo no povo, de tá arengando com o povo, pra me tornar uma pessoa do bem. Na verdade, eu achava naquele momento que eu precisava parar e começar a refletir uma trajetória diferente para minha vida, do jeito que estava indo não estava dando certo. Eu fiquei um bom tempo, sentada debaixo do pé de manga da Piollin. Depois que colocaram o cordel verde ponta azul na minha cintura, e disse não, a partir de hoje vou fazer diferente. Esse foi um grande marco para mim. (NINA, entrevista, 21/05/2019)

FALA 18

Com certeza, acho que sim, uma boa parte que eu não aprendi na escola aprendi através da capoeira. [...] Eu era só estudante foi através do primeiro emprego e da formação da profissão que foi um passo através da capoeira. Antes só como ajudante. Como fazia parte do grupo de capoeira fui fazer o processo seletivo do Instituto. Através da base da capoeira ficou mais fácil, a oportunidade que tive. (BAMBA, entrevista, 21/05/2019).

FALA 19

Porque a população corre para aprendizagem da capoeira nas condições de buscar mais conhecimentos, de evoluírem mais e encontram um sentido vida, direcionado para vida, de alerta para vida, de cuidados para vida. O popular corre a fim disto. (MESTRE NÔ, entrevista, 20/10/2018).

As falas do 15 ao 19 apontam à capoeira com o significado de existência, de vida. As falas deixam claro que, ao crescerem treinando e aprendendo, essa educação deu sentido às suas vidas. O princípio da capoeira tem esse significado existencial de vida, de liberdade dos afrodescendentes na condição de escravizados, que se atualiza nas rodas e nos sujeitos-capoeiristas [...], “estratégias desenvolvidas na capoeiragem extrapolam em muito sua atuação nas rodas de capoeira. A “roda do mundo” é o cenário no qual o capoeirista utiliza todo o seu repertório, sua “ginga” e sua malícia para lidar com as situações adversas do seu cotidiano” (ABIB, 2017, p. 29).

De acordo com Abib, os capoeiristas “na roda do mundo”, de um mundo capitalista, precisam gingar de um lado para o outro para assumirem o protagonismo de sua vida em uma construção processual com a comunidade, aqui no caso, a comunidade capoeirista. Fez-se necessário desenvolver a “malícia” para perceber o outro e o mundo, para realizar a sua própria

leitura do mundo, para saber se posicionar coletivamente em relação aos obstáculos, situações-desafiadoras de discriminações étnico-racial, de classe, geracional, entre outros.

Neste sentido, a capoeira é uma educação para o mundo, com o mundo, sem perder o ponto de partida da “vida-liberdade” dos afro-brasileiros. Nas falas abaixo, cada um/uma traz uma conceituação própria de capoeira a partir do vivido:

FALA 20

Pra mim que treino há quase 14 anos é quase uma vida. Porque a gente aprende tudo mesmo, a movimentar o corpo, a falar o que a gente quer ou que a gente tem que expor, o que a gente deseja, tudo, respeito. (DAYANE, entrevista, 19/08/2019)

FALA 21

Capoeira para mim, posso dizer se a gente for responder na questão cultural, é cultura, se for responder pela luta, é uma luta, mas para mim, a capoeira faz parte da minha vida, posso dizer que é uma coisa minha, uma coisa que que gosto de fazer. Talvez seja a pergunta mais difícil, não sei explicar para mim mesmo, é mais fácil dizer o que tem num livro. A gente explicar a gente que tá de dentro é mais difícil. (JONAS, entrevista, 26/06/ 2019)

FALA 22

Vou falar de capoeira como um projeto de vida, para mim é um projeto de vida porque a mulher que me tornei hoje passou pelo um projeto educacional de capoeira, nos espaços que eu visito, nos lugares que eu passo, passando na rua, todo mundo sabe: - olha, a menina da capoeira! Então a capoeira é um projeto de vida. (NINA, entrevista, 21/05/2019).

FALA 23

Capoeira para mim é cultura, é arte, é a vida. O que eu aprendo na capoeira eu levo também para o mundo. Tanto como minha escolaridade serviu muito. Acho que a capoeira para mim é tudo. Faz parte da minha vida como eu utilizo na roda no treino como no dia a dia, constantemente. (BAMBA, entrevista, 21/05/2019).

Nas falas de 19 a 23, eles continuam dando ênfase à ideia da capoeira no sentido existencial dos seres humanos na relação consigo, com o outro e com o mundo. Um ser humano que tem como ponto de partida o aqui (a periferia) e o agora (o presente) para a elaboração de um projeto de vida, de ser mais, sem esquecer o que veio antes (o passado), e sem esvaziar os sentidos (a alegria e a tristeza). E o mestre (ser humano) através dos ensinamentos e das músicas de capoeira traz à tona a memória, a oralidade, das irmandades, dos quilombos, das lutas e festas em cada roda atualiza o sentido da vida, liberdade. “O que eu aprendo na capoeira, eu levo também para o mundo”, disse Bamba. Exatamente, a capoeira está no mundo e com o mundo.

Na roda de capoeira, percebe-se isso quando os/as capoeiristas dizem que a roda está boa ou que está com o axé (força vital), significando que as pessoas presentes na roda estão participando ativamente da roda: cantando, batendo palmas e jogando. Quando não há uma participação ativa de todos, a roda fica pesada e/ou sem axé. E as próximas falas irão mostrar os posicionamentos deles referentes às discussões de origem da capoeira: capoeira é africana? Ou Brasileira?

FALA 24

Cultura negra, sim. Também para mim é normal mistura de povos, não tem nada a ver com cor de pele não. Importa estar todo mundo unido e respeitando um ao outro. (DAYANE, entrevista, 19/08/2019)

FALA 25

Minha relação com a capoeira é uma relação boa, me identifico como negro, filho de negro, neto de negro, bisneto de escravo e de índio. Então me identifico com a capoeira pelas minhas raízes eu pude aprender quem eu sou realmente e de onde eu venho; e lá fora tenho maior prazer de dizer que faço capoeira e sou aluno do mestre Dário e contramestra Malu. (JONAS, entrevista, 26/06/ 2019)

FALA 26

É cultura negra porque eu sempre aprendi que capoeira é cultura afro-brasileira, criada pelos negros africanos aqui no Brasil. Então, eu tenho isso bem decorado, porque foi uma aula. É cultura negra sim, não é à toa que passa por circularidade, de estar junto, de estar aprendendo todo mundo conjunto, é cultura negra. (NINA, entrevista, 21/05/2019).

FALA 27

No meu ponto de vista, eu acredito, não conheço tão bem. Vejo alguém falar assim. Mas relatos de muitas pessoas bem antiga, antigas gravações, coisas assim. A capoeira, se foi criada no Brasil, no meu ponto de vista, ela é brasileira. Mas capoeira hoje em dia, não sei se era como hoje, divulgada mundialmente. Se antigamente era ou era apenas só aqui no Brasil, na época da escravidão que não só teve escravidão aqui, teve em outros cantos. Na época da escravidão no Brasil, capoeira foi criada aqui e foi repassada para lá ou vem de lá também, no meu ponto de vista. Capoeira é brasileira, com um pouco de africana. (BAMBA, entrevista, 21/05/2019).

FALA 28

Logicamente que sim, porque a capoeira foi desenvolvida pelos negros. Seria uma aberração dizer que foi pelos japoneses pela cultura amarela, malaia, a vermelha, a raça branca. Não, foi pela raça negra. Mas sabendo o que é negro é a cor da pele, se distingue o negro pela cor da pele? Será? Qual a sua, por exemplo, a sua denominação? (Malu). Então não quer dizer nada, a pele não é nada. O sangue é negro. (MESTRE NÔ, entrevista, 20/10/2018)

Pode-se visualizar que houve um processo de educação dos sujeitos capoeiristas para a compreensão da capoeira enquanto cultura negra ou afro-brasileira. Mas que o conceito de negro dado ultrapassa as questões da pele, do fenótipo; é o pertencimento étnico-racial, pela experiência do vivido das manifestações afro-brasileira, neste caso, o sentimento de pertença à capoeira. O próprio Abib (2017) já trouxe essa ideia da capoeira como espaço de aglomeração.

A capoeira surge nesse contexto, enquanto mais um elemento agregador entre as diversas etnias africanas em interação, bem como, enquanto possibilidade concreta de utilização desse “repertório cultural”, como um instrumento de luta contra a situação de extrema violência a qual estavam os negros escravos submetidos” (ABIB, 2017, p. 135).

Compreende-se, a partir de Abib (2017), que a capoeira, desde o início, traz o sentimento de pertencimento, de coletividade e de luta de resistência, elementos presentes na prática de formação do capoeirista no grupo, os quais auxiliam na valorização das raízes negras dos sujeitos, das suas famílias e do bairro. As falas apresentaram-nos a concepção de capoeira do

grupo enquanto cultura negra, então, as pessoas, ao se identificarem enquanto capoeiristas, passaram e/ou passam por discriminação ou preconceito?

FALA 29

Quando passei uma cena de preconceito muito grande por conta do meu cabelo, que é crespo, a professora olhou para o meu cabelo e disse que era do Diabo. Então ali, eu já estava na capoeira e já estava começando a ver essas novas formas de pentear o cabelo, né. Eu estava com o meu cabelo trançado, e ali eu tive um susto muito grande. Mas aí eu já estava aprendendo a falar, então eu olhei para ela e disse o “cabelo do Diabo é o seu cabelo”. Eu fiz um questionamento e ela não soube responder, mas foi a partir do que eu disse, (Eu tenho possibilidade de falar,) eu já passei por muita situação. Então agora eu vejo que eu posso pegar essa formação dentro do grupo que é de fala mesmo e trazer para dentro dos espaços aonde eu vou, qualquer espaço. (NINA, entrevista, 21/05/2019).

FALA 30

Capoeira é negritude. É capoeira. Porque quando comecei a treinar capoeira na minha família tinha até um tio meu que ficava “zoando” dizendo você vai para o terreiro hoje. Não conhecia a capoeira como conheço hoje. Mas eu dizia a ele “eu estou indo pra capoeira e não para o terreiro”. E sempre digo. Isso ocorre ainda até hoje dentro de casa dizem que estou praticando uma religião. Para mim é capoeira. Capoeira é capoeira, não é religião. Capoeira é a luta, é jogo, é a escolaridade, mas em questão de religião ela não é considerada. Para mim quem quiser praticar sua religião: evangélico, candomblé, umbanda, ser de qualquer coisa é individual, é seu. Capoeira não tem nada a ver com religião. Tem toque e tem alguns cânticos que estão no terreiro, tem toque que é considerado do terreiro, mas não é isso, é mais porque vem de descendência africana. (BAMBA, entrevista, 21/05/2019).

Na fala 29, há a situação de discriminação sofrida que ocorreu em uma escola pública, por uma professora, quando Nina estava iniciando no grupo de capoeira e no processo de aceitação dos penteados afro. Ficou claro que a situação causou uma reação emocional de dor e raiva nela. Pode-se perceber que a escola foi “agente violador”. E o que se pode compreender da fala de Nina foi o desconhecimento da escola sobre a cultura negra e a intolerância que a professora traz em si das religiões de matriz africana, associando-a à figura do “diabo”, que os leigos unem ao orixá Exu (Senhor dos Caminhos).

Na fala 30, do instrutor Bamba, traz-se uma narrativa própria de como ele sofreu preconceito no âmbito familiar desde a iniciação na capoeira, onde os familiares, em especial um tio, unia o espaço da capoeira com o espaço do “terreiro”. O sujeito atualiza a situação, dizendo que hoje a sua esposa traz à tona o mesmo preconceito, comparando capoeira à religião afro. O interessante em sua fala foi a síntese dada: “o problema é a descendência africana”.

Na fala abaixo, mestre Nô deixa bem claro o posicionamento dele, ao escolher o nome do grupo e o preto no escudo fazendo uma homenagem ao Quilombo dos Palmares (considerado um dos maiores quilombos que, na época, ficava situado na Capitania de Pernambuco, hoje região localizada no estado de Alagoas).

FALA 31

Nós usamos nossa simbologia. No nosso símbolo usamos as cores da bandeira do Brasil: verde, amarelo, azul e branco. Mas o campo é negro, pois o nosso nome é Palmares. É Capoeira Angola Palmares. O

campo é negro por conta da homenagem ao grande quilombo e ao maior Quilombo das Américas, dos Palmares, ao negro, ao Quilombo dos Palmares, lógico. Por isso temos o preto, o negro, em nosso escudo, em nossa simbologia, por isso (MESTRE NÔ, entrevista, 20/10/2018).

Relacionando as falas dos/das entrevistados/as, percebe-se que houve situações de discriminação depois que assumiram o lugar de capoeiristas, de valorização da cultura negra e africana. Aprenderam a ideia do jogo “na roda de capoeira e da vida” como estratégia de sobrevivência, de transformação do espaço da roda em espaço de formação para um ser mais, protagonista na luta pela cidadania e de empoderamento coletivo. Para Abib,

o espaço do carnaval foi sempre utilizado pelos negros para o exercício do que pode ter sido como “resistência inteligente”, ou seja, “aquela resistência” que se exerce no cotidiano, ao nível de cultura, aproveitando as brechas que a religião, o lazer e a política possam apresentar, e que o negro paulistano sempre soube alargar” (ABIB, 2017, p. 210).

Neste viés, Abib (2017) possibilitou-nos compreender o espaço da roda de capoeira como espaço de “cultura de resistência” em analogia com a experiência do carnaval dos negros paulistas. Como tal, os capoeiristas também aprenderam a aproveitar as brechas da economia, da política, da religião, do lazer. E, atualmente, a capoeira está em mais de 150 países. A própria Associação Palmares está em diversos países, tais como Rússia, Inglaterra, Estados Unidos e Angola.

A abordagem das falas a seguir mostra aspectos próprios do Grupo que está na periferia e formado por trabalhadores e seus filhos, para Freire (2015) denominados oprimidos.

FALA 32

Porque está afastado, acho que muitos por causa de questão de trabalho, muitos que começaram comigo cresceram tiveram que trabalhar, estudam, tem família. [...], mas no evento aparecem somam, jogam, tocam fazem uma festa boa. [...] Antes, seis anos, sete anos atrás, numa família composto por mães, pais filhos avô, tio, tinha alguém que podia e assistir o evento com o passar do tempo, foi ficando mais difícil, todo mundo teve que trabalhar. Por mais que não esteja presente sempre, eles gostam. A gente recebe o feedback que os filhos estão melhores na escola e estão se comportando melhor em casa que vai dar uma passada depois para assistir uma aula. [...] Considero um bairro de negros e um bairro interiorano, hoje não mais devido a criminalidade que todo canto está aumentando, mas há uns 4 anos a gente passava na rua 10, 11 horas da noite tinha alguém sentado na frente de casa. Tinha o famoso fofoqueiro olhando a vida dos outros. Era legal, a gente acabava conhecendo todo mundo! A gente fazia alguma coisa na rua e o povo acabava dizendo: - “olha mestre, o seu aluno estava fazendo isso e isso”. (JONAS, entrevista, 26/06/ 2019)

FALA 33

[...] os mais velhos, acho que inventam umas picuinhas. Muitos dizem que não podem que estão trabalhando, mas eu mesmo cansado, cochilando, consigo vir. Quando me sento no sofá, já deu o dia. [...] Para mim, a capoeira ajudou um pouco, no meu bairro. No meu tempo o meu bairro não era tão perigoso como é hoje. Capoeira tira muitas pessoas do ponto crítico, da violência, tanto das drogas. Teve muitos capoeiras que se foram e muitos ficaram. [...] a capoeira tá dando uma peneirada, não é como futebol, uma seleção que divulga o dia e hora e eles quem seleciona. Quem vai escolher a capoeira é a prática da vida, é um peneirão! Você é escolhido pela vida, ninguém indica você na capoeira, você fica na capoeira pela sua vontade pela sua necessidade de estar ali. (BAMBA, entrevista, 21/05/2019).

FALA 34

[...] Ainda campeia até hoje as rodas de capoeira com o intuito de ganhar dinheiro com o turismo, que é diferente de um aprendizado acadêmico numa periferia, área que não tem turista e qual aprende. Aprendia-se e ainda se aprende com essa finalidade de utilizar na vida. Então, essa que é a diferença. (MESTRE NÔ, entrevista, 20/10/2018).

O aluno Jonas e o instrutor Bamba mostram-nos o perfil dos capoeiristas desse grupo como pertencentes à classe trabalhadora, o que explica a rotatividade do grupo. Deixa implícito que há uma cobrança entre eles da presença dos “antigos” nas aulas, colocando dúvidas sobre a justificativa da jornada do trabalho para ir ao grupo. Mas o próprio Bamba que cobra a presença da responsabilidade dos outros, desmerecendo as justificativas e apresentando a ideia de “picuinhas”. No entanto, ele mesmo afirma, “mas quando sento no sofá, já deu o dia”. Outras ausências são justificadas pelo fato de alguns estarem estudando à noite. Eles dão as pistas “da situação social das famílias”, que todos os membros da família precisaram e/ou precisam estar trabalhando, o que tem dificultado a presença nos eventos do Grupo.

Para Abib (2017, p. 211), o “sentido de pertencimento comunitário e solidariedade social se fazem presentes de forma marcante nesses espaços educativos”. Isso fica evidente ao relacionar as falas do mestre Nô com Jonas e Bamba, e se percebe que a periferia marca a capoeira. Ela toma o sentido de uma educação para vida, de conscientização no que fazer, de liberdade do eu e do outro, no coletivo. Jonas atualiza-nos que o sentido da capoeira é a reunião de pessoas que lutam por cidadania para suas comunidades.

Na rota da periferia de Salvador para João Pessoa, da periferia de João Pessoa para Salvador, o mestre Nô diz que o capoeirista é o cidadão do mundo. E as falas abaixo mostram elementos que possibilitam a capoeira enquanto processo de educação. Uma educação como forma de intervenção no mundo, uma Pedagogia da Capoeira e, como diria Paulo Freire, uma Pedagogia da Autonomia (2014).

FALA 3

Um pouco difícil, dizem que a capoeira é mais para homens, mas a gente tá aí pra mostrar que mulher sabe jogar, dar mortal, essas coisas. E o ruim também é que os homens caem muito em cima, dado em cima da pessoa, mas a gente precisa aprender a dizer não como a senhora sempre me ensinou. [...]E manter o respeito acima de tudo (DAYANE)

FALA 36

A gente tem essa firmeza, a gente aprendeu é não é comparado com nem um grupo porque se a gente pegar o berimbau a gente sabe o que está fazendo se a gente vai cantar a música a gente sabe o que está fazendo porque o ensinado a gente foi um ensinado diferenciado acredito. Em relação aos outros grupos, o que é comparado a gente vê que o espaço da criança é pouco, pouco também a mulher com esse empoderamento dentro do grupo. Fazendo. E o jogar e o fazer eu acho que é diferenciado. (NINA, entrevista, 21/05/2019)

FALA 37

A capoeira me ajudou no relacionamento com o pessoal da cultura do bairro, participei Projeto do Museu Vivo da Grande João Pessoa foi através da capoeira que eu precisei fazer pesquisa dentro do bairro falar com os grupos, e só conhecia o pessoal do grupo e da igreja, e através disso, da capoeira tive contato com as quadrilhas, ala urso, escola de samba e dos terreiros. Em todos os espaços têm alguém que fez parte ou faz parte do grupo. Entre a comunidade todos se conhecem e todos conseguem somar um com a cultura do outro. (JONAS, entrevista, 26/06/ 2019)

FALA 38

Eu fui com o mestre até Guarabira (Paraíba), próximo aqui. Acho que ali, foi um boa aula. Eu consegui dar o relógio⁷⁸ para muitos alunos. Se tivesse gravado ali, na Praça da Luz, a turma parou e pediu para que eu demonstrasse novamente e desse pelo menos a base para ficarem tentando desenvolver.). (BAMBA, entrevista, 21/05/2019).

Nos relatos dos/das entrevistados/das, ficaram evidentes a potência do agir de todo/todas dentro e fora da roda de capoeira, o que possibilitou o protagonismo das mulheres e dos homens. Assim, para Keim & Silva (2012, p24), “com esses atributos da educação e da Capoeira como agentes de libertação e autonomia, temos dois elementos sociais e humanos que se somam e que enfrentam a herança colonial, que impregna nosso ser, submetendo-nos durante gerações”.

Neste sentido, correlacionado com os autores que nos trazem a ideia de seres humanos mergulhados na experiência da educação popular de Freire, os sujeitos capoeiristas carregam o sentido de liberdade, como princípio e um agir de pensar com autonomia no decorrer dos tempos, o que tornou possível os predicados existentes na capoeira e na pedagogia Freiriana. As falas abaixo deram contorno à construção da ideia de autonomia e emancipação, em uma relação do eu consigo mesmo, com o outro e com o mundo, dentro e fora da roda de capoeira, aprendidos no cotidiano da capoeira dos movimentos, comportamentos e fundamentos. Como diz mestre Nô: Capoeira na roda, capoeira na vida.

FALA 39

[...] Representar o grupo em outros espaços fortalece o grupo, mostra que o trabalho do grupo tem resultado, que a gente sabe falar que a gente sabe representar bem o grupo porque a formação que a gente teve não foi pequena foi grandiosa, fortalecedora enquanto ser. Eu falo isso aí com empoderamento mesmo porque no lugar que eu chego não tenho medo da fala. Aprendi uma coisa que é muito que é importante que é falar, se for preciso reivindicar. Se for preciso reclamar o que for, nos espaços de discussão, todo mundo sabe quem é Nina, se for para qualquer espaço de discussão, a menina da capoeira, às vezes pode não saber o nome, mas sabe a menina da capoeira. (NINA, entrevista, 21/05/2019)

FALA 40

[...] Eu fui ao evento em Santa Rita com a professora Nina. A gente “causou”, eu me senti capoeira ali, me senti para que eu estava ali. Fui apresentado, passaram os instrumentos, não sei se foi pelo respeito ao mestre ou a gente. Eu sei que ali a gente foi capoeira. Tinha uma energia na roda que estava fraca. Havia uma necessidade de mais alegria, acho que isso. Capoeira tem vontade, tem gosto de fazer, se você não tiver isso não vira capoeira. (sic.) (BAMBA, entrevista, 21/05/2019).

⁷⁸ Relógio é um movimento no qual o corpo gira apoiado nas mãos, com os braços flexionados e o corpo na posição horizontal. É um movimento de referência do mestre Nô.

FALA 41

[...]Difícil de fazer o evento, mas é gratificante. Só quem está assim por trás de organização que sabe como é difícil. Como é a organização, como é difícil fazer evento. Trazer os mestres: mestre Nô ou mestre Lázaro para dar uma oficina, organizar espaço, horário, alimentação, fazer cordel e todo um processo é gratificante independente de receber cordel. Fica gratificado por ter participado da organização do evento e ver a felicidade dali do outro. (JONAS, entrevista, 26/06/ 2019)

FALA 42

Importante também seriam que eles vissem o grupo. Uma apresentação da gente para ver o axé, a energia do grupo, a interação. Para ver que o grupo da gente é muito diferenciado. Muito, muito, até a questão dos treinos, a gente sai morto, mas é assim mesmo. (DAYANE, entrevista, 19/08/2019)

FALA 43

A gente tentava crescer na capoeira juntos, na rua o que gente fazia que era errado, esconder aquilo na capoeira. (BAMBA, entrevista, 21/05/2019).

As falas do 39 ao 43 apontam elementos presentes na prática do cotidiano do treinar-aprender e do aprender-treinar deste grupo. Mostram através das narrativas de cada um/uma que a ética do cuidado, da coletividade, da alegria, da cooperação, da solidariedade, a aproximação entre o mestre-aluno e aluno-mestre, de caminho para a autonomia e emancipação das pessoas e do grupo edificadas nos fundamentos, comportamentos e movimentos da capoeira angola, da linhagem do mestre Nô. E as falas a seguir nos mostraram a responsabilidade do mestre de ser um educador para a vida.

FALA 44

[...]quem está lhe ensinando é a capoeira por si só. A gente vai ali na Praça e vai ver e vai querer aprender. Será que ali naquele espaço vai ter uma pessoa que vai me ensinar a ser uma pessoa do bem, às vezes, não. [...]Sim, sexualidade, povo negro, raça, etnia, aprender a ser, aprender a conviver com o mundo. Essa questão da capoeira na roda capoeira na vida, muito intenso dentro do grupo, que é a fala do mestre Nô, é uma questão que trata da valorização da gente quanto ser mesmo e do grupo. (NINA, entrevista, 21/05/2019)

FALA 45

Na capoeira angola não existe órgão que venha a ditar ou a dizer como devemos ensinar porque é uma liberdade e cada um tem seu método de ensino. Logicamente nos baseamos através de seus princípios morais e fundamentais englobando comportamentos e movimentos. (MESTRE NÔ, entrevista, 20/10/2018)

FALA 46

A capoeira é uma delas, opcionalmente, quando os pais escolhem a capoeira. É que elas começam e ficam muito contaminados pela energia que a capoeira tem. É o espírito de companheirismo, de camaradagem que envolvem entre os praticantes, então a criança tende a se interessar e ficar, né. Agora necessita que os instrutores, professores, os responsáveis pelo ensino percebam de como, de que forma irão trabalhar com a criança. Sabe-se que a criança, é criança, né. A criança não começa aprendendo. Começa brincando de aprender. E quando eles começam brincando de aprender eles estão com a liberdade total pra vadiar. O que é vadiar? Vadiar é brincar com o espírito livre, com a intensão de se distrair e não de lutar. (MESTRE NÔ, entrevista, 20/10/2018)

Mais uma vez, retornou-se à ideia de liberdade, a própria da capoeira angola, do espírito livre da criança na capoeira para vadiar capoeira. Para Sodré (2002),

A capoeira dos velhos mestres baianos jamais foi esporte, e sim jogo. É o mesmo que dizer que sempre foi arte, cultura. De um lado, a brincadeira, o descompromisso com a seriedade, tudo aquilo que restitui no homem a disponibilidade mental e física da criança. De outro, uma prática integrada de luta, dança, canto, toque e forma de pensar o mundo” (SODRÉ, 2002, p. 22).

Segundo o autor, a capoeira é uma prática integrada que possibilita pensar o mundo baseados nos ensinamentos dos velhos mestres baianos. O grupo de capoeira do Roger teve acesso a esses ensinamentos (movimentos, fundamentos e comportamentos) pelo mestre Nô. O mestre focou na importância da responsabilidade de ensinar-aprender e de aprender-ensinar, uma vez que o próprio princípio da capoeira angola é liberdade, liberdade da própria metodologia. O mestre torna-se o responsável pela comunicação e vivência dos saberes-fazeres da capoeira para todos, em especial, da criança, com a preocupação de não a adestrar como lutador, mas de uma experiência de jogar capoeira numa perspectiva de sentido de vida-liberdade. De possibilitar aos capoeiristas os primeiros passos de construção de um caminho de autonomia e emancipação individual e coletiva para construção de uma sociedade planetária humanizada, com equidade e com justiça social. A professora Nina ressaltou em sua fala a presença da filosofia para vida de Mestre Nô no grupo e acrescentou que a roda de capoeira possui uma sedução que encanta a todos/as, por isso exige uma responsabilidade do mestre-educador com o próprio o quefazer da capoeira.

A entrevista do mestre Nô possibilitou-nos perceber que a distância geográfica de Salvador a João Pessoa não diluiu a presença da sua filosofia e da Tradição (dos fundamentos, comportamentos e movimentos) experienciados e vividos pelo grupo do Roger. Conforme Abib (2015), “mesmo os grupos de capoeira espalhados dentro e fora do país mantêm o sentimento de pertença comunitários”.

Na narrativa de vida e de falas, o mestre trouxe à tona seu posicionamento ético, de guardião da capoeira angola, pois o saber capoeirístico é uma construção que passa pela busca do indivíduo, o qual deve respeitar a autonomia de seus/suas alunos/as, os quais devem indagar sempre mais sobre o universo da capoeira angola, de interpretar o que é comunicado por ele, de não apenas reproduzir, mas de produzir conjuntamente com seus alunos novas situações de aprendizagens de capoeira angola e da própria vida. Mestre Nô aponta a liberdade de cada mestre formado no grupo no sentido de criar sua própria metodologia.

A capoeira angola é vista pelo grupo como cultura negra. Nesse sentido, os/as entrevistados/as disseram que houve um fortalecimento dos laços identitários familiares, e com

a identidade de afrodescendentes a partir da vivência da capoeira no Grupo. Freire (2014) fala-nos da importância, para uma prática educativa crítica, que os educadores propiciem as condições para que os/as educandos/as em relação entre eles, com o educador e com o mundo possam assumir sua identidade cultural, na dimensão individual e coletiva. Neste caso, a identidade de capoeirista, como membro partícipe do grupo de capoeira.

Ainda neste viés, os/as capoeiristas apontam que os indivíduos da periferia procuram a capoeira com a finalidade de darem significados existenciais às suas vidas através das orientações e/ou gestos do mestre, que contribuíram para a vida dos/das capoeiristas. Para Freire (2014), quanto mais cuidado no trato dessa relação entre educando-educador e educador-educando, mais possibilidades de aprendizagens na escola.

O mestre Nô deu foco a questão do trato no espaço da capoeira para que possibilite o espírito da camaradagem e da vadiagem. Ele conceituou vadiar “como brincar com o espírito livre, com a intenção de se distrair e não de lutar”. Uma educação para a vida, como diria Freire (1999), “uma educação de esperança” como necessidade ontológica. Por isso mesmo não poderia ser experimentada de maneira errada. Pois, de tal forma, seria uma educação da desesperança, traria o adestramento, a tristeza, a fadiga, a conformação, a submissão; caminhos contrários a uma ação da pedagogia da e na capoeira.

Os/as entrevistados/as deram-nos os indícios para a caracterização da capoeira como uma educação como prática de liberdade que, desde seus primórdios, nasceu com o sentido de liberdade. Liberdade para negros, para alforriados, para mulatos, para pardos; da roda de capoeira, jogando, dançando e lutando, fizeram brotar a vida, a esperança, a utopia e a liberdade. Como diria Freire (2015), a liberdade como “libertação dos homens e não de coisas”. Para o autor, homens na sua” vocação ontológica e histórica de ser mais”.

Ao analisar a concepção de liberdade do grupo pelas falas do mestre e dos demais capoeiristas, percebe-se a *práxis* educativa do grupo como uma ação cultural de ação-reflexão-ação dos sujeitos em uma relação com o saber-fazer capoeirístico, com a realidade em uma perspectiva comunitária, do grupo e da roda que aponta para os desenvolvimentos individuais a partir das inteirações coletivas: do jogar, do cantar, do tocar, do diálogo dentro e fora da roda, o vivido.

O mestre Dário trouxe-nos a concepção de relação dialógica entre o mestre e os alunos, ao ponto de sintetizar essa relação, quando coloca que quem melhor avalia o mestre são os/as alunos/as. Nessa percepção de si, o mestre está disposto e exposto ao crescimento. O crescimento no Grupo é uma formação permanente. Cada aluno sabe que há um tempo para alcançar a graduação e poderia pensar que o mestre é um “juiz”, mas, como essa construção é

processual, partindo de uma relação dialógica entre mestre-aluno e aluno-mestre, os quais já compreendem que os critérios para as trocas de graduação são qualitativos, a saber: a presença no grupo; a participação nas aulas; o desenvolvimento dos fundamentos, comportamentos e movimentos da capoeira angola, respeitando a faixa etária de cada um/uma e o ritmo de cada um/uma; a ética do cuidado com o outro, dentro e fora da roda; respeito aos capoeiristas mais novos, aos mais antigos e os da mesma geração; vontade de fazer, alegria, disposição do capoeirista quando está jogando, cantando, tocando, batendo palmas; ausências justificadas e o respeito ao tempo mínimo exigido de cada graduação, de acordo com o Sistema de Graduação da Palmares.

Nesta perspectiva da historicidade dos/das capoeiristas do grupo, de se perceberem sujeitos ativos do processo de formação do mestre Dário, que foi e é mestre a partir das relações com a capoeira, com a realidade e com seus alunos-alunas, a cada situação experienciada. Para Freire (1980, p. 36) “na medida em que o homem, integrado em seu contexto, reflete sobre esse contexto e se compromete constrói a si mesmo e chega a ser sujeito”. Dessa forma, foi se formando mestre e simultaneamente foi formando outros/as capoeiristas e criando em comunhão uma forma de educação através da *práxis* da capoeira: jogar-aprender e aprender-jogar dentro e fora da roda com a finalidade de ser mais, de aprender a leitura do mundo e de aprender “as estratégias de sobrevivência”, de aproveitar “as brechas” como diz Brandão (1983) para atender a vocação de ser mais.

Assim, eles desenharam-nos o rosto do mestre e do grupo com muita delicadeza de quem viveu a infância e adolescência na capoeira e ainda continuam na fase de jovens e alguns na fase adulta. Como Freire disse (1980, p. 37), “pela ação e na ação, é que o homem se constrói como homem”. Na experiência do vivido no grupo, nos desafios de cada roda e de cada jogo, a alegria de ganhar o jogo, e na tristeza de perder, eles trouxeram os pontos que reunidos formam a percepção do mestre. O rosto do mestre foi delineado como pessoa respeitosa, paciente, segura, dialógica, comprometida com os ensinamentos dos “velhos mestres” da capoeira (simbolizada pelos ensinamentos do mestre Nô), com os/as educandos/as, com o grupo e com o bairro. Neste viés, o mestre-educador é tido pelo grupo como uma referência para vida. Para Freire (2015), um educador progressista.

O mestre do grupo assume o lugar da liderança “revolucionária”, tida por Freire como um sujeito ético e comprometido com o povo. Nas falas de cada um e de cada uma, ao se referirem ao próprio bairro do Roger, demonstram o saudosismo: o bairro antigamente apresentava aspectos interioranos e atualmente, retrataram a preocupação com o aumento da violência no bairro. E eles colocaram a capoeira como um espaço-tempo de resistência, pois,

segundo Jonas, o grupo aceitou e aceita todos/as adolescentes e jovens do bairro em uma possibilidade de “esperançar uma mudança dos seres humanos que adentram a roda de capoeira”, de transformação social. De acordo com Freire (1980, p. 40), a “realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo”.

Houve falas de reconhecimentos por parte de alguns/as alunos/as da mudança que fizeram em suas trajetórias de vida através da capoeira, explícito na fala da Professora Nina. Ela colocou a situação de vulnerabilidade social e pessoal na qual vivia e como a capoeira possibilitou o “assumir seu lugar na história”, de mulher, moradora da Comunidade Asa Branca. Ela lembrou-nos Paulo Freire quando falou do oprimido que mora na favela, que ao passar fome e morar em casebres - exemplo da Comunidade do S, “onde se localizou” o antigo lixão do Roger – o corpo desses indivíduos se adaptaram à dor, à fome, ao desconforto, que experimentou no corpo e na alma, uma forma de resistência física e a que vai se juntando outra, a cultura. Quando fizemos a sistematização dos dados, emergiu a dimensão pertencimento que nos mostrou o tronco comum da Palmares assentada na periferia, de alagados, de Salvador ao mangue, que cerca à comunidade do S, de João Pessoa. A capoeira foi utilizada como estratégia de resistência. Resistência bem falada por Freire (2014): “No fundo, as resistências - orgânica e/ou cultural – são manhas necessárias à sobrevivência física e cultural dos oprimidos”.

Nas falas, fica claro que a resistência referida pelos/as entrevistados/as comunga com o sentido de resistência dado por Freire (2014). Neste sentido, as manhas são as estratégias de jogo dos/as capoeiristas e/ou estratégias de vida para quem mora na periferia. A capoeira nesta perspectiva de cultura de resistência de quem “vai, mas não vai”, que gingando vai buscando desvelar o que está na realidade concreta para superá-la. Nos desafios diários, conforme Freire (1980, p. 38), “na medida em que o homem, integrando-se nas condições de seu contexto de vida, reflete sobre elas e leva respostas aos desafios que se lhe apresentam, cria cultura”. Neste sentido, criou-se a capoeira enquanto uma cultura de resistência. Como foi eternizado no mundo da capoeiragem, a fala do mestre Pastinha: “Capoeira mandiga de escravo, em ânsia de liberdade”.

O Mestre Nô apresentou-nos à importância do mestre, seu compromisso ético e sua responsabilidade com a capoeira e com os/as capoeiristas. A professora Nina também trouxe essa preocupação com o perfil do mestre. A capoeira, ela encanta por si só, com os movimentos, as músicas, mas aí, o mestre que está à frente vai auxiliar para “tornar os capoeiristas sujeitos críticos de sua realidade” ou apenas acomodá-lo ao destino que já está predeterminado para os “moradores da periferia”: pobreza. Conforme Freire (1980, p.75-76), “é o processo pelo qual

aqueles que antes haviam estado submersos na realidade começam a sair, para se reinserirem nela como consciência crítica”.

As falas da professora Nina deram-nos as pistas para entender o protagonismo que se constrói de forma participativa na capoeira, compreendendo esta como tradição que se reatualiza a cada jogo. Na relação com o mundo (a roda de capoeira), ela nos disse que aprendeu que precisa do outro-eu que toca, que canta, que joga, que forma a roda, para sua existência do eu-capoeirista, que só existe em relação no mundo e com o mundo. A professora Nina possibilitou-nos, também, compreender a capoeira como disse Freire (1980, p. 26), como “a *práxis humana*”, a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo”. Ela falou-nos que, enquanto mulher, aprendeu a tocar, cantar, jogar e a falar, e, dessa maneira, foi enfrentando “as situações-limites” de preconceito e discriminação, e foi assumindo uma posição de protagonismo. A cada situação problematizada, a professora Nina disse que a levou assumir o lugar na roda de capoeira e na vida. Crescendo no grupo, em uma relação dialógica e afetiva, colocou-se como mulher-capoeirista.

Neste sentido, Freire (1980, p. 37) aponta-nos que “o importante é advertir que a resposta que o homem dá a um desafio não muda só a realidade com a qual confronta; a resposta muda o próprio homem, cada vez um pouco, e sempre de modo diferente”. Isso, a professora Nina ressaltou em suas falas sobre crescer sendo educada a partir do grupo de capoeira: Aprendi-fazendo e aprendi-sentindo. Isso contribuiu para meu protagonismo e empoderamento enquanto mulher-capoeirista-periférica.

O instrutor Bamba traçou-nos uma relação da capoeira com a educação. Educação para a convivência comunitária, solidária e cooperação. Apresentou-nos, no seu caminho de capoeirista e de vida, um posicionamento crítico adquirido, segundo ele, na relação com os mestres, com os companheiros e com a roda (o mundo). Ele posicionou-se que, sendo capoeirista, já foi confundido com “macumbeiro”, e isso deu-se por ambas, “capoeira e a religião afro”, serem de descendência africana. Revelou que os enfrentamentos são diários, dentro e fora de casa, por ter escolhido ser capoeirista. Descreveu a postura do mestre quando ensina. O companheirismo dentro do grupo que, ao ser pedido que ilustrasse uma cena que se sentiu protagonista, trouxe uma situação vivenciada com a professora Nina e ainda relacionou a figura do mestre, o que não trouxe dúvidas para ele: “ali me senti capoeirista”. Ainda refletiu sobre o bairro do Roger e o grupo de capoeira, retratando que “mesmo com as situações de violência” a capoeira ainda contribui para o trânsito na cultura do bairro e a convivência comunitária. Pois, é incentivado que os capoeiristas participem de outras manifestações culturais existentes no bairro, a exemplo das Alas Ursas Gavião e Sem Lenço sem Documento.

Nesta relação com o bairro, eles mostraram-nos uma transição que está acontecendo em relação ao Roger, que, segundo Jonas, está perdendo as características interioranas. As pessoas estão mais dentro de suas casas, relacionando-se pouco com os vizinhos e com a cultura local. Todavia, a experiência dele como capoeirista falou-nos do “trânsito” dos capoeiristas que participam de outras atividades culturais do bairro: nas quadrilhas Juninas, nas escolas de samba, nas ala ursos e outras expressões. Ele ainda expôs que, ao participar do grupo, as crianças e os adolescentes serão orientados para “compreenderem os riscos das violências” e mobilizados para participarem da roda de capoeira e para a vida. Conforme Freire (1980, p. 75), “não são homens à margem da estrutura, mas homens oprimidos no interior desta mesma estrutura. Alienados, não podem superar a sua dependência incorporando-se à estrutura que é responsável por esta mesma dependência”.

Ao ser questionado sobre o protagonismo, Jonas ilustrou sua resposta dizendo que a capoeira o auxiliou na relação com outros grupos do bairro e de valorização das raízes étnico-culturais de sua ascendência negra e indígena. Ainda trouxe o orgulho do pertencimento ao grupo, de sua identidade de capoeirista, de negro. Dessa maneira, deixou também claro que o protagonismo acontece na relação com o grupo e no grupo, e com as pessoas dentro e fora da roda de capoeira. Segundo Freire (1980, p. 53) “é um processo de conhecimento em que o ser humano é assumido em seu poder de superar ou romper a limitação, a pobreza e a carência. E, veja você, é um rompimento coletivo”.

A aluna Dayane seguiu neste mesmo caminho de ter crescido no grupo, aprendendo e treinando, treinando e aprendendo, passando a infância e a adolescência na roda de capoeira, na relação com outros capoeiristas, mais novos e mais velhos, e juntos com a sua geração, descobriu “que pode”, que o corpo voa, que a mulher aprendeu a dar mortal e já deu e levou a rasteira, que canta, que toca, que se fez e se faz mulher capoeirista. Ela demonstrou-nos equilíbrio ao saber que ainda tem muito a aprender e que ainda precisa cantar mais, uma vez que é tímida. Todavia, revelou-nos que aprendeu “a falar o que precisa” e que a capoeira é experiência do vivido, e vivendo junto ao grupo e com sua mãe, tornou-se a pessoa que é hoje.

Dessa maneira, Dayane trouxe os aspectos da relação com as pessoas, com o mundo e no mundo, aprendendo a ser. Trouxe lembranças significativas de receber seu primeiro cordel, o verde, de ter experimentado a rasteira dada pelo mestre Nô. As relações com outros capoeiristas do grupo, que se encontram em outros espaços para jogar vôlei, para idas aos cinemas e para festas. O espaço de camaradagem, de cuidados e de respeito que envolve todos/todas em treinamentos e rodas fortes e prazerosas. Dayane ainda nos trouxe outras inquietações sobre a presença da mulher na capoeira. Neste sentido, Nina também comentou

sobre o diferencial do grupo, seja a participação das crianças e das mulheres no grupo, na organização e na roda de capoeira cantando, tocando e jogando.

A experiência como capoeirista-fundadora do grupo é trazida por mim no corpo, na memória, nos sentimentos, conhecimentos produzidos e reproduzidos na relação com cada geração deste grupo, com os mestres, nas situações de jogo e de roda. Nas idas a Salvador, nas conversas com os mestres da Palmares com os quais partilhamos a roda de capoeira e as nossas famílias. Longos anos de ensino-aprendizagem que guiou muitos alunos pelas rodas de capoeira e da vida. A presença sempre firme da filosofia do mestre Nô em uma tradição vivida e revivida por cada geração deste grupo.

Mestre Dário, junto como todos e todas nós, em cada época, em cada situação, em cada local. Fomos e estamos sendo delineados por uma pedagogia da capoeira. Essa referenciada pelo universo da capoeira, pelo saber-fazer da capoeira angola, pela linhagem do mestre Nô, aqui experienciados e interpretados pelo mestre, pelo grupo, pela situação concreta da realidade local. Uma práxis, conforme Freire (2015, p.52) “práxis é reflexão e ação dos humanos sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”, quer dizer, que podemos falar da práxis educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares, a qual no agir e no pensar tem como finalidade a liberdade, a formação de sujeitos críticos, sonhadores, esperançosos e amorosos para o favorecimento de uma transformação social dos sujeitos e de suas comunidades, de luta por uma sociedade pacífica, com equidade e justiça social.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “ADEUS, ADEUS, BOA VIAGEM...”

Nestas últimas linhas, apresentamos algumas considerações confeccionadas a partir dos fios soltos que deram os contornos da Educação Popular nas Práticas de Ensino e Aprendizagem da Capoeira Angola: a *práxis* educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares -PB.

Diante das falas que fundamentaram a nossa Pesquisa, entende-se que há profícuas conexões e completudes em um diálogo problematizador. Problematização essa que vem de encontro para estes apontamentos de considerações (in)conclusas. Percebemos que o fio condutor para a construção dessa tessitura é a conexão das vozes aqui elencadas. Iniciamos pela filosofia da vida do mestre Nô: capoeira na roda, capoeira na vida. A qual, é o ponto de referência dos ensinamentos e das aprendizagens do mestre Dário do grupo pesquisado.

Nesse diálogo entre a pedagogia da capoeira e a pedagogia freiriana, percebemos a liberdade como sentido existencial que é caro às duas vertentes de pedagogias, a experiência de capoeira identificada com a capoeira da periferia, formada por trabalhadores e trabalhadoras que aproveitam as “brechas” do sistema para continuar sua educação de capoeira, que é uma educação popular ao longo da vida. Centrada nos sujeitos humanos que têm cor, classe, raça/etnia, gênero, idade, crença, e que, na relação dialógica com o eu-outro, com o mundo e no mundo, em cada espaço e em cada tempo, reconhecem-se como sujeitos históricos, conscientes de sua inconclusão e de seu inacabamento, como disse Paulo Freire (2015).

O papel da docência, tão importante para Freire, é da mesma relevância para a pedagogia da capoeira, que baseia na figura do mestre a responsabilidade pela educação dos/das capoeiristas; a relação entre docentes e discentes exige de ambos o compromisso com a educação, a capoeira e a vida, assim, tomam a decisão de assumir nesse momento a vida em uma dimensão de um eu-coletivo, de um ser capoeirista.

Assim, descortinando a realidade dada, indo para além da situação desafiada, descobrindo que o futuro, o passado e o hoje estão sendo construídos em relação entre seres, no mundo e com o mundo em uma relação dialógica não apenas com as respostas, mas com a elaboração de perguntas. Numa perspectiva de educação problematizadora, de desafios.

Na roda de capoeira, dois capoeiristas dialogam com os corpos. Na roda de capoeira, é possível voar com os pés e andar com as mãos. Como diz Freire (2005, p. 34), “ênfase nesses movimentos pelos quais o corpo humano vira corpo consciente. E o corpo se transforma em corpo percebedor”. E esse conhecimento da prática é um conhecimento direto. Sendo refletido através dos sujeitos humanos a cada roda, a cada jogo, vão (re)construindo novas formas de

saber cultural que, segundo Freire (2005), “estão resistindo, lutando, aprendendo e tendo esperança”.

Respeito, liberdade, conscientização, tradição (fundamentos, comportamentos e movimentos) e diálogo são palavras-chave para a compreensão da práxis educativa desse grupo que, ao se juntar à filosofia dos mestres, elaborou-se e é reelaborado constantemente pela pedagogia da capoeira, tendo-a como manifestação humana que ultrapassou várias épocas em um tempo circular e não-linear. Como diria Freire (2015), negros, brancos, índios que, ao irem “se descobrindo oprimidos têm possibilidade de se libertar e libertar ao outro, o opressor”.

No ato de pesquisar, foram surgindo outras perguntas que ficaram agrupadas para possibilidades de estudos futuros: (1) Partindo do pressuposto de que a capoeira angola traz a tradição cultural, até quando a capoeira vai continuar existindo no espaço escolar apenas em programas? A capoeira poderá ou não contribuir para a educação das relações étnico-raciais no âmbito da escola?

Outra perspectiva que emergiu diz respeito ao diálogo entre a educação libertadora e/ou problematizadora, com a focalização nas crianças e nas mulheres, que tidas como sujeitos capazes de produzir saber corporal: de jogar, cantar e tocar. (2) O que isso trará de mudança para a tradição da capoeira angola, que é vista ainda como espaço de homens jovens e adultos? Outro questionamento é que existem membros do grupo que são de outros bairros, de outras classes sociais. (3) Ademais, como são construídas as relações entre integrantes do mesmo grupo com diferenças de classe e lugar geográfico? E como é construído o pertencimento capoeirístico dos mesmos? Além disso, como isso muda “a pedagogia” do próprio grupo?

Partindo do pressuposto de que a educação libertadora não quer apenas respostas dos sujeitos, mas ajudá-los a elaborar novas perguntas, no percurso de nossa pesquisa, houve alguns percalços que testaram nossas “manhas”, uma delas: as quatro trocas de orientadores. Todavia, compreendendo que a reflexão do próprio caminho da pesquisa e da ação do grupo foi o caminho metodológico que nos possibilitou esta produção acadêmica.

As falas transcritas corroboram com um protagonismo de cada um e do Grupo. Esse Grupo toma o cuidado de conclamar o lugar, a comunidade, o bairro, ao compromisso de crescer juntos e de transformarem os corpos em cultura e história de resistência. Dessa maneira, uma *práxis* da educação popular como nos ensinaram e ensinam os mestres Nô, Paulo Freire e Dário. Esperamos que nosso pesquisa possa contribuir para o segmento da capoeira, da educação popular e para instigar outras pesquisas, outras rodas. Provocaremos roda de diálogos com os grupos de capoeira e áreas afins para socializar os achados desta pesquisa.

É difícil dar o ponto final. Dar o Iê e finalizar a roda, todavia se faz necessário para continuarmos dividindo as nossas utopias para que outros possam conhecer esta pesquisa, mergulhar nessa proposta aberta de busca de humanizar e esperar de gestar os novos sujeitos e de construirmos juntos um outro mundo possível. Mas, sabemos como capoeirista que a roda acaba boa, para ela se abrir outro dia. Por isso “Eu digo adeus e vou embora/ adeus boa viagem /Adeus, adeus, boa viagem”. Iê”.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2017.

ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos. **O dom e a tradição indígena Kapinawá** (ensaio sobre uma noção nativa de autoria). *Relig. soc.*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 56-79, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872008000200004&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em 25 mar. 2020.

ARAÚJO, Benedito Carlos Libório Caires. **A capoeira na sociedade do capital: A docência como mercadoria-chave na transformação da capoeira no século XX**. 2008. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Santa Catarina, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91592>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

BORGES, Nilza Maria Pacheco. **Mulheres negras: religiosidade, atividades artístico-culturais, consciência**. 2018. 317 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)-Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Minas Gerais, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6900>>. Acesso em 25 fev. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papius, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, C. R. (Org.). **Pesquisa participante**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Carlos R. **Educação Popular**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BRASIL, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA -IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais de 2004**. Disponível em: <ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicadores2004/retrospectiva.shtm?c=2>. Acesso em: 26 ago. 2018.

BRASIL. Dossiê: **Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília. IPHAN, 2007.

BRASIL. IBGE. In: Agência de notícias. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>>. Acesso em: 26 nov. de 2019.

BRASIL. IBGE: dados de 2010. Sistematizado do Sistema de Recuperação Automática (SIDRA), 2019. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/home/ipca15/brasil>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

BRASIL. **Lei De Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9394/96. Brasília: Senado, 1997.

BRASIL. **Lei de Ensino e História sobre a Cultura Africana e Afro-brasileira**. Lei 10.639/2003. Brasília: SECAD/MEC, 2003.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 17/2014**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.25.senado.leg.br>>. Acesso em: 13 set. 2016.

BRASIL. R685 **Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília, DF: IPHAN, 2014.

BRASIL. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2019.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Em busca de uma sociabilidade alternativa**: A contribuição da pedagogia e do legado freireanos. Disponível em: <<http://textosdealdercalado.blogspot.com/2018/07/em-busca-de-uma-sociabilidade.html?view=magazine>>. Acesso em: 30 set. 2019

COLUMÁ, Jorge Felipe; CHAVES, Simone Freitas. **Capoeira e psicomotricidade**: brincando e aprendendo a jogar. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

CAMPOS, Hellio. **Capoeira regional**: a escola de Mestre Bimba. SciELO-EDUFBA, 2009.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira**: pequeno manual do jogador. 4. ed. Rio de Janeiro: RECORD, 1998.

COUTO, Jorge. **A Construção do Brasil**. Lisboa: Edições Cosmos, 1995

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo Editorial, 2017.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Princípio científico e educativo**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **O Jogo da capoeira em Jogo e a Construção da Práxis Capoeirana**. 2004. 393 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <<http://www.lepel.ufba.br/TESES/O%20JOGO%20DA%20CAPOEIRA%20EM%20JOGO%20E%20A%20CONSTRU%20%C3%O%20DA%20PR%20C1XIS%20CAPOEIRANA%20-%20JOSE%20FALC%C3%O.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

FALS BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org) **Pesquisa participante**. 6.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FERNANDES, Florestan. Educação e estrutura social: sociedades tradicionalistas: a educação numa sociedade tribal. In: In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M (Orgs). **Educação e sociedade: Leituras de sociologia da educação**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de Ler**. 1989 Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/importancia_ato_ler%20Paulo%20Freire.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2019

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação – Uma Introdução ao pensamento de Paulo freire**. 3. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org) **Pesquisa participante**. 6.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo; Nogueira, Adriano: **QUE FAZER - Teoria e Prática da Educação Popular**. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande &senzala: formação da família brasileira sob a economia patriarcal**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/anexos/freire_gilberto_casa_grande_senzala.pdf >. Acesso em: 14 ago. 2017.

FRIGERIO, A. Capoeira: de arte negra a esporte branco. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, n.10, v.4, p.85-89, 1989.

GAJARDO, Marcela. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livros Editora, 2007.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Editora 34 Ltda. 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-Formal e Cultura Política**. São Paulo: Cortez, 2001.

HAUG, Wolfgang Fritz. **Crítica da estética da mercadoria**. Unesp, 1997.

HALL, Stuart; SOVIK, L. (Orgs.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HERNADES SAMPIERI, Roberto; COLLADO, Carlos Fernandez; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. Tradução de Dayse Vaz de Moraes. Revisão técnica de Ana Garcia Queluz Garcia; Dirceu da Silva. Marcos Aurélio. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010.

KEIM, Ernesto Jacob; SILVA, Carlos José. **Capoeira e Educação Pós-Colonial: Ancestralidade, Cosmovisão e Pedagogia Freiriana**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. **O sucesso escolar nos meios populares: razões do improvável**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LUCE, Patrícia Campos. **Entre a vadiagem e a academia: o local e o global na Capoeira de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. **Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MARINHO, Paloma Abelin Saldanha; GONÇALVES, Hebe Signorini. Práticas de empoderamento feminino na América Latina. **Revista de estudios sociales**, n. 56, p. 80-90, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/revestudsoc/9863>>. Acesso em 30 nov. 2019.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>. Acesso em: 05 mar. 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MELO NETO, José Francisco de. **Educação Popular: enunciados teóricos**. Volume 3. João Pessoa: Editora do CCTA, UFPB, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**, 2. ed. São Paulo. Ática, 1988.

PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice M. **Educação e Sociedade** (Leituras de sociologia da educação), 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

QUEIROZ, Danielle Teixeira et al. **Observação participante na pesquisa qualitativa:** conceitos e aplicações na área da saúde. Rev. enferm. UERJ, v. 15, n. 2, p. 276-283, 2007

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad del poder, cultura y conocimiento em América Latina.** Anuário Mariateguiano, Lima, vol. IX, n. 09, 1997.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola Ensaio Sócio-Etnográfico.** Salvador: Itapoan, 1968.

REIS, Letícia Vidor de Sousa Reis. **O mundo de pernas para o ar:** a capoeira no Brasil. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

RICHARDSON, Roberto Jerry et al. **Pesquisa Social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas. 1999.

SADER, Eder. PAOLI; Maria Célia. Sobre “Classes Populares” no pensamento sociológico brasileiro. In: DURHSAM, Eunice R. et. al. CARDOSO, Ruth C. L. (Org.). **A aventura antropológica:** teoria e pesquisa. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; DE ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as Ciências.** Porto: Edições Afrontamento, 1987. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1979672/mod_resource/content/1/SANTOS%20Um%20discurso%20sobre%20as%20ci%C3%A7ncias_LIVRO.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2020

SAVIANI, Demerval. Educação e Colonização: As ideias Pedagógicas no Brasil. In: STEPHANOU, M.H. e BASTOS, M.H.C.(Orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil – Vol. I.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SOARES, Carlos E. L. **A negregada instituição:** os capoeiras na corte imperial. Rio de Janeiro: Access, 1999.

SODRE, Muniz. **Mestre Bimba:** corpo de mandiga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa:** estudando como as coisas funcionam. Tradução de Carla Reis. Revisão técnica de Nilda Jacks; Porto Alegre: Penso, 2011.

STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire.** 3. ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

STRECK, Danilo R; ADAMS Telmo. **Uma prática de pesquisa participante:** análise da dimensão social, política e pedagógica. R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 20, n. 44, p. 481-497, set./dez. 2011

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

Vídeo Nego Bom de Pulo – **Mestre Nô e a Capoeira da Ilha**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=TsWlRAkg5no>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

ZADRA, Luiz. **Nô, um Mestre de Capoeira**. João Pessoa: [s.n.], 2000.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI -ESTRUTURADA

Dados Pessoais
A. Nome B. Graduação C. Tempo de Grupo D. Idade E. Profissão F. Escolaridade G. Raça/etnia.

ROTEIRO DE ENTREVISTAS
Para Mestre Nô: 1. Mestre Nô, gostaria que falasse sobre sua história na capoeira? 2. Mestre, fale sobre os diferentes tipos de capoeira? 3. Qual a relação entre capoeira angola e Educação Popular? (<i>Trazer a definição de Educação Popular</i>) 4. Quais os saberes culturais presentes na capoeira e na educação popular? 5. Qual sua percepção sobre as crianças, adolescente, jovens na capoeira e o elemento da identidade como cultura afro-brasileira? Para a professora, o instrutor e o/a monitor/a: 1. Fale sobre sua história de capoeira. 2. O que você aprende com a capoeira? 3. A capoeira contribuiu ou contribui na sua vida? 4. O que é a capoeira para você? Um fato marcante como capoeirista. 5. Como são as aulas do grupo? 6. Como é participar do grupo? E a relação com os outros? E com o mestre? 7. Você mora no bairro do Roger? E como você percebe o mesmo?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012, MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é intitulada ***Na roda: Capoeira e Educação Popular: Práxis Educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares - Roger*** e está sendo desenvolvida por Maria de Lourdes Farias Lima do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof.Dr. Pedro José Santos carneiro Cruz

Esta pesquisa tem como objetivo: Analisar a prática educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares – Roger. A finalidade deste trabalho é contribuir para favorecer novos paradigmas para repensar a educação formal.

Solicitamos a sua colaboração para a realização de entrevista semiestruturada como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa tem como possíveis riscos no que tange com o decorrer do tempo demandado para as entrevistas, podendo acarretar algum desconforto quanto à interferência no tempo de outras atividades no grupo. Contudo, todos os cuidados serão tomados para minimizar esse risco. Outros riscos não estão previstos.

Esclarecemos que sua participação (***ou a participação do menor ou outro participante pelo qual ele é responsável***) no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição (se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

João Pessoa, ____ de _____ de _____.

Impressão dactiloscópica

Assinatura do sujeito do estudo:

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisadora Maria de Lourdes Farias Lima Telefone: 83 98647-7752 ou para o Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde/CCS/UFPB – Campus I, 1º andar. Cidade Universitária. Bairro: Castelo Branco – João Pessoa - PB. CEP: 58051-900. E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com. Fone: (83) 3216-7791.

ANEXO A – FOTOS DOS/AS INTREVISTADOS/AS

Professora Nina



Daiany



Jonas



Instrutor Bamba

ANEXO B – MATÉRIAS JORNALÍSTICAS



Figura 1:Jornal O Norte matéria sobre o evento de capoeira do Grupo Lua de Palmares. Na foto Malu Farias e Dário Pereira tocando berimbaus, no antigo Teatro Cilaio Ribeiro, no Centro, em João Pessoa, em 1995.

Dança da libertação

Capoeira significa muito mais do que uma dança, é uma luta dos escravos em busca do sonho dos palmares, um dos quilombos e da liberdade. Desde o começo a capoeira era uma arma da resistência, as armas de quem não tinha armas para lutar contra a dominação. O corpo na capoeira é uma arma. É tanto que muitos dos golpes têm o nome de instrumentos de trabalho dos escravos "disse Malu Farias, capoeirista do Grupo Lua dos Palmares. Segundo ela, nos quilombos a capoeira também era usada como forma de resistência à dominação branca e como modo de combate.

"Com a dita abolição da escravidão, assinada pela Princesa Isabel, os negros foram soltos mas continuaram escravos de um sistema social desigual que lhes impunha a marginalidade. Então Capoeira ficou sendo sinônimo de malandragem, de vadiagem já que os negros não tinham oportunidade nenhuma de trabalho digno", afirmou Malu Farias. Ela disse também que esta visão perdura até hoje

e que isto representa mais um dos preconceitos da sociedade.

Malu Farias disse que a percepção a capoeira atravessa os tempos e sempre houve uma repressão ao movimento de conscientização das populações marginalizadas. Ela citou um exemplo bem

No ritmo da capoeira os negros fugiam das senzalas em busca dos quilombos

proibido e muitos capoeiristas foram presos.

A "legalização" da capoeira só veio durante o governo Vargas, que a oficializou como esporte nacional. "E mesmo assim foi uma forma de desmoralizar o movimento, institucionalizando-o", disse Malu. Hoje, a capoeira se desenvolve em vários centros do Brasil e tem na Bahia como seu principal foco. "É na capoeira da Bahia que nós inspiramos para fundar o Grupo Cultural Lua dos Palmares", completou a capoeirista.

Grupo está organizado

O Grupo Cultural Lua dos Palmares tem um trabalho voltado para a promoção da cultura negra do Estado da Paraíba. O movimento tem sede no Coletivo Arte e Luta, localizado no antigo prédio da escola Thomas Mindelo, no Centro da Cidade. Lá, em uma pequena sala são ministradas aulas de capoeira e dança afro-brasileira.

"Estamos batalhando para transformar o Grupo em uma Organização Não Governamental (ONG) pois não trabalhamos apenas com aulas e queremos fazer um movimento de discussão e divulgação da cultura afro-brasileira", disse Malu Farias. Segundo ela já existem vários projetos em discussão para se efetivar um trabalho social de divulgação da ca-

poeira. Um destes projetos é o Miramangue, que pretende ensinar a capoeira para crianças da Beira da Linha, localizado no bairro periférico do Alto do Mateus.

"A procura pela capoeira tem crescido muito porque a mídia vem divulgando bem, tanto em programas de esportes como também na cobertura de eventos culturais. Por isso muitas pessoas já estão procurando se matricular aqui nos cursos de dança ou capoeira", declarou Malu. Segundo ela a capoeira como prática desportiva já está conquistando mais espaços na capital, citando o exemplo de várias escolas e academias de ginástica que estão implantando aulas de capoeira.



O Grupo Lua dos Palmares traz para o Teatro de Arena do Espaço Cultural vários mestres de capoeira que promoverão o batismo, ritual de iniciação em que os alunos vão jogar com professores visando obter o cordão verde, que é o primeiro grau da hierarquia capoeirística.



Figura 2: Foto em cima: Malu Farias e Dário Pereira jogando capoeira. Foto (em baixo) Malu Farias tocando berimbau e Dário Pereira jogando capoeira. Ambas as fotos foram no teatro Cilaio Ribeiro, Centro, João Pessoa. Na época do Grupo Lua de Palmares, em 1995.

CORREIO DA PARAÍBA

Cidades

Paraíba • Segunda-feira, 17 de Dezembro de 2001 B-5

Encontro de capoeira reúne mais de 100 crianças no Piollin

M^{re} CRISTINA DIAS

Cerca de 120 crianças, na faixa etária dos 7 aos 14 anos, participaram, de sexta-feira passada até ontem, do Encontro Nordeste de Capoeira Anglo Palmares, realizado na Escola Piollin, no Róger, em João Pessoa. Elas fazem parte de um projeto social que busca atender menores carentes de várias comunidades da Capital, através da cultura Afro-brasileira.

Os menores são assistidos através dos programas Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), desenvolvido pelo Estado, em parceria com o Governo Federal; pelo Centro Livre Meninada II, que é um centro criado pela Prefeitura de João Pessoa; pela Escola Piollin; e pelo Centro Anglo Palmares.

"Trabalhamos com a auto-estima dos jovens, sobre a importância da cultura africana, com a questão da sexualidade e cidadania. A capoeira nós



Evento reuniu crianças do Programa de Erradicação do Trabalho

dá condições de abordar todos esses temas, fazendo com que o jovem crie uma personalidade firme e voltada para o que realmente é certo, para os valores da sociedade", afirmou a instrutora Malu Farias.

Segundo ela, a capoeira não passada pelos alunos apenas como um esporte. "Estamos falando de uma filosofia de vida. Nossa preocupação não é apenas em fazer com que esses menores saiam das ruas, prati-

cando um esporte. Nós estamos ensinando uma cultura, estamos orientando cidadãos", ressaltou.

Um dos destaques do encontro foi o batizado de 45 garotas. Elas passaram do estágio de "calça branca" para a categoria de capoeirista.

A festa foi em grande estilo e contou com a participação dos mestres Nô, de Salvador (BA); Lázaro, também de Salvador; Sabiã, de Campina Grande; e de Naldinho, de João Pessoa.

Figura 3: Foto em cima: Malu Farias e Dário Pereira jogando capoeira. Foto (em baixo) Malu Farias tocando berimbau e Dário Pereira jogando capoeira. Ambas as fotos foram no teatro Cilaio Ribeiro, Centro, João Pessoa. Na época do Grupo Lua de Palmares, em 1995.



Figura 4: Jornal O Norte chamada para a matéria sobre o Encontro Nordeste do Grupo Palmares, em 2009. Foi um evento em comemoração ao 30 anos de fundação da Palmares, em Salvador, na Bahia.

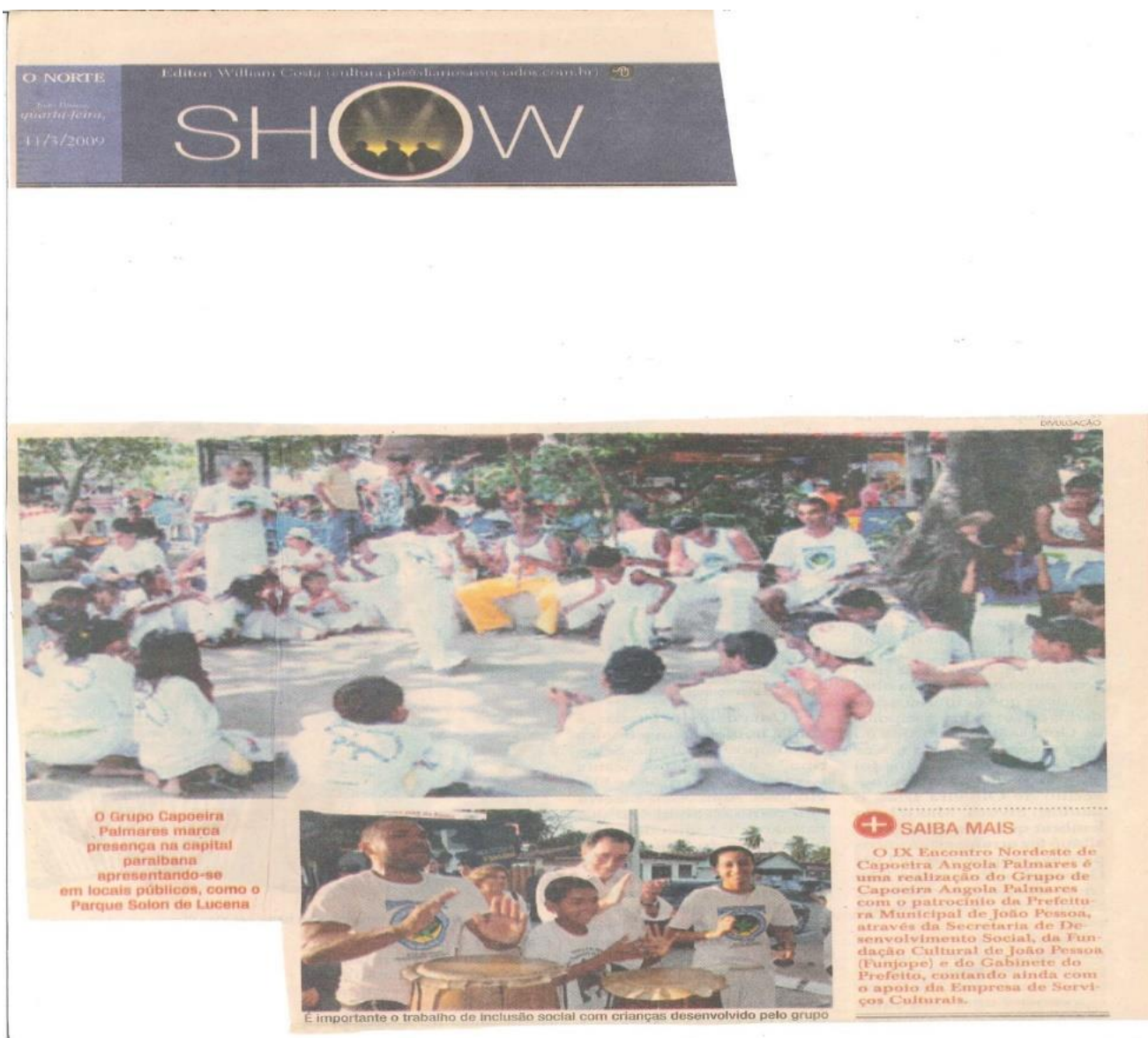


Figura 5: Jornal O Norte matéria sobre o IX Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares, 2009.



Figura 6: Jornal da Paraíba nota de chamada para o IX Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares, 2009.



Figura 7: Jornal Correio da Paraíba matéria sobre evento de Mulheres na UFPB e a participação do Grupo na programação do evento, na UFPB, em 2006.

ANEXO C – FOLDERS DE ATIVIDADES DO GRUPO

Caminhada no Roger pela Cultura e Paz no Dia da Consciência Negra 20 de novembro de 2014



Figura 8: Atividade do mês da Consciência Negra: Caminhada Mais negro, Mais Zumbi pelo bairro do Roger saindo junto com as Ong's e escolas do bairro, no Roger, em João Pessoa, na Paraíba, em 2014.



Figura 9: Apresentação do Grupo e palestra com Dário Pereira e Malu Farias, na Apoitchá, em Lucena, na Paraíba, em 2012.

Figura 10: Folder - Programação do evento: Eu sou porque todos somos, em 2013. Apresentação do Grupo, no dia 28/11 em Estiva, na Paraíba. E dia 29/11, participação no Seminário Dário Pereira João e Malu Farias, em Lucena, na Paraíba, em 2013.



Figura 11: Folder e banner do Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares, 2016. Esta arte foi produzida pelo Fotógrafo e Designer gráfico Ricardo Peixoto e apresentado ao Grupo. Ricardo Peixoto é membro do Grupo junto com sua companheira Ana e os filhos Lua, Sol e Benjamim.

O GRUPO CAPOEIRA ANGOLA PALMARES inicia suas atividades em MARÇO de 1998, no BAIXO ROGER. É COORDENADO por DÁRIO PEREIRA JOÃO (MESTRE DÁRIO) e por MARIA de LOURDES FARIAS LIMA (CONTRAMESTRA MALU).

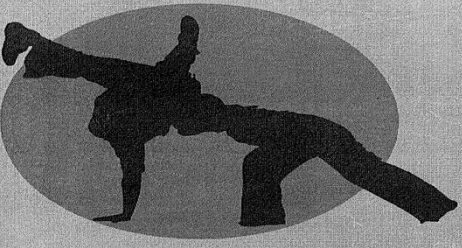
AS ATIVIDADES do GRUPO acontecem:

- # CASA PEQUENO DAVI
- SEGUNDAS|QUARTAS|SEXTA- a noite (19h) e no SÁBADO à tarde (15h)
- # CASA das IRMÃS (COMUNIDADE do "S")
- TERÇAS|QUINTAS - à noite (19h) e no SÁBADO pela manhã (9h)
- # ESCOLA ESTADUAL ANA HIGINA
- TERÇAS|QUINTAS à tarde (16h)

O PÚBLICO beneficiado é de CRIANÇAS, ADOLESCENTES, JOVENS e ADULTOS da cidade EM ESPECIAL, das COMUNIDADES do "S", e ASA BRANCA, TERRA do NUNCA, BURACO da GUA e do BAIXO ROGER.

O GRUPO desenvolve as manifestações da CULTURA AFRO-BRASILEIRA, especialmente, a CAPOEIRA ANGOLA, para ELEVAR A AUTOESTIMA das CRIANÇAS, dos ADOLESCENTES, dos JOVENS e dos ADULTOS em SITUAÇÃO de RISCO PESSOAL e SOCIAL, fortalecer o PROTAGONISMO JUVENIL e contribuir para uma CULTURA de PAZ em nossa COMUNIDADE.

SEJAM BEM VIND@S!



«EI, O BERIMBAU TÁ CHAMANDO!»

DIA 08 DEZ quinta-feira
LOCAL: CASA PEQUENO DAVI
das 14h às 17h

OFICINAS

- CAPOEIRA ANGOLA
- MESTRE LAZARO
- MESTRE GILMÁRIO, MESTRE ORLY e MESTRE MOSQUITO.
- MACULELÉ
- MESTRE DÁRIO e CONTRAMESTRA MALU
- PENTEADO AFRO
- NINA NASCIMENTO

RODA na FESTA de Iemanjá (Praia de Tambá) 19h

DIA 09 DEZ sexta-feira
LOCAL: CPD/ ESCOLA ANA HIGINA
CASA das IRMÃS
das 08h às 11h / 14h às 17h

ORIGENS CAPOEIRA ANGOLA e seus fundamentos, aula de TOQUES e MACULELÉ

CAPOEIRA ANGOLA
MESTRES CONVIDADOS
MACULELÉ
MESTRE DÁRIO e CONTRAMESTRA MALU
PENTEADO AFRO
NINA NASCIMENTO

BATIZADO
TROCA de CORDEIS
LOCAL: CASA das IRMÃS (comunidade do "S")
das 18h30m às 21h

DIA 10 DEZ sábado
LOCAL: CASA PEQUENO DAVI
das 9h às 11h
RODA DE CONVERSA COM OS MESTRES
«EI, O BERIMBAU TÁ CHAMANDO!»

LOCAL: ESCOLA ESTADUAL ANA HIGINA
das 14h às 15h
RODA DE CAPOEIRA
MACULELÉ

BATIZADO
TROCA de CORDEIS **INFANTIL**
das 15h às 18h



Figura 12: Folder - a programação do evento: horários, oficinas, atividades e espaços, em 2016, no Roger. João Pessoa, na Paraíba.

2009

É um ano muito Especial para todos que tiveram e tem a oportunidade de conhecer o Mestre Nô e seus discípulos e para celebrarmos esse momento estamos contando com a presença de nossos amigos e amigas da Palmares da Bahia: Mestre Nô, Mestre Lázaro, Mestre Dunga, Mestre Dalmo, Contramestre Gilmário, Contramestre Orli, Contramestre Malícia, Prof. Omi, Prof. Danilo, Instrutor Lisandro, Instrutor Roquenildo, Monitor Sanção; o Fórum de Capoeira de João Pessoa, a capoeira de Campina Grande e Guarabira para abrilhantar a nossa festa:

IX ENCAP, NO ROGER!

AGREDECIMENTOS

Ao Deus da vida, fonte de inspiração; A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização do IX ENCAP, em especial aos nossos alunos e alunas, as famílias e a nossa comunidade.

Apoio Cultural

Funjope
Gabinete do Prefeito
Secretaria de Desenvolvimento Social – SEDES
CRC – Roger/PETI
EMSERC – Empresa de Serviços Culturais
Orçamento Democrático

Realização

Grupo Capoeira Angola Palmares - Roger

Organização

Dário Pereira (Contramestre Dário)
Malu Farias (Profª. Malu)

Direção

Mestre Lázaro



Mestre Nô - Mestre Lázaro
Contramestre Dário
Profª Malu

"Uma visita de bom coração merece um abraço e um aperto de mão"

Contatos
Contramestre Dário (83) 8800-3035
Profª. Malu (83) 8886-5548

Sejam bem-vindos
IX ENCAP

Figura 13: Folder do IX Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares, 2009.

Quem somos nós



O Grupo Capoeira Angola Palmares/Roger é coordenado por Dário Pereira João (Contramestre Dário) e Maria de Lourdes Farias Lima (Profª. Malu), sediado no Baixo Roger, com a supervisão de

Lázaro dos Prazeres dos Santos, Mestre Lázaro, desenvolve suas atividades desde 17 de março de 1998. O grupo é filiado à Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares, dirigida por Norival Moreira de Oliveira, Mestre Nô, de Salvador/BA. Atualmente, as atividades do Grupo são desenvolvidas no CRC do Roger, espaço cedido para as aulas, nas segundas, terças, quintas e sextas, à noite e nos sábados, à tarde.

O público beneficiado é de crianças, adolescentes e jovens, de ambos os sexos, do Roger.

O Objetivo do grupo é desenvolver as manifestações da cultura afro-brasileira, especialmente a capoeira, para elevar auto-estima de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, fortalecer o protagonismo juvenil e contribuir na construção de uma cultura de paz em nossa comunidade.

PROGRAMAÇÃO

QUARTA-FEIRA (11/03/2009)

19hs às 20h30min
Local: CRC Roger
Exibição do filme
A negação do Brasil
Direção: Joel Zito Araújo 2000

QUINTA-FEIRA (12/03/2009)

08h30min às 10h30min
Local: CRC Roger
• Maculelê – Malu Farias
• Percussão – João Neto
• Penteado Afro – Lucileide Nascimento

13h30min às 15h00
Local: CRC Roger
• Capoeira Angola – Mestre Nô, Mestre Lázaro, Mestre Naldinho e Mestre Dunga.
• Maculelê – Malu Farias
• Percussão – João Neto
• Penteado Afro – Lucileide Nascimento

16h00min às 17h30min
• BATIZADO NO BECO

20h00min às 21h30min
Local: CRC Roger
• Capoeira Angola

SEXTA-FEIRA (13/03/2009)

Local: CRC Roger
08h30min às 10h30min
13h30min às 15h00
20h00min às 21h30min
Local: CRC Roger
• Oficinas

SÁBADO (14/03/2009)

08h30min às 10h00min
• Oficina de Fotografia – Mônica Câmara
• Meios de comunicação digital – Mercicleide Ramos

10h00min às 11h00min
• 30 anos de Palmares: A capoeira, ontem e a capoeira angola, hoje. (Roda de diálogos e movimentos)

14h00min às 17h30min
Apresentações Culturais
• **Roda de capoeira:** 30 Anos de Palmares (mestres, contramestres, professores e alunos /João Pessoa, Campina Grande, Guarabira e Salvador)
• **BATIZADO E TROCA DE GRADUAÇÕES**

Figura 14: Folder do IX Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares, programação, 2009.

Agradecimentos:

Ao Deus da vida, fonte de inspiração;
A todos que contribuíram direta ou indiretamente
para a realização pelo oitavo ano desse ENCAP, em
especial aos nossos alunos e alunas, as famílias e a
nossa comunidade.
Axé.

Apoio Cultural:

Funjope - Secitec -
Orçamento Democrático -
Sedes - PETI - CRC/Roger -
Coletivo Arte Cultura e Cidadania -
Fernanda Bevenuti - CPPM

Contatos:
Dário (83) 8886-5540
Malu (83) 8886-5548

ENCONTRO NORDESTE



**De 06 a 08 de dezembro de 2007
no Róger - João Pessoa - PB**

MESTRE NÔ - MESTRE LÁZARO
CONTRAMESTRE TARTARUGA
INSTRUTORA MALU

Figura 15: Folder do Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares, 2007.

Quem somos nós:

O Grupo Capoeira Angola Palmares coordenado por Dário Pereira (Contramestre Tartaruga) e Instrutora Malu Farias, sediado no Baixo Roger, com a supervisão do Mestre Lázaro desenvolve suas atividades desde o ano de 1998 e pelo 8º ano realizamos o nosso Encontro com a presença de nossos mestres, convidados e a comunidade.

Atualmente, desenvolvemos nossas atividades no CRC Maria Borges, nas terças e sextas, à noite, das 18h00 às 19h30min, turma infantil com Contramestre Tartaruga e turma feminina com Instrutora Malu; das 20h às 21h30min, a turma de jovens com o contramestre. Nos sábados e domingos das 15h às 17h30min. O público que atendemos é de crianças, adolescentes e jovens do baixo Roger e das comunidades do "S", da Terra do Nunca, do Asa Branca, do condomínio Boa Esperança (Padre Zé).

O Objetivo do nosso grupo é desenvolver as expressões da cultura afro-brasileira, especialmente a capoeira, para elevar auto-estima de crianças e adolescentes, fortalecer o protagonismo juvenil, pontuar abordagens referentes as questões de gênero, educação ambiental e raça/etnia a fim de contribuir na construção de uma cultura de paz em nossas comunidades.

Organização Geral: Contramestre Dário "Tartaruga"
Instrutora Malu

Supervisão: Mestre Lázaro

João Pessoa, dezembro de 2007.

Nosso evento:
ENCAP/2007

"Sou discípulo que aprendo, sou mestre que dou lição..."

PROGRAMAÇÃO

QUINTA-FEIRA (06/12/2007)
09:00 AS 11:00 Oficinas: CRC Roger

- Maculelê - Malu Farias
- Penteadão-afro - Nina Nascimento/Girlene Silva
- Fotografia - Mônica Câmara

16:00 às 17:30 Roda no Beco (Batizado)
19:30 às 21:00 Oficina de capoeira angola - Mestre Lázaro

SEXTA-FEIRA (07/12/2007)
09:00 AS 11:00 Oficinas: CRC Roger

- Capoeira angola - Mestre Lázaro
- Mestre Dunga
- Contramestre Gilmario
- Maculelê - Malu Farias
- Penteadão-afro - Nina Nascimento/Girlene Silva
- Fotografia - Mônica Câmara

16:00 às 17:30 - Roda na Pracinha (Batizado)
19:30 às 21:00 Oficina

- Capoeira angola - Mestre Lázaro

SÁBADO (08/12/2007)
09:00 - CRC - Roger Roda de Diálogo: O que é ser mestre? Anseios, desejos, frustrações e responsabilidades.

15:30 às 16:00 - Apresentações culturais:

- Dança afro - Grupo Orum Aié
- Maculelê e capoeira - Angola Palmares

16:00 às 18:30 - Roda em frente ao Guarani (Batizado Feminino e Troca de Cordéis)
18:30 Bateria da Império do Samba

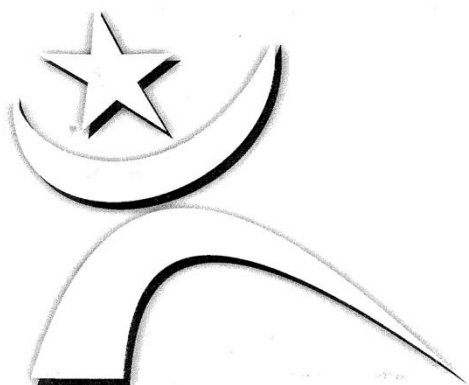
20:00 às 21:00 Roda na Festa de Iemanjá

Figura 16: Folder da programação do Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares, em 2007

APRESENTAÇÃO

O 1º Encontro de Capoeira Guerreiro de Palmares é uma oportunidade para os capoeiristas de nossa cidade reciclarem seus conhecimentos através do intercâmbio com os Mestres da capoeira baiana.

Também teremos o ritual do batizado dos alunos iniciantes, que receberão sua primeira graduação e um apelido, pelo qual serão reconhecidos no meio capoeirístico.



PROGRAMAÇÃO

Dia 15 /12/ 2000 (Sexta-feira)

09hs - Curso: Fundamentos e Ritual da Capoeira Angola (*Teórico e Prático*)
Mestre Nô, Salvador Ba 14hs - Curso: Maculelê (*primitivo*)
Mestre Tunico
- Curso: Fundamentos e Ritual da Capoeira Angola (*Teórico e Prático*)
Mestre Nô - Curso: Alongamentos e Fundamentos da Capoeira Angola
Mestre Lázaro
16hs - Curso de Percussão (*berimbau, pandeiro e atabaque*)
Mestre Dunga
19hs e 30 min - Mesa Redonda: "Fundamentos e Ritualística da Capoeira Angola"

Dia 16/ 12/ 2000 (Sábado)

09hs - RODA DE RUA
Local: Parque Solon de Lucena
14hs - Roda de Maculelê 14hs e 30 min -
Início do 1º BATIZADO DE CAPOEIRA
GUERREIRO DE PALMARES

Dia 17 /12 /2000 (Domingo)

09hs - AULÃO DE DANÇA AFRO
Prof. Erinaldo
Local: Escola Piollin 12hs -
Confraternização
15hs - Encerramento do 1º ECGP: RODA DE CAPOEIRA E SAMBA DE RODA

Figura 17: Folder do 1º evento de capoeira promovido pelo grupo em 2000, no Roger, em João Pessoa, na Paraíba.

Ponto de Cem Réis

Quinta 01/08

18h30 Banda 5 de Agosto
21h Shows Religiosos - Ministérios de
Música das Comunidades Shalom, Consolação
Misericordiosa e Doce Mãe de Deus

Sexta 02/08

20h Mamma Jazz
21h30 Geraldo Azevedo

Sábado 03/08

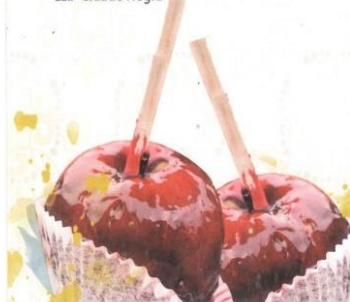
16h Atração infantil
17h Patati e Patatá
21h30 Sidney Magal

Domingo 04/08

16h Raissa Aranha e O Bom de Ser Criança
17h A Barca Maluka
21h Erasmo Carlos

Segunda 05/08

18h Concerto da Orquestra e Coral Villa Lobos
20h O Teatro Mágico
22h Cidade Negra



Peça. Dom Adauto Circo das Neves

Haverá atividades na área externa: pintura artística para a
criança, fotos de lambe-lambe e a animação da
Imaginart para receber o público infantil

Sexta 02/08

16h Show do palhaço Baba Baby e Tereco e Teco
Apresentação de balé com a aluna do Bolshoi Maria Luiza
17h Babau Joaquim Guedes do Mestre Vaval
17h30 O Mágico de Óz (Cia Cara Dupla de Teatro)
18h30 Apresentação do American Circo
19h25 Cortejo (Circo para o Ponto de Cem Réis)
Som dos Brincantes com o Urso Amigo Batucada
19h30 Maculelê da Capoeira Angola Palmares da
Contra Mestra Malu
20h30 Cirandeiros do Vale do Gramame com o
Mestre Luiz Antônio
21h00 Voleiros Itinerantes Severino Paulo e
Antônio Batista dos Santos
21h30 Tambores do Forte com o Mestre Júlio de Cabedelo

Sábado 03/08

16h00 Brincadeiras Infantis (Grupo Dinâmico Cultural)
com a Professora Albanise e Palhaço Xoquito
16h45 Babau do Mestre Luiz Marinho
17h30 Anjos da Rua (ProJovem)
17h30 O Pequeno Príncipe (Cia Argonautas)
18h30 Apresentação do American Circo
19h25 Cortejo (do Circo para o Ponto de Cem Réis) com
o Mestre Charles Brown e os Batuqueiros do Mangue
19h30 Mazurca Santa Catarina de Monteiro com o
Mestre Zé Preto
20h30 Coco de Roda de Forte Velho com Mestre Gilvan
21h Apresentação itinerante dos voleiros Moreirinha e
Cico Simão
21h30 Banda de Pifano do Mestre Zé Pretinho

Figura 18: Folder da Festa das Neves, promovido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, em 2013. Apresentação de Maculelê do Grupo Capoeira Angola Palmares, no dia 02/08/2013.

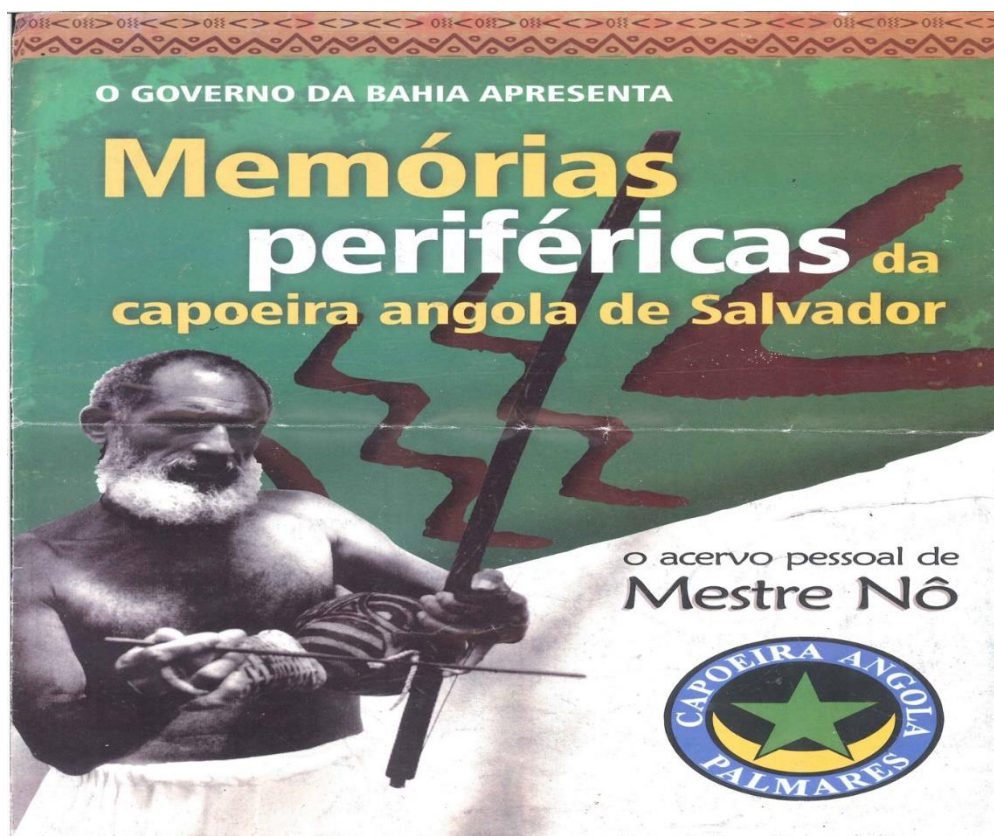


Figura 19: Exposição Memórias Periféricas da Capoeira Angola de Salvador. Acervo Pessoal do Mestre Nô.

A exposição do acervo material é gratuita e aberta ao público

Sua produção é voltada para praticantes e pesquisadores da capoeira e das práticas culturais tradicionais africanas e afrobrasileiras, no Brasil e exterior; também se destina a professores e estudantes de escolas públicas; turistas brasileiros e estrangeiros.

Exposição itinerante em cinco cidades brasileiras e no exterior

<i>Moscow / RU</i> 19 a 23 de abril	<i>Canoas / RS</i> 02 a 07 de outubro	<i>Maceió / AL</i> 17 a 19 de novembro
<i>Salvador / BA</i> 05 de agosto a 03 de setembro	<i>Bayeux / PB</i> 19 a 22 de outubro	
<i>Florianópolis / SC</i> 25 a 30 de setembro	<i>FACED/UFBA</i> 06 a 10 de novembro	

Lançamento do documentário dia 05 de agosto com participação de Mestre Nô no Forte da Capoeira, Salvador/BA

O acervo está disponível na coleção especial da plataforma online do Museu Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira da Universidade Federal da Bahia.
<http://www.museuafrodigital.ufba.br>

PARCEIROS

APOIO FINANCEIRO

Figura 20: Exposição itinerante em cinco cidades brasileiras e no exterior

ANEXO D – ÁLBUM DE FOTOS DE ATIVIDADES DO GRUPO

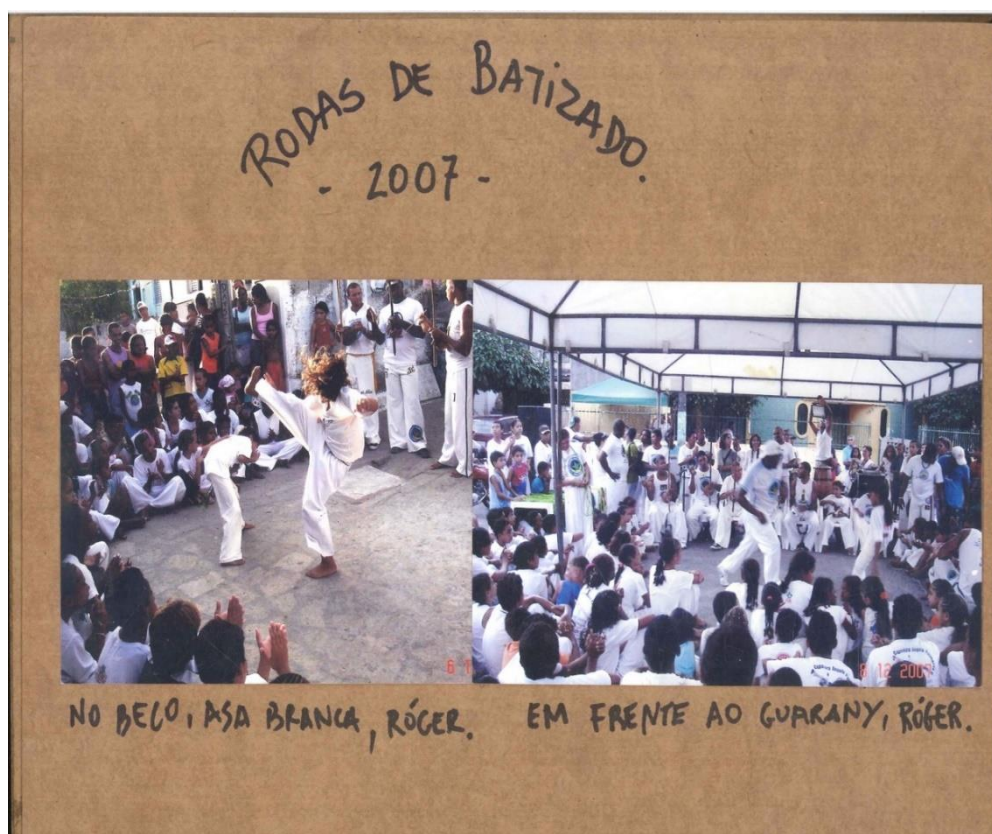


Figura 21: Foto (à esquerda): Comunidade Asa Branca, Roger. Foto (à direita): Roda em frente ao Guarany, Roger/2007. Arquivo Pessoal.



Figura 22: Foto 1: Roda na praça ao lado do Presídio, no Roger. Foto 2 (em baixo): Roda no Parque Sólton de Lucena (Lagoa), Centro. João Pessoa. 2007. Arquivo Pessoal.

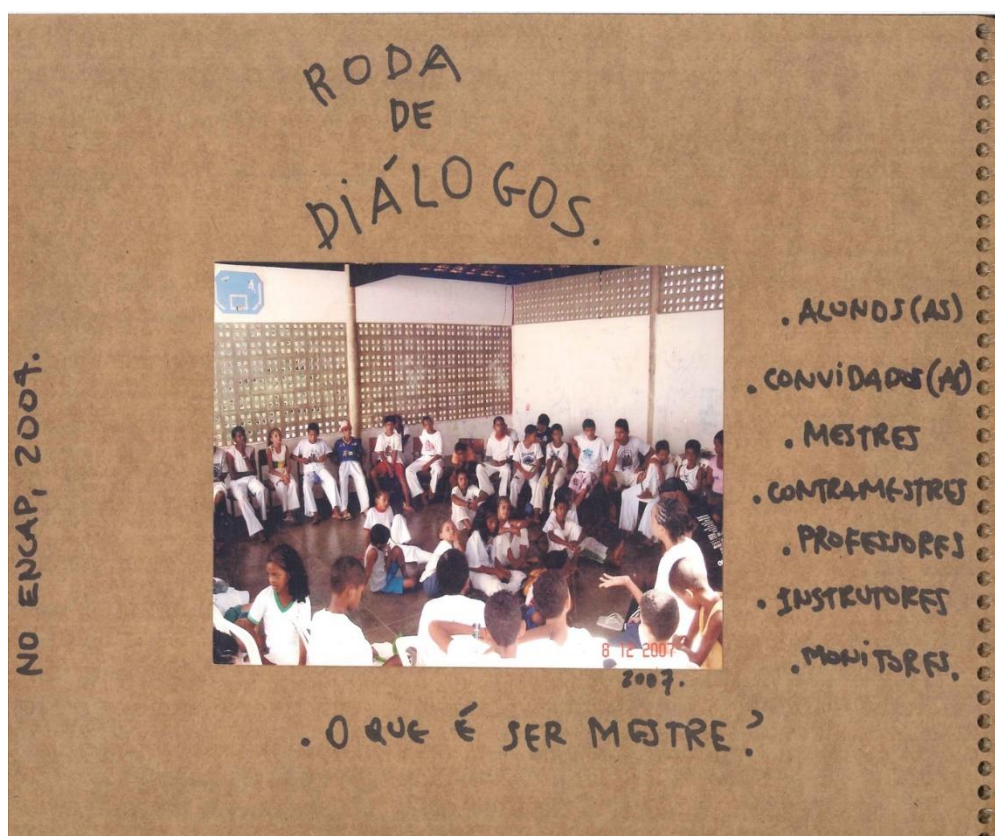


Figura 24: Roda de Diálogos: O que é ser Mestre? no Centro de Cidadania do Roger, 2007. Arquivo Pessoal.

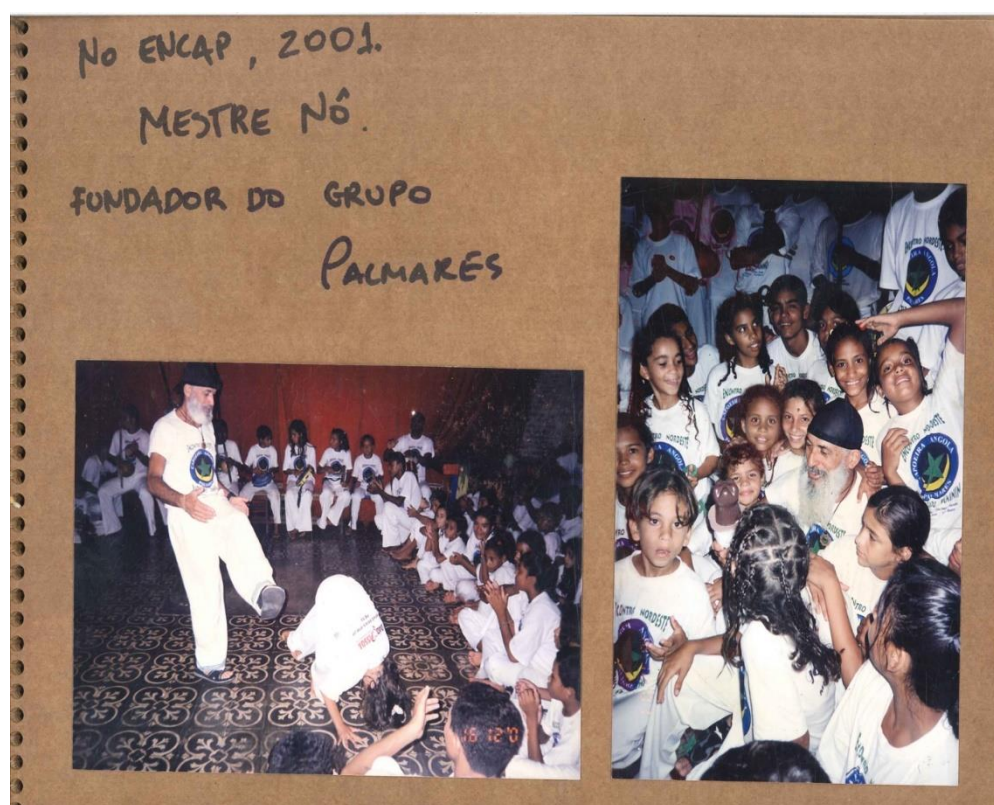


Figura 23: Mestre Nô, no evento: Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares em destaque a presença das meninas. Na Escola Piollin, Roger. 2001. Arquivo Pessoal.



Figura 25 Foto 1(à esquerda): Gabriel recebendo o primeiro cordel infantil (verde claro). Foto2 (à direita) Mestre Lázaro jogando com Gabriel (meu filho) no Ginásio Giseldão, no Roger. 2001. Arquivo Pessoal.

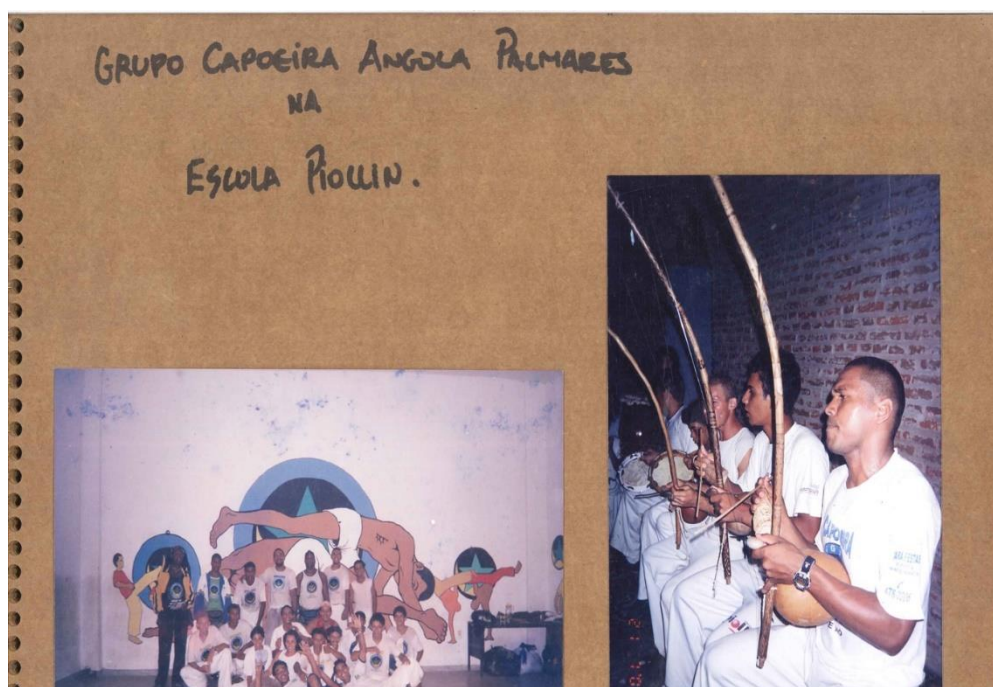


Figura 26 Foto 1(à esquerda) o grupo em final de evento. Em pé Chocolate (hoje mestre Chocolate, Salvador/Bahia), Gilmário (hoje mestre, Salvador), aluno Lelinho. Dário, mestre Lázaro e dois alunos (2002). Foto 2 (à direita) - orquestra de capoeira angola: Dário (hoje mestre) com berra-boi, Toni (com berimbau viola). (2002). Arquivo pessoal.

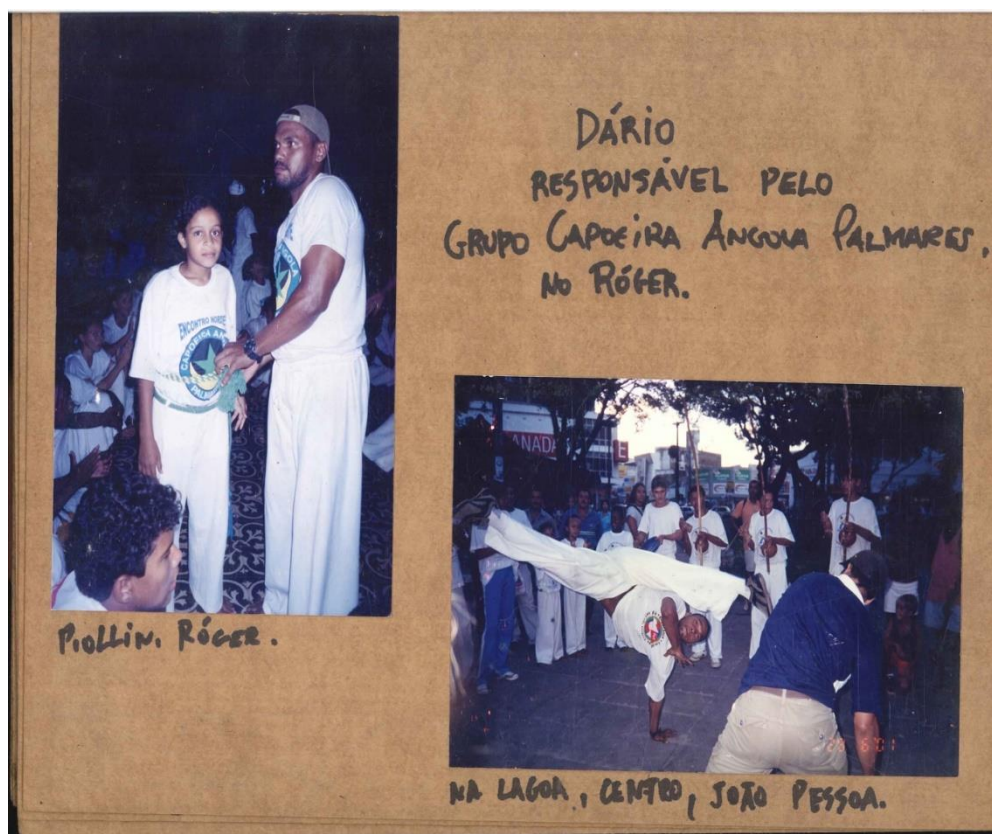


Figura 27- Foto 1:(à esquerda) Professor Dário entregando o cordel verde da aluna Erivânia, na Piollin.2003. Foto 2:(à direita) Professor Dário jogando com aluno Fernando, na roda, no Parque Sólton de Lucena (lagoa), no Centro, João Pessoa. 2003. Arquivo Pessoal.



Figura 28- Foto 1(à esquerda): Morena (EUA), Malu, Mestre Pelé da Bomba (Sal./Ba), Dário e outra aluna Branca de Neve (EUA), no Fórum Internacional de Capoeira Angola Palmares-Salvador/Ba. 2001. Foto 2 (à direita): Malu, Mestre Bigodinho de Salvador/Ba (faleceu em 05/04/2011), Dário, no Fórum Internacional de Capoeira Angola Palmares/Sal/Ba. 2001. Arquivo Pessoal.



Figura 29: Foto1 (em cima): Malu no pé do berimbau com outra aluna. Academia de Mestre Nô, Salvador/BA. 2001. Foto 2 (em baixo): Mestre Lázaro está anunciando a minha formatura de instrutora de capoeira, no Parque Sólón de Lucena (Lagoa), no entro. João Pessoa/PB. 2004. Arquivo pessoal.



Figura 30: Foto 1 (à esquerda em cima): Apresentação do recital de poesia da turma feminina de capoeira. Escola Piollin. Roger, João Pessoa/PB.2003. Foto 2- (à direita em baixo): Apresentação do maculelê com as meninas. Piollin, Roger, João Pessoa.2003. Arquivo Pessoal.



Figura 31: Foto 1(à esquerda): mestre Manduba (Salvador/Ba) entregando o cordel verde ponta amarelo de Thiago. 2003. Foto2 (no meio): Professor Manga Larga entregando o cordel verde ponta azul e Rosana. 2003 e Foto 3 (à direita): mestre Dalmo (Salvador/Ba) entregando o cordel verde ponta azul de Severino. 2003. No Encontro de Capoeira Angola Palmares, na Piollin, no Roger, João Pessoa/Pb. Arquivo pessoal.



Figura 32: Foto (à esquerda em cima): Mestre Beto Baraúna em pé, Mestre Manduba com o berra-boi (ambos de Salvador/BA). Foto 2 (à direita em baixo): O grupo final do evento Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares, na Piollin, no Roger, João Pessoa/PB. Ambas as fotos de 2003. Arquivo Pessoal.



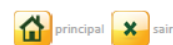
Figura 33: Foto 1 (à esquerda em cima): Alunos que receberam o cordel verde e amarelo escuro. Foto 2 (à direita em baixo): alunos que receberam o cordel verde ponta amarela escuro. Ambas as fotos na Piollin, durante o Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares/2002. João Pessoa. Arquivo pessoal.

ANEXO C – APROVAÇÃO DA PESQUISA NO COMITÊ DE ÉTICA

14/04/2021

Plataforma Brasil

Portal do Governo Brasileiro



MARIA DE LOURDES FARIAS LIMA - Pesquisador | V3.2

Cadastros

Sua sessão expira em: 39min 25

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Na roda, Capoeira e Educação Popular: práxis educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares - Roger.
 Pesquisador Responsável: MARIA DE LOURDES FARIAS LIMA
 Área Temática:
 Versão: 2
 CAAE: 95072018.6.0000.5188
 Submetido em: 04/09/2018
 Instituição Proponente: Universidade Federal da Paraíba
 Situação da Versão do Projeto: Aprovado
 Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
 Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Recepção: PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1195991

LISTA DE PESQUISADORES DO PROJETO

CPF/Documento ^	Nome ^	Atribuição	E-mail ^	Currículo	Tipo de Análise ^	Ação
499.005.524-15	Elisa Pereira Gonsalves	Equipe do Projeto	elisagonsalves@gmail.com	Lattes CV	PROPONENTE	
789.662.134-72	MARIA DE LOURDES FARIAS LIMA	Contato Científico, Contato Público, Pesquisador principal	malu4gd@gmail.com	Lattes CV	PROPONENTE	

LISTA DE COMITÊS DE ÉTICA DO PROJETO

Comitê de Ética ^	Tipo de Vínculo ^	Ação
5188 - Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba - CCS/UFPB	COORDENADOR	

LISTA DE INSTITUIÇÕES DO PROJETO

CNPJ da Instituição ^	Razão Social ^	Tipo de Instituição ^	Comitê de Ética ^	Ação
24.098.477/0001-10	Universidade Federal da Paraíba	PROPONENTE	5188 - Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba - CCS/UFPB	

LISTA DE PROJETOS RELACIONADOS

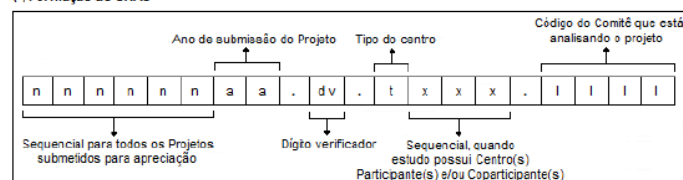
Tipo ^	CAAE ^	Versão ^	Pesquisador Responsável ^	Comitê de Ética ^	Instituição ^	Origem ^	Última Avaliação ^	Situação ^	Ação
P	95072018.6.0000.5188	2	MARIA DE LOURDES FARIAS LIMA	5188 - Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba - CCS/UFPB	Universidade Federal da Paraíba	PO	PO	Aprovado	

LEGENDA:

(*) Tipo

P = Projeto de Centro Coordenador Pp = Projeto de Centro Participante Pc = Projeto de Centro Coparticipante

(*) Formação do CAAE



(*) Origem / Última Avaliação

PO = Projeto Original de Centro Coordenador POp = Projeto Original de Centro Participante POc = Projeto Original de Centro Coparticipante
 E = Emenda de Centro Coordenador Ep = Emenda de Centro Participante Ec = Emenda de Centro Coparticipante
 N = Notificação de Centro Coordenador Np = Notificação de Centro Participante Nc = Notificação de Centro Coparticipante

Voltar

Chat